

ANAIS



XLII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

**O que você está fazendo pelo campo da informação e o que poderia ser feito:
práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o processo de formação**



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia



Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação (52 : 2019 : Belém).

Anais do XLII Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação, 21 a 26 de julho de 2019, Belém: “O que você está fazendo pelo campo da informação e o que poderia ser feito: práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o processo de formação” / organizado por Beatriz Palheta da Silva, Paulo Maurício Santos Lobo e Thayná Alves Pereira Lima. [realização Conselho Federal/Regional de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas] – Belém: ICSA, 2019.

372 f. : il. color.
ISBN: 978-85-61214-39-5

1. Biblioteconomia – Encontros. 2. Documentação – Encontros. 3. Ciência da Informação – Encontros. I. Silva, Beatriz Palheta da. II. Lobo, Paulo Maurício Santos. III. Lima, Thayná Alves Pereira. IV. Título

CDD 020

Anais. XLII Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da informação e Gestão da informação “O que você está fazendo pelo campo da informação e o que poderia ser feito: práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o processo de formação”.

Coordenação Geral: Paulo Mauricio Santos Lobo

Compilação: Paulo Mauricio Santos Lobo

Diagramação: Paulo Mauricio Santos Lobo

Design gráfico: Paulo Mauricio Santos Lobo





ANAIS



XLII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

**O que você está fazendo pelo campo da informação e o que poderia
ser feito: práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o
processo de formação**



ISBN: 978-85-61214-39-5





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

REITOR: PROF. DR. EMMANUEL ZAGURY TOURINHO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DIRETOR: PROF. DR. ARMANDO LÍRIO DE SOUSA

COMITÊ ACADÊMICO

PRESIDENTE: PAULO MAURICIO SANTOS LOBO

VICEPRESIDENTE: THAYNÁ ALVES PEREIRA LIMA

COMITÊ CIENTÍFICO

Alexandre Masson Maroldi (UFR)
Aline Farias Bandeira Couto (UFPA)
Antônio Afonso Pereira Júnior (UFMG)
Carla Daniella Teixeira Girard (UFRA)
Cleide Furtado Nascimento Dantas (UFPA)
Cleiton Da Mota De Souza (UFAM)
Cristiane Marina Teixeira Girard (UNIR)
Diana Vilas Boas Souto Aleixo (UEL)
Edcleyton Bruno Da Silva (UFMG)
Elisabete Gonçalves de Souza (UEL)
Franciele Marques Redigolo (UFPA)
Hevellin Estrela (UFG)
Jéssica Gabriela Tamião de Souza (UNOPAR)
João Arlindo dos Santos Neto (UNESP)
João Victor Correa Diniz (UFPA)
Johnathan Pereira Alves Diniz (UFG)
Jorge Luiz Cativo Alauzo (INPA)
Juliana Cardoso dos Santos (UNESP)
Kézia de Lira Feitosa (UFPE)
Lauci Bortoluci Quitana (USP)
Leticia Borges Araújo (UFPA)
Letícia Lima de Sousa (UFPE)
Lucirene Andréa Catini Lanzi (UNESP)
Luis Otávio Maciel da Silva (UFPA)
Mariângela Spotti Lopes Fujita (UNESP)
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitorian (USP)

Márcio Henrique Wanderley Ferreira (UFPE)
Marcos Paulo de Oliveira Santos (UNB)
Melissa Sobral Pinheiro (UFRA)
Milton De Souza Fernandes (UFRA)
Nalin Ferreira Da Silveira (UFRGS)
Nara Raimunda de Almeida Santos (UFPA)
Paula Regina Dal' Evedove (UFSCAR)
Raíssa Yuri Hamanaka (UFMG)
Rodrigo Oliveira de Paiva (UFPA)
Rubens da Silva Ferreira (UFPA)
Sergio Ricardo Ferreira Sindico (ICICT)
Simone Conceição da Silva Costa (UFF)
Telma Socorro da Silva Sobrinho (UFPA)
Wanderson Scapechi (FESPSP)
Wellington Marçal De Carvalho (UNIR)



COMITÊ ORGANIZADOR

PRESIDENTE: PAULO MAURICIO SANTOS LOBO

VICEPRESIDENTE: THAYNÁ ALVES PEREIRA LIMA

EDITORES:

BEATRIZ PALHETA DA SILVA

PAULO MAURICIO SANTOS LOBO

THAYNÁ ALVES PEREIRA LIMA





APRESENTAÇÃO

Os acadêmicos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará, preocupados com o bem estar social, o desenvolvimento da produção científica e a valorização do profissional da informação, perceberem que nos últimos anos vem ocorrendo diversas transformações nas políticas informacionais, na implantação de novas tecnologias de informação e de comunicação, que tornam as práticas profissionais cada vez mais desafiadoras, entenderam ser necessário discutir as mudanças do profissional bibliotecário e seus impactos no mercado de trabalho. Com o tema “ O que você está fazendo pelo campo da informação e o que poderia ser feito: práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o processo de formação”, o XLII ENEBD, realizado na cidade de Belém-PA, em julho de 2019, apresentou e discutiu propostas voltadas para a área de ciência da informação, com foco na atuação e formação do profissional diante da nova demanda exposta pela tecnologia atual, pautando-se nos debates sociais e acadêmicos, como: O sucateamento das representações acadêmicas, desvalorização do profissional bibliotecário no mercado, o papel do bibliotecário na sociedade, a evolução das bibliotecas tradicionais para as virtuais entre outras.

Com a participação média de 170 pessoas entre acadêmicos e profissionais de todo o Brasil, foram traçadas diversas discussões e socializações. Encontra-se neste, na intenção de tornar público o acesso, os trabalhos apresentados durante o evento, subdivididos conforme os grupos de trabalhos estabelecidos.

Comissão Organizadora do Evento.





PRESENTATION

The students of Librarian Science of Federal University of Pará, concerning with the social welfare, the development of the scientific production and the valorization of the professionals on the information field, realized that in the last years there have been several transformations in the informational politics, in the implantation of new information technologies. and communication, which make professional practices increasingly challenging, understood that it is necessary to discuss changes in the librarian and their impacts on the labor market. With the theme “What are you doing in the information field and what could be done: professional, academic and social practices during graduation”, the XLII ENEBD, held in Belém-PA, July 2019, presented and discussed proposals focused on the area of information science, focusing on the performance and training of professionals in view of the new demand exposed by current technology, based on social and academic debates, such as: the scrapping of academic representations, devaluation of the professional librarian in the market, the role of the librarian in society, the evolution of traditional libraries to virtual libraries among others.

With the average participation of 170 people among academics and professionals from all over Brazil, various discussions and socializations were traced. Thus, the intention of making public access, the works presented during the event, subdivided according to the established work groups.

Event Organizing Committee





GRUPOS DE TRABALHOS

GT 1 - profissionais da informação além da biblioteca: Reflexões éticas. Atuação política do profissional da informação. Movimento estudantil. Movimento associativo. Currículo e Formação acadêmica. Memória da profissão. Memória Política. Ciência da Informação (curso). Gestão da Informação (curso). Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade e Multidisciplinaridade na Ciência da Informação. Entre outros temas voltados para o GT.

GT 2 - práticas de organização no uso da informação e tecnologia: Organização do Conhecimento. Ontologia. Taxonomia. Linked Data e Big Data. Estudos Métricos de Informação. Arquitetura da Informação. Segurança da Informação. Mineração de dados. Tecnologia da Informação e Comunicação. Recuperação e Disseminação da Informação. Entre outros temas voltados para o GT.

GT 3 - o novo perfil das unidades de informação e o novo jeito de consumir informação: Organização de Bibliotecas. Gestão de Unidades de Informação. Formação e Desenvolvimento de Coleções. Os diversos tipos de bibliotecas. Centros de Documentação. Bibliotecário 2.0 e 3.0. Ambientes digitais de informação. Repositórios Digitais. Marketing. Gestão, Análise e Modelagem de Processos. Recursos e Serviços Informacionais. Empreendedorismo. Competências InfoComunicacionais. Acessibilidade. Inovação. Entre outros temas voltados para o GT.

GT 4 - a leitura como transformação social: Projetos de leitura. Leitura na sociedade. Cultura e informação. Leitura na sociedade. Informação na sociedade. Letramento Informacional. Ética. Biblioterapia. Memória social. Educação. Contação de histórias. Bibliotecas comunitárias. Diversidade. Entre outros temas voltados para o GT.

GT 5 – diversos: Temas não citados nos outros GT's. Qualquer tema que se encaixe no campo da ciência da informação e biblioteconomia, que possa contribuir para o desenvolvimento científico e que esteja de acordo com o tema central.





OBSERVAÇÕES

Os trabalhos não sofreram nenhuma modificação ortográfica e gramatical por parte da comissão científica do evento.

As alterações realizadas nos artigos foram apenas quanto à adequação ao modelo gráfico, visando a padronização.

A missão da Comissão Organizadora Científica do XLII ENEBD Pará foi compilar e organizar todos os trabalhos submetidos e apresentados no evento que ocorreu de 21 a 27 de julho de 2019. E publicá-los para ampla circulação e acesso ao público acadêmico.

Os conteúdos dos artigos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos seus autores. A Comissão Organizadora do XLII ENEBD Pará não se responsabiliza pelo conteúdo intelectual dos trabalhos aqui apresentados.



SUMÁRIO

GT1 - PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO ALÉM DA BIBLIOTECA.....	10
Laureano, Carlos da Silva; Paiva, Eliane bezerra; Ramalho, Francisca Arruda. Práticas profissionais na formação acadêmica: experiência em pesquisa sobre informação indígena.....	10
Souza, Giuliano Martins Porto de; Silva, Jediael Barbosa Gerônimo da. Entidades classistas de bibliotecários em Alagoas.....	20
Goes, Mayara Leticia de Jesus Andrade; Botelho, Vitoria Cunha; Prof^a. Dr^a. Moraes, Marielle Barros de. Mediação informativo-cultural no currículo do curso de biblioteconomia e documentação da Universidade Federal Fluminense.....	33
Mestre em ciência da Informação. Alves, Nathalia Barbosa; Bezerra, Jacielly Jehnny do Santos. Fontes de informação e memória política da ditadura civil militar: o acervo da delegacia de ordem política e social de pernambuco.....	45
GT2 - PRÁTICAS DE ORGANIZAÇÃO NO USO DA INFORMAÇÃO E TECNOLOGIA.....	59
Oliveira, Denisson Sousa de; Soares, Maria Jacira Santos; Santos, Weltiene Sirlei Nogueira. Análise do periódico do curso de biblioteconomia da UFMA: Revista Bibliomar 2015-2018.....	59
Batista, Getúlio Valdemir; Simões, Mariângela da Silva. Uso de taxonomia para organização dos itens do estoque interno do setor de sinalização da companhia brasileira de trens urbanos em Pernambuco.....	75
Silva, Hugo Victor da; Santos, Patrick Steffen Esnarriaga dos. Apresentação e comparação entre as normas AACR2, ISAD(G), NOBRADE e Resource Description and Access (RDA).....	90
Melo, Rinaldo Ribeiro de; Albuquerque, Daniela Eugenia Moura de. Indicadores de produção sobre obras raras no brasil: um estudo na BRAPCI e BENANCIB.....	111
Cavalcante, Wesley Ferreira; Cavalcante, Naiane Ferreira; Elliott, Ariluci Goes. Memória dos registros iconográficos das romarias em Juazeiro do Norte-CE.....	127
GT3 - O NOVO PERFIL DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO E O NOVO JEITO DE CONSUMIR INFORMAÇÃO.....	136
Santana, Édla Barbosa de; Carvalho, Márcio Santos. A biblioteca como instituição social na formação do leitor.....	136
Matos, Erika Jordana Serra Planejamento estratégico como ferramenta de gestão nas bibliotecas.....	152
Carneiro, Kathleen; Sena, Nádila Andrade Rodrigues de. Construção de bibliotecas digitais: estudo de caso.....	165
Cavalcante, Luciano Pereira dos Santos; Alcântara, Maria Daiana Silva Alves; Leal, Ruth Costa. Análise do modelo de gestão do setor de arquivo da Pró-Reitoria de planejamento e administração com vista à recuperação da informação.....	179
Anjos, Manuele Carneiro dos. Gestão e liderança: a importância desta competência para o bibliotecário.....	194

Progene, Priscila de Nazaré Castro; Maia, Élide Lopes.	
Os diversos tipos de biblioteca: o estudo do serviço de referência entre a biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Pará e a Biblioteca Digital Nacional.....	204
Andrade, Lêda Cristina Diniz; Silva, Sthefanny Laís Gomes Nogueira.	
Biblioteca universitária: importância e características.....	220
Oliveira, Priscilla Cristina Tavares de.	
Estratégias de inbound marketing na gestão de usuários e bibliotecas.....	232
Cavalcante, Luciano Pereira dos Santos; Gonçalves, Pedro Mizaél Sousa; Sousa, Sarah Fortes de.	
A disseminação da informação científica e a tecnologia sob viés dos dispositivos móveis.....	242
GT4 - A LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	254
Peixoto, Dandara Polyanna Almeida; Fontes, Juliana Maia Louven de.	
Letramento informacional como propulsor do pensar científico no ensino básico.....	254
Maia, Elída Lopes; Progene, Priscila de Nazaré Castro.	
Leitura na sociedade: um estudo de biografias em países desenvolvidos comparado ao Brasil.....	263
Caetano, Gabriela Silva.	
Mediação de leitura: atividades lúdicas para as bibliotecas escolares.....	278
Mattos, Jéssica Beatriz Cony Moreira de; Silva, Wellington Oliveira Venancio da; Profa. Dra. Moraes, Marielle Barros de.	
O profissional da informação no auxílio à população transexual: em pauta o serviço de referência.....	289
Pinto, Lourival Pereira; Bezerra, Jacielly Jehnny dos Santos.	
Bibliotecas e formação: um direito humano.....	302
Santi, Cecília Abrahão Nascimento; Marialva, Maria Elcineide de Albuquerque.	
Biblioteca itinerante e o incentivo à leitura em escolas do campo.....	312
Castro, Rivanda da Silva Neves e.	
Biblioteca itinerante: na mediação de novos leitores.....	318
Silva, Alzira Karla Araújo da; Lima, Antônia Lucineide F. de; Araújo, Joana Ferreira de.	
Vivências no projeto descomplica TCC: elucidando a taxonomia de bloom.....	325
GT5 – DIVERSOS.....	343
Silva, Alzira Karla Araújo da; Lima, Antônia Lucineide F. de; Araújo, Joana Ferreira de.	
Atuação do bibliotecário como gestor na biblioteca escolar.....	343
Santana, Édla Barbosa de.	
Abordagens no modelo de David Ellis em usuários do ensino superior.....	357
Silva, Eddie Carlos Saraiva da; Luz, Helen Roseany da Silva Souza.	
Política de aquisição: doação, diretrizes e dilemas em bibliotecas universitárias.....	373
Sousa, Rodrigo Sousa.	
Arquivo da microrregião Vale do Javari: resguardo e memória da história social dos seus povos e línguas.....	386

GT1 - PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO ALÉM DA BIBLIOTECA

PRÁTICAS PROFISSIONAIS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: EXPERIÊNCIA EM PESQUISA SOBRE INFORMAÇÃO INDÍGENA

PROFESSIONAL PRACTICES IN ACADEMIC TRAINING: EXPERIENCE IN RESEARCH ON INDIGENOUS INFORMATION

LAUREANO, Carlos da Silva¹

PAIVA, Eliane bezerra²

RAMALHO, Francisca Arruda³

Resumo: A formação acadêmica, de um modo geral, recai no ensino. No caso do bibliotecário não é diferente. Entretanto, entende-se que, para uma formação ideal, o aluno deve participar, também, de atividades de pesquisa e extensão, objetivos da universidade. Trata-se de um relato de experiência de um aluno do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em um projeto de pesquisa sobre informação indígena. Descrevem-se os objetivos da pesquisa, a metodologia adotada e a experiência do aluno na referida pesquisa. Relata-se a atuação da universidade na formação acadêmica dos alunos e as competências requeridas aos bibliotecários pelo mercado de trabalho. Demonstra-se a importância da participação dos alunos em atividades de ensino, pesquisa e extensão. A participação na pesquisa serviu ampliar o conhecimento sobre os povos indígenas e suas culturas; entender que os indígenas não são um só povo, mas diversos povos (etnias), com culturas e características peculiares. Também contribuiu para reformular o conceito sobre os indígenas. Conclui-se que as experiências adquiridas com a pesquisa levam o “pesquisador aprendiz” a um senso crítico ao descobrir novas áreas e assuntos existentes por meio da pesquisa, no que tange às técnicas e aos métodos necessários à realização da pesquisa, bem como, fomentar a criatividade e cultura informacional e sociocultural.

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Email: ircarlosilva@gmail.com.

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Email: paivaeb@gmail.com.

³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Email: arfrancisca@hotmail.com.

Palavras-chave: Formação acadêmica. Práticas profissionais. Estudante de Biblioteconomia. Projeto de pesquisa. Competências do bibliotecário.

Abstract: Academic training, in general, falls on teaching. In the case of the librarian it is no different. However, it is understood that, for an ideal formation, the students must also participate in research and extension activities, university objectives. This paper is an experience report of one student the Graduation Program in Librarianship of the Federal University of Paraíba, in a research project on indigenous information. The objectives of the research are described, methodology adopted and the student's experience in said research. The university's performance in the academic training of students and the skills required of librarians by the labor market are reported. The importance of student participations in teaching, research and extension activities is demonstrated. Participation in the research served to increase knowledge about indigenous people and their cultures; to understand that the natives are not just one people, but different peoples (ethnic groups), with peculiar cultures and characteristics. It also helped to reformulate the concept of indigenous people. It is concluded that the experiences gained from the research lead the "apprentice researcher" to a critical sense in discovering new areas and subjects through the research, with regard to the techniques and methods required to carry out the research, as well as to promote creativity and informational and sociocultural culture.

Keywords: Academic training. Professional practices. Student of Librarianship. Research project. Librarian skills.

1 INTRODUÇÃO

A formação acadêmica, de um modo geral, recai no ensino. No caso do bibliotecário não é diferente. Entretanto, entendemos que para uma formação ideal o aluno deve participar, também, de atividades de pesquisa e extensão, objetivos da universidade.

A formação acadêmica do bibliotecário deve atender ao perfil profissional que o mercado de trabalho requer. Santos e Barreira (2019, p.237), ao analisarem questões inerentes à competência em informação dos bibliotecários do nordeste do Brasil, referem que “O profissional competente em informação percebe uma necessidade informacional, usa fontes confiáveis, analisa, compreende, usa efetivamente a informação, outrossim, produz, colabora e compartilha informações em ambientes participativos.”

Rossi, Costa e Pinto (2014, p.114), ao estudarem as competências requeridas aos bibliotecários na prestação de serviços de informação em bibliotecas universitárias, apontam que “[...] a literatura corrente ainda não se encontra consolidada no que se refere especificamente às competências requeridas aos bibliotecários na prestação de serviços de informação [...]”. E, a partir da análise da literatura pesquisada, esses autores selecionaram e agruparam as competências para cada serviço de informação em três blocos: conhecimentos, habilidades e atitudes. Com relação às competências listadas para "conhecimentos" apontam: conhecimento da estrutura das fontes de informação, conhecimento das estratégias de busca, conhecimento das técnicas de pesquisa, dentre outros. Isso revela a importância da participação dos alunos em projetos de pesquisa.

O presente texto é um relato de experiência discente, aluno do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em um projeto de pesquisa sobre informação indígena. Inicialmente, descrevemos a atuação da universidade na formação acadêmica e, em seguida, apresentamos o referido relato de experiência.

2 UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO ACADÊMICA

A atuação da universidade está alicerçada em três dimensões constitutivas: ensino, pesquisa e extensão e tem uma grande contribuição para a formação dos discentes. O primeiro eixo da universidade é o **ensino**, sua vocação primária. O ensino é uma ação primordial da universidade, o que exige a busca pela qualidade na formação acadêmica.

Conforme Glat e Pletsch (2010, p. 349), “O grande desafio posto para as universidades é formar profissionais/educadores que não sejam apenas instrumentos de transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, de novas atitudes e práticas que valorizem a diversidade humana”.

O segundo eixo de atuação da universidade é a produção de conhecimento, ou seja, a **pesquisa**. Sobral, Santos e Torales (2018) percebem que “[...] a inserção dos acadêmicos em projetos de pesquisa, colabora no processo educacional, bem como no favorecimento das relações interpessoais e interdisciplinares, além de promover a aquisição de novos conhecimentos e aprendizado científico”.

Nessa mesma direção, Glat e Pletsch (2010, p. 349) reconhecem que

[...] o papel e responsabilidade social da universidade, principalmente da universidade pública, se afirmará na produção de conhecimento para a formulação e o debate crítico sobre as políticas educacionais, na formação de educadores e demais profissionais e na criação de parcerias e iniciativas inovadoras com a comunidade (GLAT; PLETSCHE, 2010, p.352).

E a **extensão** é o terceiro eixo constitutivo da universidade. A extensão está

[...] vinculada intimamente ao ensino e à pesquisa, porém, voltada diretamente para responder às demandas da sociedade. A Extensão projeta-se como um processo de inserção social consciente da universidade que implica em uma retroalimentação mútua entre a produção de conhecimento acadêmico e sua disseminação e concretização em práticas sociais. É na dimensão da extensão que se faz a tão necessária relação teoria-prática, que se manifesta em diversas formas: cursos, capacitações, seminários, consultorias, projetos aplicados e outros projetos desenvolvidos pela universidade em diferentes comunidades. (GLAT; PLETSCHE, 2010, p.352)

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência, mantida pelo governo brasileiro, possibilita o financiamento dos projetos de pesquisa a pesquisadores qualificados e em muitos desses projetos os alunos têm a oportunidade de participar, o que proporciona um novo aprendizado. Tais projetos contribuem ao favorecimento da produção científica e de conhecimentos adquiridos pelos envolvidos.

A UFPB desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão. No âmbito da pesquisa, participa de várias modalidades, dentre estas os Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq (PIBIC/CNPq/UFPB) que são regidos pela RN-017/2006 – CNPq alterada pela RN - 042/2013 e pela Resolução CONSEPE 17/2007. O objetivo desses programas é o desenvolvimento do pensamento científico e iniciação à pesquisa de estudantes de graduação do ensino superior e se destinam à concessão de cotas, com percepção de bolsa (PROPESQ, 2019). Esses programas contemplam várias modalidades:

- a) PIBIC/CNPq/UFPB: modalidade geral visando à Iniciação Científica nas diversas áreas do conhecimento.
- b) PIBIC/AF/CNPq: modalidade destinada aos discentes que necessitam de políticas de ações afirmativas, visando à Iniciação Científica nas diversas áreas do conhecimento.
- c) PIBITI/CNPq: tem por objetivo estimular os estudantes de graduação nas atividades, metodologias, conhecimentos e práticas próprias ao desenvolvimento tecnológico e processos de inovação.
- d) Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica da UFPB (PIVIC/PIVITI/UFPB) regido pela Resolução CONSEPE 17/2007, destina-se à concessão de cotas, sem percepção de bolsa para o estudante.
- e) PIVIC/PIVITI/UFPB: modalidade destinada a discentes voluntários, visando à

Iniciação Científica nas diversas áreas do conhecimento e tecnológica.

Além dos projetos de pesquisa a UFPB também realiza projetos vinculados ao ensino (Projetos de Monitoria) e à extensão (Projetos de Extensão).

Embora existam essas diversas modalidades de projetos, ainda são poucos os alunos que têm a oportunidade de participar desses projetos devido ao número reduzido de bolsas. Entretanto alguns alunos participem como voluntários e, às vezes, com o passar do tempo conseguem ser bolsistas.

O Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. Seus principais objetivos são:

- a) Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação;
- b) Contribuir para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores;
- c) Contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional;
- d) Estimular a maior articulação entre a graduação e pós-graduação;
- e) Ampliar o acesso e a integração do estudante a cultura científica, entre outros (CNPq, 2019).

Ao comentarem sobre os projetos de pesquisa, Fernandes, Bessa e Silva (2013, p.57) ressaltam que:

[...] os projetos de pesquisa servem como alicerces para que a fronteira do conhecimento não se limite apenas à própria área de atuação do pesquisador, permitindo seu envolvimento com atividades que o deixam atualizado em outras áreas do conhecimento, aumentando os seus argumentos ao divulgar resultados.

O ideal é que o pesquisador esteja disposto a integrar aluno(s) em sua pesquisa e orientá-lo(s). O aluno deve estar devidamente matriculado em uma instituição de ensino superior, e dedicar-se integralmente às atividades acadêmicas e de pesquisa em uma área de interesse.

As experiências adquiridas com a pesquisa levam o “pesquisador aprendiz” a um senso crítico ao descobrir novas áreas e assuntos existentes por meio da pesquisa, no que tange às técnicas e aos métodos necessários à realização da pesquisa, bem como, fomentar a criatividade e cultura informacional e sociocultural. Dessa forma:

[...] a pesquisa amplia e dá oportunidade dos discentes formarem um senso crítico da realidade ao fazê-lo identificar e buscar soluções para problemáticas, ao vinculá-lo, sob a orientação de um docente, durante a execução de um projeto de seu interesse. (FERNANDES; BESSA; SILVA, 2013, p.56).

O artigo de Fava-de-Moraes e Fava (2000) também demonstra a importância do programa de iniciação científica para o estudante do curso superior, enfatizando o papel complementar de melhoria da sua análise crítica, maturidade intelectual, compreensão da ciência e possibilidades futuras tanto acadêmicas como profissionais. Dentre as vantagens alcançadas pelos estudantes que vivenciam a iniciação científica os autores apontam: “[...] melhor desempenho nas seleções para a pós-graduação, terminam mais rápido a titulação, possuem um treinamento mais coletivo e com espírito de equipe e detêm maior facilidade de falar em público e de se adaptar às atividades didáticas futuras.” (FAVA-DE-MORAES; FAVA, 2000, p.75).

Além dessas vantagens os autores citados anteriormente, apontam que a iniciação científica oferece um auxílio financeiro e que muitos bolsistas utilizam estes recursos para adquirir livros, fazer cópias e/ou montar seu próprio acervo para o futuro. Por outro lado, alguns bolsistas usam esse auxílio para ajudar a própria família ou para dispensar a mesada que recebem dos pais.

A seguir, relataremos a experiência como bolsista PIBIC.

3 A EXPERIÊNCIA EM PESQUISA

No começo da graduação, como todo aluno universitário, o meu desejo era formar-me e atuar na área de Biblioteconomia. No entanto, a participação no Projeto Institucional de Bolsas de iniciação científica (PIBIC), surgiu como um divisor de águas, mostrando que o aluno ao concluir a sua graduação pode ser mais do que um profissional bibliotecário. Refletindo sobre algumas orientações de professores sobre a importância da participação do aluno em outras atividades como a pesquisa e a extensão, surgiu o interesse de participar de um projeto PIBIC, que me oferecesse à oportunidade de interagir e participar do processo de pesquisa na universidade em que estudo, já visualizando minha continuação na academia, em cursos de pós-graduação.

A minha inserção no PIBIC deu-se por meio do convite feito pela professora Eliane Bezerra Paiva, coordenadora da pesquisa que teve início em agosto de 2018. Esta experiência está sendo trilhada por mim com grande motivação pelos novos horizontes que visualizo para o desempenho de minha futura profissão.

3.1 O projeto de pesquisa

A pesquisa da qual participo intitula-se “Fontes de informação indígena na Ciência da Informação: análise na BRAPCI⁴” e tem como objetivo geral analisar as fontes de informação indígena disponíveis na BRAPCI⁵. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, numa abordagem quanti-qualitativa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

A informação indígena refere-se aos povos indígenas e "engloba diversos tipos de textos, independentemente do suporte, que trata do conhecimento dos indígenas e sobre eles" (PAIVA, 2013, p.48).

A metodologia da pesquisa incluiu uma análise bibliométrica das fontes de informação indígena disponíveis na referida base de dados. A análise bibliométrica tem como objeto o estudo das referências bibliográficas e das publicações e se constitui uma das formas de medir e avaliar a produção científica de determinada área do conhecimento. (KLEINUBING, 2010).

A coleta de dados realizou-se por meio de visitas à *homepage* da BRAPCI, que está disponível em: <<http://www.brapci.inf.br>>. Das fontes de informação coletadas foram extraídas as informações pertinentes para atender aos objetivos específicos da pesquisa. Para a análise dos dados estamos utilizando técnicas estatísticas e a Análise de Conteúdo de Bardin (2004) visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das fontes de informação.

Minha atuação no referido projeto possibilitou a realização de diversas atividades: revisão da literatura sobre os temas pertinentes à pesquisa, tais como: fonte de informação e informação indígena; levantamento e análise das fontes de informação indígena presentes na BRAPCI; organização e sistematização das informações coletadas e análise dos dados. Além disso, realizei leituras sobre iniciação científica e metodologia da pesquisa. Também participei das reuniões periódicas da equipe da pesquisa e elaborei relatórios de pesquisa.

⁴Essa pesquisa corresponde ao quinto projeto PIBIC/ pesquisa, sobre a temática indígena, desenvolvido sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Eliane Bezerra Paiva/UFPB. As edições anteriores do projeto ocorreram de 2014 a 2018 (FIGUEIREDO *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2016; PAIVA; SILVA, 2017, 2018). Da primeira versão da pesquisa à atual, a equipe compõe-se de quatro membros: uma coordenadora (doutora), duas professoras membros (uma doutora e uma mestre) e um(a) aluno(a) do Curso de graduação em Biblioteconomia/UFPB.

⁵A BRAPCI é a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência de Informação. Tendo seu modelo operacionalizado na Web, a BRAPCI se constitui no mais completo repositório da produção científica periódica da área de Ciência da Informação (CI) no Brasil (FREITAS; BUFREM; GABRIEL JÚNIOR, 2010).

A pesquisa está em fase de conclusão, pois já realizamos a coleta de dados, a sua sistematização e estamos efetuando os procedimentos de análise dos dados. O encerramento da pesquisa está previsto para julho de 2019.

Com a minha experiência no PIBIC afirmo que a importância desse programa para os alunos de graduação, pois, abre portas e dá uma nova perspectiva profissional para os estudantes com aptidão à pesquisa científica, ampliando seus conhecimentos em diversos assuntos, proporcionando participações em eventos e carreira acadêmica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação na pesquisa serviu para ampliar o conhecimento sobre os povos indígenas e suas culturas; entender que os indígenas não são um só povo, mas diversos povos (etnias), com culturas e características peculiares. Também contribuiu para reformular o conceito sobre os indígenas. Chauí (1998) refere que muitas pessoas vêem os indígenas de forma preconceituosa, como seres pertencentes ao passado das Américas e do Brasil, o que nega a sua existência no presente e lhes retira as possibilidades de futuro.

A participação em projeto de pesquisa serve de motivação para que o aluno, ao tornar-se bibliotecário, desperte para a educação continuada. A experiência demonstra que os alunos que participam desses projetos no futuro tendem a ingressar em cursos de Pós-Graduação.

A experiência contribui para aprendizagem teórica e prática, favorecendo na produção científica e aquisição de novos conhecimentos.

Para atender às novas perspectivas da prática de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, é necessário habilitar os alunos para a formação de pesquisadores críticos, reflexivos e criativos, capazes de comprometerem-se com a construção de uma prática profissional enriquecedora.

O PIBIC, inquestionavelmente, exerce grande importância na formação de pesquisadores, pois abre espaço para que esses futuros profissionais desenvolvam-se suas aptidões e busquem estratégias para a implementação de uma nova postura profissional.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. 500 anos: caminhos da memória, trilhas do futuro. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. São Paulo: Global, 1998.

CNPq, 2019. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/quest/pibic>> Acesso em: 14 maio 2019.

FAVA-DE-MORAES, Flávio; FAVA, Marcelo. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.1, p.73-77, 2000.

FERNANDES, Tatiana Brandão; BESSA, Amanda de Queiroz; SILVA, Edinara Sobrinho da. A iniciação científica na Universidade Federal do Amazonas: um estudo do perfil e das perspectivas dos discentes de biblioteconomia que ingressaram no PIBIC entre os anos de 2010 a 2012. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 54-74, 2013.

FIGUEIREDO, Gracilene Barbosa *et al.* **Acesso a fontes de informação indígena na Internet**: em foco os periódicos da área de Antropologia. João Pessoa, 2015. Relatório PIBIC 2014-2015.

FREITAS, Juliana Lazzarotto; BUFREN; Leilah Santiago; GABRIEL JÚNIOR, Rene Faustino. Proposta de metodologia para a recuperação da produção científica em Ciência da Informação na base BRAPCI. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.4, n.3, p. 45-67, dez. 2010.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. O papel da Universidade no contexto da política de Educação Inclusiva: reflexões sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 38 p. 345-356, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/2095/1444>> Acesso em: 14 maio 2019.

KLEINUBING, Luiza da Silva. Análise bibliométrica da produção científica em gestão da informação na Base de dados LISA. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n. 1, p. 1-11, jul./dez. 2010.

PAIVA, Eliane Bezerra. **Narrativas indígenas**: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013. 199f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Linguística, João Pessoa, 2013.

PAIVA, Eliane Bezerra; SILVA, Josélia Rodrigues da. **Análise de dissertações de História como fontes de informação indígena**. João Pessoa, 2018. Relatório PIBIC 2017-2018.

PAIVA, Eliane Bezerra; SILVA, Josélia Rodrigues da. **Presença das fontes de informação indígena na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal da Paraíba**. João Pessoa, 2017. Relatório PIBIC 2016-2017.

PROPESQ, 2019. Disponível em:<

<http://www.propesq.ufpb.br/propesq/contents/noticias/edital-02-2019-propesq-selecao-de-projetos-de-iniciacao-cientifica-2019-2020-1>> Acesso em: 14 maio 2019.

ROSSI, Tatiana; COSTA, Marília Damiani; PINTO, Adilson Luiz. Competências requeridas aos bibliotecários na prestação de serviços de informação em bibliotecas universitárias. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 111-123, jan./jun., 2014.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Jaires Oliveira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa. O bibliotecário do nordeste brasileiro: elucubrações do processo de aprendizagem e da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, p. 237-250, maio/ago. 2019.

SILVA, Josélia *et al.* **Fontes de informação indígena**: em pauta dissertações de mestrado. João Pessoa, 2016. Relatório PIBIC 2015-2016.

SOBRAL, Heliosania Clingea Fontes; SANTOS, Igor Henrique Farias; TORALES, Andréia Poschi Barbosa. Relato de experiência: a iniciação científica na vida acadêmica, experiência acadêmica. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 11., Aracajú e FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 12., Aracajú. **Anais...** Aracajú: Instituto de Tecnologia e Pesquisa-UNIT, 2018. Disponível em:

<<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/2450/539> > Acesso em: 14 maio 2019.

ENTIDADES CLASSISTAS DE BIBLIOTECÁRIOS EM ALAGOAS

CLASS ENTITIES OF LIBRARIANS IN ALAGOAS

SOUZA, Giuliano Martins Porto de¹
SILVA, Jediael Barbosa Gerônimo da²

Resumo: Este artigo identifica as entidades de classe bibliotecárias no estado de Alagoas e suas atribuições. Pesquisa de natureza quali-quantitativa e cunho descritivo, teve como metodologia a revisão de literatura sobre o que são entidades de classe, associações, cooperativas e sindicatos, traçando um histórico do surgimento desses tipos de entidades no mundo, no Brasil e em Alagoas. Também foram realizadas entrevistas por e-mail com representantes das três entidades identificadas após um contato telefônico inicial. Como resultados, apontamos que a associação da classe em entidades representativas no estado é muito recente, estando a primeira prestes a completar 40 anos de existência e a mais nova, apenas três anos. Um dos reflexos da baixa adesão da categoria às entidades é o número de profissionais filiados ao Conselho da 4ª Região, que congrega os estados de Alagoas e Pernambuco, mas que possui apenas 155 alagoanos registrados. Essa realidade nos leva a considerar que o baixo número de associados/cooperados é resultado da falta de um contato permanente entre as entidades e o corpo discente do curso oferecido no estado, além de uma falta de união da categoria, talvez pela inexistência de formação política durante o período do curso universitário e mesmo de consciência de classe, pois, além disso, ainda há o alto índice de inadimplência junto às entidades.

Palavras-chave: Entidades de classe. Associação. Sindicato. Bibliotecários. Alagoas.

Abstract: This article identifies the class entities of libraries in the state of Alagoas and their attributions. A qualitative-quantitative research of a descriptive nature, had as methodology a literature review about what are class entities, associations, cooperatives and unions, tracing a history of the emergence of these types of entities in the world, in Brazil and in Alagoas. E-mail interviews with representatives of the three identified entities

¹ Universidade Federal de Alagoas (Ufal), E-mail: giulianoporto@gmail.com.

² Universidade Federal de Alagoas (Ufal), E-mail: jediaelgeronimo98@gmail.com.

were also conducted after an initial telephone contact. As results, we point out that the association of the class in representative entities in the state is very recent, the first one about to be 40 years old and the newest one, only three years. One of the reflexes of the low adhesion of the category to the entities is the number of professionals affiliated to the Council of the 4th Region, that congregates the states of Alagoas and Pernambuco, but that only has 155 registered Alagoanos. This reality leads us to consider that the low number of associates is a result of the lack of permanent contact between the entities and the student body of the course offered in the state, besides a lack of union of the category, perhaps due to the inexistence of political formation during the period of higher education and even of class consciousness, since, in addition, there is still a high level of delinquency among the entities.

Keywords: Class entities. Association. Syndicate. Librarians. Alagoas.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as entidades de classe detêm muita importância para a vida profissional de qualquer categoria, seja com conquistas e garantias de direitos, como a reserva de mercado, seja como suporte para aperfeiçoamento e capacitação. Nos últimos dois anos, o Brasil tem vivido uma conjuntura escusa, que inclui o enfraquecimento de entidades representativas, a exemplo dos sindicatos.

Este artigo, portanto, teve como objetivo identificar as entidades de classe de bibliotecários existentes no estado de Alagoas e quais as suas atribuições. Para isso, foi realizado o levantamento de quais e quantas são essas entidades, quando foram fundadas, onde se localizam, quantos cargos/funções existem, como funcionam, se estão filiadas a outras entidades classistas nacionais e/ou internacionais, quantos profissionais estão associados a elas e, se existe, qual o valor da contribuição mensal ou anual.

Quanto à divisão do texto, ele se encontra em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, apresentaremos a metodologia da pesquisa. Na 3, a fundamentação teórica a respeito de entidade de classe, associação, cooperativa e sindicato. Já na seção 4, estão sistematizadas em texto corrido as três entrevistas realizadas por e-mail.

2 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva de natureza quali-quantitativa. A metodologia utilizada foi a de revisão de literatura sobre o que são entidades de classe, avançando para o que são associações, cooperativas e sindicatos, traçando um histórico do surgimento desses tipos de entidades no mundo, no Brasil e em Alagoas. Também foram realizadas entrevistas por e-mail com as respectivas diretoras/presidentes das três entidades identificadas no estado de Alagoas.

3 ENTIDADE DE CLASSE: ASPECTOS GERAIS

Considerada uma sociedade de pessoas ou de empresas de natureza civil e sem fins lucrativos, e que também não está sujeita a falência, entidade de classe possui forma e constituição próprias e tem como objetivo prestar serviços aos seus associados, além de defender os interesses desses (JUSBRASIL, 2009). Seu fundamento legal está ancorado no direito constitucional, partindo do princípio de que a liberdade associativa é um direito do cidadão e contribui para uma nação harmônica e desenvolvida (PUSCH, 2011).

Conforme o Jusbrasil, “Toda entidade de classe tem em comum a gratuidade do exercício de cargos eletivos. São alguns exemplos de entidades de classe, as confederações, as federações, as associações, os sindicatos, as cooperativas e as entidades profissionais entre outros” (JUSBRASIL, 2009). Mas há outras formas de associação, como:

A associação civil através de sociedades e associações comumente assim chamadas, conhecidas como clubes, centros, institutos, núcleos, ordens, colégios, confrarias etc.; a associação para produção e consumo, através das cooperativas; a associação político-profissional pelos sindicatos; a associação político-eleitoral, pelos partidos; a associação comercial lucrativa, pela empresa [...] (PUSCH, 2011, p.14).

Em Alagoas, existem três dessas entidades classistas descritas acima voltadas para bibliotecários, as quais serão tratados logo mais, a partir da quarta seção. Antes, porém, discorreremos sobre o que é e como se comporta cada uma dessas entidades: associação, cooperativa e sindicato.

3.1 Associação

Juridicamente, a associação é uma pessoa de direito privado e deve ser registrada em cartório. Sua responsabilidade é congregar profissionais de determinada área com o intuito de, por exemplos, capacitar, aprimorar e atualizar, promovendo cursos, eventos, grupos de trabalho, entre outras ações, como divulgar as atribuições da profissão para

garantir a reserva de mercado e conquistar mais espaço de trabalho para a categoria (SEBRAE, 2018).

O Portal Sebrae aponta o associativismo como “[...] um instrumento para que uma comunidade saia do anonimato e passe a ter maior expressão social, política, ambiental e econômica” (SEBRAE, 2018). E lista alguns deveres dos associados: “participação ativa nas atividades da associação; participação política exercendo cargos dentro da associação; contribuição financeira para manutenção da associação” (SEBRAE, 2018). Mas o trabalhador tem liberdade para decidir se se associa ou não, embora haja a defesa de que, quanto mais associados e que sejam participativos, mais forte a entidade será.

3.2 Cooperativa

Outra entidade sem fins lucrativos, a cooperativa é a união de pessoas com o mesmo interesse e é organizada democrática e economicamente. Para isso, deve contar com a livre participação dos interessados, respeitando seus direitos e deveres. Suas características são a propriedade, a gestão e a repartição cooperativas (RIOS, 1987).

De acordo com o Bureau International du Travail, “No sentido lato, cooperar, isto é, unir e coordenar os meios e os esforços de cada um numa actividade comum, com vista a conseguir-se um resultado desejado e prosseguido por todos, é uma atitude humana que se verifica em todas as épocas da humanidade, mesmo nas mais recuadas” (BUREAU INTERNATIONAL DU TRAVAIL, 1971, p.13).

O primeiro registro de associação cooperada data de 1844 em Rochdale-Manchester, na Inglaterra, quando um grupo de 28 trabalhadores, que se encontravam sem condições financeiras para comprar o mínimo necessário para a sua sobrevivência, uniu-se a fim de abrir seu próprio armazém. A intenção era a de comprar uma grande quantidade de alimentos a menores preços e repartir igualmente entre todos. Com isso, nasceu a Sociedade dos Probos de Rochdale, considerada a primeira cooperativa moderna, tendo a equidade, a honestidade, a solidariedade e a transparência como princípios e valores morais, considerados a base do cooperativismo até os dias atuais (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, [entre 2016 e 2018]).

Outros objetivos do cooperativismo se assemelham aos da associação sindical, como aponta o Bureau International du Travail, na obra *O cooperativismo: curso de educação operária*:

Nos meios operários é a acção sindical, através da qual cada um se esforça por conseguir, não por si só mas por todos, melhores condições de trabalho e de vida; é ainda o auxílio que se leva a um camarada ferido ou em perigo; é a ajuda a uma família doente, em luto, na miséria; e é digno notar-se que, em muitos países, a própria actividade sindical começou sob a forma de sociedades de socorros mútuos ³(BUREAU INTERNATIONAL DU TRAVAIL, 1971, p.14).

No Brasil, o primeiro registro de uma cooperativa data de 1902, quando o padre suíço Theodor Amstad fundou, em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, a Sicredi Pioneira, a cooperativa pioneira de crédito brasileira e que está em atividade ainda hoje. A ideia foi a de oferecer serviços semelhantes a um banco, que não existia no município (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, [entre 2016 e 2018]).

Mas foi só em 2 de dezembro de 1969 que o cooperativismo brasileiro passou a ter a sua própria entidade representativa, quando foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), a qual foi registrada em cartório no ano seguinte (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, [entre 2016 e 2018]). Segundo o documento *História do cooperativismo*,

Dois anos depois, a Lei 5.764/71 disciplinou a criação de cooperativas com a instituição de um regime jurídico próprio, destacando o papel de representação da OCB, mas trazendo alguns pontos que restringiam, em parte, a autonomia dos associados. Essa limitação foi superada pela Constituição de 1988, que proibiu a interferência do Estado nas associações, dando início efetivamente à autogestão do cooperativismo (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, [entre 2016 e 2018]).

A cooperativa também pode ser de trabalho, quando uma sociedade de trabalhadores é formada a fim de se buscar mais e melhores condições laborais, qualificação, renda e, conseqüentemente, situação socioeconômica.

3.3 Sindicato

“Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX; ELGELS, 2005, p.50). Essa frase histórica, uma espécie de chamamento da classe trabalhadora do mundo para lutar por transformações sociais, a exemplo da redução da jornada diária de trabalho de doze para dez horas, por exemplo, marcou uma época de lutas urbanas na Europa. Ela encerra o *Manifesto Comunista*, publicado em 21 de fevereiro de 1848 e escrito por Karl Marx e

³Trataremos mais sobre o surgimento dos sindicatos a partir das sociedades de socorros mútuos na subseção seguinte.

Friedrich Engels como resultado de uma assembleia realizada em Londres pela Liga dos Comunistas no ano anterior.

Tal frase marca, ainda hoje, lutas e movimentos sindicais de trabalhadores (já que também existem sindicatos patronais), embora não seja o marco inicial da fundação dos primeiros sindicatos no mundo. Os primeiros registros de organizações políticas de cunho operário datam de quase dois séculos atrás. De acordo com Thompson,

Muitas vezes a Sociedade Londrina de Correspondência [SLC] foi apresentada como a primeira organização política de perfil operário definido da Grã-Bretanha. Pedantismo à parte (as sociedades de Sheffield, Derby e Manchester foram formadas antes da de Londres), essa afirmação requer um esclarecimento. Por um lado, sociedades de debate com a participação de trabalhadores existiam esporadicamente em Londres desde a época da Guerra Americana. Por outro lado, talvez seja mais preciso pensar a SLC como uma sociedade antes “radical popular” do que “operária” (THOMPSON, 2015, p.21).

Mas, desde antes da Revolução Francesa de 1789, já havia registro de representações de prestadores de serviços, inicialmente, organizando-se em corporações de ofícios, as quais foram extintas após o liberalismo da revolução citada acima. Na efervescência da Revolução Industrial, no século 18, devido às péssimas condições de vida as quais viviam, os trabalhadores se organizaram em associações, mesmo essas não sendo reconhecidas. Amauri Mascaro Nascimento afirma o seguinte:

A reação pela procura de melhores níveis surgiu com as novas doutrinas políticas e sociais do Estado, mas, também, com a própria ação dos trabalhadores, inconformados com a situação, coalizando-se, de fato, apesar das proibições legais, para a defesa conjunta dos seus interesses profissionais, inicialmente em sociedades secretas, sociedades de resistência, pequenos clubes, entidades de socorros mútuos, etc. (NASCIMENTO, 1991, p.23 apud LAIMER, 2003, p.18).

O reconhecimento, pois, deu-se, pela primeira vez, na Inglaterra, em 1824, quando o Parlamento daquele país deixou de reprimir as organizações operárias, chamadas de *trade unions*, que, segundo Antunes, “negociavam com os capitalistas a criação de uma escala de salários, forçando sua aceitação, e deflagravam greve sempre que esses salários eram rejeitados” (ANTUNES, 1989, p.18). Representando um avanço, afirma Laimer: “Logo após, os sindicatos deixaram a clandestinidade e passaram a ser reconhecidos de alguma forma pelo Estado, inserindo-se na origem jurídica, em escala mundial” (LAIMER, 2003, p.19), e passando a gozar do direito de livre associação, antes restrito às classes dominantes.

Julio Cesar do Prado Leite aponta que a palavra sindicato tem seu registro manifestado “em ambiente socialista, começando a ser adotada a partir de 1860, para

designar o tipo de associação obreira cujo objetivo fosse a defesa de interesses e direitos individualmente, dos seus associados, e, coletivamente, da classe ou respectiva profissão” (LEITE, 1987, p.84 apud LAIMER, 2003, p.19).

No Brasil, os primeiros registros de organização sindical datam da segunda metade do século 19, quando trabalhadores urbanos, a maior parte deles desenvolvendo ofícios artesanais, formavam sociedades de acordos mútuos, mesmo com o impedimento legal previsto na Constituição de 1824. Ainda que clandestinamente, era dessa maneira que os trabalhadores buscavam “a solidariedade no caso de enfermidades, invalidez, desemprego, bem como defender os interesses de seu ofício” (LAIMER, 2003, p.20).

Apenas em 6 de janeiro de 1903, a partir do Decreto nº 979, foi regulamentada a atividade sindical no país, permitindo a criação de sindicatos mistos que tinham como funções o estudo, o custeio e a defesa dos interesses dos associados. Quatro anos mais tarde, em 5 de janeiro de 1907, após a instituição do Decreto nº 1.637, o qual foi um complemento ao de 1903, foi estabelecido “como finalidade dos sindicatos o estudo, a defesa e o desenvolvimento dos interesses profissionais de seus membros. Com base nessas normas, os sindicatos podiam contratar em nome dos trabalhadores” (LAIMER, 2003, p.21).

A estrutura sindical no Brasil começou a tomar forma após a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), na Era Vargas, com a publicação do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943⁴. Nos cem artigos da CLT que tratam da organização sindical (Título V), os de número 513 e 514 são os que tratam, respectivamente, das prerrogativas e dos deveres dos sindicatos (COSTA MACHADO; ZAINAGHI, 2013).

Em Alagoas, as pesquisas e registros sobre a origem sindical são muito incipientes. O que se tem como sendo a primeira entidade a reunir trabalhadores no estado é a Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros de Maceió, cuja existência se deu entre os anos de 1879 e 1950, mas nem sempre com esse mesmo nome, e, sim, já se chamando Sindicato dos Empregados do Comércio (MACIEL, 2007).

Mas, afinal, o que é e como se constitui um sindicato? Como outros tipos de entidades de classe, sindicato é uma pessoa jurídica de direito privado “a que se confere

⁴Alguns estudiosos contestam o que é tido como positivo com a instituição da CLT no que se refere ao sindicalismo, a exemplo de Giannotti (1987, p.9), que diz: “A estrutura sindical brasileira, montada gradativamente, peça a peça, na década de 30, é um corpo de leis muito coerentes, amarradas entre si por um cimento ideológico claro: a colaboração das classes entre si e com o Estado. Todo o Título V da CLT, que trata da organização sindical, longe de ser uma colcha de retalhos, é um tecido muito bem costurado e que em nenhum momento perde de vista o objetivo: garantir um sindicalismo dócil, manso, incapaz de atrapalhar a acumulação de capital do país”.

legitimidade de substituição processual dos interesses coletivos das categorias econômicas (empresas) ou profissionais (empregados) e, nos termos da lei, substituição processual dos interesses individuais dos integrantes das mesmas categorias” (BATALHA; BATALHA, 1994, p.56).

Após essa exposição sobre a definição e o campo de atuação de cada um desses tipos de entidades de classe, descreveremos as três representações existentes em Alagoas⁵, quais sejam: Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia (AAPB), Cooperativa de Trabalho Nacional dos Bibliotecários e Profissionais da Informação (Bibliocoop) e Sindicato dos Bibliotecários do Estado de Alagoas (Sinbiblio).

4 RESULTADOS

A apresentação das três entidades existentes em Alagoas se dará na ordem da mais antiga para a mais recente, em se tratando das datas de suas fundações, e que, coincidentemente, estarão em ordem alfabética. A pesquisa de dados e informações desta seção se deu por e-mail direcionado às diretoras/presidentes das três entidades, as quais foram contatadas, inicialmente, por telefone.

4.1 Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia

Criada em 8 de junho de 1981, a Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia teve seu estatuto publicado no Diário Oficial do Estado de Alagoas no dia 15 de outubro de 1981. Sua primeira presidente foi a bibliotecária Lêda Maria Queiroz Gomes da Silva e a primeira sede funcionou na Biblioteca Pública Estadual (BPE). Entre os anos de 1991 e 2005, a associação esteve inativa, quando foi reativada em virtude do crescente número de bibliotecários no estado, que chegava a 52 profissionais, formados pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), os quais se motivaram pelo espírito associativo.

Atualmente, a AAPB está localizada no Centro Comercial Farol, salas 203/204, na Av. Tomás Espíndola, nº 326, Farol, CEP: 57.051-000, Maceió-AL. As salas foram adquiridas com recursos próprios, oriundos do resultado final do 24º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), realizado em Maceió no ano de 2011.

⁵Não foi objeto de estudo do presente artigo o Conselho Regional de Biblioteconomia da 4ª Região (CRB4), que compreende os estados de Alagoas e Pernambuco e que tem sede na cidade do Recife.

Juridicamente, a entidade é uma associação civil, sem fins lucrativos, e visa congregar profissionais em Biblioteconomia e Documentação com tempo de duração indeterminado. De acordo com seu estatuto, suas finalidades são:

- A – Congregar bibliotecários do estado de Alagoas, tendo como objetivo defender a classe nos campos técnico, cultural, social e econômico;
- B – Colaborar com o estado, como órgão técnico e consultivo, no estudo e solução de problemas que se relacionam com a sua categoria;
- C – Promover estudos, seminários, exposições, intercâmbio cultural e profissional, bem como outras atividades de interesse para elevação da classe;
- D – Zelar pela ética profissional;
- E – Apoiar as iniciativas e resoluções da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), mantendo-a informada das resoluções desta associação;
- F – Estimular o treinamento e aperfeiçoamento do pessoal de Biblioteconomia e Documentação.

Apesar de o estatuto apontar dez membros (presidente, vice-presidente, primeiro-secretário, segundo-secretário, primeiro-tesoureiro, segundo-tesoureiro e mais quatro membros, sendo três para o Conselho Consultivo e Fiscal e um Bibliotecário), apenas a atual presidente responde pela diretoria no momento. Segundo ela, a eleição da diretoria 2014/2015, por motivos extraordinários, ocorreu em 12 de setembro de 2014 e é oficialmente a última gestão da associação, uma vez que foi aberto edital para formação de chapas para eleição e não houve continuidade no processo até então.

Assim como as demais associações da categoria do Brasil, a AAPB é filiada à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), que, por sua vez, é constituída por entidades-membros (associações de bibliotecários e cientistas da informação), instituições filiadas e pelos órgãos: deliberativos – Assembleia Geral e Conselho Diretor; executivo – Diretoria Executiva; de fiscalização – Conselho Fiscal; de assessoria – Comissões Brasileiras e Assessorias Especiais.

Quanto ao número de associados, a AAPB possui, atualmente, pouco mais de cinquenta cadastrados, cuja contribuição é anual e no valor de R\$ 75,00 desde o ano de 2008, embora, segundo a diretora, o número de inadimplentes seja muito alto.

4.2 Cooperativa de Trabalho Nacional dos Bibliotecários e Profissionais da Informação

A Cooperativa de Trabalho Nacional dos Bibliotecários e Profissionais da Informação foi fundada em 22 de março de 2014, e está localizada na Avenida Tomás Espíndola, 326, Centro Comercial Farol, Sala 203, Farol, CEP 57.051-000, Maceió/AL, ou seja, o endereço é compartilhado com a AAPB. A entidade possui página ativa na internet, no endereço: www.bibliocoop.com.br.

Seus objetivos são: a) contratar serviços para seus cooperados em condições e preços convenientes; b) fornecer assistência aos cooperados no que for necessário para melhor executarem o trabalho; c) organizar o trabalho de modo a bem aproveitar a capacidade dos cooperados, distribuindo-os conforme suas aptidões e interesses coletivos; d) proporcionar, através de convênios com sindicatos, prefeituras e órgãos estaduais, serviços jurídicos e sociais; e) realizar cursos de capacitação cooperativista e profissional para o seu quadro social. E as atribuições são: exercício de suas atividades laborativas ou profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão para obterem melhor qualificação, renda, situação socioeconômica e condições gerais de trabalho.

O quadro de dirigentes está assim dividido: Conselho Administrativo (três membros) e Conselho Fiscal (seis membros), diretor-presidente, diretor secretário, diretor administrativo-financeiro, conselheiros fiscais e respectivos suplentes.

A cooperativa está filiada à OCB e ao Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop). O número de cooperados é de vinte profissionais. A tabela de contribuição anual é: profissional de nível superior, R\$ 1.400,00, e de nível médio, R\$ 700,00, sendo esses valores divididos em parcelas de R\$ 20,00 a R\$ 50,00.

4.3 Sindicato dos Bibliotecários do Estado de Alagoas

A mais recente das três entidades pesquisadas é o Sindicato dos Bibliotecários do Estado de Alagoas, que foi fundado em 16 de janeiro de 2016. Não possui sede própria, a qual é compartilhada com o Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado de Alagoas (Sintep), cujo endereço é Rua Lourival Vieira Costa, nº 32, Prado, CEP: 57.010-290, Maceió/AL.

De acordo com o artigo 2º de seu estatuto, o sindicato tem por finalidade:

- I - Coordenar e encaminhar as reivindicações salariais e profissionais dos integrantes da categoria, especialmente em negociações e dissídios coletivos;
- II - Defender os interesses e direitos individuais ou coletivos dos representados;

III - Promover o desenvolvimento e aprimoramento cultural, social e técnico dos representados;

IV - Integrar a sociedade civil organizada como entidade comprometida com o Estado de Direito Democrático e com o bem-estar social.

A diretoria administrativa do Sinbiblio/AL é composta dos seguintes cargos: diretor-presidente, vice-diretor-presidente, diretor secretário-geral, vice-diretor secretário-geral, diretor financeiro/administrativo, vice-diretor financeiro/administrativo, diretor jurídico e assuntos intermunicipais, vice-diretor jurídico e assuntos intermunicipais, diretor de comunicação, cultura, esporte e lazer, vice-diretor de comunicação, cultura, esporte e lazer, diretor de saúde e segurança do trabalhador, vice-diretor de saúde e segurança do trabalhador, diretor de formação e qualificação profissional, e vice-diretor de formação e qualificação profissional.

O sindicato está filiado à Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB) e possui vinte profissionais sindicalizados, que são os mesmos que compõem a diretoria e o conselho fiscal. Segundo a diretora-presidente, o quadro de associados é pequeno porque a entidade está em processo de legalização. Ainda não há contribuição sindical também pelo fato de o sindicato estar em processo de organização legal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como recente é a formação superior em Biblioteconomia no estado de Alagoas, cuja única escola é a Ufal, que criou seu curso em 1999, também recente é a associação da classe em entidades representativas. A mais antiga está prestes a completar 40 anos de existência e a mais nova tem três anos, a qual ainda se encontra em processo de legalização.

E embora tenham atuação recente no estado, o número de profissionais formados e registrados no Conselho Regional de Biblioteconomia da 4ª Região (CRB4), segundo dados do próprio conselho, é de 155, contrastando com a média de 50 bibliotecários associados às duas entidades mais antigas e juridicamente já atuantes: a AAPB e a Bibliocoop.

Essa realidade nos leva a considerar que o baixo número de associados/cooperados é resultado da falta de um contato permanente entre as entidades e o corpo discente do curso da Ufal, além de uma falta de união da categoria, talvez pela inexistência de formação política durante o período do curso superior e mesmo de consciência de classe, pois, além disso, ainda há o alto índice de inadimplência junto às entidades, que têm seus

custos e os honra a duras penas. Custos esses que talvez nem sejam mensurados pelos profissionais por não fazerem ideia de seu volume e tamanho.

Acreditando termos atingido o objetivo desta pesquisa, que foi o de identificar as entidades de classe de bibliotecários existentes em Alagoas e suas atribuições, acabamos, também, por traçar um breve diagnóstico da situação de cada uma a partir do levantamento da quantidade de profissionais associados e o índice de inadimplência, que é alto e pode se agravar ainda mais com a reforma trabalhista, cuja lei, de número 13.467, de julho de 2017, extinguiu a obrigatoriedade da contribuição sindical compulsória.

Com a aprovação dessa lei pelo Congresso Nacional, e confirmação pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em julho de 2018, a arrecadação dos sindicatos despencou e o conseqüente reflexo foi a histórica e enorme onda de demissões de funcionários das principais centrais sindicais, que também passaram a vender seus prédios-sedes em todo o país.

Se a simples contribuição sindical já não vinha compulsoriamente com base em lei, o pagamento de qualquer tipo de taxa é muito provável que também não chegue voluntariamente por parte do profissional trabalhador. É notório, com isso, que os sindicatos precisarão se reinventar para seguir existindo. Aliás, esse é um assunto de muito fôlego para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. L. C. **O que é sindicalismo**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BATALHA, W. S. C.; BATALHA, S. M. L. **Sindicatos, sindicalismo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: LTr, 1994.

BUREAU INTERNATIONAL DU TRAVAIL. **O cooperativismo**: curso de educação operária. Lisboa: Edições FDT, 1971.

COSTA MACHADO (Org.); ZAINAGHI, D. S. (Coord.). **CLT interpretada: artigo por artigo, parágrafo por parágrafo**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2013.

PUSCH, Jaime. **Cadernos do Crea-PR: Ética e Organização Profissional do engenheiro, do arquiteto e do engenheiro agrônomo**. 4. ed. Curitiba, n. 3, 2011. Fascículo. Disponível em: <https://www.crea-pr.org.br/ws/wp-content/uploads/2016/12/caderno03_4ed.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2019.

GIANNOTTI, V. **O que é estrutura sindical**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

JUSBRASIL. **Entidade de classe**. [S.l.], 2009. Disponível em: <<https://jb.jusbrasil.com.br/definicoes/100008419/entidade-de-classe?ref=serp>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LAIMER, A. G. **O novo papel dos sindicatos**. São Paulo: LTr, 2003.

MACIEL, O. B. A. (Org.). **Operários em movimento**: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870-1960). Maceió: Edufal, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto comunista**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **História do cooperativismo**. [S.l.], [entre 2016 e 2018]. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/historia-do-cooperativismo>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

RIOS, G. S. L. **O que é cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEBRAE. **Associativismo**: o que é? [S.l.], 2018. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/associativismo-o-que-e,01353ea344900610VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa, 1**: a árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

**MEDIAÇÃO INFORMATIVO-CULTURAL NO CURRÍCULO DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE**

**INFORMATIVE-CULTURAL MEDIATION IN THE CURRICULUM OF THE
LIBRARY SCIENCE AND DOCUMENTATION COURSE FROM THE
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

GOES, Mayara Leticia De Jesus Andrade¹

BOTELHO, Vitoria Cunha²

Profa. Dra. MORAES, Marielle Barros de³

Resumo: O presente artigo analisa a matriz curricular do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense sob a perspectiva da importância da mediação da informação e de sua interseção com a cultura e tecnologia como forma de dar completude às práticas bibliotecárias. Avalia também as ementas das disciplinas e se o que é ensinado nas mesmas preenche tais necessidades de formação, levando em conta a relevância do processo de mediação em nosso dia a dia profissional na contemporaneidade.

Palavras-chave: Mediação da Informação. Cultura. Tecnologia. Biblioteconomia. Currículo.

Abstract: The present article will evaluate the curriculum of the Library science and Documentation course from Universidade Federal Fluminense under the perspective of the importance of the mediation of information and its intersection with the culture and technology as a way of giving completeness to the librarian practices. The syllabuses of the disciplines and what is taught in them will be evaluated meet these training needs taking into account the relevance of the process of mediation in our day to day professional in the contemporary world.

Keywords: Mediation of Information. Culture. Technology. Library Science. Syllabus.

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), E-mail: mayaraleticia@id.uff.br.

²Universidade Federal Fluminense (UFF), E-mail: vitoriacb@id.uff.br.

³Universidade Federal Fluminense (UFF), E-mail: Moraes.marielle@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A informação é sempre mediada por algo, seja através da linguagem — independente da forma em que está manifestada — ou por qualquer outro meio de comunicação. Na sociedade atual dificilmente há a possibilidade de separar a esfera social da esfera tecnológica, logo, elas estão interligadas. Considerando esse contexto, em que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) dominam o cotidiano contemporâneo, é que se mostra de suma importância que os chamados Profissionais da Informação estejam capacitados para lidar com as diversas situações que lhe são apresentadas diariamente.

Sendo assim, o bibliotecário como profissional da informação e mediador, ocupa o papel intermediário entre quem tem uma necessidade informacional e a informação. Moraes (2017) destaca que as TIC impulsionaram, dentre outras, uma forma de mediação, denominada mediatização, que é basicamente a mediação através de aparatos tecnológicos. É necessário então que os bibliotecários como mediadores sejam preparados desde a sua formação para lidar com elas. Desta forma, é fundamental que nas matrizes curriculares dos cursos relacionados às ciências da informação — com foco o de Biblioteconomia e Documentação que aqui será debatido — as questões de mediação da informação e da cultura em suas diversas formas estejam presentes.

Santos Neto e Almeida Júnior (2016) afirmam que é “Importante também, apresentar e proporcionar aos acadêmicos conteúdos teóricos e experiências que busquem representar ao máximo o cenário profissional de cada área específica no país.” Assim, o presente artigo tem como escopo fazer uma breve revisão sobre a mediação e sua relação com a cultura e a tecnologia e analisar o currículo do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense (UFF), para verificar se há presença de conteúdos relacionados à mediação e, caso sim, se esses preenchem as necessidades do campo de atuação profissional do bibliotecário como mediador diante das transformações tecnológicas e culturais das últimas décadas.

2 METODOLOGIA

A abordagem foi executada de forma exploratória e qualitativa. Para a análise da matriz curricular do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense, conteúdo que é o cerne da problemática trabalhada neste trabalho, foram revisados os formulários de cada uma das disciplinas que fazem parte da matriz curricular (tanto as obrigatórias quanto as optativas).

Com o intuito de facilitar o processo de análise, esse estudo se deu a partir da definição de determinados indicadores, sendo eles: mediação, mediação cultural, tecnologia, cultura e mediadores.

Durante a leitura dos formulários, os objetivos e ementas das disciplinas foram analisados e, com base no que apresentavam, elas foram classificadas em dois grupos; as que de fato se encaixam em pelo menos um dos indicadores determinados e as que, dentro do conteúdo que lecionam, estabeleciam uma relação de proximidade com os indicadores e o conceito de mediação, pois tratavam de temas relacionados em certo nível. Para o segundo grupo, foram estabelecidos como parâmetros os seguintes termos: 1) conceitos e princípios de mediação; 2) processos de mediação; 3) práticas culturais e de informação; 4) serviço de referência e informação; 6) função social; 7) inclusão; 8) ética; 9) recepção e uso da informação; 10) marketing de unidades de informação; 11) fontes e recursos de informação. E, também referente ao segundo grupo, os termos utilizados foram antes definidos como os mais frequentes nas ementas das disciplinas de cursos de profissionais da informação (não só os de formação bibliotecária, como também arquivistas e museólogos) de todo o Brasil, segundo Santos Neto e Almeida Júnior (2016).

3 MEDIAÇÃO: UM OLHAR SOBRE O CONCEITO

Mediação, de forma mais simples, é o efeito de mediar. Isto é, estar no meio, fazer o intermédio entre duas partes. A mediação está ligada diretamente com as relações estabelecidas entre os homens e os meios (MORAES, 2017). Ao pensarmos pelo contexto tecnocientífico, desde outros campos científicos e em específico o da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, não é tão simples oferecer uma definição para a mesma, já que essa possui multiplicidade de interpretações. Almeida (2014, p. 192) indica a mediação como um termo “intrinsecamente polissêmico, derivando seu significado do contexto em que era utilizado”. Anteriormente, Davallon (2007) já afirmava que seria praticamente impossível haver uma unanimidade sobre a definição de mediação, pois, como destacado por Almeida (2007, p. 2):

A idéia de mediação acaba por cobrir coisas tão diferentes entre si, que vão das velhas concepções de “atendimento ao usuário” à atividade de um agente cultural em uma dada instituição – museu, biblioteca, arquivo, centro cultural –, à construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informações e vivências (arte, educação, ecologia, por exemplo), à elaboração de políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação, etc.

Davallon (2007) também nos indicou três utilizações para o termo mediação: A primeira se baseia no senso comum, que divide-se entre ser a interposição de um conflito visando uma conciliação ou reconciliação e a de servir de intermediário, visando facilitar a comunicação. A segunda é a utilização como ferramenta para descrever, designar, analisar determinados procedimentos. E, por último, a que se destaca das anteriores é seu uso em análise dos usos das tecnologias. Podemos perceber, então, que o processo de mediação é complexo e engloba uma série de atividades e situações, tanto ao considerarmos outras áreas — como educação, direito, comunicação — como dentro da própria ciência da informação, ao lidar com a mediação da informação em diversos âmbitos. Além das observações apresentadas anteriormente, Moraes (2017) atenta-nos para a relação da mediação com a tecnologia e a cultura, apontando-as como conceitos-chaves para compreender a mediação na atualidade. Uma vez que a sociedade segue em constante avanço tecnológico, cultura e tecnologia estão profundamente associados. Perrotti e Pieruccini (2014) realçam que as tecnologias virtuais mostram-se onipresentes na vivência cotidiana em uma escala global. Sendo assim, podemos afirmar que as chamadas TIC são responsáveis por grande parte do processo comunicativo diário, isto é, a mediação da comunicação apresenta-se cada vez mais mediatizada, feita através de meios tecnológicos por mídias específicas, tais como smartphones, computadores, entre outros. Perrotti e Pieruccini (2014, p. 3) também afirmam que a “a mediação é categoria intrínseca a qualquer processo cultural”, portanto:

Se a cultura não existe, a não ser a partir da sua transmissão, da sua mediação para os sujeitos, então, mediação, tecnologia e cultura são três conceitos indissociáveis, principalmente, na atual configuração das sociedades contemporâneas, em que se vive uma revolução nos processos de informação e de comunicação sem precedentes na história da humanidade. (MORAES, 2017. p. 41)

Michelet (2014 *apud* MORAES, 2017) define a mediação cultural como um conjunto de práticas que consistem num trabalho de difusão e educação, visando a transmissão do saber, mas que não se limita somente a isso. Perrotti e Pieruccini (2014) ressaltam que o termo mediação cultural pode ser utilizado em diferentes contextos e para recobrir múltiplas práticas culturais, sendo assim uma parte integrante do tecido social.

Não há informação ou comunicação sem mediação (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014). E, considerando a cultura atual, em que a informação e a comunicação — como supracitado — estão extremamente relacionadas à tecnologia, mostra-se de suma importância que a sociedade seja *competente informacionalmente*. Contudo, Moraes (2017) destaca que é preciso considerar as disparidades entre as sociedades, bem como as suas respectivas particularidades pois, por mais que a sociedade contemporânea apresente certa ansiedade de estar em ambientes digitais, ainda há pessoas que não aprenderam a usar, processar, produzir e reutilizar até mesmo as informações em formato analógico.

A biblioteca enquanto difusora cultural precisa estar preparada para lidar com as particularidades de cada usuário. É então que se manifesta o papel do bibliotecário como um mediador cultural e educacional. É preciso entender que mediação não se resume só em transmitir informações, mas compreende também práticas profissionais, trabalhos e técnicas exercidas por um mediador, que quando não é um especialista no uso da mediação, ele direciona ações que empregam a função mediadora (RASSE, 2000 *apud* MORAES, 2017).

Dentro das práticas dos profissionais da informação, a mediação sempre esteve presente, desde os trabalhos organizacionais primários até o uso das sofisticadas TIC. O que se alterou ao longo dos anos foram apenas os mecanismos mediacionais (MORAES, 2017). Os bibliotecários enquanto mediadores culturais e informacionais, ao exercer suas funções como facilitadores do uso da informação e difusores de conhecimento, precisam estar aptos para trabalhar com as diversas mídias e instrumentos de mediação diariamente. Assim sendo, é de extrema importância que os bibliotecários sejam preparados desde a sua formação para reconhecerem a si não somente como mediadores da informação, mas também como mediadores culturais, já que são funções indissociáveis. Além disso, é claro, também devem ser capacitados para operar os diversos mecanismos mediacionais extremamente tecnológicos na sociedade contemporânea. Com isso em mente, é que o presente trabalho analisou o currículo do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFF, para observar se ele atende às necessidades atuais do campo profissional dos bibliotecários enquanto mediadores info-culturais.

4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise iniciou-se pelos formulários n° 1 (um), 3 (três) e 5 (cinco), todos disponibilizados pela Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFF. Eles tratam sobre a apresentação/justificativa, os objetivos e a organização curricular das diretrizes curriculares do curso de Biblioteconomia e Documentação, respectivamente. Cada um deles menciona, ainda que de forma breve, a relevância da mediação da informação na atuação dos profissionais da informação.

O formulário n° 1 diz:

As bibliotecas e serviços de informação precisam atuar como intermediários das relações que os sujeitos estabelecem entre si e o conhecimento, pensamento e cultura, estimulando a liberdade intelectual que abrange a riqueza do conhecimento humano, a diversidade de opinião, o pensamento criativo e a atividade intelectual.

Já no formulário n° 3, encontra-se o seguinte trecho:

O Curso de Biblioteconomia e Documentação tem como objetivo principal formar um profissional capaz de exercer o papel de mediador entre o homem e o conhecimento registrado, nas mais diversas áreas das ciências — da pesquisa científica à extensão cultural, bem como no apoio ao ensino e a aprendizagem — a pré-escola à pós-graduação.

E no formulário n° 5, de maneira indireta, há uma maior valorização do agir mediador em detrimento do demasiado tecnicista:

Em relação ainda aos conteúdos, privilegiou-se uma perspectiva mais humanística, conferindo-lhes um sentido mais social e cultural que ultrapassa os aspectos pragmáticos mais imediatos.

Então, a partir disso, pressupõe-se que a grade curricular de Biblioteconomia e Documentação da UFF terá uma grande ênfase no que diz respeito a mediação da informação. Mas os resultados encontrados diferem-se, e muito, do que sugerem os formulários acima.

Entre todas as 46 disciplinas (contando com as optativas) existentes no currículo, apenas 17 têm ementas e objetivos que levam em consideração, de forma razoavelmente relevante, a mediação e a cultura. Muitas dessas disciplinas sequer tratam delas diretamente, inclusive, apenas tocam em temas que se relacionam de alguma forma e podem traçar caminhos em comum.

Como dito no tópico anterior, para facilitar a análise, foram determinados alguns indicadores, sendo eles: mediação, mediação cultural, tecnologia, cultura e mediadores. Portanto, foram consideradas apenas as disciplinas que continham um ou mais deles em suas ementas ou objetivos.

O quadro abaixo evidencia todas as disciplinas que se encaixaram nos indicadores definidos.

Disciplina: Fundamentos Teóricos em Informação I

Ementa: Memória, cultura e sociedade. História social dos registros e da autoria. O estado, a nação e a noção do patrimônio. História social das instituições de memória. Políticas de memória. Estatuto de seus profissionais.

Objetivos: Correlacionar os lugares e as profissões de memória com o contexto de surgimento do estado-nação.

Período: 1º período (obrigatória)

Disciplina: Gestão de Bibliotecas II

Ementa: Processo de planejamento, planejamento bibliotecário. Redes e sistemas: avaliação e seleção de tecnologias de informação.

Objetivos: Planejar e elaborar projetos; Administrar a execução de diferentes serviços bibliotecários.

Período: 4º período (obrigatória)

Disciplina: Laboratório de Tratamento e Recuperação da Informação

Ementa: Práticas de organização, tratamento e recuperação da informação em acervos documentais. Aplicação de tecnologias de informação diferenciadas visando o tratamento e a recuperação da informação estruturada e não estruturada.

Objetivos: Adquirir competências para o tratamento e a recuperação, visando as diversas tecnologias da informação.

Período: 8º período (obrigatória)

Disciplina: Leitura, Acervo e Ação Cultural

Ementa: Os acervos de leitura e suas representações, segundo os sujeitos, as sociedades e seus suportes, acervo como repertório construído e como estoque dado. Memória e acervos: as heranças, o patrimônio, conceito, tipologia e metodologia do trabalho com acervos. Acervo como interpretação e comunicação; Acervo e narratividade. Práticas leitoras e dinamização de acervo: Ação política e práxis pedagógica.

Objetivos: Propiciar ao aluno leituras, reflexões e práticas relativas aos modos pelos quais os sujeitos e as sociedades produzem e dinamizam suas leituras e representações (seus acervos pessoais, coletivos, institucionais); Identificar os fatores ideológicos, políticos, éticos e culturais presentes numa ação dinâmica com acervos diversos (Biblioteconômico, arquivístico, museológico, intangíveis e coletivos de um modo geral); Propiciar ao aluno conhecimentos a fim de que ele possa elaborar, coordenar, executar e avaliar programas de ação cultural das organizações públicas e privadas com diferenciados acervos, assim como formular e executar políticas institucionais e gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los.

Período: não periodizada (optativa)

Disciplina: Políticas Informacionais

Ementa: Informação e política. Interface das políticas informacionais com outras políticas. Políticas de informação no setor público e privado. Formulação e implementação de políticas informacionais. Infra-estruturas legais, humanas e tecnológicas.

Objetivos: Estabelece a interface das políticas informacionais com outras políticas; identificar políticas de informação no setor público e privado; Formular e implementar políticas informacionais.

Período: 4º período (obrigatória)

Disciplina: Preservação e Conservação de Acervos Documentais

Ementa: Políticas de preservação e conservação de acervos; Conceitos básicos, categorias, componentes do planejamento, coleta de dados, recursos e questões políticas. Noções teóricas da composição dos agentes agressores e dos princípios gerais da preservação de documentos. Atitudes de conservação preventiva e prática de conservação reparadora.

Objetivos: Identificar conceitos básicos das políticas de preservação e conservação de acervos; Conhecer a história e tecnologia da produção dos materiais constituintes dos documentos; Reconhecer os agentes agressores de documentos; Conhecer os princípios da conservação de acervos documentais.

Período: 6º período (obrigatória)

Disciplina: Serviços de Informação para Ciência e Tecnologia

Ementa: Bibliografia, conceito, histórico, fundamentos teóricos e tendências atuais, base de dados: conceito, histórico, fundamentos teóricos e tendências atuais; bibliotecas virtuais: conceito, histórico, fundamentos teóricos e tendências atuais. Bibliometria, infometria e cientometria.

Objetivos: Promover a discussão sobre o conceito de comunicação científica, levando o aluno a compreender o ciclo da comunicação em ciência e tecnologia em outros campos relevantes da ação social; Possibilitar a identificação dos diferentes serviços de informação, considerando aspectos históricos, fundamentos teóricos e a interveniência das novas tecnologias de informação e comunicação em sua configuração.

Período: 4º período (obrigatória)

Disciplina: Serviço de Referência em Informação I

Ementa: Estudo de uso de usuários da informação, disseminação da informação, avaliação do SRI, marketing em serviços de informação.

Objetivos: Identificar diferentes tipos de uso e usuários da informação; Elaborar perfil de usuários, programas de disseminação da informação e instrumentos que permitam proceder avaliação do SRI; Utilizar métodos e técnicas de marketing de serviços de informação.

Período: 3º período (obrigatória)

Disciplina: Serviço de Referência em Informação II

Ementa: Princípios e fundamentos do SRI. O processo de referência, formação do usuário; A biblioteca como instrumento de educação permanente e continuada; Orientação ao usuário.

Objetivos: Identificar as funções e as atividades básicas do SRI. Identificar recurso e saber utilizar instrumentos informativos para o SRI; Demonstrar conhecimentos sobre atendimento e orientação de usuários; Compreender o papel da biblioteca como instrumento de educação permanente e continuada.

Período: 6º período (obrigatória)

Disciplina: Tecnologias da Informação

Ementa: A informática na produção do conhecimento: Editores de texto, planilhas, software de banco de dados. A internet: ferramentas para a busca da informação, para a comunicação, metadados, interoperabilidade, produção de serviços eletrônicos de informação: base de dados, bibliotecas virtuais, sites de unidades de informação, intranet, redes locais, topologias.

Objetivos: Identificar as tecnologias de informação básica, suas compatibilidades e suas aplicações na operação e gestão de sistemas de informação.

Período: 4º período (obrigatória)

Fonte: Pró reitoria de assuntos acadêmicos (UFF)

O segundo grupo de disciplinas, mostrado no quadro a seguir, não necessariamente se encaixavam nos indicadores, mas tratavam de temas que traçam certa relação de proximidade com eles.

Disciplina: Ética e Informação

Ementa: Ética, moral de ontologia, normatividade moral e relatividade de valores. Problemas e crises de ética na sociedade contemporânea. Questões éticas na produção, gerenciamento e transferência da informação. Normas e princípios ontológicos no Brasil e em outros países.

Objetivos: Propiciar a pensar crítico sobre o ser moral e o viver eticamente; discutir as relações entre ética e moral; propiciar reflexão crítica sobre o compromisso do profissional da informação com a sociedade.

Período: 8º período (obrigatória)

Disciplina: Fontes de Informação Gerais e Especializadas

Ementa: Estudo de fontes gerais e especializadas impressas e eletrônicas. O papel das instituições na sua organização: Tipologia, finalidades, classificação, localização. Nível de validação.

Objetivos: Identificar as fontes de informação gerais e especializadas em formatos impresso e eletrônico, assim como, suas tipologias, finalidades, classificações e organizações; Reconhecer o papel das instituições em relação a sua produção e organização.

Período: 2º período (obrigatória)

Disciplina: Fundamentos Teóricos em Informação II

Ementa: Condições históricas de produção da atual noção. Teorias da informação: impactos no conhecimento e nas práticas da biblioteconomia e arquivologia. Origens da documentação, da ciência da informação no Brasil. Noções de Sociedade da Informação: Histórico e implicações.

Objetivos: Perceber as práticas biblioteconômicas e arquivísticas em sua historicidade; entender os diferentes conceitos de informação correlacionando-os às políticas discursivas de filiação.

Período: 2º período (obrigatória)

Disciplina: Gestão de Unidades de Informação

Ementa: Unidades de informação – Análise e estudo de estruturas. Processos gerenciais, marketing, avaliação de serviços, redes, sistemas e compartilhamento técnico e administrativo.

Objetivos: Reconhecer a estrutura organizacional de uma unidade de informação; Conhecer os processos administrativos/gerenciais inerentes a uma unidade de informação; Ter noções de aplicação de marketing em unidade de informação; Conhecer modelos de redes, sistemas e de compartilhamento técnico entre instituições; Compreender a importância do processo de avaliação dos serviços oferecidos; Conhecer metodologias de avaliação de

serviços aplicados a unidade de informação.

Período: 2º período (obrigatória)

Disciplina: História do Livro e da Biblioteca

Ementa: Origem e evolução das técnicas do livro manuscrito e do livro impresso, o comércio do livro, a censura e os direitos autorais, origem e evolução das bibliotecas, introdução na imprensa no Brasil, sua difusão, necessidade e problemas atuais, a influência do livro no comportamento social do homem e na disseminação da informação científica.

Objetivos: Possibilitar ao estudante pensar historicamente as funções sociais do livro e da biblioteca; Situar o lugar do livro e da biblioteca na sociedade globalizada.

Período: 2º período (obrigatória)

Disciplina: Introdução à Biblioteconomia

Ementa: Visão histórica, contextual, da evolução da biblioteconomia e as interfaces com as demais áreas do conhecimento. As leis da Biblioteconomia. Biblioteca: Conceituação, tipologia e evolução. A biblioteca como um sistema de informação: O processo de transferência e recuperação da informação. Campos de trabalho do profissional da informação.

Instrumentos

Objetivos: Examinar a biblioteconomia em relação a seu passado histórico, identificando seu campo de atuação e sua abrangência; perceber as relações da biblioteconomia em outras disciplinas e identificar fator de unidades nas relações interdisciplinares; identificar os diferentes tipos de bibliotecas, bem como os outros tipos de organizações que também prestam serviços de informação; reconhecer a biblioteca como um sistema sócio-técnico estruturado e identificar as funções e tarefas que a mesma cumpre e executa; Perceber as diferentes relações de trabalho do profissional da informação.

Período: 1º período (obrigatória)

Disciplina: Sociologia do Desenvolvimento no Brasil

Ementa: Abordagens que integram o conjunto de tendências e alternativas teóricas de análise do tema desenvolvimento, objetivando o estudo do caso brasileiro. Os tópicos incluem: origem da questão desenvolvimento como problema teórico. Desenvolvimento e mudança social. desenvolvimento como processo social global. Crescimento e desenvolvimento. Indicadores do desenvolvimento Teoria da modernização; análise tipológica: Sociedades tradicionais e sociedades modernas. Teoria do subdesenvolvimento e dependência. Análise do caso brasileiro: estrutura agrária, industrialização e desenvolvimento.

Objetivos: Propiciar ao aluno melhor entendimento do conjunto de tendências e alternativas teóricas de análise do tema desenvolvimento, objetivando o estudo de caso brasileiro.

Período: não periodizada (optativa)

Fonte: Pró reitoria de assuntos acadêmicos (UFF)

Ou seja, pouco mais de um terço das disciplinas tratam sobre mediação da informação ou temas que se relacionam. Diante de tais resultados expostos, sucedem-se as considerações finais deste artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar na biblioteca como um organismo vivo, que também é uma instituição social que busca mediar a relação dos indivíduos com a sociedade; afinal, todos os serviços que ela oferece, desde a disponibilização de documentos à realização de eventos culturais, é uma forma de melhorar a qualidade de vida em sociedade de seus usuários, fornecendo-os informações e vivências que posteriormente podem vir a se transformar em um conhecimento beneficentemente transformador.

O papel do bibliotecário, diante de tal contexto, é de intermediário. Para que um graduando de Biblioteconomia possa se tornar um profissional completo e capaz de atender às habilidades que exercer tal função demanda, é essencial que, em sua formação, hajam disciplinas que fomentem o desenvolvimento dessas competências. A grade curricular da Universidade Federal Fluminense não oferece nenhuma disciplina a respeito de mediação em específico, dando a ela foco principal. Também há muito pouco das que estudam assuntos que sejam, pelo menos, relacionados ao tema. E, no que concerne ao conteúdo das ementas e objetivos das disciplinas oferecidas, pouco aborda o papel do bibliotecário como mediador em seus mais diversos contextos cotidianos.

Com a mediação da informação sendo um tema altamente discutido atualmente na área, é de suma importância que uma universidade que ofereça um curso no âmbito da ciência da informação tenha um currículo atualizado e competente, que atenda a todos os aspectos, práticos e teóricos, a respeito de tal assunto. Dessa forma, os futuros profissionais da informação entrarão no mercado de trabalho capacitados para atuar nele da forma mais plena, eficiente e humanística possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de. Mediação Cultural e da Informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: ENANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--212.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

ALMEIDA, M. A. de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 191-214, 2014. DOI: 10.5433/1981-

8920.2014v19n2p191 Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/34804>. Acesso em: 19 abr. 2019.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.Com**: revista de Ciência da Informação e da Comunicação do CETAC, n. 4, p. 1-34, jun. 2007. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100/3046>. Acesso em: 19 abr. 2019.

MORAES, M. B. de. **Mediação, cultura e tecnologia em currículos dos cursos de ciências da informação na Ibero-América: repensando diálogos disciplinares**. 2017. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo. - 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-05092017-092854/pt-br.php>. Acesso em: 19 abr. 2019.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. *Informação & Informação*, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p01. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33474>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. A disciplina mediação da informação nos currículos de arquivologia, biblioteconomia e museologia no brasil. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 3-23, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/71531>. Acesso em: 19 abr. 2019.

Niterói, Rio de Janeiro. **Coordenação do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense**. Formulário nº 1 Apresentação/Justificativa, 1998 [Cujo conteúdo dispõe sobre a justificativa do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFF].

Niterói, Rio de Janeiro. **Coordenação do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense**. Formulário nº 3 Objetivos, 1996 [Cujo conteúdo dispõe sobre os objetivos do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFF].

Niterói, Rio de Janeiro. **Coordenação do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense**. Formulário nº 5 Organização curricular, 1996 [Cujo conteúdo dispõe sobre a organização curricular do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFF].

FONTES DE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA POLÍTICA DA DITADURA CIVIL MILITAR: O ACERVO DA DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE PERNAMBUCO

SOURCES OF INFORMATION AND POLITICAL MEMORY OF THE MILITARY CIVIL DICTATORSHIP: THE COLLECTION OF THE POLITICAL AND SOCIAL POLICE STATION OF PERNAMBUCO

**Mestre em ciência da Informação. ALVES, Nathalia Barbosa¹
BEZERRA, Jacielly Jehnny do Santos²**

Resumo: Indica uma pesquisa documental acerca da informação e memória política no período da Ditadura Civil Militar. Tem como objetivo geral rememorar o passado político e social da conjuntura brasileira descrito no conjunto de cartas, atas de reuniões, relatórios de investigação policial, prontuários, fotografias, dentre tantas outras tipologias documentais mantidas sob a guarda da DOPS. Para além disso, apresenta como objetivos específicos: a) compreender o processo de circulação da informação no período da censura brasileira; b) entender o cenário em que vivia a sociedade brasileira durante os anos de 1964 a 1985; c) atestar o acervo da DOPS de Pernambuco como fonte de memória e informação. É considerada quanto aos fins, um estudo exploratório e do tipo bibliográfico, quanto aos meios uma pesquisa com análise de conteúdo, tendo como instrumento de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada. Ressalta o contexto da ditadura civil militar brasileira, a época em que a repressão, a censura e a tortura foram considerados métodos de investigação legitimados pelo país. Para além disso, demonstra as formas de organização das fontes de informação presentes no acervo da DOPS-PE e atesta que a democracia brasileira foi construída na base de suor, sangue e luta.

Palavras-Chave: Ditadura civil militar. Informação e memória política. Documentos. Acervo da DOPS.

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Email: nathaliaalves083@gmail.com.

²Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Email: jaciellyjehny@gmail.com.

Abstract: It indicates a documentary research about information and political memory in the period of the Military Civil Dictatorship. Its general objective is to recall the political and social past of the Brazilian conjuncture described in the set of letters, minutes of meetings, reports of police investigation, medical records, photographs, among many other documentary typologies kept under DOPS custody. In addition, it has as specific objectives: a) to understand the process of information circulation in the Brazilian censorship period; b) to understand the scenario in which Brazilian society lived during the years 1964 to 1985; c) attest to the collection of the DOPS of Pernambuco as a source of memory and information. An exploratory and bibliographical study is considered, as far as the means is concerned, a research with content analysis, having as instrument of data collection, the semi-structured interview. It highlights the context of the Brazilian military civilian dictatorship, the time when repression, censorship and torture were considered investigative methods legitimized by the country. In addition, it demonstrates the ways of organizing the information sources present in the DOPS-PE collection and attests that Brazilian democracy was built on the basis of sweat, blood and struggle.

Keywords: Military civilian dictatorship. Information and political memory. Documents. DOPS collection.

1 INTRODUÇÃO

Ao observar a história, é possível perceber que o ser humano, incessantemente, procurou conservar a informação. Hieróglifos, papiros, pergaminhos, imprensa e, mais recentemente, o computador representam o acúmulo do saber humano, a partir das informações acerca daquilo que está ao seu redor. É através dessas informações que vamos ampliando, diariamente, o nosso conhecimento sobre cada evento e conhecendo o mundo. Ainda nos dias de hoje existe certa complexidade ao tentar conceituar informação, posto que depende da interpretação que cada indivíduo possui de mundo. Ao caminharmos pela rua e pedirmos a indicação de um caminho, estamos lidando com informação, ao assistirmos um programa de televisão, lermos uma revista ou um livro, estamos absorvendo informação, ao ouvirmos uma música estamos assimilando informação. A informação está na rua, em casa, na escola, no *shopping*, no cinema, no teatro, na praia, no trabalho, na igreja, em qualquer ambiente, espaço ou tempo. É algo criado, manipulado, transformado e disseminado dentro da sociedade desde o começo dos tempos. Em todo lugar e em qualquer tempo se tem informação. Neste sentido, um relato feito a partir da memória de alguém, um

livro, filme, uma música, até mesmo uma placa de direção na estrada, podem se configurar como exemplos perfeitos de fontes de informação.

A partir do contexto em que está inserido o ser humano e de suas necessidades informacionais que surgem as fontes de informação. Com o passar dos anos, as transmissões de informações por suas fontes se tornaram os mecanismos que possibilitam a mistura de departamentos de documentos, como centros de informação, arquivos, bibliotecas, hospitais, escolas, lugares que antes exerciam apenas as especificidades de suas funções e que hoje se tornaram grandes núcleos urbanos de circulação, não apenas de informação, mas de prestação de serviços e estabelecimentos de relações sociais.

Bibliotecários, pesquisadores, historiadores, museólogos e arqueólogos são exemplos de profissionais que possuem as fontes de informação como seus instrumentos de trabalho. Na contemporaneidade, a ideia de que o acesso à informação não é apenas um recurso social, mas um direito traz como consequência a disseminação das fontes de informação como um leque para o acúmulo de conhecimento em todos os setores da sociedade.

Corroborando este pensamento, de acordo com Ortega y Gasset (2006), o homem herdou as formas de existência, as ideias, as experiências vitais de seus ancestrais e parte, portanto, das situações representadas pelo passado humano, concentradas sob os seus. Assim, a história do homem é remontada, por meio das fontes de informação, ou seja, pode-se afirmar conforme Galindo (2015, p. 104) que “a informação é passado registrado”.

Aqui, este passado registrado atem-se a trajetória memorialística da nação brasileira, isto é, a um capítulo da história do país, marcado pela transformação política e social: o Regime Militar. Numa época de defloração dos direitos humanos, usurpação de poder, instabilidade do governo, revolta popular e censura, o Regime Militar marcou a narrativa do Brasil, ao mesmo tempo em que se vivia em um contexto de disputa ideológica, poder territorial, e “redemocratização” da nação.

De acordo com o *site* Cyberpolícia (2011), a Guarda Civil e os investigadores passaram a ter treinamentos voltados para confrontos de rua com estudantes, professores e pessoas ligadas a movimentos de resistência ao militarismo e os delegados a receberem conhecimentos voltados à inteligência de Estado e a utilização da informação para obtenção de resultados.

Neste contexto, é que, hoje se desperta a necessidade de compreender de que maneira pode-se estudar a relação de informação e memória política, a partir de documentos salvaguardados na sede do Arquivo Público de Pernambuco, pertencentes ao

acervo da DOPS - delegacia de ordem política e social – como fontes de informação acerca da Ditadura Civil Militar. Tendo como objetivo principal rememorar o passado político e social da conjuntura brasileira descrito no conjunto de cartas, atas de reuniões, relatórios de investigação policial, prontuários, fotografias, dentre tantas outras tipologias documentais mantidas sob a guarda da DOPS. Para além disso, apresenta como objetivos específicos: a) compreender o processo de circulação da informação no período da censura brasileira; b) entender o cenário em que vivia a sociedade brasileira durante os anos de 1964 a 1985; c) atestar o acervo da DOPS de Pernambuco como fonte de memória e informação.

2 METODOLOGIA

Para que esta pesquisa siga de acordo com o rigor científico e visando a não ocorrência de erros no trajeto da investigação, faz-se necessário a adoção de um método científico adequado que a conduza ao seu principal objetivo, isto é, rememorar o passado político e social da conjuntura brasileira descrito no conjunto documental salvaguardado na sede da DOPS – PE. Por ventura, o método científico pode ser definido como sendo: “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 1999, p.26). Assim, o método científico é um norteador do caminho para atingir os objetivos estabelecidos na pesquisa.

Aqui, foi adotada a pesquisa exploratória, pois, “está possibilita entender mais acerca do problema escolhido para a pesquisa.” A pesquisa exploratória visa a prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva” (MATTAR, 2005, p. 85).

Definida pelo método dialético, que para Gil (1999, p.31) caracteriza-se como fundamentado em três princípios; o da unidade de opostos, a quantidade e qualidade e a negação da negação, onde estes procuram criar uma interpretação fiel da realidade.

Inicialmente, para se chegar até o campo de pesquisa deste estudo, utilizou-se um referencial teórico embasado em uma pesquisa bibliográfica, considerando literaturas existentes acerca da temática, onde se empregou as diretrizes de uma pesquisa exploratória e observacional com a intenção de conhecer o acervo da DOPS – PE.

Como instrumento de coleta de dados, esta pesquisa desenvolveu-se, a partir da pesquisa de campo, com a visita ao arquivo Público de Pernambuco, para que se tivesse acesso ao objeto de pesquisa, neste caso, os documentos referentes ao período militar; com a entrevista semiestruturada, aplicada com os colaboradores do Arquivo Público, a fim de coletar informações acerca do acervo da DOPS, salvaguardado no local.

Objetivando uma abordagem qualitativa adotou-se como técnica de análise de dados, optou-se pela análise de conteúdo. Está sendo “[...] uma prática bastante antiga. Já antes da idade média existiam pessoas interessadas em interpretar escritos sagrados ou políticos” (RICHARDSON, 1992, p.220). A análise de conteúdo pode ser definida como “técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação”. (BARDIN, 1979, p.31).

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A renúncia de Jânio Quadros: o início de tudo.

O golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, foi apenas o ápice de uma conspiração que ocorria, desde antes de 1961, época de conturbada política e gestão governamental brasileira. A renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, fora apenas um exemplo disso, decorrente de uma controversa política exterior de apoio a ideias contrárias adotadas pelos Estados Unidos, onde, diferente do seu posicionamento político, apoiou países, conferências e revoluções que combatiam o apoio político esperado. O que culminou na insatisfação daqueles que deveriam apoiar o atual governo brasileiro. Então, incapaz de articular um núcleo de apoio político que o mantivesse no poder, veio a renúncia.

Até hoje, o episódio de sua renúncia é objeto de suspeita de um possível golpe, já que Jânio Quadros, ao apresentar sua carta renúncia esperava que não a aceitassem e lhe oferecessem plenos poderes, para que ele assumisse como ditador (Chiavenato, 2014, p.16).

Até hoje, o episódio de sua renúncia é objeto de suspeita de um possível golpe, já que Jânio Quadros, ao apresentar sua carta renúncia esperava que não a aceitassem e lhe oferecessem plenos poderes, para que ele assumisse como ditador (Chiavenato, 2014, p.16).

Porém, sua carta foi aceita e então, no dia seguinte, a posse de seu vice João Goulart, o Jango, foi vetada pelos ministros militares: brigadeiro Gabriel Gün Moss, o general Odílio Denis e o almirante Sílvio Heck, guiados por um plano militar instigado pelo governador Carlos Lacerda que previa uma eleição indireta como objetivo de levar um general ao poder, pelo envio de uma emenda constitucional pelo senador Jeferson Aguiar. Tal manobra foi vetada pela Câmara dos Deputados, então começaria uma intensa comoção no país em defesa da recém adquirida³ democracia o que fez com que o Jango fosse adotado pelo povo como um exemplo do exercício da democracia excluindo assim um golpe militar, que poderia acarretar

³Disponível em:< <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=277864>> Acesso em 12 abril 2019.

em uma possível guerra civil. Para Alves (2018, p. 46) “a partir do momento em que os militares ganharam apoio das elites dominantes, iniciam as manifestações contra o conjunto de ações propostas por Jango que não beneficiavam os grandes proprietários (Golpe de 1964)”.

3.2 O governo “Jango” e o golpe.

Foi em meio a efervescente situação política e popular que Jango assume a presidência do Brasil, em um regime parlamentarista que fora criado às pressas. Carla Aranha define o parlamentarismo adotado no governo como um “parlamentarismo à brasileira”: o presidente era quem detinha o poder para nomear ministros, vetar projetos de lei e nomear para cargos federais. Mas quem propunha projetos e até o orçamento era o primeiro ministro (Aranha, 2014, p.35.).⁴

Esse tipo de arranjo enfraqueceria o poder do presidente e dava forças ao congresso que, em sua maior parte, era conservador, o que excluía a possibilidade de reformas políticas e sociais profundas e dificultou as reformas de base defendidas por Jango, que agradaram grande parte da população e buscava democratizar situações tão distintas como as apresentadas à época: apenas 2% da população possuía terras, e quase 60% disso eram latifundiários (Chiavenato, 2014, p.27.).

As reformas de base buscavam idealizar as áreas eleitoral, administrativa, tributária, urbana, bancária, cambial, universitária e a agrária. Essas reformas beneficiavam a população e o capital brasileiro, foram todas pensadas para agilizar o capitalismo fazendo com que a população participasse mais ativamente do seu produto final. O parlamentarismo deixaria de existir em janeiro de 1963, o que tornou possível a realização das reformas de base. Porém, a reforma agrária, que previa que as fazendas improdutivas fossem expropriadas e pagas através de títulos públicos, com possibilidade de reajuste, não agradou aos latifundiários, para os quais, a posse de terras significava poder.

A destituição dessas terras significava, aos latifundiários, a perda de privilégios perante o governo e de seus poderes políticos⁵. O que fez com que eles, aliados aos detentores de indústrias, ficassem contra o governo Jango e se aliasse aos interesses

⁴Uma das autoras do livro 50 anos do golpe: a ditadura militar no Brasil.

⁵“Em um país de herança escravagista e colonial e de enormes latifúndios, usava-se a terra como aval do poder e meio para obter, junto aos órgãos oficiais, empréstimos a longo prazo com juros irreais e baixíssimos. O poder político garantia privilégios aos donos de terra: além de os empréstimos serem desviados para outras atividades especulativas, financeiras e até para investimentos na indústria, frequentemente não eram pagos. Os latifundiários conseguiam moratórias que, devido à inflação, depreciavam as dívidas e, não raro, obtinham o perdão puro e simples dos seus débitos. Portanto, a oposição à reforma agrária não acontecia porque o capitalismo ou a burguesia se sentiam ameaçados como sistema econômico e social. Mas, principalmente, porque ela liquidaria uma base de poder político.” (Chiavenato, 2014, p.28.)

externos para não perderem seus privilégios. O casamento da oposição da elite brasileira com a classe média fez com que fosse possível o golpe civil-militar.

O comício do dia 13 de março de 1964 foi o embasamento que os militares precisavam para instaurar o golpe. Discursado por Leonel Brizola e Jânio Quadros com declarações polêmicas sobre a criação da superintendência da reforma agrária (SUPRA). O discurso foi energético e chamava o povo para preparar-se para a reforma armada, o que foi visto pelos militares, e aceito pela população, como uma sangrenta revolução comunista (Chiavaneto, 2014, p.33).

Vários outros fatores advindos das políticas passadas dificultaram o governo de Jango, mas a sua política dúbia fez com que ele perdesse apoio popular e da classe dominante.

Chiavaneto (2014) fala sobre a conspiração que o governo Jango sofreu desde antes de sua posse;

A conspiração contra o governo foi tão ampla que às vezes chegou a ser pública. Contou com financiamento do exterior, cooptação de intelectuais e ativa participação da imprensa. No plano econômico, à sabotagem interna juntou-se a decisiva retração dos investimentos norte-americanos, que acelerou o processo inflacionários. (CHIAVENATO, 2014, p.44).

Em 1964, o Brasil vivia uma percepção aguda dos problemas sociais e do subdesenvolvimento. Às greves e à radicalização do clima político, equivalia uma agitação cultural sem precedentes, com o envolvimento da juventude universitária como grupo privilegiado de circulação e produção de uma cultura nacionalista e de esquerda (EGG, 2011).

Pichações nos muros, protestos, movimentos políticos transgressores, crimes de exílio, manifestações, assassinatos, censura, agitações, casos de corrupção, autoritarismo e revolta marcaram a narrativa do Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Mesmo com a inflação em alta e as péssimas condições de vida da população, ninguém podia se opor ao governo vigente, pois se o fizessem estariam indo contra a sua pátria e, conseqüentemente, deveriam sofrer represálias. Ou seja, o brasileiro não podia de forma alguma se manifestar contra o governo, nem exigir os seus direitos mediante a Constituição.

3.3 Ditadura militar: repressão e Ato institucional Nº 5.

O início da ditadura militar foi marcado pela promulgação do Ato Institucional nº 1 (AI-1), que dava plenos poderes ao presidente militarista, na intenção de expurgar os que estivessem ligados ao governo anterior e os associados aos movimentos sociais, fazendo com que houvesse um conflito com os objetivos anteriormente declarados

de: restabelecimento da legalidade e do fortalecimento das instituições democráticas. O que se pôde ver com a instituição do AI-1 foi que o poder, além de não ter um modelo para todas as estruturas do novo Estado, também procurava institucionalizar um apoio a revolução, já que fora definido que o poder e a autoridade era decorrente de quem estava no comando, no caso, o presidente-militar e não do povo (ALVES, 1984, p.52).

Com a promulgação do AI-1 ficou claro ao povo, que desconhecia as doutrinas por trás do golpe militar, que o poder não foi tomado com a intenção de se retomar a democracia brasileira e sim, com o intuito de dar plenos poderes aos militares.

Após as bases terem sido lançadas, começou o que os militares chamavam de “operação limpeza”, onde foram instituídos, através de um decreto de lei, os inquéritos policial-militares (IPM’s) que atuavam em todas as instâncias governamentais e buscavam indivíduos vinculados a atividades subversivas, Alves (1984) definiu os IPM’s e sua forma de funcionamento como:

Constituintes de um mecanismo legal para a busca sistemática de segurança absoluta e a eliminação do “inimigo interno”, como primeiro passo. Uma vez concluído um inquérito, o alegado envolvimento fatural da pessoa ou das pessoas acusadas era examinado pelo chefe do departamento a que estavam vinculadas. A decisão final pela punição cabia ao presidente, aos governadores de Estados ou aos prefeitos. Uma vez decidido, um decreto estabelecendo a forma específica de punição deveria ser publicado no diário oficial da união ou nos diários oficiais dos estados ou municipalidades (ALVES, 1984, p.56).

Os IPM’s, muitas vezes, funcionavam como aparatos para destituir opositores do poder, tendo em vista que não eram necessárias provas concretas que os indiciados tinham envolvimento com atividades subversivas, bastava um indicio ou acusação.⁶ Começaria, assim a criação do Novo Estado. A rapidez com que suas diretrizes foram aplicadas, logo após o golpe, fez com que a oposição fosse desarmada, desarticulando o congresso nacional e muitos outros setores de oposição política, permitindo que o governo neutralizasse as tentativas de resistência pelo parlamento ao mecanismo de controle político e social. Nesse contexto, ficou fácil a instauração do Estado de Segurança Nacional e criadas as bases para as medidas de controle que culminariam na forte repressão dos anos seguintes.

Após a promulgação do AI-1, outros três atos foram instaurados, muitos deles com a intenção de retomar a democracia pregada afim de acalmar os ânimos da população, outros com o intuito de dar plenos poderes aos militares, foi assim com o AI-5. Após o

⁶“Os IPMs vieram também a servir a interesses políticos locais. Certos políticos da UDN que frequentemente perdiam as eleições passaram a valer-se de recursos de acusar seus adversários políticos de atividades “subversivas” [...] Foi o caso, por exemplo no Estado de Goiás, onde o governador Mauro Borges, ele próprio coronel, foi cassado e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos por acusações de infiltração comunista feitas por Itapuan Costa Junior, então professor, mas que logo se tornaria governador do mesmo estado.” (Alves, 1984, p.57)

pronunciamento do deputado Marcio Moreira Alves, do MDB, sobre um boicote ao militarismo, dias antes das comemorações da independência do Brasil, o que os militares tomaram como ofensivo e pediram licença para processá-lo à câmara. O pedido de licença foi deferido e esse foi o pressuposto para o ato de numero 5 ser institucionalizado. O AI-5 previa que o presidente-militarista, independente de qualquer apreciação judicial, decretasse o recesso do congresso nacional e outros órgãos legislativos por tempo indeterminado, a permissão de intervenção nos estados e municípios, de cassação de mandatos e a de suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão por dez anos, além de confiscar bens e suspender a garantia de *habeas-corpus*. Logo após a edição do AI-5 o congresso nacional foi fechado, diversos jornalistas e políticos contrários à ditadura foram presos e tiveram seus mandatos cassados.

3.3 A DOPS em Pernambuco

A delegacia de ordem política e social (DOPS) foi um aparato de repressão e investigação de atividades que atentassem aos bons costumes da época. Foi criada em 23 de dezembro de 1935 pela lei nº 71, suas principais funções eram: proceder inquéritos sobre crimes de ordem política e social; exercer o papel de polícia preventiva e combater o comunismo.

Apesar de ter sido criada antes do golpe de 64, sua atuação durante o período de repressão foi significativa. O DOPS-PE atuava, basicamente, como órgão de investigação e repressão, sendo responsável por grande parte das torturas e dos presos políticos, como afirmam Araújo *et al* (2001):

Além da tarefa preventiva, tinha[m] a função de investigar crimes eventualmente cometidos, instaurando inquéritos policiais para serem remetidos ao Poder Judiciário. Dessa maneira, [os órgãos] exercia[m] simultaneamente atividades ligadas à prevenção (atuando antes do crime) e à repressão (colaborando com o Judiciário para a punição do crime). Obviamente, que tanto na prevenção quanto na repressão de crimes, [as DOPS destacaram-se] pelo emprego de métodos ilegais e mesmo violentos. (ARAÚJO, 2001, p.35)

O acervo que hoje se tem do DOPS é composto por prontuários individuais e funcionais, além de provas incriminatórias e fotografias identificadoras. Apesar de ter sido um órgão independente, durante o período ditatorial brasileiro, o DOPS foi subordinado ao serviço acional de informações (SNI) que tinha por objetivo, no contexto do Estado de Segurança Nacional, supervisionar e coordenar os aparatos de investigação e repressão.

Esse contexto fez com que órgãos que, anteriormente fossem autônomos, constituíssem a comunidade de informações.

A Comunidade de Informações, preconizada pela doutrina de segurança nacional, estabelece como seus órgãos centrais o recém criado Serviço Nacional de Informação (SNI) e os órgãos de inteligência militares (CIEX, CISA e CERIMAR). Elaborando estratégias, produzindo informações e centralizando os informes são, indubitavelmente, os agentes mais categorizados da repressão. (PEREIRA; REZNIK, 1996, p.43)

Assim, sua atuação na busca de proteger o país do inimigo interno e das atividades comunistas não respeitava nenhum princípio que preservasse a sociedade das ações repressivas embasadas nas leis da época, sob a sombra dessas leis, pessoas eram torturadas pelo “bem social”, dentro das instituições públicas com o objetivo de informações que eram buscadas pelos agentes. A fim de ilustrar um dos métodos de investigação utilizados, segue a figura 1, abaixo, com o exercício da tortura intitulada “pau de arara”, que era praticada pelos militares da Ditadura Civil Militar, em seus interrogatórios, a fim de obterem informações dos presos políticos ou movimentos que viviam na clandestinidade.

Figura 1 – O pau de arara é assim



Fonte: Sala escura da Tortura, 2011.

De acordo com as palavras de Alves (2018, p. 69) “[...] a supremacia é argumento para os militares que eram vistos como os detentores do poder, não só político, como do poder à vida, à condenação, à morte, à subjugação do outro ser, de quem violavam direitos básicos por se opor ao governo”.

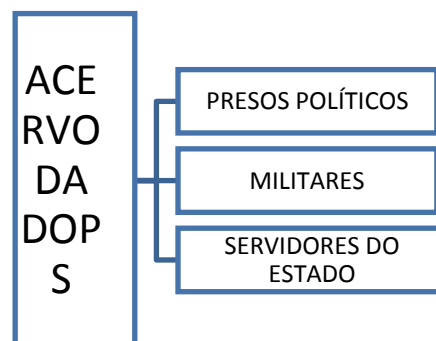
4 COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao se estudar a documentação do acervo da DOPS de Pernambuco, fez-se necessário, primeiramente realizar o recorte do material pertinente para ser devidamente estudado, neste sentido, utilizou-se primeiramente da entrevista semi-estruturada com os colaboradores do arquivo Público de Pernambuco, para conhecer a maneira com a qual foi realizada a organização da documentação.

- 1) Como é realizada a busca pela documentação no Arquivo Público referente ao acervo da DOPS?
- 2) Quais as principais tipologias documentais encontradas no acervo da DOPS?
- 3) De que maneira é realizada a organização dos documentos do acervo?
- 4) Quais os documentos de maior acesso no acervo?
- 5) Cite a forma de arquivamento usada no acervo.

Com base, nas perguntas, acima descritas, em entrevista realizada com o coordenador da unidade de informação digital, houve o conhecimento de que toda a documentação fora indexada em uma planilha do Microsoft Word, em formato sequencial, para que assim houvesse a busca e o acesso a documentação presente no acervo. Com relação aos documentos presentes no acervo, houve a informação de existem cartas, atas de reuniões, fotografias, relatórios de investigações, pronturários dos presos políticos, recibos de compras e vendas de equipamentos, documentos administrativos. No que concerne a classificação utilizada, existe a seguinte categorização.

Figura 2 – Classificação dos documentos da DOPS



Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com a classificação acima apresentada, há ainda a planilha de acesso aos documentos, pela qual todo o acesso as estantes com os documentos é realizado. Como

denota a figura 3, abaixo:

Figura 3 – Planilha de dados do acervo da DOPS

CÓDIGO	TÍTULO	PRONTUÁRIO	TEMA	TIPO DOC.	DATA	LOCAL DE PRODUÇÃO	DESCRIÇÃO
Informação N° 111/81 /DSI/Mtb	I CONCLAT	Funcional	I Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras.	Informação	06/10/1981	DSI/Mtb	Pasta n° 372 – Contendo 8 páginas. Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
Informação N° 112/81 /DSI/Mtb	Executiva Nacional Pró- CUT	Funcional	CUT	Informação	07/10/1981	DSI/Mtb	Pasta n° 372 – Contendo 2 páginas. Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
Informe N° 180/81/SS-3-PM2	Lançamento do Partido dos Trabalhadores nas cidades de Vitória de Santo Antão e Palmares – PE.	Funcional	Lançamento do Partido dos Trabalhadores	Informe	23/10/81	PMPE – EM / 2ª seção	Pasta n° 372 – Contendo 4 folhas Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
Informe N° 177/81/SS-3 – PM/2	Campanha política do Partido dos trabalhadores nas cidades de Recife, São Lourenço, Jaboatão, Petrolina e Olinda.	Funcional	Campanha política do Partido dos Trabalhadores	Informe	19/10/1981	PMPE – EM / 2ª seção	Pasta n° 372 – Contendo 5 páginas Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
RDG-83-09/10/81-PM/2	Atividades do Presidente Nacional do PT, durante permanência na cidade de Palmares.	Funcional	Atividades do Presidente Nacional do PT	Relatório	13/10/1981	Do: Ten. PM Sub. Cmt. 2ª COM. (Palmares) Ao: Maj. PM Chefe PM/2	Pasta n° 372 – Contendo 01 página. Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
Relatório De Agente N° 057/81/SS-5/2ª Seção	Relatório de agente	Funcional	Agente	Relatório	10/10/1981	2ª seção / PMPE	Pasta n° 372 – Contendo 4 páginas. Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.
*****	Lula volta sem falar com Kadafi pra comparecer ao seu julgamento amanhã.	Funcional	Política	Jornal do Brasil / Política (pág. 05)	15/04/1982	2ª seção / PMPE	Pasta n° 372 – Contendo 01 página. Obs: faz citação a Luiz Inácio Lula da Silva.

Fonte: Arquivo Público de Pernambuco, 2019.

Figura 4 – Planilha de busca com os dados dos presos políticos

Prontuariado	N° APEJE	N° SSP/DOPS
Almirante Jonas Ingren	27.597	329- D
Fundação Instituto de Administração Municipal (FIAM)	1783 - B	1619
A Camarinha	29.112	
A Clínica Bayer Ltda.	1672	20-D
A Eletrotécnica	28.365	
A Espelhadora Pernambucana	7843	
A Gazeta	899	708
A Gazeta do Brasil (Rio de Janeiro – 1954)	31.579	
A Graciosa (Casa Santa Terezinha)	4149	
A Imprensa Policial 06-1966	31.530	
A Manchete 1967	31.533	
A Manhã 1947-1952-1945 (Jornal)	31.389	
A Nação 1959 (Jornal)	31.481	
A Poligrafia	854	683
A Preferida (anexo)	8122	
A Procuradoria	27.618	
A Propagandista (Tipografia)	855	684
A Tabica s/d	31.506	
A Torre em Marcha 1950	31.573	
A Tribuna	894	703
A Tribuna (Vitória – ES) 1955	31.564	
A Turista	29.054	
A Vos Livre s/d	31.534	

Fonte: Arquivo Público de Pernambuco, 2019.

Neste sentido, o arquivamento dos documentos é realizado tendo como base a indexação do material documentário nas listas disponibilizadas nos 3 computadores da sala

do Arquivo Público de Pernambuco. Durante a entrevista foi relatado que, dentre os documentos mais acessados, estão os prontuários dos presos políticos, pelos pesquisadores de diversas áreas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar o contexto da ditadura civil-militar brasileira, pôde-se perceber uma época de grande repressão de pessoas, ideias e informação além da omissão de vários dos aparatos usados pelas DOPS para a punição dos considerados inimigos internos e comunistas. Com isso, muitos dos prontuários e documentos produzidos e armazenados pela DOPS-PE foi perdido e/ou destruído, o artigo apresentou a forma de organização e o acervo disponível na DOPS-PE do ponto de vista arquivístico, além de tentar mostrar e atestar a ditadura como período obscuro da história do país.

Com isso, é necessário o trabalho dos profissionais da informação no sentido de preservar a integridade informacional e histórica brasileira, com isso, ver o profissional da informação apenas como um gestor da informação é negligenciar o acesso seguro e verdadeiro da mesma. No período da ditadura militar e, muitas vezes na atualidade, fica claro que informação é poder e quem a detém e é responsável pelos seus meios de acesso, detém também o poder. Nessa perspectiva, tornar de domínio público a informação e o conhecimento sobre nossa própria história é fazer com que nossa sociedade conheça seu próprio método de funcionamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil** (1964-1984). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALVES, Nathalia Barbosa. **Missivas da opressão: fontes memorialísticas da ditadura civil militar no estado do Ceará**, mediada por Frei Tito. Pernambuco: UFPE, 2018.

ARAÚJO, L. et al. O Acervo DEOPS/SP. In: AQUINO, M. A. et al. (Org.). **No coração das trevas: o DEOPS/SP visto por dentro**. São Paulo: Arquivo Público do Estado; Imprensa Oficial, 2001.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2014.

CYBERPOLÍCIA. **Décadas II**: 60, anos de chumbo. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.cyberpolicia.com.br/index.php/historia/decadas/166-decada-60>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Atos institucionais**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/atos-institucionais>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GALINDO, Marcos. Memória em Sistemas Complexos. In: _____. **Ensaio sobre informação e memória**. Recife: UFPE, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE COADIC, François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. LE GOFF, Jacques, História e memória. 4. ed. -. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Artes, 1996. 553 p.

O OBSCURO FICHÁRIO DOS ARTISTAS MUNDANOS. **Dops**: a lógica da vigilância e do controle político e social em Pernambuco entre 1930 e 1958. Disponível em: <http://obscurofichario.com.br/artigo/dops-a-logica-da-vigilancia-e-do-contr-ole-politico-e-social-em-pernambuco-entre-1930-e-1958/?fbclid=iwar3jn2rqfinogofnwosdnihn8ivn7gg_oouhztmrvpnnhpju27f0jrrzii>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PEREIRA, M. G.; REZNIK, L. De Polícia Federal a departamento estadual: o DOPS - evolução administrativa. In: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **DOPS**: a lógica da desconfiança. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Justiça/ APERJ, 1996.

**GT2 -PRÁTICAS DE ORGANIZAÇÃO NO USO DA INFORMAÇÃO E
TECNOLOGIA.**

**ANÁLISE DO PERIÓDICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMA:
REVISTA BIBLIOMAR 2015-2018**

*ANALYSIS OF THE JOURNAL OF THE LIBRARY SCIENCE
COURSE FROM UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO:
JOURNAL BIBLIOMAR 2015-2018*

**OLIVEIRA, Denisson Sousa de¹
SOARES, Maria Jacira Santos²
SANTOS, Weltiene Sirlei Nogueira³**

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as temáticas no periódico “Revista Bibliomar”, revista laboratório da disciplina Política Editorial do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Trata-se de um recorte temporal das edições 2015.2 a 2018.1, 38 artigos. Um estudo avaliativo com base na definição de indicadores bibliométricos, caráter descritivo-analítico com abordagem qualitativa e quantitativa. A temática a mais abordada é Gestão de Informações e suas tecnologias, os autores majoritariamente são graduandos do curso de Biblioteconomia da UFMA. A Revista locada no Portal de Periódicos da UFMA publica artigos não só a nível de graduação, mas também de pós-graduação.

Palavras-Chave: Periódico. Produção Científica. Bibliometria. Revista Bibliomar.

Abstract: This work aims to analyze the themes in the journal "Bibliomar Journal", laboratory of the discipline Editorial Policy of the Library Science Course, Federal University of Maranhão - UFMA. A temporal cut of the editions from 2015.2 to 2018.1, 38 published articles. An evaluative study based on the definition of bibliometric indicators, a descriptive-analytical character with a qualitative and quantitative approach.

¹Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Email: br.denisson@outlook.com

²Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Email: jacirasoares28@gmail.com

³Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Email: weltiene@hotmail.com

In relation to the subject, the most discussed is Information Management and its technologies, the majority of the authors are students of the course of Library Science of UFMA. Bibliomar in the UFMA's Journals Portal receives and publishes articles not only undergraduate, but also Postgraduate.

Keywords: Journal. Scientific Production. Bibliometria. Bibliomar.

1 INTRODUÇÃO

A graduação em Biblioteconomia é um curso presencial de bacharelado oferecido na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) desde 1969. Atualmente, o curso é composto por disciplinas do “Currículo 30”, em vigor desde 2007, que compreende a aquisição de conhecimentos sobre Fundamentos de Biblioteconomia e Ciências Interdisciplinares, Tecnologias da Informação e Comunicação, Metodologia do Trabalho Científico, Normalização Documentária, Análise Temática e Representação Descritiva da Informação, Arquivística, Linguagens Documentárias, Teorias da Administração, bem como Planejamento, Organização, Controle e Gestão nos diversos tipos de biblioteca e Unidades de Informação, e conta ainda com dois componentes de Estágio Obrigatório e, por fim, a elaboração da Monografia de Conclusão de Curso (UNIVERSIDADE..., 2018).

A Revista Bibliomar criada em 2002 pela Prof.^a Rita Portella, “[...] tendo em vista a necessidade de colocar em prática os ensinamentos teóricos da disciplina Políticas Editoriais.” (REVISTA..., 2014), segue até hoje sob responsabilidade do Departamento de Biblioteconomia da UFMA como prática desta disciplina com periodicidade semestral. A Bibliomar apresenta-se como principal incentivo à produção científica aos alunos do curso e áreas correlatas, locais e de outros estados do Brasil. As últimas edições da Revista estão disponibilizadas on-line por meio do Portal de Periódicos da UFMA que utiliza “[...] o Open Journal Systems (OJS 2.4.8.0), sistema de código livre gratuito para a administração e a publicação de revistas, desenvolvido com suporte e distribuição pelo PublicKnowledge Project sob a licença GNU General PublicLicense (REVISTA..., 2018).

O período foco para análise desta pesquisa são as edições mais recentes, todas as disponibilizadas no portal, 2015 até a última que corresponde ao “v. 17, n. 1, jan./jun. 2018”. Justifica-se o desenvolvimento deste trabalho à compreensão da produção científica da área de Biblioteconomia e correlatas a partir de uma avaliação quantitativa e qualitativa dos artigos publicados na Revista Bibliomar no período de 2015 a 2018. Assim, far-se-á a

recuperação de artigos da área de Biblioteconomia publicados no período de 2015 a 2018 na Revista Bibliomar; avaliação do conteúdo dos artigos a partir de indicadores bibliométricos com vistas a identificar os principais temas de pesquisa relacionados às subáreas quantificadas e a qualificação dos autores; discussão dos resultados mediante a análise dos pares. O resultado dessa análise, sobre as abordagens da Biblioteconomia a respeito do desenvolvimento da pesquisa científica, leva em consideração períodos e contextos específicos identificados, conforme especificam Santin, Vanz e Stumpf “A análise temática da produção científica de uma área no contexto de um país ou instituição pode contribuir para ampliar o conhecimento dos campos científicos e traçar perspectivas em relação aos temas de pesquisa a serem explorados no futuro.” (2015, p. 6).

Determinado o objetivo desta pesquisa, análise da situação da produção científica no Periódico do Curso de Biblioteconomia da UFMA, Fontelles et al. (2009, não paginado), considera esta pesquisa “básica ou fundamental” quanto à sua finalidade, e quanto à sua natureza do tipo “observacional”, pois ao se investigar e descrever uma realidade, os pesquisadores podem “[...] realizar medições, análises e outros procedimentos para coleta de dados.”.

Quanto aos métodos de abordagem teórica utilizados, este estudo é caracterizado como descritivo-analítico, pois utiliza-se a pesquisa descritiva para saber como se estrutura e funciona uma realidade e a pesquisa analítica para avaliação mais aprofundada das informações coletadas. É definido também como estudo de caso, pois o fenômeno não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente, sendo essencial para a avaliação da ciência em termos locais. Trata-se de pesquisa qualitativa, pois a opinião dos pesquisadores pode estar integrada ao desenvolvimento da mesma “mediante descrições, interpretações e comparações”, conforme especificam Fontelles et al. (2009, não paginado). Trata-se também de pesquisa quantitativa, pois considera a avaliação a partir de indicadores bibliométricos.

Dentre as técnicas utilizadas para a coleta de dados e para a análise dos mesmos, convém destacar os seguintes, de acordo com suas especificidades e aplicabilidade:

- (a) revisão bibliográfica para embasamento teórico;
- (b) levantamento do conteúdo da área de Biblioteconomia nos artigos publicados na Revista Bibliomar;
- (c) classificação do conteúdo dos artigos com base na identificação de categorias a partir de análise temática dos assuntos evidenciados pelas palavras-chave;

- (d) avaliação do conteúdo a partir de indicadores bibliométricos;
- (e) discussão qualitativa mediante observação após avaliação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho caracteriza-se como um estudo avaliativo com base na definição de indicadores bibliométricos levando em consideração a análise de artigos da Revista Bibliomar. Para tanto, convém destacar conceitos relacionados à temática desenvolvida, numa abordagem sobre periódicos, processos de avaliação, análise, bibliometria e indicadores, disposta no desenvolvimento deste referencial teórico.

Conceição e Pecegheiro (2017, p. 2466) revelam o periódico científico como uma das fontes mais importantes para a comunidade científica, consolidado como um canal ágil, disseminador de novos saberes e agregador de valor à produção científica em geral. Conforme as autoras:

Os periódicos são capazes de criar um senso de legitimidade para o campo científico, pois são entes que definem sua natureza e legitimam o conhecimento produzido em meio acadêmico, e os levam para além dos muros das instituições de ensino superior. (CONCEIÇÃO; PECEGUEIRO, 2017, p. 2467).

Kobashi e Santos (2006, p. 33) ressaltam que “[...] o campo da bibliometria como um todo inclui todos os aspectos quantitativos e os modelos da comunicação científica e do armazenamento, disseminação e recuperação da informação científica.”

Com base no exposto por Kobashi e Santos (2006, p. 28), consideramos que explorar a base de artigos da Revista Bibliomar para produzir indicadores significa “[...] rememorar e reavaliar a atividade científica desenvolvida na universidade [...]”, o que possibilita identificar os principais temas de pesquisas relacionados às subáreas da Biblioteconomia. Uma análise desse tipo se encaixa no nível micro, “[...] da prática concreta de pesquisa [...]” (KOBASHI; SANTOS, 2006, p. 33).

Segundo os autores, “[...] Os indicadores bibliométricos ou cientométricos são caracterizados como aproximações da realidade ou uma expressão incompleta dela. [...]” e podem ser definidos “[...] como dados estatísticos que representam aspectos da realidade. [...]” (KOBASHI; SANTOS, 2006, p. 32).

Assim, entende-se que a produção científica, está no cerne da disseminação e da comunicação entre os produtores do saber científico. Sendo assim, a publicação de suas

produções em periódicos, servem como orientação para pesquisadores de como anda a produção científica e quais as áreas mais pesquisadas. Logo, “a literatura periódica, impressas ou eletrônicas, tem como característica a sua representatividade na comunidade produtora, à medida em que sua política editorial age como filtro de qualidade no processo de seleção dos artigos científicos.” (CONCEIÇÃO; PECEGUEIRO, 2017, p.5). A partir destas perspectivas, é possível fazer um estudo avaliativo sobre temas referentes à biblioteconomia e afins, bem como de outras áreas do saber, afim de entender como anda a produção científica e em que eixos se concentra maior atividades de pesquisa, em áreas previamente delimitadas pelo pesquisador.

3 ESTUDO AVALIATIVO SOBRE A TEMÁTICA DOS ARTIGOS DA REVISTA BIBLIOMAR

Para o estudo avaliativo sobre a temática dos artigos da Revista Bibliomar, propomos um levantamento nas publicações disponibilizadas no período compreendido entre 2015 a 2018 (edições 2015.2 a 2018.1), totalizando 38 artigos, com a metodologia de extração e categorização das palavras-chave e da qualificação dos autores quanto ao grau de formação, conforme quadro 1.

Utilizou-se a técnica de definição de indicadores bibliométricos a partir da elaboração de instrumento de análise dos termos que compõem elementos dos artigos, selecionados com base na noção de pertencimento à área de Biblioteconomia. O instrumento de análise contém o levantamento dos termos encontrados nas palavras-chave dos artigos para a definição das subáreas pelo processo de inferência lógica, e é complementado pelo quantitativo referente a cada subárea, bem como pela qualificação dos autores identificados no documento, conforme o modelo no quadro a seguir.

Quadro 1. Descrição dos requisitos.

Ordenação	Qualificação da autoria	Palavras-chave	Subárea	Quantitativo
C1	C2	C3	C4	C5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para melhor desenvolvimento do estudo, é conveniente a separação dos dados levantados em três tipos distintos de análise:

- (a) análise temática qualitativa, para a definição das temáticas (subáreas) a partir das palavras-chave;
- (b) análise temática quantitativa, que quantifica os documentos relacionados a cada subárea definida na análise temática qualitativa; e
- (c) análise qualificativa, que identifica os autores quanto à qualificação dos mesmos.

Para cada tipo de análise, objetiva-se extrair, inferir, quantificar e interpretar os dados dos artigos da Revista Bibliomar necessários para o desenvolvimento deste estudo e tipificados como requisitos na identificação dos artigos e na delimitação temática dos mesmos.

Determinado isto, considera-se que a ordenação dos itens na coluna 1 (C1) deve seguir a ordem dos artigos encontrada na Revista Bibliomar, e para a análise temática qualitativa utilizamos da parte do levantamento disposto nas colunas 3 e 4 (C3 e C4) do “Quadro de descrição de requisitos”. A qualificação da autoria tem sua terminologia definida em termos gerais, independentemente de gênero ou número, sendo preferido, por exemplo, o termo “Graduando” em lugar de “graduando(s)”, “graduanda(s)”, “acadêmico(s)” e “acadêmica(s)”. Considera-se, neste caso, que o termo qualifica o grau de formação da autoria identificada e permite distinguí-lo dos demais, conforme o caso: “Graduando”, “Graduado” (também em lugar de “Bacharel”), “Pós-graduando”, “Especialista”, “Mestrando”, “Mestre”, “Doutorando”, “Doutor”, “Pós-doutorando”, “Pós-doutor”. Para facilitar no processo de qualificação da autoria, utilizam-se, de tal maneira, os termos “Professor” e “Bolsista” em complemento ao grau de formação, dada a ocorrência dos mesmos. O termo “Bolsista” se refere a qualquer menção de participação em programa de iniciação científica, considerado corrente quanto à data de publicação na Revista. As palavras-chave compreendem os termos extraídos dos próprios artigos no campo “Palavras-chave:”. A subárea é resumida a uma única formação terminológica a partir da inferência lógica sobre a temática dada pelas palavras-chave.

De acordo com os dados extraídos da Revista Bibliomar no Portal de Periódicos da UFMA, dispostos no Quadro 2, tendo como amostra os 38 artigos publicados, totalizando a quantidade de autores, tem-se a soma de 73, sendo em sua maioria graduandos do curso de Biblioteconomia: Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Federal de Pernambuco.

A partir da edição 2016.1, consta-se que pela visibilidade, com a publicação on-line, houve maior divulgação e assim, autores de outras regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste,

Sudeste) e de outras instituições locais começaram a enviar seus artigos para a análise e consequentemente, via aprovação dos pareceristas, a publicação na Revista.

Quadro 2. Descrição para Análise Qualitativa.

Ordem	Edição	Qualificação da autoria	Palavras-chave	Subárea
01	2015.2	3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Bibliotecas escolares. Nativos digitais. Tecnologia. Informação. Alunos.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca escolar
02		3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca nas nuvens. Biblioteca Digital. Tecnologia.	Gestão da informação e suas tecnologias
03		1 Graduando em Direito (UFMA).	Violência contra a mulher. Feminicídio. Populismo penal.	Política, sociedade e relações afins
04		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA). Bolsista.	Leitura digital. Escola pública. São Luís.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca escolar
05		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca universitária. Bibliotecário gestor. Sistema de informação.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca universitária
06		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Marketing digital. Biblioteca Pública Benedito Leite. Digitalização.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca pública
07		3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Tecnologias de Informação e Comunicação. Biblioteconomia. Competência profissional.	Gestão da informação e suas tecnologias
08	2016.1	1 Doutorando do Programa de Educação Escolar (Unesp). 2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Cultura Material Escolar. Instrução Pública. Maranhão. Primeira República.	História da educação maranhense
09		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca Escolar. Leitura. Conhecimento.	Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca

				escolar
10		1 Graduando em Letras (Pitágoras).	Nordeste. Linguística. Cultura.	História da educação
11	2016.1	2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca universitária. Graduandos de Pedagogia. Pesquisa. Extensão.	Gestão da informação e cultura em biblioteca universitária
12		3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA). Bolsista.	Primeira República. Maranhão. Instrução Primária. Legislação.	História da educação maranhense
13		1 Graduando em Administração (UFT). 1 Pós-graduado em Educação de Direitos Humanos (UFT).	Conhecimento. Produção científica. Publicação. Discussão.	Gestão da informação e cultura
14		4 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca especializada. Perfil do bibliotecário. Gestão de bibliotecas. Rede Sarah.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca especializada
15		2 Graduado em Biblioteconomia (UFMA).	Bibliotecário. Inclusão. Bibliotecas Universitárias. Tecnologias Assistivas.	Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca universitária
16		1 Graduado em Biblioteconomia (UFMA).	Representação da Informação. Indexação. Comunicação científica. Periódicos online.	Gestão da informação e suas tecnologias
17		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA). 1 Graduado em Biblioteconomia (UFMA). 1 Graduado em Educação Artística(UFMA).	Fontes de informação. Fotografia. Imagem.	Fontes de informação
18		1 Mestre em Educação (UMESP).	Comunidade.Desenvolvimento Comunitário. Transformação Social. Desafios e Dilemas.	Política, sociedade e relações afins
19		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Biblioteca Escolar.Intervenção social. Bibliotecário. Lei 10.753/03. Lei 12.244/10.	Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca escolar
20		2 Graduando em Biblioteconomia	Biblioteca Universitária. Informação. Conhecimento.	Gestão da informação e

		(UFMA).	Fontes de Informação. Usuário.	suas tecnologias em biblioteca universitária
21	2016.2	1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Gestão. Qualidade. Biblioteca universitária.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca universitária
22		4 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Preservação Digital. Informação Digital. Documento Digital. Gestores da Preservação Digital. Biblioteconomia.	Gestão da informação e suas tecnologias
23	2017.1	1 Graduando em Direito (UFMA).	Voto. Obrigatoriedade. Reforma. Constituição. Informação social. Consciência política. Cenário político. Cidadania. Sistema eleitoral.	Política, sociedade e relações afins
24		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Ensino secundário. Indexação. Relatórios de Presidentes de Província do Maranhão. História da educação maranhense.	História da educação maranhense
25		3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Tecnologia Assistiva. Inclusão. Biblioteca Pública Benedito Leite. Biblioteca acessível.	Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca pública
26		1 Mestre em Educação (UMESP).	Colégio Santa Teresa. Educação comunitária. Formação de professores.	Educação comunitária
27		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Controle bibliográfico. Biblioteconomia. Informação e organização.	Gestão da informação e suas tecnologias
28		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA). Bolsista.	História da educação. Cultura material escolar. Província do Maranhão.	História da educação maranhense
29		2 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Serviço de referência e informação. Biblioteca Pública Benedito Leite. Acessibilidade. Estudo de usuários.	Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca pública
30		3 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Folksonomia. Linguagem documentária. Representação da informação. Organização da informação.	Gestão da informação e suas tecnologias
31		1 Graduado em Biblioteconomia e Documentação UFBA 1 Doutor em Ciência da	Marketing. Biblioteca pública. Gestão da informação. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.	Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca pública

		InformaçãoUFBA		
32	2017.2	2 Graduado em Serviço Social (IESF)	Família. Idoso. Demência.	Política, sociedade e relações afins
33		1 Doutorando em Ciência da Informação (UFRJ).	Povos indígenas. Questão indígena. Informação. Biblioteca Marechal Rondon. Museu do Índio.	Gestão da informação e cultura
34		1 Mestre em Letras (UFOPA).	Educação de jovens e adultos. Diversidade sexual. Produção textual.	Política, sociedade e relações afins
35	2018.1	1 Graduando em Biblioteconomia (UFRN). 1 Doutorado em Ciência da Informação (UFMG).	Estudos de usuários. Satisfação do usuário. Comportamento informacional. Espiritismo. Rio Grande do Norte.	Gestão da informação e acessibilidade
36		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	Gestão de Pessoas. Bibliotecário. Unidade de Informação. Gestão. Liderança	Gestão da informação e cultura
37		1 Graduando em Biblioteconomia (UFMA) e Graduado em Relações Públicas (UFMA).	Gestão de biblioteca. Formação de acervo. Tomada de decisão em biblioteca.	Gestão da informação e suas tecnologias
38		1 Graduando em Biblioteconomia (UFPE).	LIBRAS. Biblioteconomia. Comunicação. Inclusão. Acessibilidade.	Gestão da informação e acessibilidade

Fonte: Elaborado pelos autores com base no levantamento na Revista Bibliomar.

A análise temática quantitativa está disposta na categorização da relação entre o quantitativo de artigos selecionados (C5) e as subáreas definidas por inferência lógica (C4), ordenadas de acordo com o quantitativo identificado do maior para o menor.

Quadro 3. Análise quantitativa: Temática dos artigos.

Subárea	Quantitativo
Gestão da informação e suas tecnologias	7
Política, sociedade e relações afins	5
História da educação maranhense	4
Gestão da informação e cultura	3
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca universitária	3
Gestão da informação e acessibilidade	2
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca escolar	2
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca pública	2
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca escolar	2
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca pública	2

Educação comunitária	1
Fontes de informação	1
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca universitária	1
Gestão da informação e cultura em biblioteca universitária	1
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca especializada	1
História da educação	1

Fonte:Elaborado pelos autores, Revista Bibliomar. Pesquisa (2018).

Na ordenação das subáreas definidas alfabeticamente, observa-se uma quantidade expressiva de certas áreas em relação umas com as outras, cujo agrupamento pode ser observado a partir de ordenação alfabética, no quadro 4.

Quadro 4. Descrição da análise temática

Subárea	Quantitativo	Ocorrência	%
Educação comunitária	1	1/38	2,63
Fontes de informação	1	1/38	2,63
Gestão da informação e acessibilidade	2	7/38	18,42
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca escolar	2		
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca pública	2		
Gestão da informação e acessibilidade em biblioteca universitária	1		
Gestão da informação e cultura	3	4/38	10,52
Gestão da informação e cultura em biblioteca universitária	1		
Gestão da informação e suas tecnologias	7	15/38	39,47
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca escolar	2		
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca especializada	1		
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca pública	2		
Gestão da informação e suas tecnologias em biblioteca universitária	3		
História da educação	1	1/38	2,63
História da educação maranhense	4	4/38	10,52
Política, sociedade e relações afins	5	5/38	13,15
Total	38	38/38	100

Fonte: Elaborado pelos autores, Revista Bibliomar. Pesquisa (2018).

Somados, os artigos que tratam sobre “Gestão da informação” totalizam 26 dos 38 relacionados à Biblioteconomia; os que tratam especificamente sobre “Gestão da informação e acessibilidade” somam 7 de 38; já os que tratam de “Gestão da informação e suas tecnologias” totalizam 15 dos 38 artigos. Assim, observa-se a predominância da

grande área “Gestão da informação” nos artigos publicados na Revista Bibliomar no período de 2015 a 2018, equivalente a 68,42% (26/38), sendo que, no mesmo período, a subárea isolada “Gestão da informação e suas tecnologias” representa 39,47% (15/38), enquanto que “Gestão da informação e acessibilidade” representa a temática de 18,42% (7/38) dos artigos. Pode-se observar que “História da educação” também é uma temática expressiva nos artigos da Revista Bibliomar, e especificamente a “História da educação maranhense” que se apresenta na mesma quantidade de “Gestão da informação e cultura” em seu sentido mais amplo: cada uma equivale a 10,52% (4/38) da temática dos artigos da Revista Bibliomar no período focalizado. Artigos que revelam a temática “Política, sociedade e relações afins” contabilizam 5 dos 38 disponíveis na amostra, o equivalente a 13,15%.

A análise qualificativa vem a ser desenvolvida pela observação dos dados do resumo de qualificação dos autores apresentados em ordem alfabética para facilitar no processo de inferência sobre os mesmos.

Quadro 5. Análise qualificativa com base na qualificação.

Qualificação	Quantitativo	Ocorrência	%
Bolsista.	3	3/38	7,89
Doutor em Ciência da Informação (UFBA).	1	1/38	2,63
Doutorando do Programa de Educação Escolar (Unesp).	1	1/38	2,63
Doutorando em Ciência da Informação (UFRJ).	1	1/38	2,63
Graduado em Serviço Social (IESF).	1	1/38	2,63
Graduado em Biblioteconomia (UFMA).	2	2/38	5,26
Graduado em Biblioteconomia e Documentação (UFBA).	1	1/38	2,63
Graduado em Educação Artística (UFMA).	1	1/38	2,63
Graduado em Relações Públicas (UFMA).	1	1/38	2,63
Graduado em Turismo (UFMA).	1	1/38	2,63
Graduando em Administração (UFT).	1	1/38	2,63
Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	24	24/38	63,16

Graduando em Biblioteconomia (UFPE).	1	1/38	2,63
Graduando em Biblioteconomia (UFRN).	1	1/38	2,63
Graduando em Direito (UFMA).	2	2/38	5,26
Graduando em Letras (Pitágoras).	1	1/38	2,63
Mestre em Educação (UMESP).	2	2/38	5,26
Mestre em Letras (UFOPA).	1	1/38	2,63
Pós-graduado em Educação de Direitos Humanos (UFT).	1	1/38	2,63
Professor em Biblioteconomia (UFRN).	1	1/38	2,63

Fonte: Elaborado pelos autores com base no levantamento na Revista Bibliomar.

Os dados do resumo de qualificação dos autores organizados no Quadro 5 demonstram que a maioria dos autores está graduando em Biblioteconomia ou áreas afins no momento da submissão do artigo à Revista Bibliomar. Quanto a ordenação da qualificação por hierarquia, apresenta-se o quadro de análise adaptado da seguinte maneira:

Quadro 6. Análise qualificativa com base no quantitativo

Qualificação	Quantitativo	Ocorrência	%
Graduando em Administração (UFT).	1	1/38	2,63
Graduando em Biblioteconomia (UFMA).	24	24/38	63,16
Graduando em Biblioteconomia (UFPE).	1	1/38	2,63
Graduando em Biblioteconomia (UFRN).	1	1/38	2,63
Graduando em Direito (UFMA).	2	2/38	5,26
Graduando em Letras (Pitágoras).	1	1/38	2,63
Bolsista.	3	3/38	7,89
Graduado em Biblioteconomia (UFMA).	2	2/38	5,26
Graduado em Biblioteconomia e Documentação (UFBA).	1	1/38	2,63
Graduado em Educação Artística (UFMA).	1	1/38	2,63
Graduado em Relações Públicas (UFMA).	1	1/38	2,63
Graduado em Serviço Social (IESF).	1	1/38	2,63
Graduado em Turismo (UFMA).	1	1/38	2,63
Pós-graduado em Educação de Direitos Humanos	1	1/38	2,63

(UFT).			
Professor em Biblioteconomia (UFRN).	1	1/38	2,63
Mestre em Educação (UMESP).	2	2/38	5,26
Mestre em Letras (UFOPA).	1	1/38	2,63
Doutorando do Programa de Educação Escolar (Unesp).	1	1/38	2,63
Doutorando em Ciência da Informação (UFRJ).	1	1/38	2,63
Doutor em Ciência da Informação (UFBA).	1	1/38	2,63

Fonte: Elaborado pelos autores, Revista Bibliomar. Pesquisa (2018).

Considera-se que a qualificação “Bolsista” seja hierarquicamente superior a “Graduando” por inferência lógica, uma vez que “Bolsista” é a qualificação dada ao autor que esteja vinculado a algum programa de iniciação científica durante sua graduação. Por sua vez, considera-se que a qualificação “Professor” seja hierarquicamente superior a “Pós-graduando”, uma vez que a maioria das instituições de ensino superior só admitem professores com, no mínimo, uma formação proveniente da pós-graduação (especialização). A análise das ocorrências conforme o Quadro 6 nos permite inferir que a Revista Bibliomar mantém uma aceitação equilibrada quanto ao grau de formação dos autores que lhe submetem artigos, embora a maioria das produções ainda se concentrem no nível fundamental da formação superior, ou seja, dos graduandos. É perceptível também a predominância de autores com formação em Biblioteconomia na abordagem temática da área, bem como a interdisciplinaridade com outras áreas de formação, como Administração, Direito, Letras, Educação e Serviço Social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A datar o recorte temporal de 2015 a 2018, fez-se a análise dos artigos publicados na Revista Bibliomar da Universidade Federal do Maranhão, a fim de compreender as áreas de conhecimento que aparecem com mais frequência, bem como a qualificação dos autores nessas produções científicas.

Partindo desse pressuposto, a partir da análise dos artigos da Revista Bibliomar, podemos notar que, os artigos publicados, são em sua maioria de autores graduandos em Biblioteconomia, onde os mesmos abordam temáticas referentes à sua área de estudo (biblioteconomia), Tem-se também autores de áreas interdisciplinares e de pós-graduação, e de outras áreas como Educação, Serviço Social, Administração, Direito e Letras, que de

algumas forma utilizam conhecimentos da área Biblioteconomia. De acordo com a pesquisa, verificou-se que a partir da edição 2016.1, houve maior divulgação da Revista no meio acadêmico, não só local, mas em todo o Brasil por meio da locação da Revista no Portal de Periódicos da Universidade Federal do Maranhão, tendo artigos publicados da região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e de outras instituições locais.

A temática mais abordada na produção científica no âmbito da Ciência da Informação da Revista é Gestão da Informação e suas tecnologias, Gestão da Informação e Cultura e Gestão da Informação e Acessibilidade. A Revista por ser um laboratório da disciplina Política Editorial onde os alunos conhecem e exercitam a prática da atividade editorial, nota-se pelo quantitativo de publicações dos discentes da instituição uma grande participação e empenho, cumprindo-se assim o papel de aliar a práxis universitária de ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira da; PECEGUEIRO, Cláudia Maria Pinho de Abreu. Retratos dos artigos publicados na Revista Bibliomar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. Esp., p. 2465-2476, 2017.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Rev. para. med.**, Belém, v. 23, n. 3, jul./set. 2009. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf>. Acesso em 2 dez. 2018.

KOBASHI, Nair Yumiko; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862006000100003>. Acesso em: 3 dez. 2018.

REVISTA BIBLIOMAR. **Capa**. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar>. Acesso em: 3 dez. 2018.

REVISTA BIBLIOMAR. **Sobre este sistema de publicação**. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/about/aboutThisPublishingSystem>. Acesso em: 3 dez. 2018.

MOURÃO, Letícia. **Revista Bibliomar: pioneirismo no curso de Biblioteconomia**. 2014. Disponível em: <http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=42899>. Acesso em: 3 dez. 2018.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andréa de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Produção científica em Ciências Biológicas da UFRGS: tendências temáticas no período 2000-2011. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 3, p. 3-21, jul./set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Centro de Ciências Sociais. Departamento de Biblioteconomia. **Relatório da Estrutura Curricular 30 do Curso de Graduação em Biblioteconomia**. 2018. Disponível em: <https://sigaa.ufma.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/86077>. Acesso em: 3 dez. 2018.

USO DE TAXONOMIA PARA ORGANIZAÇÃO DOS ITENS DO ESTOQUE INTERNO DO SETOR DE SINALIZAÇÃO DA COMPANHIA BRASILEIRA DE TRENS URBANOS EM PERNAMBUCO.

USE OF TAXONOMY FOR THE ORGANIZATION OF THE ITEMS OF THE INTERNAL STOCK OF THE SIGNAL SECTOR OF THE BRAZILIAN COMPANY OF URBAN TRAINS IN PERNAMBUCO.

BATISTA, Getúlio Valdemir¹
SIMÕES, Mariângela da Silva²

Resumo: Considerando a necessidade de categorização dos itens de estoque do setor de sinalização da companhia brasileira de trens urbanos - Recife o uso de um sistema de organização do conhecimento possibilita a informação ser recuperada, estruturada e utilizável. A taxonomia é a opção mais adequada para ser empregada na formulação de um inventário do controle interno, pois atende à organização que busca e precisa tornar suas informações organizadas e garantir assertividade nas consultas. Para tanto, a metodologia apresenta uma abordagem qualitativa-quantitativa, caracterizada como exploratória e descritiva, quanto aos fins. Com relação ao meio foi utilizada a pesquisa de campo. Dessa forma os resultados evidenciam, através do uso da taxonomia de gerenciamento de dados, a importância e as facilidades permitidas por esse sistema de organização do conhecimento que influencia diretamente no modo de que acessa, manipula, utiliza e compartilha a informação.

Palavras-Chaves: Taxonomia. Controle de estoque. Gestão da informação.

Abstract: Considering the need to categorize the inventory items of the signaling sector of the Brazilian company of urban trains - Recife, the use of a system of knowledge organization allows the information to be recovered, structured and usable. Taxonomy is the most appropriate option to be used in the formulation of an inventory of internal

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: getulio.batista@ufpe.br.

²Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: mariangela.simo.es@ufpe.br.

controls, since it serves the organization that seeks and needs to organize its information and guarantee assertiveness in the consultations. For this, the methodology presents a qualitative-quantitative approach, characterized as exploratory and descriptive, regarding the objectives. In relation to the environment, field research was used. In this way, the results show, through the use of data management taxonomy, the importance and the facilities allowed by this system of knowledge organization that directly influences the way in which it accesses, manipulates, uses and shares the information.

Keywords: Taxonomy. Inventory control. Information management.

1INTRODUÇÃO

A discussão sobre as formas de controle, estruturação e acesso às informações produzidas ou recebidas no ambiente organizacional têm apontado para a necessidade de aplicação de Sistemas de organização do conhecimento (SOC), a seleção de informações relevantes e estratégicas para o contexto em que está inserida torna-se essencial dentro das organizações que ainda não compreenderam que a informação organizada, estruturada e utilizável possibilita vantagem competitiva para tomada de decisão. Pensando nisso, o presente artigo discorre sobre a aplicação da organização e representação da informação de modo prático em uma organização.

O ambiente escolhido é o sistema de transportes de passageiros sobre trilhos da Região Metropolitana do Recife (RMR), administrado pela Companhia Brasileira de Trens Urbanos- (CBTU), através da Superintendência de Trens Urbanos do Recife (STU/REC) – METROREC. Nos últimos anos esta organização tem acumulado inúmeros volumes informacionais que seus colaboradores produzem e disponibilizam em uma variedade de plataformas, bem como pelo surgimento de problemas relacionados à recuperação dessas informações e dificuldades ligadas à representação e a organização dentro da instituição.

A estruturação e representação da informação atende às organizações que buscam e precisam tornar suas informações organizadas e garantir assertividade nas consultas. Para o contexto informacional, a qual é objeto desse estudo, as taxonomias mostram-se úteis pois exercem a função tanto de organizar quanto de representar o ambiente informacional por meio da hierarquização e padronização de termos e conceitos (AGANETTE, 2017).

A CBTU possui importantes volumes de informação e precisa ainda disponibilizá-las de uma forma consistente e eficiente para seus parceiros e empregados. Bem como

compreender o valor da gestão e concepção de uma taxonomia corporativa. Dessa forma, o uso difundido dos referidos sistemas de organização do conhecimento em que a informação é insumo definidor em tomadas de decisões, mostra-se importante e necessário.

A motivação para desenvolver esse sistema de organização do conhecimento (SOC) partiu de uma necessidade de investir um valor considerável em materiais para atender às atividades de manutenção, ficaram as seguintes perguntas:

- A. Quais os materiais em falta?
- B. Quais as prioridades?
- C. Qual o quantitativo?
- D. Quais as urgências?

Essas perguntas ficaram sem resposta pois, não havia precisão em nenhuma delas, com a ausência de uma padronização de itens no setor, identificou-se as necessidades de informação. Partindo desse pressuposto, constata-se que o controle de estoque é essencial, por permitir agilizar as atividades de manutenção, evitando cancelamentos desnecessários. Se as informações para compra de materiais não forem adequadamente estruturadas, então a questão do serviço informacional de controle de estoque é a principal deficiência do setor. Sendo assim, **o objetivo geral é propor uma taxonomia para gerenciamento dos itens do estoque do setor de sinalização/COELO (Coordenação de Eletrônicos) - CBTU/PE.**

2 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois “[...] busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando o campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação do objeto” (SEVERINO, 2007, p. 123), e no seu desenvolvimento foi utilizada também a pesquisa de campo que propiciou observar as necessidades de organização e representação da informação do setor de sinalização da CBTU/RECIFE bem como inferir nas mudanças que poderão ser incorporadas neste setor.

A abordagem é qualitativa-quantitativa - o que implica afirmar que há a preocupação com a compreensão e com a interpretação do fenômeno (GONSALVES, 2003) - significa que os dados foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico, consulta a base de dados do sistema ERP TOTVS/PROTHEUS, acesso aos arquivos digitais de cadastro de itens do almoxarifado da empresa, além de consulta a materiais da área de sinalização da CBTU/RECIFE. A descrição dos dados se realizou a partir das

informações coletadas na pesquisa de campo e conforme Lopes (2005) a análise descritiva é feita em dois passos:

1. Procedimentos técnicos de identificação, organização e classificação dos dados coletados. De modo que, será realizada a manipulação dos dados, procurando encontrar tendências na documentação obtida, assim como categorizar os dados para encontrar campos de sentido; identificando e selecionando fatos de significação para o tratamento da informação; Para então obter um conhecimento prévio das possibilidades da documentação em relação aos objetivos teóricos e práticos da investigação.

2. Procedimentos analíticos para construção da taxonomia, obtido operacionalmente pelos métodos técnicos descritivos, que para a pesquisa utilizou-se principalmente pelo acompanhamento das reuniões de corpo técnico. Todos os dados serão submetidos a análise interpretativa, sendo que as conclusões serão expostas apresentando as análises mais importantes, além de expor as limitações e as recomendações. Foram aplicadas entrevistas informais junto aos profissionais responsáveis pelo setor. O local definido para a pesquisa é o setor de Sinalização no Centro de manutenção de Cavaleiro (CMC) em Jaboatão dos Guararapes - PE Brasil.

A priori se destacou a categorização dos itens constantes no estoque baseado na modelagem do processo atual da movimentação desses itens para atender as manutenções programadas, sendo essa modelagem conhecida como TO-BE e na modelagem do processo adaptado - chamada de AS-IS (desenvolvidas no programa BIZAGI).³ Por a quantidade de itens ser muito numerosa (em torno de 1000 produtos), foi selecionado uma amostra de 5 itens para cada categoria definida, objetivando-se uma melhor visualização do modelo (figura 6). Foram analisadas as entrevistas informais, as reuniões de corpo técnico e o material coletado a fim de que o produto final, que é a taxonomia, atenda às necessidades da organização para que sejam fontes de informação organizadas e representadas para os colaboradores da CBTU/RECIFE.

3 DESENVOLVIMENTO

Sequencialmente, precisa-se contextualizar a unidade informacional, para melhor entendimento da pesquisa, depois serão abordadas as definições que permeiam a organização da informação (OI) e do sistema de organização do conhecimento (SOC) para

³Bizagi Modeler é um software gratuito de notação e modelagem de processos de negócio (BPMN), com ferramentas totalmente baseadas em notação BPMN capazes de oferecer simplicidade na hora de modelar processos (<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/bizagi-modeler.html>)

então discutir a questão principal que é a taxonomia por considera-se a escolha mais adequada ao problema proposto bem como sua aplicação na unidade informacional escolhida.

3.1 Unidade informacional

Na CBTU-Recife, as manutenções preventivas, corretivas e preditivas são realizadas no (CMC), são divididas em várias coordenações, estas coordenações subdividem-se em vários setores e os setores em várias equipes. A (COELO) têm em seu escopo os setores de sinalização, telecomunicações, bilhetagem, laboratório entre outros.

A pesquisa de campo foi direcionada para o setor de sinalização da COELO, porque é o setor de trabalho de um dos autores, portanto, evidencia-se um envolvimento direto na situação exposta e explica-se o fato da escolha ser direcionada e não aleatória.

O serviço informacional escolhido foi o controle de estoque interno do setor, porque apresenta diversas falhas informacionais no seu processo (Detalhes no item 4) não existe controle, ou seja, o processo acontece de modo informal. Observa-se que a quantidade de itens no setor de sinalização para realizações das manutenções é bem expressiva além de ser de difícil controle pois, como o acesso a eles é livre, também não há responsável por cadastrar entrada e saída tão pouco algum sistema que os integre.

Notou-se que em alguns momentos as manutenções preventivas foram canceladas por falta de itens no estoque, assim como houve a necessidade de comprar produtos com urgência para continuidade das atividades. Dada a importância do estoque para qualquer empresa pública e/ou privada, constatou-se que o setor de sinalização não despertou para essa realidade, visto que falta um profissional da informação que assuma essa responsabilidade e resolva as pendências informacionais lógicas e físicas como a implantação de um serviço de controle de estoque.

A organização da informação demanda soluções para contextos organizacionais que ainda não entenderam o recurso poderoso que é a informação e seu diferencial de competitividade em qualquer organização. Ela pode ser comparada em termos de importância, a qualquer outro recurso da organização, seja material, de produção ou financeiro; nesse sentido as empresas precisam estabelecer estratégias para se manterem competitivas em um mercado globalizado, observa-se que no processo de busca e uso da informação dentro das empresas a organização da informação (OI) e o sistema de

organização do conhecimento (SOC) passam a ter um papel fundamental para tornar a recuperação da informação mais eficiente e efetiva.

Segundo, Brascher e Café (2008, p. 5), a organização da informação é definida como “um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais”, aplica-se na representação da informação (produto do processo descritivo) e facilita a representação por meio de linguagens elaboradas especificamente para os objetivos da OI e subdividindo-as em linguagens descritivas da informação e linguagens descritivas do documento (suporte físico).

Já a organização do conhecimento é definida por Dahlberg apud Carlan (2010, p. 25) como:

É a ciência que ordena a estruturação e sistematização dos conceitos, de acordo com suas características, que podem ser definidas como elementos de herança do objeto, e a aplicação dos conceitos e classes dos conceitos ordenados pela indicação de valores, dos referentes conteúdos dos objetos ou assuntos.

E facilita a interpretação estruturada e organizada do objeto, aplica-se nos sistemas de organização do conhecimento (SOC) e as SOCs “[...] são mecanismos para organizar a informação e constituem o “coração” dos Sistemas de Recuperação da Informação (SRI) das bibliotecas, museus e arquivos, no ambiente físico, e, principalmente, no ambiente web” (HODGE apud CARLAN, 2010, p. 29) ou “[...] são ferramentas semânticas” (HJORLAND, 2007 apud CARLAN, op. cit); utiliza-se para o tratamento da informação viabilizando a recuperação da informação tanto no ambiente informatizado como no tradicional (p. 29) e integra os tipos mais conhecidos como classificações, tesouros, taxonomias e ontologias.

Portanto, organizar as informações de forma adequada para atender às carências observadas torna-se uma tarefa importante na continuidade dos processos futuros. A taxonomia serve como um guia ao processo de pesquisa, recuperação da informação, posteriormente revelando áreas de interesse ao usuário. A busca por categorias, meio utilizado de acesso à taxonomia, possibilita o pensamento associativo e pode guiar o usuário através de processos de descoberta de informação.

3.2 Taxonomia

Osistema metroviário necessita manter a operabilidade e a segurança no transporte de passageiros na região metropolitana do Recife assim, precisa que suas equipes de manutenção estejam operantes, bem equipadas, principalmente munidas de material,

equipamentos, ferramentas e instrumentos para efetuar um bom serviço. Para que isso aconteça são requeridos métodos a fim de que a informação seja organizada, acessada e compartilhada de forma a gerar novos conhecimentos. Mas para que isso aconteça de fato, faz-se necessário um estudo das necessidades da organização, levantamento de instrumentos que viabilizem o tratamento das informações movimentadas interna/externamente que são fundamentais ao desenvolvimento das atividades pelos seus colaboradores. Logo, **as taxonomias têm demonstrado ser mais eficiente na adoção de um enfoque colaborativo.**

A facilidade permitida pela taxonomia que é um tipo de vocabulário controlado, influencia diretamente no modo de acessar, manipular, utilizar e compartilhar a informação. As pessoas buscam por informação de modos diferentes. O objetivo de classificar de forma hierárquica as informações e os conteúdos, para que os mesmos possam ser recuperados e acessados por mecanismos de recuperação informacional, foi à característica mais representativa (AGANETTE; TEIXEIRA, 2017). Pode-se destacar em Aganette et al a seguinte afirmação,

Apesar dos métodos de construção de taxonomias existentes apresentarem pontos importantes da construção de taxonomias como os relacionamentos hierárquicos e de equivalência, as relações semânticas inerentes à taxonomia, os aspectos de representação do conhecimento, representação da informação e organização da informação, as práticas de construção de taxonomias encontradas não indicam o procedimento para realizá-los; as práticas são apenas citadas, não evidenciando o “como fazer”, ou seja, o procedimento específico de cada etapa da taxonomia. Os procedimentos para o desenvolvimento de todas as etapas da taxonomia, inexistem. (AGANETTE et al., 2010, p.95).

Observou-se na prática a pertinência desta afirmação, pois a construção da taxonomia foi desenvolvida conforme a vivência dos usuários foram sendo expostas nas entrevistas.

Já Aganette e Teixeira (2017, p.9) define que “a taxonomia é uma classificação sistemática de um espaço conceitual” e indica sua aplicação baseada em Woods (2004) tanto nas taxonomias clássicas como nas taxonomias corporativas, diferindo uma da outra.

Conforme Carlan (2010, p. 48) “Na descrição de Conway e Sligar (2002)” a taxonomia subdivide-se em três tipos:

- Taxonomia descritiva: construída nos modelos de tesouros e vocabulários controlados. Aqui, observa-se dois dos objetivos apontados por Svenonious (2000): encontrar e selecionar documentos. Svenonious indica, ainda que a

construção de tesouros envolve considerável dificuldade. Como por exemplo, o controle de homonímia e polissemia;

- taxonomia navegacional: inerente neste conceito é a ideia da relação gênero/espécie entre vários documentos. Essa relação deve ser exaustiva e mutuamente exclusiva;
- taxonomia para gerenciamento de dados: que contém um pequeno conjunto de termos controlados rigidamente e tem particular significância enumerativa.

Destacamos a taxonomia de gerenciamento de dados por ser a que mais se encaixa na aplicação do produto informacional que no caso é o inventário de estoque. Por meio dela é possível gerar um padrão para cadastro de forma categorizada dos itens, permitindo um desenvolvimento futuro do controle interno do estoque desse setor em suas etapas complementares que irão atender solicitações dos funcionários, da supervisão, da engenharia e principalmente da coordenação da unidade informacional.

4 RESULTADOS

Para a análise deste trabalho escolheu-se o modelo de Davenport (1998) para aplicar no serviço de controle de estoque interno do setor de sinalização, em que para organizar a informação do produto final (inventário) pretende-se um modelo de taxonomia corporativa utilizando a taxonomia de gerenciamento de dados. O fluxo da investigação contempla os quatro passos, conforme abaixo:

Figura 1. Modelo de davenport (1998)

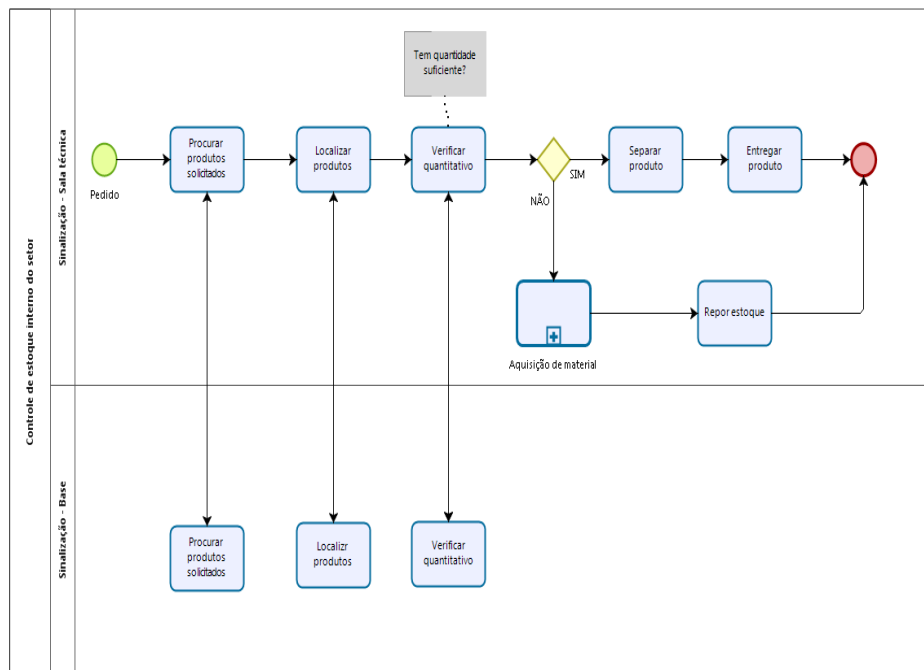


Fonte: Autores (2018).

1º Passo: Determinação das exigências da informação, ou seja, ‘o que deve funcionar bem’ para que o negócio tenha bom desempenho” (DAVENPORT, 1998, p. 176); existe uma subjetividade nessa atividade, porque depende da maneira como as pessoas envolvidas entendem às suas necessidades informacionais. Portanto, necessitou-se de uma reunião com aplicação de entrevista do corpo técnico do setor com a presença do

supervisor, do engenheiro, da técnica e de dois auxiliares de manutenção para mapear as reais exigências, como identificá-las e a motivação para fazê-las. Nesse momento, foi necessário a modelagem do processo como ele estava acontecendo e as falhas apresentadas, também foi providenciado o registro fotográfico de como estava o armazenamento e por onde começar, de acordo com a figura 2.

Figura 2. Modelagem to-be



Powered by
bizagi
Modeler

Fonte: Autores (2018).

Apontou-se para a forma de consulta do processo TO-BE que concentrava-se no sistema ERP da empresa e na forma de recuperação delas. Verificou-se que as informações do setor estavam dispersas em um quantitativo geral de aproximadamente 14 mil itens cadastrados em ordem alfabética.

Figura 3. Consulta de produtos no totvs/protheus

Codigo	Tipo	Unidade	Cod Antigo	Desc. Mater	Prez. PNCCI	Q. Onze	Custo Stand	Materia Pl.	Pl de Paixa	Grupo Descsm
006076	MC	UN	9142370587	TRAVA E VEDADOR AMARROCO VERMELHO 250G	0000 00 00	2101	355,52			
006079	MC	KG	9142370635	SILICAGEL, COR AZUL, GRAMA T.A. 4888	0000 00 00	2101	44,70			
006081	MC	UN	9142370694	TRAVA DE ALTA RESISTENCIA LOCITE	0000 00 00	2101	86,40			
006082	MC	UN	9142370708	TRAVA DE ALTA RESIST. LOCITE	0000 00 00	2101	86,00			
006083	MC	UN	9142370926	GAS FROEN TROXAZOL EMBALAGEM COM 15,8 KG	2903 28 11	2102	27,97			
006084	MC	UN	9142370963	VEDACAO AUTO-ADESIVA ROLLO DML 198M	0000 00 00	2101	0,91			
006084	MC	KG	9142370963	GAS SIFONIA ALUMINADO DE ENGRIFE	0000 00 00	2102	172,20			
006085	MC	KG	9142370966	GAS NITROGENIO	2804 30 00	2102	7,50			
011373	MC	KG	9142371003	GAL FROEN 01418, EMBALAGEM EM RECIPIENTE C/ROG	2903 28 11	2102	19,47			
006086	MC	KG	9142371029	COMPOSTO P/POO COARACT. ESCABON	0000 00 00	2101	0,91			
006087	MC	L	9142371127	CHEMIFROEN CONCENTRADO P/ LIMPEZA MAQ	0000 00 00	2101	0,91			
006088	MC	L	9142371128	ANTI-CORROSIVO REPLENTE A UREIA	0000 00 00	2101	0,91			
006089	MC	KG	9142371283	ADITIVO P/ TRATAMENTO D'AGUA RADIAADOR LOCOMOTIVA DESEL C/50KG	0000 00 00	2101	24,10			
006090	MC	KG	9142371305	LAURILSULFATO DE SODIO 20 P/00	0000 00 00	2101	37,82			
006091	MC	KG	9142371366	FOSFATO SODIO TRISODICO, EMB C/50KG	0000 00 00	2101	0,91			
011374	MC	KG	9142371384	GAS ARGONIO INDUSTRIAL/COMERCIAL - REF. P/403	0000 00 00	2101	0,90			
006092	MC	L	9142371399	SILICAGEL 99.9999999999 DENSIDADE 1,58	0000 00 00	2101	13,17			
006093	MC	L	9142371420	ALCOOL POLIVINILICO	0000 00 00	2101	4,30			
006094	MC	KG	9142371453	ALUMINA ATIVADA F.200 310 (ELEMENTO SECADOR DE AR) TAMBOOR C/1600G	0000 00 00	2104	17,59			
011395	MC	UN	9142371461	SILICONE ACTIVO EMBALAGEM EM BOMBONA COM 300 GRAMAS	0000 00 00	2101	24,00			
006095	MC	L	9142371476	RESISTENCIA TIPO TERMOCOR EMB. 1 LITRO	3808 81 99	2105	87,13			
006096	MC	L	9142371488	RESISTENCIA TIPO GRAMA 2 E EMB. 1L	3808 81 99	2105	83,43			
011365	MC	UN	9142371510	ADESIVO EM SILICONE P/ JUNTAS DE EQUIPAMENTOS MECANICOS RESISTENTE A OLEO/AGUA	0000 00 00	2101	16,00			
006097	MC	UN	9142371520	VEDADOR AMARROCO COM TEFLON, PARA VEDACAO DE ROSCAS EM TUBULACOES	0000 00 00	2101	89,00			
011407	MC	UN	9142371534	DESDEENHANTE DE ALTA PERFORMANCE SOLUVENTE PARA LIMPEZA EM ABRASIVO COM 300ML	2710 10 32	2101	37,00			
014147	MC	UN	9142371631	RASTA G. A BASE DE BISULFETO DE SOLEBENO E OLEO MINERAL	3403 00 00	2001	1.650,00			
006098	MC	KG	9142371660	BALANHA SILICAGEL EM SACO DE 20KG	0000 00 00	2101	1,85			
014614	MC	UN	9142371712	ADESIVO BASE POLIMERIO EM EMB. P/ 400 (150ML)	0000 00 00	2101	0,90			
011496	MC	L	9142371720	DESDEENHANTE VEGETAL BIODEGRADAVEL PARA LIMPEZA DE EQUIPAMENTOS ELETRICOS	2710 10 19	2101	42,00			
011494	MC	L	9142371728	SOLVENTE DESDEENHANTE ATIVO/BIODEGRADAVEL, 1/2 LITRO/300ML	2710 10 19	2101	53,00			
006099	MC	UN	9142371747	RASTILHA ANTIBACTERICIDA P/PAI-GOL	1900		95,25			
011609	MC	L	9142371750	SOLVENTE DESDEENHANTE SOLUVENTIAQ LIQUIDO EMB. 50L	0000 00 00	2101	54,00			
011536	MC	L	9142371836	RESERVATORIO PARA CAPINA QUIMICA NAU AGRICOLA, SISTEMA	3808 81 99	2101	160,99			
011884	MC	L	9142371844	ACIDO DESACRUZANTE TRILEX PARA LIMPEZA DE EQUIPAMENTOS, EMB. 2 OU 5 LITROS	0000 00 00	2101	32,00			
014005	MC	UN	9142371887	ADESIVO SILICATE ELASTOMERICO MONOFENOLICO, BOMBONA 310ML	0000 00 00	2101	0,90			
011270	MC	L	9142371895	ADITIVO DO SISTEMA DE ARREFECIMENTO DO GERADOR CUMMINS P/VALT	0200 00 00	4001	20,00			
006100	MC	UN	9142371909	OLA SKAFLEX TUBO 10 1/2	3214 10 10	2101	43,50			
006101	MC	KG	9142371917	GAS REFRIGERANTE R118 (ECOLOGICO), CLINDRO DE 13,6 KG	2903 27 00	2102	20,15			

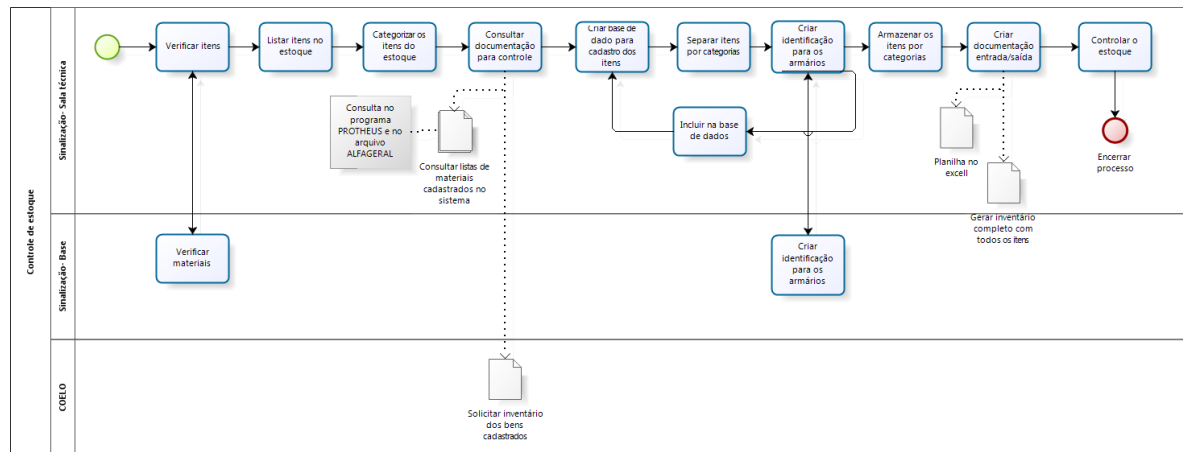
Fonte: Protheus/totvs (2018)

A partir desse primeiro contato com o processo, identificou-se a inexistência de um controle de estoque interno do setor. Decidiu-se pela modelagem idealizada na 1ª etapa, o inventário de estoque com a implantação da taxonomia na 2ª etapa.

2º Passo: Obtenção de informações, isto é, para Davenport (1998, p. 181) essa atividade deve ser cíclica e ininterrupta e ainda afirma [...] o processo mais eficaz é aquele que incorpora um sistema de aquisição contínua e pode se subdividir em atividades de exploração de informações (fator essencial e depende de uma combinação de abordagens humana e automatizada); classificação da informação (criação de categorias para estruturar a informação - é essencialmente humana) e formatação e estruturação das informações (documentação das informações - você obtém o que vê) (p. 185;187). Aqui as informações foram pensadas para resgatar os registros e documentos sobre os estoques (entradas, saídas e movimentação; armazenamento, formulários para modelo), as formas de classificação dos itens (materiais, equipamentos, instrumentos e ferramentas) que categorias e subcategorias seriam encaixadas, onde seriam armazenados e como (sistema de endereçamento físico e lógico), quem ficaria responsável pelo controle? Seria necessário uma base de dados com todos os itens? Quais as fontes de informações especializadas para ajudar no processo de criação do inventário?

É neste passo, a concentração na montagem da taxonomia de gerenciamento de dados dos itens do estoque, conforme definição do quantitativo da amostra.

Figura 4. Modelagem as-is



Powered by
bizagi
Modeler

Fonte: Autores (2018).

3º Passo: Distribuição, em outras palavras, Davenport (1998, p. 189) considera a formatação da informação ou ainda a maneira como será apresentada e depende do funcionamento correto dos outros passos para ser efetiva. Já Varvakis et al. (2010, p. 89) se refere como a busca e recuperação da informação para os outros atores do processo. Nesse caso, decidiu-se que seria interessante para o processo de controle de estoque a apresentação de um modelo de inventário do estoque interno com a aplicação da taxonomia, assim como sua disponibilização em uma planilha em excel na pasta pública do setor para consultas de quantitativo, conforme figura 5 abaixo. Com relação às colunas da planilhas, decidiu-se optar por dados já existentes no ERP/PROTHEUS/TOTVS como código novo, descrição e unidade (materiais, ferramentas e equipamentos). Do inventário dos Bens tombados, aproveitou-se o patrimônio e a descrição para os instrumentos. Para o modelo adotado foram criados códigos novos e patrimônios baseados nos existentes de modo a deixar todos padronizados e completos (mas representam apenas um teste de funcionalidade, podendo ser modificados se não forem aprovados pelos colaboradores).

Figura 5. Planilha dos itens do estoque categorizados (modelo)

PLANILHA DE CADASTRO DOS ITENS DO ESTOQUE (AMOSTRA)

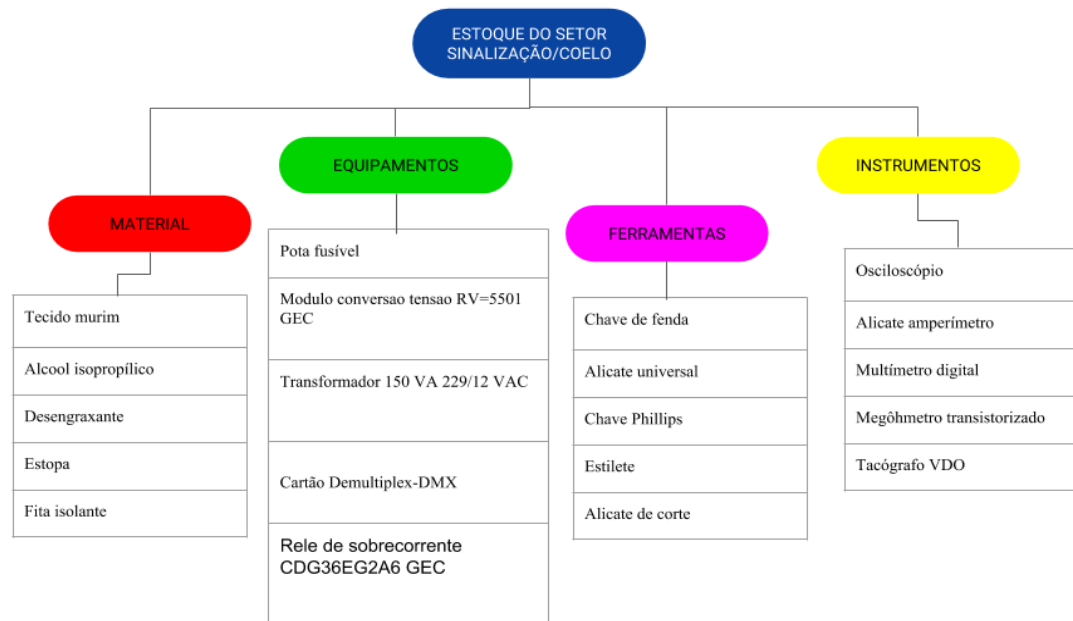
ITEM	COD NOVO	PATRIMONIO	DESCRIÇÃO	CATEGORIA	UNIDADE	QUANT.
01	011513	10489082	ESTILETE TAM. G COM LAMINA LARGA TIPO FACA OLFA	FERRAMENTA	UN	3
02	014237	10553430	CHAVE ALLEN JG 7 CHAVES 1,5 A 6 MM	FERRAMENTA	UN	1
03	016794	10005458	CHAVE CATRACA - 1/4 A 5/16" (GT 122)	FERRAMENTA	UN	3
04	014316	10560775	CHAVE FENDA SIMPLES COM ISOL. 6x200MM	FERRAMENTA	UN	2
05	014230	10018708	CHAVE BOCA FIXA, ABERT. 27x32, COMP. 302,00 MM	FERRAMENTA	UN	3
06	011655	10410737	ALCOOL ETILICO 92,8°C INPM, 500 ML	MATERIAL	L	10
07	011495	10700178	ALCOOL ISOPROPILICO, PUREZA 99,95% ACIDEZ 7	MATERIAL	L	30
08	013879	10784183	ALICATE AMPERIMETRO DIGITAL PORTATIL - REF. ET-380 MINIPA	INSTRUMENTO	UN	1
09	016636	10805157	ALICATE DE VICO CHATO CURTO 5.1/2" (140MM)	FERRAMENTA	UN	3
10	016647	10301778	ALICATE DE CORTE FRONTAL 6" (162MM) FORJADO EM AÇO CROMADO	FERRAMENTA	UN	3
11	014483	10362903	ALICATE UNIVERSAL COM ISOLAÇÃO, COMP. 8"	FERRAMENTA	UN	3
12	000123	10579277	GRAXA INDUSTRIAL GRAU NLGI 2	MATERIAL	KG	10
13	011496	10746052	DESENGRAXANTE BIODEGRADAVEL P/ LIMPEZA DE EQUIPAMENTO	MATERIAL	L	20
14	005359	10198570	TECIDO MURIM ORDINARIO LARG. 0,80M	MATERIAL	M	200
15	004916	10333230	ESTOPA 1ª QUALIDADE MALHA 1005 ALGODAO POLIMENTO	MATERIAL	KG	10
16	006080	10294241	LIMPA CONTATO ELETRONICOS EMB. 300ML	MATERIAL	UN	24
17	000155	10637786	OLEO PENETRANTE E ANTICORROSIVO TIPO WHITE LUB EMB. AEROSOL	MATERIAL	L	7,2
18	004914	10501318	PASTA CRISTAL P/ LIMPEZA EMB. 500 GR	MATERIAL	KG	6
19	011686	10431393	FITA ISOLANTE ANTI-CHAMA, PRETA, 19MMX20M	MATERIAL	UN	5
20	011703	10386402	FITA ISOLANTE AUTO-FUSÃO BORRACHA ETILENO 19MMX10M	MATERIAL	UN	10
21	011353	10069689	LUVA PROCEDIMENTO NÃO-ESTERIL, LISA 50 PARES	MATERIAL	CX	2
22	19546	10401231	FURADEIRA DE IMPACTO GSB 20-21184	EQUIPAMENTO	UN	1
23	80737	10400586	ESMERIL ELÉTRICO BOSH	EQUIPAMENTO	UN	1
24	21153	10403219	TORQUIMETRO VARETA CX/SIS-13	EQUIPAMENTO	UN	1
25	50985	10403344	ESMERIL BANCADA CX/SIS-13	EQUIPAMENTO	UN	1
26	65746	10405266	TRANSCCEPTOR PORTÁTIL MOTOROLA VHF-FM MODEP 450	EQUIPAMENTO	UN	1
27	54844	10814788	TRANSFORMADOR MONOFÁSICO BLINDADO 220V/10V 5KVA	EQUIPAMENTO	UN	1
28	010514	10658820	FILTRO REED TX SINALIZAÇÃO RR4260 GEC	EQUIPAMENTO	UN	3
29	007706	10579398	FILTRO REED RX SINALIZAÇÃO RR7220 GEC	EQUIPAMENTO	UN	5
30	010652	10796883	AMPLIFICADOR DE ALIMENTAÇÃO RT7131 (AMPLIFIER RECEIVER)	EQUIPAMENTO	UN	3
31	011113	10114283	CARTÃO ELETRONICO RXR	EQUIPAMENTO	UN	3
32	96998	10801376	TACOGRAFO VDO - 7 DIAS	INSTRUMENTO	UN	1
33	87070	10801590	OSCILOSCOPIO TEKTRONIC	INSTRUMENTO	UN	1
34	40298	10807175	MEGOMETRO TRANSISTORIZADO	INSTRUMENTO	UN	1
35	42725	10810482	MULTIMETRO DIGITAL COM DISPLAY LCD ET 2400	INSTRUMENTO	UN	1
36	50134	10814562	OSCILOSCOPIO PORTATIL COM INTERFACE USB	INSTRUMENTO	UN	1
37	89779	10404537	SHUNT BOX	INSTRUMENTO	UN	1
38	45292	10804615	MEDIDOR CORRENTE DE TRILHO N5023937	INSTRUMENTO	UN	1
39	48760	10809443	XV 1023 TESTE DE FUGA EM CABO	INSTRUMENTO	UN	1
40	64060	10809444	XV 1073 ATC RAIL SHUNT	INSTRUMENTO	UN	1
41	40318	10812917	POWER SUPPLY	INSTRUMENTO	UN	1
42	65684	10208732	LOOP TRANSF. TEST UNIT GEC	INSTRUMENTO	UN	1

Fonte: Autores (2018).

4º Passo: Uso da informação, assim como o 1º passo é subjetivo e depende dos meandros da mente humana e sua percepção - assimilação da informação em conhecimento e conhecimento em informação. Verifica-se que nessa situação, é importante treinar os funcionários (clientes) a respeito das mudanças no processo do estoque, divulgando bastante os novos caminhos, modelos e documentações implantadas, de acordo com as etapas definidas no 2º passo. Enfatizando a importância de manter o funcionamento do processo de controle do estoque e da melhoria de toda a cadeia produtiva por meio do inventário de estoque como produto final do planejamento e inicial da implementação do processo (INVENTARIUM, s.d., p.2), mas, destacando a fundamentalidade e protagonismo da taxonomia como peça principal desse quebra-cabeça informacional a que as incorporações estão inseridas.

Como resultado da análise, segue o modelo de taxonomia com a amostra definida na metodologia.

Figura 6. Modelo da taxonomia definida



Fonte: Autores (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se nesta pesquisa que ao identificar o desenvolvimento de taxonomias para o negócio da empresa, ela tornara-se-á um dos pilares da gestão da informação e do conhecimento. Servirá ainda para otimizar a recuperação de informações e gerar respostas imediatas sobre a situação real do estoque e possíveis aquisições futuras além de facilitar a criação da base de dados de controle do estoque, bem como fornecer informações precisas e para uma melhor condição de tomada de decisão a supervisão como para organização dos serviços programados.

A Taxonomia agrupa um conjunto de informações que tem como objetivo conferir maior assimilação da informação em conhecimento e conhecimento em informação com a participação dos colaboradores da CBTUe permeabilidade aos outros setores da instituição. Em outras palavras, visando maior responsividade do profissional “Gestor da informação” às demandas de seus colaboradores, a gestão mais efetiva dos recursos disponíveis no setor de sinalização, bem como a ampliação e a melhoria dos serviços públicos prestados.

Vale ressaltar que toda taxonomia é fruto de um processo representacional e classificatório e como todo processo desta natureza é um produto de uma construção que representa o estado e visão do conhecimento de seus elaboradores. A proposta do estudo teve por objetivo traçar um caminho teórico e metodológico buscando auxiliar na elaboração de

taxonomias consistentes. Os critérios aqui apresentados se fundamentam em estudos teóricos desenvolvidos pelos autores.

Para isso foi elaborada uma amostra do inventário final com os produtos constante no setor de sinalização padronizando os itens do estoque com um modelo próprio de taxonomia corporativa como a ‘taxonomia de gerenciamento de dados’, a partir disso ter-se-á subsídios que juntos as competências informacionais e os recursos disponíveis na empresa poder-se-á entregar o serviço informacional abordado no texto, além de que a montagem do inventário com a devida categorização (materiais, equipamentos, ferramentas e instrumentos) permitirá criar tabelas em cada categoria na base de dados e a base de dados auxiliará na implementação do programa (software) do controle de estoque interno propriamente dito, ambos em estudos/desenvolvimento. A pesquisa junto ao setor enriqueceu significativamente o trabalho e aumentou sua contribuição para o delineamento de estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

AGANETTE, E. C.; ALVARENGA, L.; SOUZA, R. R. Taxonomias corporativas: um estudo sobre definições e etapas de construção fundamentado na literatura publicada. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/916>> Acesso em: 07 nov. 2018.

AGANETTE, E. C.; TEIXEIRA, L. M. D. Taxonomias corporativas: uma proposta de procedimento operacional para construção baseada na teoria e na prática. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 18., 2017, São Paulo. n. XVIII ENANCIB, [2017]. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiiencib/ENANCIB/paper/viewFile/107/837>. Acesso em: 07 nov. 2018.

ALVES, C. A.; DUARTE, E. N. Cultura e informação: uma interface complexa e definidora na vida das organizações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 2-20, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/275>> Acesso em 09 abr. 2018.

BARBOSA, D. **Manual de pesquisa**: Metodologia de estudos e elaboração de monografia. São Paulo: Expressão & Arte, 2012.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 9, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo: ECA/USP. Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Informação, 2008. ENANCIB. 1835 pdf. Set./out. 2008. Disponível em:
<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3016>> Acesso em: 05 abr. 2017.

CARLAN, E. **Sistemas de Organização do Conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação (Dissertação). Brasília: UnB / Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2010. 195p. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7465/1/2010_ElianaCarlan.pdf> Acesso em: 05 mai. 2017.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na Era da Informação. São Paulo: Futura, 1998. Disponível em:
<<https://ppgic.files.wordpress.com/2018/07/davenport-t-h-2002.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2019.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ci Inf.** Brasília, v. 39, n. 1, p. 21-32, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1a02>> Acesso em 10 abr. 2018.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Editora Alínea, 2003.

INVENTARIUM. **Inventário de estoque**: tudo que você precisa saber sobre inventário de estoque. E-book (30 p.). Disponível em: <<https://Infovarejo.com.br/downloads/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**: Formulação de um modelo metodológico. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ci Inf.** Brasília, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio./ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19652007000200012&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 10 abr. 2019.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci Inf.** Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>> Acesso em 10 abr. 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VITAL, L. P.; FLORIANI, V. M.; VARVAKIS, G. Gerenciamento do fluxo de informação como suporte ao processo de tomada de decisão. **Inf. Inf.** Londrina, v. 15, n. 1, p. 85-103, jan./jun. 2010. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5335>> Acesso em 10 abr. 2018.

**APRESENTAÇÃO E COMPARAÇÃO ENTRE AS NORMAS AACR2, ISAD(G),
NOBRADE E RESOURCE DESCRIPTION AND ACCESS (RDA)**

***PRESENTATION AND COMPARISON BETWEEN THE NORMS AACR2, ISAD (G),
NOBRADE AND RESOURCE DESCRIPTION AND ACCESS (RDA)***

SILVA, Hugo Victor da¹

SANTOS, Patrick Steffen Esnarriaga dos²

Resumo: Breve apresentação das normas de padronização para a catalogação de obras literárias e documentais. O objetivo geral foi realizar uma comparação entre as normas usadas para padronização da catalogação em bibliotecas e em arquivos. A pesquisa foi realizada mediante um levantamento bibliográfico de artigos e livros de autores e pesquisadores que tratam sobre o assunto Representação Descritiva, também conhecida como Descrição Bibliográfica. A metodologia adotada está fundamentada em uma análise conceitual dos aspectos envolvidos com o objetivo de contribuir para a melhor compreensão do tema. Foram elaborados quadros explicativos e representativos sobre o assunto, com a intenção de resumir de forma clara tais conceitos e práticas, apresentando ao leitor os pontos de acesso da catalogação. Nas considerações finais estão especificados os resultados das comparações a respeito dos conceitos da Representação Descritiva.

Palavras-Chave: Representação Descritiva. Catalogação. Descrição Bibliográfica. RDA.

Abstract: Brief presentation of the standardization norms for literary and documentary work catalogues. The general objective was make a comparison between the norms used for the cataloguing standardization in libraries and in archives. The research was performed through a bibliographical survey of articles and books by authors and researchers who deal with the subject Descriptive Representation, also known as Bibliographic Description. The adopted methodology is substantiated on a conceptual analysis of the involved aspects in order to contribute to a better understanding of the theme. Explanatory and representative tables were elaborated on the subject, for the purpose of summarizing such concepts and practices in a practical way, presenting the reader with the access points of the cataloguing. At the final considerations are specified the results of the comparisons regarding the

¹Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Email: hugo.bibliotecario@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Email: patrick.steffen@hotmail.com

concepts of Descriptive Representation.

Keywords: Descriptive Representation. Cataloguing. Bibliographic Description. RDA.

1 INTRODUÇÃO

A escrita é desde que surgiu, um padrão de comunicação entre a humanidade e uma das principais maneiras de disseminar informação. Essa comunicação tem como característica importante o fato de estar sempre se inovando, se desenvolvendo e se adaptando com o passar do tempo. A organização do conhecimento gerado por essa comunicação logo se tornou uma necessidade de grandes proporções e cada vez mais, sentia-se a necessidade do acesso à informação de forma rápida e segura. O profissional da informação é o principal responsável pela coleta, organização e preservação de todo tipo de informação, mas a informação escrita é sua principal área de atuação, esteja em revistas, jornais, documentos e livros e, nos dias atuais, na tela de um computador.

A organização do conhecimento criou então duas áreas de representação da informação, visando a tanto a organização bem como a recuperação e disseminação da mesma. A área de representação que abordaremos é a Representação Descritiva da Informação, responsável pelos elementos descritivos e os principais pontos de acesso para a recuperação dos documentos catalogados, como autor, data, local de publicação, dimensões e etc. O objetivo da pesquisa é a comparação das normas utilizadas em arquivos e bibliotecas para padronizar a descrição das obras: o Código de Catalogação Anglo-Americano - 2ª edição (AACR2 ou *Anglo-American Cataloging Rules* 'CCAA2), a norma *General International Standard Archival Description*, ou Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística ISAD(G) e a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), além de permitir a comparação entre as normas por meio de quadros comparativos. Foi feita uma breve pesquisa sobre a *Resource Description and Access* (RDA), norma que eventualmente substituirá o AACR2.

2 METODOLOGIA

De acordo com os objetivos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que utiliza mais que artigos científicos, além de investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões com a finalidade de desenvolver hipóteses e aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a

realização de uma pesquisa futura mais precisa (MARCONI; LAKATOS, 2003). Esse tipo de pesquisa permite obter descrições quantitativas ou qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. O referencial teórico foi elaborado através de livros dos autores referenciados e análise de artigos de periódicos científicos recuperados nas bases de dados de acesso aberto CAPES eSciELO e a comparação entre as normas foi embasada nas normas da RD, AACR2, RDA, ISAD(G) e NOBRADE, com a criação de quadros comparativos e explicativos elaborados pelos autores ou adaptados dos autores referenciados. Não foi atribuído delimitação de tempo para a pesquisa.

3 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

A Representação Descritiva (RD), também conhecida por Descrição Bibliográfica ou simplesmente como Catalogação, é considerada tanto um processo quanto uma operação.

Processo que registra as características físicas e formais do documento, tais como autor, título, fonte, formato, língua e data de edição. Esses dados são basicamente a identidade do documento (GUINCHAT; MENO, 1994).

Operação no sentido de ser “o primeiro estágio do tratamento intelectual de um documento a partir do qual são extraídas as informações descritas de acordo com regras fixas”, segundo Guinchat e Menou (1994). As fontes de informação da RD são a base de uma catalogação eficiente. Também chamadas de dados bibliográficos, essas fontes se encontram na própria obra (ou documento) e são os dados descritivos, como ISBN, título e subtítulo, autor, por exemplo. As fontes externas são as que, algumas vezes, é necessário uma busca por dados que nem sempre se encontram na obra, como por exemplo, preço, nome real do autor (no caso de o mesmo usar um pseudônimo), data de nascimento e/ou morte do autor. No caso das fontes internas a folha de rosto é a melhor referência do catalogador.

Tanto a Representação Descrita quanto a Representação Temática fazem parte dos processos de Representação da Informação e são vitais para uma recuperação da informação rápida e eficiente.

3.1 Representação descritiva em bibliotecas

Mey (1995) define a catalogação como um estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos. Isso significa que os itens catalogados podem ser identificados em qualquer acervo de qualquer biblioteca. Um livro catalogado deve, pelo menos na teoria, ser catalogado de forma igual independente da biblioteca em que foi inserido, caso a biblioteca use o sistema MARC21. Para o cumprimento dessas funções, Mey (1995) aponta que a catalogação ainda deve ter as seguintes características: Integridade, Clareza, Precisão, Lógica e Consistência.

A Descrição Bibliográfica, segundo Guinchat e Menou (1994) deve fornecer ao usuário o maior número de informações possíveis, de forma detalhada e exata, facilitando a recuperação da informação, remetendo o usuário ao documento primário. Como não poderia deixar de ser, a RD é constantemente afetada pela evolução da tecnologia e seus profissionais, não estão isentos às mudanças que essa evolução provoca. Hoje em dia as Unidades de Informação utilizam softwares para registrar seu acervo e partilhar seu registro com usuários e mesmo com outras unidades de informação. Existem vários softwares para gerenciamento de bibliotecas, inclusive alguns gratuitos que atendem a maioria das exigências da catalogação, mas o ideal é que cada Unidade de Informação encontre o que mais se enquadra no seu tipo de acervo.

Para facilitar essa comunicação virtual entre Unidades de Informação e usuário, a maioria dos softwares de gerenciamento utiliza o formato MARC. Esse formato traduz as informações da catalogação em informações que podem ser compartilhadas entre os softwares de gerenciamento facilitando a vida do usuário ao tentar recuperar a informação necessária. Segundo Silva e Baptista (2013), o padrão MARC possibilita o intercâmbio entre instituições, previne duplicidade de trabalho e economiza tempo. Além de permitir a substituição de um sistema por outro sem perda de dados. A catalogação automatizada substitui a catalogação manual, agilizando o processo, economizando espaço precioso nas Unidades de Informação, que antes possuíam grandes balcões destinados às fichas de catalogação. Os sistemas automatizados facilitam o trabalho tanto dos profissionais da informação quanto do usuário que requer precisão e rapidez na recuperação da informação.

3.2 Representação descritiva em arquivos

A RD não é uma exclusividade das bibliotecas, sendo aplicada também no âmbito arquivístico, com foco em dois pontos principais: controle e acesso.

Conforme Oliveira (2012), o processo descritivo é fundamental em todas as fases documentais (corrente, intermediária e permanente) uma vez que controle e acesso são necessários e relevantes. Essas etapas ou ciclo de vida dos arquivos estão ligados a identificação dos valores primários e secundários dos documentos.

A prática da representação arquivística exige do profissional uma organização informacional complexa. Em um processo jurídico, por exemplo, é necessária uma organização e uma representação minuciosa, para uma recuperação rápida e eficiente, tendo em vista que a demora na recuperação pode prejudicar todo o processo e a perda de um documento pode ter consequências desastrosas. Segundo Oliveira (2012), o arquivista cria instrumentos de pesquisa que permitem atender ao usuário dentro do tempo decisório. Ainda de acordo com Oliveira (2012) a descrição de arquivos é uma representação formulada pelo arquivista que envolve processos e métodos de pesquisa complexos que convertem para a compreensão do arquivo. Esse pensamento remete ao profissional uma enorme responsabilidade, uma vez que um documento, uma memória, uma carta histórica pode simplesmente desaparecer da história por conta de uma descrição incompleta.

O maior problema enfrentado pela descrição arquivística acaba sendo a padronização. Isso se deve a várias dimensões que existem e dividem os arquivos, exigindo um tratamento diferente a cada um deles, gerando algumas vezes contradições na descrição. Oliveira (2012) afirma que na década de 1980 foi feita uma verdadeira corrida em busca de um padrão de descrição, mas que de fato se confunde com a padronização dos instrumentos de pesquisa estruturados sobre a influência de outras áreas. Mesmo assim, a formação de profissionais da área é um fator crucial para que essa padronização seja cada vez mais eficaz.

Para Oliveira (2012), o arquivo utilizado como fonte de pesquisa pela sociedade indica a importância daquele conjunto documental. Cabe ao arquivista produzir conhecimento sobre esse acervo e torná-lo disponível à sociedade, evidenciando a distinção oferecida àquele arquivo.

4 NORMAS DE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

A partir do século XX, a disseminação da informação tomou proporções gigantescas. As Unidades de Informação não paravam de crescer, acumulando um número quase infinito de informações armazenadas em livros, documentos, mapas, entre outros. A Descrição Bibliográfica desempenha papel fundamental para a recuperação dessas informações. Visando a maior eficiência no processo de recuperação, foram criadas normas para padronizar essa catalogação, com a intenção de tornar o trabalho o mais cooperativo possível entre profissionais e unidades de informação, visando um melhor acesso aos usuários. Guinchat e Menou (1994) afirmam que a normalização da descrição bibliográfica surgiu de uma necessidade, a de um acesso fácil e universal à informação bibliográfica e do desenvolvimento da cooperação entre unidades de informação. Inicialmente esta normalização realizou-se em escala nacional ou linguística. Muitos países constituíram comissões profissionais que eram responsáveis por criar normas e regras de catalogação.

Essas normas diferem-se entre os vários tipos de documentos que podem ser armazenados em cada Unidade de Informação. As principais, ou pelo menos as mais conhecidas, são o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR – ou CCAA ‘*Anglo-American Cataloguing Rules*’ em inglês), que hoje está na sua segunda revisão (AACR2), usada para catalogação de livros e outros materiais; a *General International Standard Archival Description* (ISAD(g)), ou Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística; e a NOBRADE voltada para a representação arquivística.

4.1 Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

Como relatado por Mey (1995), a AACR2 foi concebida a partir da *Cataloging rules: author and title entries*, da *American Library Association* (ALA), com uma preliminar em 1941 e finalmente a definitiva em 1949. Objeto de críticas e estudos por algum tempo, após a Conferência de Paris (1961), essa edição surge como 1ª edição do *Anglo-American Cataloguing Rules – AACR* (1967). Atualmente, o Código de catalogação AACR2 é mais usado e aceito internacionalmente juntamente com o formato MARC21 para a catalogação automatizada e segue uma estrutura pré-estabelecida, como será abordado adiante.

As variações tecnológicas tiveram (e ainda tem) fortes impactos nas normas do AACR2 por causa disso foram publicadas revisões nas décadas de 1982, 1983, 1985 e 1988. Atualmente a versão reconhecida é a AACR2 de 2002.

4.2 Normas Descrição Arquivística ISAD(g) e NOBRADE

Segundo a ISAD(G), a descrição arquivística baseia-se no respeito pela proveniência e pela ordem original e deve ser um reflexo da organização da documentação, estruturada em níveis hierárquicos, relacionados entre si e com níveis de descrição determinados pelos níveis de organização. Conforme ressaltado por Silva e Paleta (2016) a descrição arquivística pode ser aplicada a toda documentação de arquivo, independente da forma e suporte e a todas as fases de vida da documentação de arquivo, variando os elementos de informação considerados na descrição, e a exaustividade com que são preenchidos.

A NOBRADE é nada mais que uma versão nacional da ISAD(g), possuindo os elementos da ISAD(g), mas adicionando uma área a mais a Área 8 – Pontos de Acesso com o elemento 8.1 – Pontos de acesso e indexação de assuntos e mais o elemento de descrição 6.2 – Notas sobre conservação. O principal objetivo da descrição arquivística é dar acesso ao público que utiliza os arquivos, independente do tipo de arquivo. O controle e a descrição do acervo possibilitam garantir o direito dos usuários ao acesso à informação.

5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE NORMAS DE DESCRIÇÃO EM ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

A seguir serão apresentados dois quadros, comparando as normas utilizadas pela RD tanto nas bibliotecas, quanto nos arquivos. O quadro 1 apresenta uma comparação com relação às áreas que devem ser preenchidas:

Quadro 1 - Comparativo entre as normas

ÁREAS	AACR2	ISAD(g)	NOBRADE
1	Título e indicação de responsabilidade	Área de identificação	Área de identificação
2	Edição	Área de	Área de

		contextualização	contextualização
3	Detalhes específicos do material (ou o tipo de publicação)	Área de conteúdo e estrutura	Área de conteúdo e estrutura
4	Publicação, distribuição, etc.	Área de condições de acesso e uso	Área de condições de acesso e uso
5	Descrição Física	Área de fontes relacionadas	Área de fontes relacionadas
6	Série	Área de notas	Área de notas
7	Notas	Área de controle da descrição	Área de controle da descrição
8	Número normalizado e modalidades de aquisição.	-	Área de pontos de acesso e indexação de assuntos

Fonte: Elaborado pelos autores baseado em Ribeiro (2008), Conselho Internacional de Arquivos (2000) e Conselho Nacional de Arquivos (2006).

O quadro 2 apresenta os elementos, uma descrição mais precisa sobre com o que exatamente cada área dever ser preenchida.

Quadro2 - Comparativo entre os elementos das normas

ÁREAS	ELEMENTOS AACR2	ELEMENTOS ISAD(g)	ELEMENTOS NOBRADE
1	Título Principal Título Equivalente Outras informações sobre o título Indicação de	Código(s) de referência Título Data(s) Nível de descrição Dimensão e suporte	Código de referência Título Data(s) Nível de descrição Dimensão e suporte

	responsabilidade		
2	Indicação de edição Indicação de responsabilidade da edição Edições subsequentes	Nome(s) do(s) produtor(es) História administrativa/biografia História arquivística Procedência	Nome(s) do(s) produtor(es) História administrativa/Biografia História arquivística Procedência
3	Materiais cartográficos, Música (opcional), Recursos Eletrônicos, Microformas (em alguns casos), Recursos Contínuos	Âmbito e conteúdo Avaliação, eliminação e temporalidade Incorporações Sistema de arranjo	Âmbito e conteúdo Avaliação, eliminação e temporalidade Incorporações Sistema de arranjo
4	Lugar de publicação, distribuição, etc. Nome do editor, distribuidor, etc. Data de publicação, distribuição, etc. Lugar de fabricação, fabricante, data	Condições de acesso Condições de reprodução Idioma Características físicas e requisitos técnicos Instrumentos de pesquisa	Condições de acesso Condições de reprodução Idioma Características físicas e requisitos técnicos Instrumentos de pesquisa
5	Extensão Outros detalhes físicos Dimensões Material adicional	Existência e localização dos originais Existência e localização de cópias Unidades de descrição	Existência e localização dos originais Existência e localização de cópias Sumário

		relacionadas Nota sobre publicação	Norma brasileira de descrição arquivística Unidades de descrição relacionadas Nota sobre publicação
6	Título principal da série Título equivalente da série Outras informações sobre o título da série ISSN da série Numeração da série	Notas	Notas sobre conservação Notas gerais
7	Todas as Notas	Nota do arquivista Regras ou convenções Data(s) da(s) descrição(ões)	Nota do arquivista Regras ou convenções Data(s) da(s) descrição(ões)
8	ISBN Modalidade de aquisição Qualificação	-	Pontos de acesso e indexação de assuntos

Fonte: Elaborado pelos autores baseado em Ribeiro (2008), Conselho Internacional de Arquivos (2000) e Conselho Nacional de Arquivos (2006).

É possível perceber nos quadros comparativos que apesar de abordarem matérias diferentes as normas coincidem em vários itens. A área 1, por exemplo, tem a função de identificação da obra. Isso pode ser feito por meio do título do documento, na sua forma mais comum além de indicar o autor da obra. No caso da representação arquivística, outros identificadores podem ser encontrados, como códigos de referência, data em que o arquivo foi criado ou dimensão que aborda. A área 2, a AACR2 reserva para identificação da edição

do livro, a partir da 2ª edição, isto porque a primeira edição nem sempre é mostrada e também de quem é a responsabilidade por aquela edição. As normas arquivísticas especificam nesse campo a autoria do documento, mas abrangem também sua procedência, bem como sua história. Para melhor visualização o quadro seguinte faz um comparativo utilizando as descrições encontradas tanto nas normas de catalogação de livros e periódicos (AACR2) tanto na descrição arquivística (ISAD(g) e NOBRADE).

Quadro 3 - Comparativo dos objetivos das normas

ÁREAS	ELEMENTOS AACR2	ELEMENTOS ISAD(g)	ELEMENTOS NOBRADE
1	Apontar designação geral do material, título principal, títulos equivalentes ou outras informações sobre o título (subtítulo), indicações de responsabilidade e itens sem título coletivo.	Identificar de maneira específica a unidade de descrição e estabelecer uma ligação com a descrição que a representa, nomear a unidade de descrição, identificar e registrar a(s) data(s) da unidade de descrição, Identificar e registrar a dimensão física ou lógica e o suporte da unidade de descrição.	Identificar a unidade de descrição, identificar nominalmente a unidade de descrição, informar a(s) data(s) da unidade de descrição, identificar o nível da unidade de descrição em relação às demais e identificar as dimensões físicas ou lógicas e o suporte da unidade de descrição.
2	Indicar a edição da obra, responsabilidades relativas à obra, revisão mencionada de uma edição e também responsabilidade sobre a revisão mencionada	Identificar o(s) produtor(es) da unidade de descrição, oferecer informações referenciais sistematizadas da trajetória do(s) produtor(es), da sua criação ou nascimento até a sua extinção ou	Identificar o(s) produtor(es) da unidade de descrição, oferecer informações referenciais sistematizadas da trajetória do(s) produtor(es), da sua criação ou nascimento até a sua extinção ou falecimento, oferecer informações

	de uma edição.	falecimento, oferecer informações referenciais sistematizadas sobre a história da produção e acumulação da unidade de descrição, bem como sobre a sua custódia e identificar a origem imediata de aquisição ou transferência da unidade de descrição.	referenciais sistematizadas sobre a história da produção e acumulação da unidade de descrição, bem como sobre a sua custódia e identificar a origem imediata de aquisição ou transferência da unidade de descrição.
3	Os elementos dessa área variam de acordo com o tipo de material, ou o tipo de publicação. É usada apenas em materiais cartográficos, música, recursos eletrônicos, recursos contínuos e alguns casos em microformas.	Capacitar os usuários a avaliarem a potencial relevância da unidade de descrição, fornecer informação sobre qualquer ação relativa à avaliação, seleção e eliminação, informar o usuário sobre acréscimos previstos à unidade de descrição e fornecer informação sobre a estrutura interna, ordem e/ou sistema de arranjo da unidade de descrição.	Fornecer aos usuários informações relevantes ou complementares ao Título da unidade de descrição, fornecer informação sobre qualquer ação relativa à avaliação, seleção e eliminação, informar o usuário sobre acréscimos previstos à unidade de descrição e fornecer informação sobre a estrutura interna, ordem e/ou sistema de arranjo da unidade de descrição.

4	Indicar lugar de publicação, distribuição, nome do editor e nome do distribuidor, data de publicação, lugar de fabricação, nome do fabricante e data de fabricação.	Fornecer informação sobre o estatuto legal ou outros regulamentos que restrinjam ou afetem o acesso à unidade de descrição, identificar quaisquer restrições quanto à reprodução da unidade de descrição, identificar o(s) idioma(s), escrita(s) e sistemas de símbolos utilizados na unidade de descrição, fornecer informação sobre quaisquer características físicas ou requisitos técnicos importantes que afetem o uso da unidade de descrição e identificar os instrumentos de pesquisa relativos à unidade de descrição.	Fornecer informação sobre as condições de acesso à unidade de descrição e, existindo restrições, em que estatuto legal ou outros regulamentos se baseiam, identificar qualquer restrição quanto à reprodução da unidade de descrição, identificar o(s) idioma(s), escrita(s) e sistemas de símbolos utilizados na unidade de descrição, fornecer informação sobre quaisquer características físicas ou requisitos técnicos importantes que afetem o uso da unidade de descrição e identificar os instrumentos de pesquisa relativos à unidade de descrição.
5	Informar extensão do item (incluindo designação específica do material), dimensões, material adicional (acompanha CD ou DVD) e outros detalhes físicos do item.	Indicar a existência, localização, disponibilidade e/ou destruição dos originais quando a unidade de descrição consiste de cópias, indicar a existência, localização e disponibilidade de cópias da unidade de descrição,	Indicar a existência e a localização, ou inexistência, dos originais de uma unidade de descrição constituída por cópias, Indicar a existência e localização de cópias da unidade de descrição, Identificar a existência de unidades de descrições relacionadas, Identificar

		identificar unidades de descrição relacionadas e identificar quaisquer publicações que sejam sobre ou baseadas no uso, estudo ou análise da unidade de descrição.	publicações sobre a unidade de descrição ou elaboradas com base no seu uso, estudo e análise, bem como as que a referenciem, transcrevam ou reproduzam.
6	(Catalogação de periódicos): Informar título principal da série, títulos equivalentes da série, outras informações sobre o título da série (subtítulos), indicações de responsabilidades relativas à série, ISSN da série, numeração dentro da série, subsérie e indicação da subsérie.	Fornecer informação que não possa ser incluída em qualquer das outras áreas.	Fornecer informações sobre o estado de conservação da unidade de descrição, visando orientar ações preventivas ou reparadoras.
7	Informar todas as anotações descritivas úteis que não puderam ser incluídas nas outras áreas da descrição.	Explicar como a descrição foi preparada e por quem, Identificar as convenções em que a descrição é baseada e Indicar quando esta descrição foi preparada e/ou revisada.	Fornecer informação sobre a elaboração da descrição, Identificar as normas e convenções em que a descrição é baseada e Indicar quando a descrição foi preparada e/ou revisada.

8	Informar número normalizado (ISBN).	-	Registrar os procedimentos para recuperação do conteúdo de determinados elementos de descrição, por meio da geração e elaboração de índices baseados em entradas autorizadas e no controle do vocabulário adotado.
---	-------------------------------------	---	--

Fonte: Elaborado pelos autores baseado em Ribeiro (2008), Conselho Internacional de Arquivos (2000) e Conselho Nacional de Arquivos (2006).

Na descrição arquivística, a área 8 aplica-se apenas a NOBRADE, ou seja, não faz parte da norma internacional.

6 RESOURCE DESCRIPTION AND ACCESS (RDA)

A AACR2 está longe de ser obsoleto, mas não se pode afirmar que é perfeito. Desde sua primeira versão em 1969, tem sido o conjunto de normas utilizado na catalogação de livros, outros materiais e documentos em vários países do mundo e, é praticamente universal, no âmbito da catalogação. Mas enfim, os recursos de catalogação ao longo do tempo foram mudando, principalmente com o advento da era da informática. As fichas catalográficas tradicionais foram aos poucos sendo substituídas por arquivos digitais e hoje podemos acessar acervos virtuais em todo o mundo, graças à praticidade da internet. Para o usuário carente de uma informação isso é maravilhoso, mas é justamente nesse mundo virtual que começam os problemas do AACR2.

Projetado para os meios mais tradicionais da catalogação, o AACR2 passou por reformulações ao longo de seus quase 50 anos de existência, mas mesmo assim encontra certa dificuldade em certos aspectos que dizem respeito ao cenário digital, como afirma Silva (2013, p. 9): “O AACR2 serve para descrever diversos tipos de material, porém não é adaptado aos recursos eletrônicos”. Hatsek e Hilleshein (2013) apontam que tanto usuários quanto unidades de informação estão cada vez mais independentes no mundo digital, mediante o fácil acesso na busca e recuperação da informação por meio virtual, seja pela internet ou mesmo pelas unidades de informação que disponibilizam seu acervo aos

usuários. Portanto é de máxima prioridade que as formas de catalogação se atualizem, uma vez que os recursos existentes não oferecem navegabilidade, representação e acesso adequados para os recursos bibliográficos.

Com base nisso foi criada a *Resource Description and Access* (RDA), a norma de catalogação que substituirá a AACR2. Conforme Oliver (2011), a finalidade da RDA é servir de suporte a produção de dados robustos ou bem formados, de forma que estes possam ser gerenciados com o emprego das tecnologias atuais bem como das estruturas de base de dados, surgidas recentemente, e das tecnologias futuras. Portanto, podemos afirmar que o fato da AACR2 não conseguir se adaptar às novas tecnologias e práticas de catalogação que vieram a surgir em prol dessas tecnologias foi o principal fator da criação da RDA, como afirma Hatsek e Hilleshein (2013, p. 2): “As atualizações do AACR2 não comportam as inovações tecnológicas, tornando difícil definir a representação e categorização dos novos suportes informacionais”. Mas para entendermos melhor sobre a RDA existem outros dois conceitos que precisam ser levados em conta: a *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR) e a *Functional Requirement For Authority* (FRAD). Assumpção (2012) ressalta em seu site que: “O FRBR é um modelo conceitual: não é um código de catalogação, não é um formato, não é uma norma, não é um padrão, não é um código, não é um princípio de catalogação”. Oliver (2011) reforça afirmando que a RDA é uma aplicação dos modelos conceituais FRBR e FRAD.

Foram criados pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) como uma extensão da Declaração de Princípios aprovada pela Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação em 1961. Segundo Silva (2013), com evolução das tecnologias, o trabalho de catalogação continua visando tratar as informações contidas nos mais diferentes suportes. Para isso, a IFLA apresentou os “Princípios de Paris”. Trata-se de uma declaração de princípios, que foi aprovada pela Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação no ano de 1961. O seu propósito de servir como fulcro, para uma normalização internacional na catalogação foi alcançado: muitos dos códigos de catalogação que foram desenvolvidos no mundo inteiro, desde a referida data, seguiram estritamente os Princípios ou, pelo menos, fizeram-no de uma forma expressiva. Passados quarenta anos, a IFLA publicou uma nova declaração de princípios, em 2009 no qual os Princípios de Paris são ampliados. Esta nova declaração foi construída sobre o novo modelo de requisitos funcionais chamado *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR). A função da FRBR é ajudar a RD visando facilitar a tarefa de recuperação da informação pelo usuário, por meio dos recursos tecnológicos

desenvolvidos no século XXI. Para Silva (2013), o FRBR tem uma estrutura para a descrição de conteúdo de recursos digitais, enquanto atende também às necessidades de bibliotecas e demais unidades de informação. Mostra-se flexível ao descrever aspectos múltiplos de uma obra como um resultado do uso de modelo conceitual e também identifica e adiciona elementos, não incluídos no AACR2. Sendo assim, o FRBR é um novo modelo de requisitos funcionais para registros bibliográficos que busca atender as necessidades dos usuários, utilizando as tecnologias WEB disponíveis no início do século XXI. O quadro 4 mostra quais são as tarefas atribuídas ao FRBR:

Quadro 4- Funções da FRBR

a)	Encontrar entidades que correspondam ao critério de busca formulado pelo usuário (isto é, localizar tanto uma única entidade quanto um conjunto de entidades num arquivo ou base de dados como resultado de uma busca que empregue um atributo ou relação da entidade);
b)	Identificar uma entidade (isto é, confirmar que a entidade descrita corresponde à entidade procurada, ou distinguir entre duas ou mais entidades com características similares);
c)	Selecionar uma entidade que seja apropriada as necessidades do usuário (isto é, escolher uma entidade que atenda os requisitos do usuário no que se refere a conteúdo, formato físico, etc., ou recusar uma entidade que seja inadequada para as necessidades do usuário);
d)	Adquirir ou obter acesso à entidade descrita (isto é, adquirir uma entidade por meio de compra, empréstimo etc., ou ter acesso eletronicamente a uma entidade por meio de uma conexão em linha com um computador remoto).

Fonte: Adaptado de Oliver (2011, p. 20).

Em 2003, o FRAD conhecido como *Functional Requirements for Authority Records* (FRAR). É uma entidade bibliográfica como uma obra, uma pessoa ou objeto é conhecida por nome ou identificadores. Segundo Silva (2013), o modelo do FRAD se originou do modelo conceitual do FRBR por meio de um grupo da Federação Internacional e Associações e Instituições de Bibliotecas (FIAIB) nos anos de 1990, este grupo era formado por representantes de vários países. Após um amplo estudo, somente em 1997, é

que foi aprovado o relatório que levou a publicação para o próximo ano com o título *Functional requirements for bibliographic records: final report*. As tarefas de usuário dos FRAD também dizem respeito às necessidades de usuários, contudo, neste caso, foram identificadas duas classes de usuários: o usuário final e os que assistem o usuário final mediante a criação e manutenção de dados de autoridade. O quadro 5 mostra as quais são as tarefas atribuídas ao FRAD.

Quadro 5 - Funções da FRAD

a)	Encontrar uma entidade ou conjunto de entidades correspondentes a um critério determinado, ou explorar o universo de entidades bibliográficas utilizando seus atributos e relações;
b)	Identificar uma entidade ou validar a forma do nome a ser usado como ponto de acesso controlado;
c)	Situar uma pessoa, uma entidade coletiva, uma obra e etc.. Em determinado contexto; esclarecer a relação entre duas ou mais pessoas, entidades coletivas, obras e etc. e um nome pelo qual esta pessoa, entidade coletiva etc. é conhecida;
d)	Justificar , indicando a fonte na qual se baseia o ponto de acesso controlado, a razão da escolha do nome ou de sua forma pelo criador do dado de autoridade.

Fonte: Adaptado de Oliver (2011, p. 21).

A principal característica dos modelos conceituais do FRAD e FRBR é o foco no usuário. Oliver (2011, p. 22) explica que: “os modelos baseiam-se numa análise minuciosa de dados bibliográficos e de autoridade. Descrevem uma estrutura para a compreensão do universo bibliográfico do ponto de vista do usuário”. Isso é claro, influencia na hora de catalogar uma obra. Na RDA os dados observados para a catalogação serão baseados no usuário, favorecendo uma visão do universo bibliográfico em que o foco recai sobre o que é importante para o usuário (Oliver, 2011). O quadro 6 faz uma comparação entre as áreas de AACR2 e RDA:

Quadro 6 - Comparativo entre AACR2 e RDA

AACR2	RDA

1	Título e indicação de responsabilidade	Registro de atributos de Manifestação e Item
2	Edição	Registro de atributos de Obra e Expressão
3	Detalhes específicos do material (ou o tipo de publicação)	Registro de atributos de Pessoa, Família e Entidade coletiva
4	Publicação, distribuição, etc.	Registro de atributos de Conceito, Objeto, Evento e Lugar
5	Descrição Física	Registro de relacionamentos primários entre uma Obra, Expressão, Manifestação e Item
6	Série	Registro de relacionamentos para Pessoas, Famílias e entidades coletivas associadas ao recurso
7	Notas	Registro de relacionamentos de assuntos
8	Número normalizado e modalidades de aquisição.	Registro de relacionamentos entre Obras, Expressões, Manifestações e Itens
9	-	Registro de relacionamentos entre Pessoas, Famílias e Entidades coletivas
10	-	Registro de relacionamentos entre Conceitos, Objetos, Eventos e Lugares

Fonte: Adaptado de Oliver (2011, p. 17) e Ribeiro (2008, p. 6).

Como já foi dito anteriormente, a AACR2 não está obsoleto, apenas tornou-se limitado devido ao fato de que quando foi criada, os recursos tecnológicos que dispomos hoje não existiam na época. O maior propósito da criação da RDA, além dar ênfase a uma catalogação voltada ao usuário, é adaptar o processo e operação da RD para o ambiente virtual, usufruindo de todo recurso tecnológico disponível.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar durante a pesquisa que a Catalogação é uma parte fundamental na CI, englobando todos os seus campos de atuação, seja a arquivologia ou a biblioteconomia, se estendendo até mesmo na museologia, embora a última não tenha entrado nas questões fundamentais desta pesquisa. A RD de uma obra (documental ou bibliográfica) forma os principais pontos de acesso entre uma informação e o usuário. A Descrição Bibliográfica é o que torna a informação visível e recuperável e, isso fica claro, ao explorarmos o contexto histórico, nos dando conta de que a catalogação nasceu praticamente junto com a escrita.

Tendo em vista os aspectos observados, foi possível traçar uma trajetória através da literatura, apontando elementos importantes da criação das normas de Representação Descritiva, bem como o futuro próximo da catalogação e seu relacionamento com as tecnologias atuais. Foi constatado também que tais tecnologias, antes considerada um luxo ou uma simples ferramenta da RD, tem se tornado com o passar do tempo uma parte essencial e indispensável da descrição. Prova disso é a criação da RDA, norma criada com a intenção de substituir a AACR2, futuramente. Da mesma maneira os objetivos específicos foram explorados e alcançados de maneira satisfatória, permitindo uma análise detalhada das normas, com quadros comparativos claros e objetivos elaborados a partir da literatura analisada. Com as análises foi constatado que as normas não são meras formalidades. Foram criadas com o objetivo de facilitar a recuperação de informações com a máxima eficiência e planejadas para a máxima eficácia dos processos. O estudo também revela que, embora as normas funcionem de maneira eficiente, as tecnologias disponíveis tornam os processos de catalogação e recuperação obsoletos, exigindo uma atualização das tecnologias de aplicação das normas, mas não na essência das mesmas.

Enfim, a pesquisa foi fundamental para a compreensão sobre o tema e, além disso, identificar as dimensões que a catalogação abrange no âmbito da RD. Muitas abordagens ficaram de fora do tratamento final, o que incentiva os autores a dar continuidade à pesquisa futuramente, principalmente a respeito da nova norma, a RDA.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, F. **O que é FRBR?** 2012. Disponível em: <http://fabricioassumpcao.com/2012/07/o-que-e-frbr.html>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS - CONARQ. **NOBRADE**: Norma Brasileira

de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS - CIA. **ISAD(g)**: Norma geral internacional de descrição arquivística. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas de informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

HATSEK, I. N.; HILLESHEIN, A. I. A. **Resource description and access (RDA) e as mudanças na catalogação**. Biblioteca Nacional. 2013. Disponível em: <http://www.abinia.org/catalogadores/29-180-1-PB.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MEY, E. S. A. **Introdução a Catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995. 123 p.

OLIVEIRA, L. M. V. de. A descrição arquivística: uma função de pesquisa. In: _____. **Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Mobile Editorial, 2012. Cap. 3. p. 41-69

OLIVER, C. **Introdução a RDA: um guia básico**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011. 151 p.

RIBEIRO, A. M. C. M. **Catalogação de recursos bibliográficos: AACR2 em Marc21**. 3. ed. Brasília: Edição do Autor, 2008.

SILVA, J. F. M. da; PALETA, F. C. **Tópicos para o ensino de biblioteconomia**. São Paulo: Eca/cbd - Usp, 2016. 181 p.

SILVA, L. C.; BAPTISTA, D. M. Entre a teoria e a prática no ensino do formato MARC21: a metodologia da Universidade Federal de Goiás. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 9., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012. p. 1 - 20. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/schedConf/presentations>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SILVA, O. A. da. **AACR2 e RDA: mudanças e estimativas para a biblioteca nacional**. 2013. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103965/AACR2 e RDA mudanças e estimativas para BN.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103965/AACR2%20e%20RDA%20mudancas%20e%20estimativas%20para%20BN.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 jan. 2019.

INDICADORES DE PRODUÇÃO SOBRE OBRAS RARAS NO BRASIL: UM ESTUDO NA BRAPCI E BENANCIB

PRODUCTION INDICATORS ABOUT RARE WORKS IN BRAZIL: A STUDY IN BRAPCI AND BENANCIB

MELO, Rinaldo Ribeiro de¹

ALBUQUERQUE, Daniela Eugenia Moura de²

Resumo: As Obras Raras possuem um papel fundamental na educação, no patrimônio, na sociedade e na memória. Nesta perspectiva, produzir trabalhos científicos sobre essa área torna-se uma importante ferramenta para o fomento e o crescimento das informações, práticas e teorias da Biblioteconomia dos Livros Raros. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender o contexto atual dos estudos sobre Obras Raras no Brasil com base nos artigos publicados nos periódicos indexados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação e pelo repositório BENANCIB durante anos de 2008 e 2018, por meio da criação de indicadores bibliométricos e cientométricos que permitam vislumbrar apontamentos que sinalizem as suas perspectivas futuras. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo qualiquantitativo e predominantemente exploratório, utilizando-se do levantamento como principal método de coleta de dados. Os resultados indicam poucos autores envolvidos com estudos sobre Obras Raras; predomínio de instituições públicas especialmente da região Sudeste como mais produtivas sobre a temática; grande quantidade de trabalhos de cunho aplicado que visam estabelecer práticas biblioteconômicas especializadas com destaque para a digitalização de Obras Raras além de trabalhos teóricos dentro de uma perspectiva epistemológica na Biblioteconomia de Livros Raros.

Palavras-chave: Bibliometria. Indicadores. Livros Raros. Obras Raras. Produção Científica.

Abstract: The Rare Works play a vital role in education, heritage, society and memory. In this perspective, producing scientific papers on this area becomes an important tool for the promotion and growth of information, theories and practices of Library Science of Rare

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: ribeiro.rinaldo@gmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: eugeniadaniela17@gmail.com.

Books. Thus, the objective of this work is to understand the current context of studies on Rare Works in Brazil based on the articles published in journals indexed in the Reference Database of Periodical Articles in Information Science and the BENANCIB repository during years 2008 and 2018, through the creation of bibliometric and scientometric indicators that allowing a glimpse notes that signal its future perspectives. The research was carried out from a qualiquantitative study, predominantly exploratory, using the main survey data collection method. The results indicate few authors involved with studies on Rare Works; predominance of public institutions especially in the Southeast as more productive on the subject; a large amount of applied works that aim to establish specialized library practices especially for scanning of Rare Works in addition to theoretical work within an epistemological perspective on Rare Books Library Science.

Keywords: Bibliometrics. Indicators. Rare Books. Rare Works. Scientific production.

1 INTRODUÇÃO

Lidar com obras que possuem valores monetários, históricos, culturais, consideradas insubstituíveis, devendo ser preservadas e conservadas em locais seguros, fazem parte da vida do profissional da informação que atua em acervos raros. Decidir quais as obras serão raras exige um comprometimento do profissional da informação de curadoria daquele item que envolve uma “[...] experiência social e cultural” (ARAÚJO, 2015, p. 21), acarretando em pesquisas minuciosas, critérios que estejam de acordo com o contexto da instituição na qual a obra está inserida para que seja possível identificar se o item é raro. Diante disso, para que outros profissionais ou estudantes tenham acesso aos estudos sobre as Obras Raras, é preciso que haja divulgação seja ela escrita ou oral.

No Brasil, a produção científica tem crescido exponencialmente ao longo dos últimos anos, a publicação de artigos, no país, tem se tornado algo comum e inerente do ambiente acadêmico. No entanto, a Biblioteconomia dos Livros Raros, que segundo Araujo (2015, p. 16) é responsável pelas “práticas ligadas à raridade bibliográfica” ainda é uma área que, apesar de sua importância para a memória apresenta uma baixa produção científica (ALVES, 2015).

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é apresentar indicadores sobre Obras Raras no contexto brasileiro, com base nos artigos publicados nos periódicos indexados pela Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e pelo repositório BENANCIB durante os anos de 2008 e 2018, utilizando a bibliometria e a cientometria como instrumento de

análise. Buscou-se identificar o núcleo de autores e países produtivos, os periódicos mais recorrentes bem como as instituições mais produtivas e as abordagens temáticas encontradas nestes trabalhos.

Além desta seção, este trabalho é composto por mais quatro. A segunda apresenta o percurso metodológico que permitiu o alcance do objetivo proposto. A terceira discorre sobre a Biblioteconomia dos Livros Raros. A quarta apresenta os resultados encontrados e as suas análises, seguida das considerações finais acerca do estudo, na quinta seção.

2 METODOLOGIA

Caracteriza-se como uma pesquisa qualiquantitativa e predominantemente exploratória quanto aos seus objetivos. Utiliza o levantamento como método de coleta de dados. Foi desenvolvida a partir da realização das duas etapas descritas a seguir.

ETAPA 1: LEVANTAMENTO DE DADOS

- A) **Buscas nas bases de dados:** as buscas foram realizadas na base BENANCIB³ para a captura das comunicações orais e pôsteres do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), através dos campos “texto completo” e “ano do evento” e na BRAPCI⁴ utilizando o campo “todos”. Nas duas bases as buscas foram delimitadas de 2008 a 2018, buscando trazer um panorama da produção sobre obras raras dos últimos 10 anos. Para recuperar os trabalhos, foram utilizados os seguintes termos de busca: “obras raras”, “livros raros”, “coleção de obras raras” e “raridade bibliográfica”. As buscas foram realizadas no dia 07 de fevereiro de 2019.
- B) **Seleção dos registros:** os arquivos digitais recuperados nas bases mencionadas na etapa anterior foram capturados e codificados em um banco de dados em uma planilha do *Microsoft Excel* para facilitar o manuseio e a recuperação contendo: autor, título, ano, veículo de publicação resumo e as palavras-chave. Em seguida, foram realizadas análises no título, no resumo e palavras-chave para identificar aqueles que, de fato, abordassem as obras raras, seja como objeto de estudo ou como instrumento de análise das pesquisas; não excluindo, em alguns momentos, a leitura da introdução e outras partes do texto.

³ Base disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

⁴ Base disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

ETAPA 2 – ANÁLISE DOS DADOS

- A) **Análise dos dados para a construção dos indicadores:** a partir dos artigos selecionados e dos seus dados organizados na etapa anterior (autores, título, ano, veículo de publicação, resumo e palavras-chave) foi possível construir os seguintes indicadores: *ranking* de produtividades de autores; *ranking* de instituição mais produtiva; *ranking* de veículos de comunicação recorrentes; distribuição temporal da produção; e abordagens temáticas.
- B) **Identificação das abordagens temáticas:** A identificação das abordagens temáticas foi realizada por meio de análise de conteúdo a partir dos títulos, resumos, palavras-chave e em alguns momentos a introdução e outras partes do texto dos trabalhos selecionados.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OBRAS RARAS: ORIGENS E CONCEITOS

Estudar o passado, destrinchar detalhes singulares que fizeram parte da história de um povo, de uma nação, poder ter acesso aos registros em suportes físicos ou disponíveis online, são em grande parte frutos das práticas biblioteconômicas que preservaram e disseminaram as informações que antes eram inatingíveis. Na Idade Média, as memórias escritas, os grandes livros de intelectuais célebres, estavam trancadas as sete chaves, devido à união entre a religião e a política que ocasionou num controle rigoroso documental. O conhecimento era para quem detinha do poder eclesiástico e quem autorizava a leitura de uma determinada obra era o bibliotecário que sabia adentrar nos labirintos dos documentos “secretos” (SIQUEIRA, 2010).

O Renascimento marcou o ápice das universidades, do acesso ao conhecimento, do trabalho dos monges que ajudaram na transmissão de obras que antes estavam inacessíveis e principalmente do desenvolvimento científico (BRAICK; MOTA, 2007). O profissional da informação desde a Idade Média possuía uma responsabilidade na proteção da memória. Salvar a memória não é apenas conservar, restaurar, guardar em cofres as obras, e nem disseminar, mas em conhecer exatamente cada detalhe da obra que depende do bibliotecário para que esteja viva, podendo assim alcançar gerações (informação verbal)⁵.

⁵ Notícia fornecida por Ana Virginia Pinheiro no I Fórum Internacional sobre Livros Antigos, Raros e Especiais, em 27 out. 2014.

O que tem haver todos esses acontecimentos históricos com os livros raros? Mas afinal, o que é uma obra rara? Primeiramente, sob a perspectiva do profissional da informação, que trabalha com livros raros, este, precisa conhecer antes de tudo o acervo, o contexto de produção e utilização, ou seja, ele precisa ser o curador dos itens raros. Em segundo lugar como destaca Vergueiro (1993), trata-se da questão do acesso, pois anteriormente a informação era muito valiosa e por isso a custódia ganhou uma ênfase nas bibliotecas ocasionando em um desequilíbrio entre o acesso e a guarda.

Não existe uma definição correta para obras raras, porém há critérios e conceitos sujeitos às mudanças que são adequados para atender uma determinada unidade organizacional, levando em consideração o contexto na qual a biblioteca está inserida, como afirma Araujo (2015, p. 20), “esta atribuição a partir de interesses específicos de cada curador e instituição é que torna a definição do que é raro mutável”. Para apresentar alguns conceitos de obras raras, é importante saber diferenciar o que é raro, único e precioso. Pinheiro (2009) afirma que o conceito de raro é válido em qualquer lugar, uma obra pode ser tratada como rara no Brasil, nos Estados Unidos, ou na Europa, por exemplo. O conceito de único estaria se referindo ao exemplar que não existe outro igual conhecido. Já o conceito de precioso remete as questões de identidade e posse.

Vale ressaltar que a utilização dos termos livros antigos e raros como sinônimos é algo bem comum, mas preocupante, pois nem todo livro antigo é raro. Moraes (2005, p. 67), ressalta a diferença dessas associações dizendo que “Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém.” O autor ainda enfatiza que “O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso” (MORAES, 2005, p. 67).

Diante disso, apresentaremos duas possíveis definições do que seria considerado uma obra rara. Primeiramente, Sant’Ana (2001, p. 2) afirma que: “[...] a palavra raro significa também algo valioso ou precioso; uma obra rara seria portanto qualquer publicação incomum, difícil de achar, e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado”.

A definição do autor está baseada em aspectos bibliológicos, ou seja, na materialidade que dizem respeito sobre o valor monetário e acentuadamente na perspectiva de Moraes (2005), quando se refere a questão da procura. Sant’Ana (2001), utilizou as palavras valioso e precioso como um significado de raro, diferente de Pinheiro (2009) que priorizou em separar os conceitos.

A próxima definição é dada por Pinheiro (2015), que diferencia parcialmente da anterior. Para a autora, o “livro raro é o item bibliográfico desse modo identificado porque é o único exemplar conhecido, porque é precioso para quem o possui, ou porque é inquestionavelmente raro” (PINHEIRO, 2015, p. 33 apud PINHEIRO, 2009). A autora trata do livro raro relacionando com sua singularidade, aborda sobre o item com o proprietário, define com clareza o que seria precioso e único de acordo com conceitos já utilizados por ela, e a incontestável atribuição de raridade para uma determinada obra.

O estabelecimento de critérios de raridade deve ser inerente para qualquer instituição que tenha livros raros, pois faz parte das atribuições que determinará se a obra será rara para a entidade. Araujo (2015) preocupa-se com o fato das instituições que estão seguindo o modelo da Biblioteca Nacional como se fosse universal para qualquer unidade organizacional. As perspectivas instrumentais da Biblioteca Nacional devem ser um guia para que as bibliotecas criem seus próprios critérios a partir da particularidade de seus contextos, seja na comunidade, ou na missão da instituição. Pinheiro (2009) destaca cinco critérios de raridade bibliográfica bem comuns que são: o limite histórico, os aspectos bibliológicos, o valor cultural, a pesquisa bibliográfica e as características do exemplar, a autora menciona que os dois primeiros critérios são os mais supervalorizados.

A Biblioteconomia dos livros raros não é somente uma atividade técnica e estática, envolve experiências que vão além do local de trabalho, possui um efeito multiplicador (ARAÚJO, 2015). Atualmente as tecnologias da informação e comunicação têm contribuído bastante na digitalização de acervos raros, preservando a memória institucional e garantido o acesso dos usuários a estes acervos. Em relação a essa perspectiva que vem ganhando força Reifschneider (2008, p. 72-73) enfatiza que “a segurança das informações preservadas digitalmente é o mais novo desafio com o qual temos que lidar hoje”.

As obras raras possuem um papel fundamental na educação, no patrimônio, na sociedade e na história. Tornar conhecido experiências, fatos inovadores, estudos sobre catalogação, digitalização, memória são importantes para o crescimento qualitativo dessa área.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Empregando os termos de busca “obras raras”, “livros raros”, “coleção de obras raras” e “raridade bibliográfica”, foi encontrado um total de 109 registros. A Tabela 1, expresso a seguir, apresenta o resultado destas buscas de acordo com as bases e com os termos utilizados.

Tabela 1. Resultado das buscas

FONTES	TERMOS				TOTAL
	OBRAS RARAS	LIVROS RAROS	COLEÇÃO DE OBRAS RARAS	RARIDADE BIBLIOGRÁFICA	
BENANCIB	45	18	3	2	68
BRAPCI	22	9	6	4	41
TOTAL	67	27	9	6	109

Fonte: Os autores (2019)

Foi realizada uma análise preliminar nos títulos, resumos, palavras-chaves e em alguns momentos a introdução e partes do texto, para identificar trabalhos repetidos e os trabalhos que, de fato, se adequavam ao tema da pesquisa. Dessa forma, obtiveram-se os seguintes resultados:

Utilizando o termo “**obras raras**” foram recuperados 22 registros na BRAPCI, onde dois já haviam sido recuperados nos anais do ENANCIB e outros seis não se adequavam à temática. Na BENANCIB, dos 45 trabalhos recuperados apenas seis, efetivamente, correspondiam aos critérios desta pesquisa. Desta forma, foram contabilizados 19 trabalhos com este assunto.

Com o termo “**livros raros**” dos nove trabalhos recuperados na BRAPCI, dois já haviam sido recuperados na busca anterior e dois deles não satisfazia os propósitos desta pesquisa. Para o mesmo termo, foram 18 registros encontrados na BENANCIB, desses, 12 não correspondiam à temática, seis já haviam sido recuperados na consulta anterior e apenas dois foram contabilizados. Assim, sete trabalhos foram considerados de acordo com o termo de busca citado.

Já com o termo “**coleção de obras raras**” seis artigos foram recuperados na BRAPCI e desses, dois já haviam sido recuperados na pesquisa anterior, um correspondia a um trabalho recuperado nos anais do ENANCIB e já contabilizado anteriormente e outro não se enquadrava a temática. Dos três trabalhos recuperados através da BENANCIB todos já haviam sido contabilizados nas pesquisas anteriores. Portanto, apenas um trabalho foi considerado com este assunto.

Por último, o termo “**raridade bibliográfica**” teve um total de quatro trabalhos recuperados na BRAPCI, sendo que dois desses trabalhos já haviam sido recuperados

anteriormente. No BENANCIB os dois únicos registros recuperados com este termo já haviam sido contabilizados nas pesquisas anteriores. Deste modo, obteve-se um total de dois trabalhos com este assunto.

Por consequência, apenas 30 trabalhos foram, de fato, considerados como o *corpus* desta pesquisa. Sua distribuição está descrita na Tabela 2, de acordo com as bases consultadas.

Tabela 2. *Corpus* da pesquisa

FONTES	REGISTROS RECUPERADOS	%
ENANCIB	9	30%
BRAPCI	21	70%
TOTAL	30	100%

Fonte: Os autores (2019)

A produção de artigos publicados em periódicos é visivelmente superior, representando 70% das publicações, já o ENANCIB é representado por 30% dos trabalhos recuperados. Essa disparidade apresentada no número de produções nas revistas em relação ao ENANCIB pode ser resultado do pouco número de pesquisadores vinculados a programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, apenas 11 pesquisadores de um total de 51, que equivalem a 22% do número de autores que produziram sobre a temática. Além disso, para que um trabalho possa ser submetido para publicação neste encontro, que é considerado o maior evento da Ciência da Informação no Brasil, é necessário que o autor seja no mínimo mestrando e o trabalho escrito em coautoria com algum doutor⁶

No Gráfico 1 é apresentado o panorama das publicações sobre Obras Raras no Brasil dos últimos 10 anos, apesar desta área ser de grande importância para a preservação e guarda da memória de um determinado grupo ou sociedade (SOUZA, 2014; ALVES, 2015; PINHEIRO, 2015), isso não é refletido no número de pesquisas. Os anos de 2008 e 2009 não houve nenhuma publicação nas bases consultadas sobre a temática, só a partir de 2010 observa-se um pequeno crescimento com um trabalho publicado em periódico.

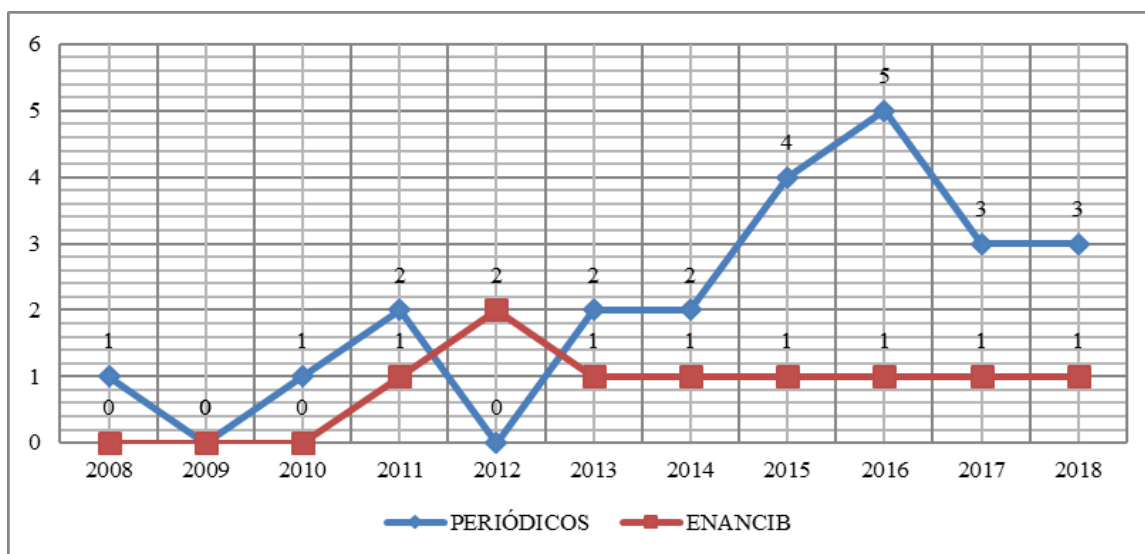
O ano de 2011 é marcado com a primeira publicação nos anais do ENANCIB, que desde a edição anterior do evento em 2010 passa a contar com um Grupo de Trabalho (GT) voltado para a memória, o GT-10 – Informação e Memória. Dando continuidade, 2012

⁶ ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. Submissões. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em: 20 jan. 2019.

representa o auge da produção do ENANCIB com duas publicações, nenhuma em periódicos. Já no ano seguinte observa-se uma equidade no número de produção nos periódicos e nos anais do ENANCIB, com um artigo cada.

A partir de 2014 tem-se uma elevação nas publicações em periódicos até o ano de 2016, que se caracterizou como o mais produtivo tendo cinco produções e uma queda nos anos de 2017 e 2018 com três artigos. Em relação ao ENANCIB o número de artigos publicados permaneceu constante desde o ano de 2013 com uma publicação por ano. Cabe enfatizar, que em relação ao número total de autores 59% é formado por bibliotecários, esse dado pode ter relação direta com pouca produção da temática nos últimos 10 anos, como aponta o estudo de Silva, Silva e Gama (2015) que analisaram o interesse e a produção científica de bibliotecários. As autoras constataram que são poucos os bibliotecários realmente “[...] interessados em participar de eventos e publicar artigos” (SILVA; SILVA; GAMA, 2015, p. 210).

Gráfico 1. Distribuição temporal dos artigos sobre Obras Raras no Brasil



Fonte: Os autores (2019)

Com base nessa distribuição temporal, buscou-se identificar os periódicos que receberam estas publicações. O Quadro 1 apresenta o número de ocorrências dos periódicos que receberam as publicações e suas classificações no WebQualis da CAPES.⁷

⁷ A classificação foi baseada em periódicos do quadriênio 2013-2016 e na área de avaliação Comunicação e Informação. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Quadro 1. Distribuição dos artigos por periódicos

PERIÓDICOS	OCORRÊNCIA	QUALI
	S	S
Perspectivas em Ciência da Informação	4	A1
Biblionline	2	B5
Cadernos de Informação Jurídica	2	B5
Revista Conhecimento em Ação	2	B5
Ágora	1	B1
Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	1	B3
Brazilian Journal of Information Science	1	B1
Ciência da Informação	1	B1
Em Questão	1	A2
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1	A2
Informação & Informação	1	A2
Informação & Sociedade. Estudos	1	A1
Informação@Profissões	1	B5
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	1	B5
Revista ACB	1	B2

Fonte: Os autores (2019)

Entre os 30 trabalhos analisados, 21 estão publicados em 15 periódicos, sendo todos da área da Ciência da Informação. Destaque para a revista “Perspectivas em Ciência da Informação” que publicou aproximadamente 19% dos trabalhos e é um periódico renomado na área de Ciência da Informação com classificação A1 no WebQualis da CAPES. Ainda há uma concentração de aproximadamente 38% das publicações em periódicos A1 e A2, em conjunto; 14% em periódicos B1 e 48% distribuídos entre periódicos B2, B3 e B5. No que concerne a estas estratificações e, apesar do pouco número de publicações levando em conta o período pesquisado, é perceptível a preferência de publicação de trabalhos em periódicos com boa avaliação pela CAPES.

No que se refere a produção por autores, foi realizada uma análise com o intuito de identificar o *ranking* de produtividade. Foram considerados os autores que publicaram o mínimo de dois trabalho nesse espaço temporal. Dessa forma, nove autores figuram entre o primeiro e segundo lugar do *ranking*, descrito do Quadro 2. Este núcleo de publicações de

artigos científicos composta por poucos autores é tema da lei do quadrado inverso, proposta por Lotka, em 1926 e atestada por Price em 1965. De maneira básica, essa lei afirma que em qualquer área científica, haverá um pequeno número de autores responsáveis pela maior quantidade de produções relevantes, em detrimento de um maior número de autores menos produtivos (SANTOS; KOBACHI, 2009).

Quadro 2. Autores mais produtivos na temática Obras Raras no Brasil

RANKING	AUTORES	Σ
1	Alcenir Soares dos Reis	3
1	Diná Marques Pereira Araújo	3
1	Jeorgina Gentil Rodrigues	3
1	Miriam Paula Manini	3
1	Raphael Diego Greenhalgh	3
2	Admeire da Silva Santos Sundström	2
2	Fabrcio José Nascimento da Silveira	2
2	Maria Cristina Soares Guimarães	2
2	Robson da Silva Teixeira	2

Fonte: Os autores (2019)

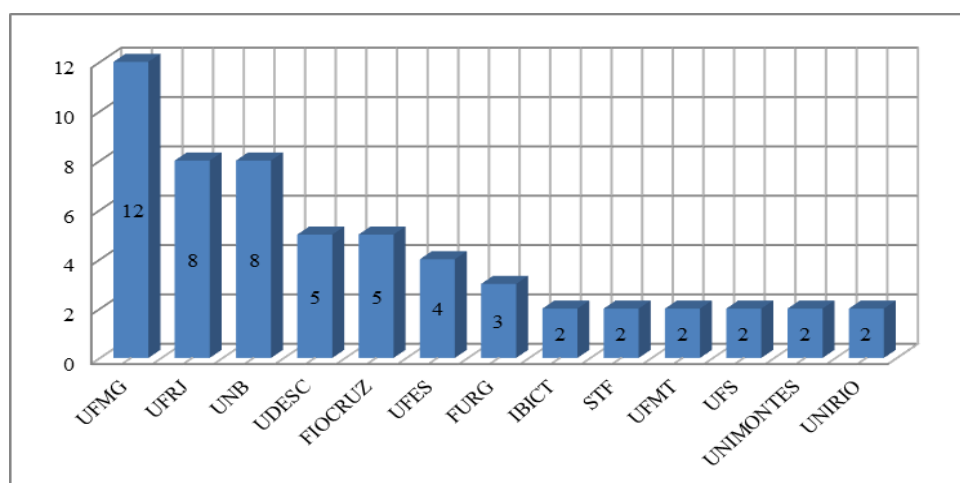
No âmbito do trabalho produzido, os autores Alcenir Soares dos Reis, Diná Marques Pereira Araújo, Jeorgina Gentil Rodrigues, Miriam Paula Manini e Raphael Diego Greenhalgh se destacam por serem os autores com o maior número de publicações sobre Obras Raras, ocupando juntos os primeiros lugares no ranking. Vale ressaltar que há relação de autoria entre os autores Alcenir Soares dos Reis e Diná Marques Pereira Araújo encontrada em três trabalhos e entre Miriam Paula Manini e Raphael Diego Greenhalgh encontrada em dois trabalhos. Logo após, Admeire da Silva Santos Sundström, Fabrcio José Nascimento da Silveira, Maria Cristina Soares Guimarães e Robson da Silva Teixeira, ocupam o terceiro lugar no ranking das publicações nesta área, havendo relação de autoria presente entre o segundo autor desta lista com o primeiro da lista anterior nos dois trabalhos publicados, também foi encontrada relação de autoria nos dois trabalhos publicados por Maria Cristina Soares Guimarães com Jeorgina Gentil Rodrigues, que encontra-se entre os primeiros lugares do *ranking*. É importante salientar que, nesta análise, as relações de co-autoria foram desconsideradas, de maneira que um artigo pode ser atribuído a mais de um autor, tornando a contagem completa e artificialmente aumentada.

À vista dessas informações, bem como a alta qualidade dos veículos de comunicação em que os seus trabalhos, em sua maioria, foram publicados, é possível concluir que esta é uma área de interesse destes nove primeiros pesquisadores, o que é confirmado pela descrição contida no resumo dos seus currículos cadastrados na plataforma *Lattes*. Onde pode-se encontrar os termos “obras raras”; “coleções especiais”; “livros raros”; “raridade bibliográfica”; “memória”; que presumem área de interesse ou de atuação.

Existe ainda um total de oito autores que possuem uma única produção, no entanto, em co-autoria com os demais autores apresentados no *ranking*: Miriam Paula Manini; Admeire da Silva Santos Sundström; Robson da Silva Teixeira.

Para dar continuidade à discussão sobre a autoria dos trabalhos, traz-se o Gráfico 2 com a disposição quantitativa das instituições de todos os 51 autores.

Gráfico 2. Instituições mais produtivas na temática Obras Raras no Brasil



Fonte: Os autores (2019)

Do conjunto de instituições exibidas no Gráfico 2, todas são universidades públicas das Regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul, com exceção do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e do Supremo Tribunal Federal (STF). A Região Sudeste é representada por sete instituições, sendo a mais expressiva do recorte. As Regiões Centro-Oeste e Sul contam com duas instituições cada e a Universidade Federal de Sergipe (UFS) é a única representante da Região Nordeste. No que se refere aos números de autorias por instituições, o destaque fica para a UFMG com 12, seguida pela UFRJ e UNB com oito autorias, ainda se tem um total de cinco autorias da UDESC e FIOCRUZ finalizando com quatro autorias da UFES, instituições mais produtivas sobre a temática, nessa ordem.

Tabela 3. Abordagens temáticas dos artigos sobre Obras Raras no Brasil

TEMÁTICA	QUANTIDADE	%
Digitalização de Obras Raras	7	23%
Critérios de Raridade	7	23%
Memória Institucional	6	20%
Preservação e Segurança do Acervo	4	17%
Catálogo	3	13%
Bibliofilia	3	10%
TOTAL	30	100%

Fonte: Os autores (2019)

Foi realizada uma análise de conteúdo nos títulos, resumos, palavras-chave, não dispensando a consulta a outras partes do texto, em alguns casos, destes trabalhos a fim de identificar as temáticas mais pesquisadas sobre o assunto. Deste modo, como apresentado na Tabela 3, foi possível propor seis grandes categorias para os trabalhos. Com destaque para as temáticas “Digitalização de Obras Raras” e “Critérios de Raridade”, ambas com 23% do número de publicações.

Ênfase também para “Memória Institucional” e “Preservação e Segurança do Acervo” com 20% e 17% da produção total, respectivamente. Vale ressaltar que essas quatro abordagens foram as mais produtivas pelos autores mais bem colocados do *ranking*. Cabe mencionar que dos 30 trabalhos, 22 foram de abordagens aplicadas, e desse total, 15 retratavam algum estudo de caso em bibliotecas especializadas, e apenas oito trabalhos realizavam alguma abordagem epistemológica sobre a temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou indicadores de produtividade sobre Obras Raras no contexto brasileiro, utilizando como base os artigos publicados em periódicos indexados pela BRAPCI e pelo repositório BENANCIB entre os anos de 2008 e 2018, como tentativa compreender o contexto atual da sua produção e conjecturar apontamentos que sinalizem as suas perspectivas futuras. Os indicadores construídos são capazes demonstrar as necessidades da área e levantar hipóteses sobre as tendências futuras para o desenvolvimento.

Percebe-se que há poucos pesquisadores realmente envolvidos com a temática, podendo ser estes os que irão favorecer o desenvolvimento da Biblioteconomia de Obras

Raras, nos próximos anos, especialmente os autores Alcenir Soares dos Reis, Diná Marques Pereira Araújo, Jeorgina Gentil Rodrigues, Miriam Paula Manini e Raphael Diego Greenhalgh que apresentam o maior número de produções sobre o tema no período pesquisado.

Destaque para as instituições públicas que dominam a produção sobre Obras Raras no Brasil sendo em sua grande maioria localizada na região Sudeste que conseqüentemente abriga a maior parte dos autores mais produtivos. Além disso, foi percebida uma grande quantidade de trabalhos de cunho aplicado, que visam estabelecer práticas biblioteconômicas em bibliotecas especializadas além dos trabalhos teóricos, que buscam estabelecer o conceito de Obras Raras e suas bases epistemológicas na Biblioteconomia.

É necessário esclarecer que houve relações de autoria e co-autoria entre os autores encontrados em 24 trabalhos. Estas relações foram apontadas de maneira superficial, principalmente para fins de esclarecimentos sobre os interesses em comum entre os autores que demonstram ser referência na área. No entanto, para uma melhor compreensão sobre essas relações, se faz necessária a realização de um estudo minucioso sobre as redes de colaboração estabelecidas entre os autores que compuseram o *corpus* deste trabalho, o que, neste momento, faria a pesquisa ser desviada do seu objetivo principal.

Espera-se que este estudo colabore com subsídios embrionários para um maior desenvolvimento das investigações vinculadas às Obras Raras no Brasil, contribuindo para a visibilidade das instituições e dos pesquisadores que têm se empenhado em compreender, teorizar e aplicar as práticas biblioteconômicas na produção científica tanto dentro quanto fora da academia.

Como trabalho futuro, pretende-se desenvolver um estudo na *Web of Science (WoS)*, visando uma compreensão mais ampla, do ponto de vista internacional, acerca da produção científica no contexto da Obras Raras e posteriormente realizar um estudo comparativo entre os resultados da produção internacional com os resultados da produção nacional.

REFERÊNCIAS

I FOLIAR: 1ª sessão. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. 1 vídeo (2h:30min:41sec). Publicado pelo canal Biblioteconomia Unirio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILbsazefc4c>. Acesso em: 22 fev. 2019.

ALVES, A. P. M. História e memória por meio de coleções especiais: o caso da Biblioteca da Unesp/FCLAr. *In*: VIEIRA, B. V. G.; ALVES, A. P. M. (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 45-69.

ARAUJO, A. V.F. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. *In*: VIEIRA, B. V. G.; ALVES, A. P. M. (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 15-31.

BRAICK, P. R.; MOTA, M. B. **História das cavernas ao terceiro milênio**: volume único. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007. p. 161-169.

MORAES, R. B. **O bibliófilo aprendiz**. Brasília, DF: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 67-71.

PINHEIRO, A. V. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. *In*: VIEIRA, B. V. G.; ALVES, A. P. M. (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 35-44.

PINHEIRO, A. V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. *In*: SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (org.). **Ciência da informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 31-44.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. A importância do acesso às obras raras. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/910>. Acesso em: 8 fev. 2019.

SANT'ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/577>. Acesso em 15 fev. 2019.

SANTOS, R. N. M; KOBACHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 155-172, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10089>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SILVA, C. A. K.; SILVA, T. E.; GAMA, T. O. S. A formação do bibliotecário e a comunicação científica: uma análise de suas inter-relações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. especial, p. 209-223, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/506/425>. Acesso em: 8 fev. 2019.

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 15, n. 3, p. 52-66, set./dez. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1124>. Acesso em: 03 mar. 2019.

SOUZA, C. R. G. **Conceitos e critérios para avaliação de obras raras da biblioteca Ministro Oscar Saraiva**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/8624>. Acesso em: 5 fev. 2019.

VERGUEIRO, W. C. S. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, 1993. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/512>. Acesso em: 15 fev. 2019.

**MEMÓRIA DOS REGISTROS ICONOGRÁFICOS DAS ROMARIAS EM
JUAZEIRO DO NORTE-CE**

***MEMORIES OF THE ICONOGRAPHIC RECORDS OF THE ROMARIANS IN
NORTH-CE JUAZEIRO***

CAVALCANTE, Wesley Ferreira¹

CAVALCANTE, Naiane Ferreira²

ELLIOTT, Ariluci Goes³

Resumo: Apresenta contexto sobre os registros icônicos das romarias na cidade de Juazeiro do norte, cujo acervo está disponibilizado no Laboratório de Ciência da Informação e Memória (LACIM), vinculado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, tendo como finalidade preservar diferentes tipos de acervos, com enfoque principal na memória cultural da Região do Cariri. Esta pesquisa tem como objetivo descrever a relevância da memória dos registros icônicos de romaria, mostrando a pertinência da representatividade memorialística e informacional. Para atingir nossos objetivos, utilizamos a pesquisa bibliográfica para fundamentar a pesquisa, e o pressuposto da Análise Documental, utilizando o quadro de categorias e variáveis informacionais de Johanna Wilhelmina Smit, analisando de acordo com os seguintes questionamentos: QUEM? ONDE? QUANDO? COMO? Os dados da pesquisa encontrados estão em fase inicial, mas os resultados esperados demonstram uma forma de exteriorizar o conteúdo, possibilitando a criação de um catálogo, além de ser capaz de preservar e conservar o acervo iconográfico, com o intuito de disseminar as informações memorialísticas obtidas para a comunidade.

Palavras-chave: Memória. LACIM. Fotografia. Análise Documental.

Abstract: It presents context about the iconic records of the pilgrimages in the city of Juazeiro do Norte, whose collection is available at the Laboratory of Information Science and Memory (LACIM), linked to the Librarianship course of the Federal University of Cariri, with the purpose of preserving different types of collections, with a main focus on

¹Universidade Federal do Cariri (UFCA), Email: wesleycavalcante8@gmail.com.

²Universidade Federal do Cariri (UFCA), Email: naianecavalcante94@gmail.com.

³Universidade Federal do Cariri (UFCA), Email: ariluci.goes@ufca.edu.br

the cultural memory of the Cariri Region. This research aims to describe the relevance of the memory of the iconic records of pilgrimage, showing the relevance of the memorialistic and informational representation. In order to achieve our objectives, we used bibliographical research to base the research, and the assumption of Documentary Analysis, using the categories and information variables of Johanna Wilhelmina Smit, analyzing according to the following questions: WHO? AT WHERE? WHEN? AS? The research data found are in the initial phase, but the expected results demonstrate a way of externalizing the content, allowing the creation of a catalog, as well as being able to preserve and conserve the iconographic collection, with the purpose of disseminating the memorial information obtained to the community.

Keywords: Memory. LACIM. Photography. Documentary Analysis.

1 INTRODUÇÃO

O Laboratório de Ciência da Informação e Memória (LACIM), foi concebido no ano de 2008, proveniente das necessidades do Curso de Biblioteconomia para execução de suas atividades práticas, tendo como intuito de preservar diferentes tipos de acervos, com enfoque na memória cultural da região do Cariri. Seu acervo é constituído por jornais, livros, revistas/periódicos, folhetos de cordéis, xilogravuras, esculturas, e fotografias que é o foco da pesquisa, tornando-se assim uma biblioteca especializada direcionada a fins específicos de pesquisa.

O acervo foi doado pelos pesquisadores Renato Casimiro e Daniel Walker, tendo como principal objetivo organizar, tratar, recuperar e disseminar as informações dos materiais ou realias que compõem o acervo, os quais passam pelo processo de higienização, organização, tratamento, catalogação e indexação, visando a recuperação e preservação da história regional.

O presente artigo visa abordar sobre a relevância da memória dos registros icônicos de romaria, mostrando a pertinência da representatividade memorialística e informacional da fotografia, para atingirmos esse objetivo, utilizamos a pesquisa bibliográfica para a fundamentação da pesquisa, e o pressuposto da Análise Documental, com o intuito de extrair as informações das fotografias e expondo-as em formato de catálogo. Ressaltando os aspectos históricos, culturais e sociais, sendo estes fortemente encontrados na região sul

cearense, mais especificamente na região do Cariri, notável berço de arte popular, musical e cultural.

2 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

A imagem é um meio de comunicação desde a pré-história, a partir de pinturas rupestres, e se estende até os dias atuais por meio de fotos, vídeos, mensagens, entre outros meios de representação. “Para onde quer que nos viremos, existe a imagem” (JOLY, 2008, p. 18).

A imagem é para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramialista ente, que visam seduzir e convencer, e tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida e decifrável (CHARTIER, 1993, p. 407).

Partindo desta premissa podemos compreender as características gerais da informação, que permite transcender o suporte no qual se encontra, a época e o impacto na sociedade. Segundo Araújo (1995, p. 57), “Informação não é, na verdade, um conceito único, singular, mas sim uma série de conceitos conectados por relações complexas”, a partir disso, podemos compreender que não existe um conceito para informação definido, mas uma série de conceitos com suas respectivas áreas de formação.

A Informação mostra-se como instrumento de função significativa no desenvolvimento da sociedade. A memória, portanto, se torna o resultado da criação, regulação, afirmação de uma informação presente no passado, e conforme Halbwachs (2013, p. 26) nossas memórias mantêm-se coletiva, pois ela permite que sejamos lembrados pelos outros por meio de acontecimentos nos quais estivemos envolvidos, e objetos que vimos, pois nunca estamos totalmente sozinhos, a partir desta compreensão, podemos entender que a memória coletiva permite os envolvimentos entre as pessoas, possibilitando a difusão da informação por meio de seus registros físicos ou cognitivos. Halbwachs complementa ressaltando que:

A memória coletiva é aquela que recompõe o passado entre duas direções o da consciência coletiva e individual desenvolvendo diversas formas de memória, cuja formas mudam conforme os objetivos que elas implicam [...]. Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem é vazia nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como lembranças fosse um ponto de referencia que nos permitisse situar em meio á variação continua dos quadros sociais e da experiencia histórica (HALBWACHS, 2013, p. 15).

A fotografia permite realizar registros de forma ilustrativa de uma cultura de um povo, possibilitando a reconstrução de uma história, e seus costumes. Atualmente ao simples toque de um celular pode-se registrar diversos momentos que acontecem em conosco e/ou em nossa volta, construindo assim também uma memória coletiva com Halbwachs menciona, dialogando com Peixoto:

A fotografia, desde o seu advento, cada vez mais tem sido fonte de informação ilustradora da história dos povos, dos costumes, dos acontecimentos, das descobertas e de tantas outras coisas, registradas em simples fotos de família, passando pela chegada do homem à lua e as tempestades captadas por câmeras de satélites chegando a construir verdadeiros mapas da superfície terrestre. Poder-se-ia citar páginas a fio a infinidade de momentos eternizados através do clique dos obturadores capturados por feixes de luz (PEIXOTO, 2006, p. 16).

Nesta perspectiva podemos observar a importância de conservar objetos iconográficos para fins de registrar e preservar a memória. A fotografia atua como um objeto de estudo de suma relevância, conforme Kossoy (2001, p. 45) afirma “toda fotografia é um resíduo do passado [...] contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente [...] o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado”, fragmento no qual permite compreender o contexto histórico de uma determinada sociedade, pois “a fotografia é a linguagem da imagem, a mais recente versão da mais antiga forma de comunicação gráfica.” (PETER, 1999, p. 13), tornando possível estudar os costumes da época no qual a fotografia registrou.

Seguindo essa linha de raciocínio, as fotografias apresenta-se como fonte de conhecimento documental essencial para reconstrução da memória em um meio social, existindo a preocupação de preservar e conservar este registro, a fim de disseminar a informação iconográfica contribuindo para pesquisas em diversas áreas, por esta razão, o LACIM propõe a elaboração de um catálogo para organizar e documentar devidamente estas informações.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

No que se refere às fontes de pesquisa informações utilizadas para fundamentação, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, compreendendo a importância de leituras em fontes primárias, secundárias e terciárias, de acordo com Gil (2009, p. 44) é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e

artigos científicos”, permitindo assim, um embasamento teórico necessário para construir a fundamentação desta pesquisa.

Foi utilizado o pressuposto da Análise Documental, visando identificar e selecionar conceitos nos documentos que sejam representativos de seu conteúdo. Para Martins e Theóphilo (2016, p. 88) “a análise documental mostra-se importante principalmente nas buscas sistemáticas por documentos relevantes [...] importantes em diversos planejamentos para coleta de informações, dados e evidências”.

As fotografias analisadas fazem parte do acervo de fotografias do LACIM. Os registros foram feitos pelos fotógrafos Giba Morimitsu, conhecido como Giba e Aurenívea Uchôa mais conhecida como Nívea Uchôa. As fotos retiradas pelo fotógrafo Giba Morimitsu ou Giba corresponde um período de 1976 a 1978, sendo encontradas apenas 01 (uma) foto ano de 1976, 01 (uma) foto de 1977 e 08 (oito) fotos de 1978, totalizando 10 (dez) fotos.

As fotos recebidas da fotografa Nívia Uchôa, são correspondentes ao período de 2001 e 2002, sendo que, foram encontradas 05 (cinco) fotos de 2001 e 31 (trinta e uma) fotos de 2002, totalizando 36 (trinta e seis fotos).

Atualmente o acervo do LACIM, possui essas 46 (quarenta e seis) fotos que estão em processo de tratamento, as fotos retratam a romaria de Juazeiro do Norte em épocas diferentes, a utilização da Análise Documental possibilita a reconstrução memorialística das romarias de Juazeiro do norte, corroborando para a elaboração de um catálogo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa, encontra-se em fase inicial, onde pretende-se primeiramente realizar a identificação do acervo fotográfico dos romeiros existentes no LACIM e em seguida fazer os procedimentos técnicos necessários para seu manuseio.

Posteriormente, será realizada a análise das imagens, utilizando o quadro de categorias e variáveis informacionais (SMIT, 1997), as imagens devem ser analisadas de acordo com os seguintes questionamentos: QUEM? ONDE? QUANDO? COMO? Com o intuito de compreender como a fotografia exterioriza seu conteúdo, acompanhado de um no quadro será atribuído um título e sua respectiva fonte, estará descrito as palavras-chave e um resumo de cada imagem (fruto da análise documental), como exposto na imagem abaixo:

Fotografia 1. [Romeiros na rua do Horto].



Fonte: © Giba Morimitsu (2001).

Quadro 1. Categorias Informacionais da fotografia.

CATEGORIA	GENÉRICO	ESPECÍFICO
Quem?	Pessoas	Homens, Mulheres
Onde?	Rua do Horto	Juazeiro do Norte-CE
Quando?	Romaria de Finados	02 de novembro de 1978
Como?	Em movimento	Romaria de Finados

Fonte: Elliott (2014).

Palavras-Chave: Homens. Mulheres. Rua do Horto.

Resumo: Juazeiro do Norte, 02 de novembro de 1978 – instantâneo, preto e branco, extraído em ambiente externo, focando em primeiro plano as expressões faciais de homens e mulheres que estavam andando em procissão pela Rua do Horto na Romaria de Finados.

Fotografia 2. [Desfile caminhão].

Fonte: © Nívia Uchôa (2001).

Quadro 2. Categorias Informacionais da fotografia.

CATEGORIA	GENÉRICO	ESPECÍFICO
Quem?	Pessoas, carros	Homens, Mulheres, crianças vestidas de anjos
Onde?	Rua de Juazeiro do Norte	Juazeiro do Norte-CE
Quando?	Romaria de Finados	02 de novembro de 2001
Como?	Em movimento	Romaria de Finados

Fonte: Elliott (2014).

Palavras-Chave: Pessoas. Homens. Mulheres. Crianças. Caminhões. Desfile. Procissão.

Resumo: Juazeiro do Norte, 02 de novembro de 2001 – instantâneo, colorido, extraído em ambiente externo, enquadramento é geral e a luz é diurna, no momento em que homens, mulheres e crianças desfilam em caminhões no final da Romaria de Finados, em procissão pelas ruas da cidade.

No entanto, para a análise das fotos seguimos o quadro de categorias e variáveis informacionais, o qual visa estabelecer critérios para elaborar um catálogo para fins de estudo das fotografias dos romeiros da região do Cariri. Com intuito de contribuir para a preservação e conservação da memória e cultura regional, principalmente a disseminação da informação que o catálogo pode oferecer para a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este trabalho abordou de forma breve sobre o contexto das fotografias de romarias de Juazeiro do Norte, como suporte informacional e memorialístico. Assimilando a representatividade da fotografia e seu conteúdo, quando tratada adequadamente por um profissional da informação, procurando compreender a interação no contexto aplicado aquela sociedade e época, independe do seu suporte informacional.

A pesquisa encontra-se em fase inicial, mas os resultados da pesquisa demonstram uma forma de exteriorizar o conteúdo informacional da fotografia, por meio do quadro de categorias e variáveis informacionais. Possibilitando a criação de um catálogo, além de ser capaz de preservar e conservar o acervo iconográfico, servindo como fonte de informação para pesquisas voltadas para a temática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. M. R. H. de. Sistemas de informação: nova abordagem teórico conceitual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 54 -75, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/610/612>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CHARTIER, Roger. In: BURGUIERE, A. (org.) **Dicionários de ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ELLIOTT, Ariluci Goes. **A Fé documentada: perspectivas metodológicas de organização da informação fotográfica sobre romarias de Juazeiro do Norte – Ceará**. Marília-SP: UNESP, 2014. 181f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

LEITE, Miriam L. Moreira. A imagem através das palavras. In: **Revista Ciência e Cultura**. n. 38, v.9, 1986. pp. 1483-1495.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. História e Fotografia. **Cultura Vozes**, São Paulo, v. 3, n. 86, maio/jun. 1992. p. 43-52.

PEIXOTO, Daiane Lopez. **Os Acervos Fotográficos e sua Organização**: uma análise. In: Trabalhos de conclusão dos alunos do curso de Biblioteconomia: 2006/1. [recurso eletrônico]. 2006.

PETER, Jorge. **Cadernos do mestre Peter**: um curso de fotografia na sua essência. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**. Cad Prog. Pós-Grad CI. Rio de Janeiro, v.2, n.2, jul/dez 1997, p.28-36.

GT3 - O NOVO PERFIL DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO E O NOVO JEITO DE CONSUMIR INFORMAÇÃO

A BIBLIOTECA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

THE LIBRARY AS A SOCIAL INSTITUTION IN LEARNING TRAINING

SANTANA, Édla Barbosa de¹
CARVALHO, Márcio Santos²

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a formação de leitores através das instituições sociais, destacando a biblioteca como uma das significativas instituições de socialização na formação de leitores. Este trabalho se desenvolveu por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa que discute para além da biblioteca, o papel da família, da escola e do bibliotecário no processo de formação de leitores, destacando este último - o bibliotecário, como um agente social mediador da informação, capaz de contribuir no aprendizado dos indivíduos tornando-os leitores críticos, capazes de compreender o mundo em que vivem, entendimento este que contribuirá para o desenvolvimento humano. As considerações finais levam-nos a compreensão de que o processo da formação de leitores é uma atividade que deve ser trabalhada desde muito cedo, estimulando a prática da leitura de forma contínua e persistente, iniciando na infância, continuando na escola e estendendo-se à biblioteca, e partir de então, o futuro leitor começará a ampliar seus conhecimentos, para assim, ser um integrante intelectual na sociedade, em que será protagonista em seu contexto sociocultural.

Palavras-chaves: Prática de leitura. Instituições Sociais. Formação do leitor. Bibliotecário.

Abstract: This article seeks to reflect on the formation of readers through social institutions, highlighting the library as one of the significant institutions of socialization in the formation of readers. This work was developed through a bibliographical research of a qualitative nature that discusses in addition to the library, the role of the family, the school

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: edlabarbosa2@gmail.com.

²Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: ncarvalho84@globocom.com.

and the librarian in the process of formation of readers, highlighting the latter - the librarian, as a social mediator of the information, capable of contributing to the learning of individuals, making them critical readers capable of understanding the world in which they live, an understanding that will contribute to human development. The final considerations lead us to the understanding that the process of reader training is an activity that must be worked on very early, stimulating the practice of reading in a continuous and persistent way, beginning in childhood, continuing in school and extending to the library, and from then on, the future reader will begin to expand his knowledge, to be an intellectual member in society, in which he will be protagonist in his sociocultural context.

Keywords: Reading practice. Social Institutions. Formation of the reader. Librarian.

1 INTRODUÇÃO

A prática de leitura é vigente entre os indivíduos desde o momento em que ocorre a compreensão do mundo. A leitura conseqüentemente está ligada à informação e, por sermos contemporâneos da chamada sociedade da informação, desde muito cedo, ainda na infância, lidamos com um forte fluxo de informações, seja através de livros, de desenhos, de filmes, de música, na escola ou em casa entre a família, a leitura é ininterrupta. Acredita-se que a leitura é a ferramenta primordial para aquisição do conhecimento e através da mesma o indivíduo desenvolve seu senso crítico, fazendo o uso das informações necessárias de acordo com suas necessidades.

É um direito de todos nós termos acesso à informação, por intermédio dela que construímos nossa identidade social, livrando-nos das incertezas que surgem com o excesso de informação, ofertando a escolha de posicionar-se onde melhor convém. Mediante esta questão, nos faz refletir sobre as instituições sociais que estão envolvidas no transcurso da formação de leitores, mostrar que a família e a escola são as primeiras instituições que nos propiciam o contato com saber, e que existe um caminho a ser traçado até chegar no papel da biblioteca como uma instituição social, incentivando e formando leitores através das atividades que envolvem a leitura. Neste contexto, compreendemos que o bibliotecário é a ponte que liga os acervos e o indivíduo, ou seja, é o mediador entre a informação e o usuário.

As discussões levantadas neste trabalho, tem como objetivo refletir sobre a formação de leitores através das instituições sociais, tendo a biblioteca como uma das principais instituições que contribuem na formação do leitor.

2 METODOLOGIA

Quanto ao meio da pesquisa desenvolvida neste trabalho, a mesma caracterizou-se como pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. A escolha foi determinada por se enquadrar no modelo em que o pesquisador baseia-se em referências teóricas já publicadas e discutidas, no intuito de aproximar-se de uma resposta. Segundo Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual procura-se a resposta.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este item subdivide-se para que haja uma melhor compreensão do conceito de leitura e leitor. Em um segundo momento discorre-se sobre as instituições sociais a fim de caracterizá-las como pilares responsáveis no desenvolvimento do leitor. Ocorrendo a partir dessa explanação um entendimento do assunto que será abordado no decorrer do texto.

3.1 LEITURA

A palavra leitura possui um significado amplo e somos chamados a concordar com Moacyr Scliar (2008) ao citar, a abrangência do significado da palavra em Retratos da Leitura no Brasil, que nas 13 acepções por ele pesquisadas, no Dicionário Houaiss da língua portuguesa, a maioria traziam o sentido de ler textos, o qual nos ateremos neste trabalho. Porém, seguindo sua afirmação, a palavra leitura, em sentido figurado no Houaiss, quer dizer “maneira de compreender, de interpretar, um texto, uma mensagem, um acontecimento” (SCLAIR, 2008, p. 31).

A Leitura é uma temática pleiteada na área educacional, visto que a formação de leitores é significativa na aprendizagem do sujeito, uma vez que o hábito de ler vai muito além do que apenas juntar sílabas e formar palavras. Processamos a leitura em todo estágio de nossas vidas, inclusive no interior do útero materno, ou seja, momento em que ainda não tivemos contato com a vida externa. “Aprendemos a ler, a partir das mensagens

armazenadas pelo cérebro no decorrer da existência. [...] Os pediatras dizem que os bebês, ainda no útero materno, percebem tudo o que se passa com a mãe; isto já é leitura.” (FREIRE, 1994 apud COSTA, 2004, p. 1).

A leitura abrange os sentidos, as descobertas, a comunicação. Produz opiniões e desperta a curiosidade do indivíduo a partir do momento em que começa a ler. Porém, este hábito deve ser realizado como um ato prazeroso de modo que possa desenvolver nas pessoas um comportamento voluntário. Deve-se ser criado um laço da leitura no indivíduo desde a infância, para isto é necessário incentivá-lo sem impor o tipo de leitura a ser feita, e, sim, dando escolhas e possibilidades para que liberte sua imaginação e desenvolva em si uma autonomia. Segundo Barthes e Compagnon (1987), citado por Mesquita (2006), “Uma vez realizada a aprendizagem, nenhuma atividade é, aparentemente, mais simples, mais automática do que a leitura: lê-se como se anda, como se respira”. Portanto, após incentivá-lo e ensiná-lo a ler, nada irá ser feito por obrigação, automaticamente, o indivíduo sentirá a necessidade de ir em busca da leitura, tornando-se uma prática simples e natural. O que não ocorre normalmente, por, na maioria das vezes, ficar a cargo da escola o primeiro contato oficial do leitor com a leitura, em um ambiente onde nem sempre são criados estímulos agradáveis ao leitor para que sinta prazer no ato de ler, pois acaba associando a uma obrigação que perdurará durante toda a sua vida estudantil, fazendo-o criar resistência ao hábito que deveria ser primário e prazeroso.

Vale salientar que o incentivo à leitura não está apenas em pegar um livro, ou dar a oportunidade a pessoa de escolher um livro, é um conjunto de ações que contribuem para que isto aconteça e, dentre estas, podemos citar a questão do ambiente que será realizada a leitura, o tipo de leitura a ser feita, a expressão e entonação ao fazer uma contação de história e a qualidade, atualidade e diversidade do acervo. Tudo envolve o imaginário do leitor.

O processo de leitura tem que ser estimulado de forma dinâmica, interativa e lúdica, de modo que através disto o indivíduo passe por transformações e não seja o mesmo após cada leitura. Bem como, não possua dificuldades na prática da leitura, sendo capaz de realizar uma leitura plena do que é dito através de cada texto. No entanto, foi evidenciado no Caderno do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) (BRASIL, 2014), que o leitor proficiente não é uma realidade geral do Brasil que em 2012 possuía, em sua população com 15 anos ou mais, 8,5% de analfabetos e o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF). Além do estágio de alfabetismo apresenta uma classificação de leitores, dividindo-a em: rudimentar (nível 1), considerado analfabeto funcional; básico (nível 2)

considerado alfabetizado funcional, mas incapaz de criar opinião ou compreender o texto de forma ampla e sem explicação, e; pleno (nível 3) que é capaz de compreender, relacionar e criar opinião própria a respeito do que o autor expõe. Conforme afirmam, os dados expostos pela referida pesquisa, de 2001-2011 a população de leitores plenos encontrava-se estagnada em 26%, ou seja, são capazes de ler textos “mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião [...]” (BRASIL, 2014, p. 8-9). O que demonstra uma grave deficiência social e de aprendizagem que se alastra desde o nível básico de escolaridade até o nível universitário. Na seção seguinte, abordaremos a respeito do leitor, conceitos e o que caracteriza o sujeito como leitor.

3.2 LEITOR

Pensar em uma definição para o termo leitor desencadeia imediatamente um processo racional para construção de tal conceito. De acordo com um verbete no dicionário a definição da palavra leitor está atrelada ao sujeito que lê, aquele que lê para si ou para os outros, é o sujeito que está habituado a fazer leitura de vários gêneros textuais, ou conforme Cunha e Cavalcanti (2008), definem no dicionário de biblioteconomia e arquivologia, leitor é a “[...] pessoa que lê, com certa regularidade, uma determinada publicação”, “[...] pessoa que utiliza regularmente os diversos serviços de uma biblioteca ou arquivo”; e Faria e Pericão (2008) reiteram no dicionário do livro, que leitor é “aquele que lê”, “usuário de uma biblioteca, arquivo, ou serviço de documentação”. Se continuarmos expandindo nossa busca para o encontro de outras definições, iremos nos deparar com conceitos básicos ou similares, tendo em vista que, o sujeito leitor rompe todos esses conceitos “enquadrados”.

Entretanto, podemos dizer que o sujeito leitor é um ser que não está preso a um espaço físico como preconizam duas das definições aqui citadas, pois como Cunha e Cavalcanti (2008) afirmam em continuidade a sua definição, o então leitor agora é visto como usuário da biblioteca desde 1970, logo, continuam existindo leitores independentemente da onde estejam e como sejam vistos. No entanto, ainda concordamos com Cunha e Cavalcanti (2008), por afirmarem que o leitor é aquele que lê qualquer tipo de publicação com certa regularidade, contudo, compreendemos que leitor é aquele que cultiva o hábito da leitura praticando-o com regularidade e de forma contínua, mesmo que sofra intervalos, mas sem jamais abandoná-lo.

Existe um estigma metódica que dita uma forma padrão a ser seguida quando o leitor iniciar uma leitura, realizando sempre da primeira até a última página, contudo, todo leitor possui direitos que são simples, porém, pode estimular e contribuir na sua formação. Os direitos que falo, foram escritos em um livro intitulado “Como um Romance” em 1922 onde o autor Daniel Pennac discute sobre esses possíveis direitos, sendo eles: O direito de não ler, o direito de pular páginas, o direito de não acabar o livro, o direito de reler, o direito de ler não importa o quê, o direito de amar os heróis dos romances, o direito de ler não importa onde, o direito de saltar de livro em livros, o direito de ler em voz alta e o direito de não falar do que se leu. Esses direitos citados por Pennac (1997) dão ao leitor uma liberdade, além de contribuir na sua formação, permitindo que o próprio indivíduo interaja da forma que convém, contribuindo para construção de um hábito, sem impor o que ler, de que forma ler e onde ler, por exemplo. Sintetizando o que foi discorrido sobre o leitor, podemos entender que o “verdadeiro conceito” da palavra leitor não será construído de maneira extrínseca, as significações que constituem a definição do sujeito leitor serão construídas intrinsecamente, é um processo pessoal, que fornecem os sentidos do meio interno para externo, ou seja, quem é leitor sabe que é leitor, pelo fato de ter constituído internamente os sentidos que o levou a tornar-se leitor.

3.3 INSTITUIÇÕES SOCIAIS

No contexto da atualidade, vivemos em uma sociedade onde desde a saída do útero da nossa mãe temos que seguir um padrão, no contexto social, para sermos aceitos. Porém para que possamos estar enquadrados neste contexto é necessário um aprendizado que adquirimos no decorrer do nosso desenvolvimento como cidadão, aprendizado este que podemos amarrar através das instituições sociais. As instituições sociais, na Sociologia têm um papel fundamental que fazem parte da estrutura social, determinam regras, comportamento e valores entre os indivíduos da mesma cultura.

“[...] Pode-se, com efeito, sem desnaturar o sentido desta expressão, chamar instituição a todas as crenças e a todos os modos de comportamento instituídos pela coletividade [...]” (DURKHEIM, 2006, p. 26). Ou seja, a maneira na qual o indivíduo irá se comportar dentro da sociedade em que vive sofre influência das instituições sociais. O termo social está ligado à sociedade, neste sentido, podemos considerar instituições sociais, um conjunto de comportamentos apresentados por determinado grupo social. Compreendendo isto, podemos ir um pouco adiante e citar algumas entidades sociais que

orientaremos como base para apresentar alguns mediadores sociais. Após ser vista a definição de instituição, podemos chegar à uma conclusão de que existem inúmeras instituições sociais, e seja qual for ela, teremos que seguir padrões. Padrões estes, que tem uma importância para compreendermos a nós mesmo e auxiliar na construção da identidade social. Dentre essas instituições podemos citar a família, a igreja, a escola e o Estado como instituições de socialização, sendo que as primeiras a serem consideradas são a família e a escola. Mas, por quê? Buscaremos as respostas nas subseções que seguem.

3.4 FAMÍLIA

Analisando, inicialmente, o contexto familiar, o indivíduo primordialmente estabelece relações de leituras mediante as expressões que iniciam recorrente as interações entre a mãe e ele. Nesse processo de construção da comunicação, após seu nascimento a leitura é desenvolvida através do contato com a vida externa. Observando a definição da palavra família nos verbetes dos dicionários, alcançamos um conceito semelhante onde é expressado pela seguinte colocação: - Família é o núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária. Desse modo, o indivíduo após seu nascimento irá construir laços e compartilhará sentimentos responsáveis na constituição do seu eu, como futuro leitor. O convívio com a mãe, o pai, os irmãos, os tios, os avós manifestarão o imaginário do sujeito, por meio de histórias narradas, narração de lendas, aventuras, fantasias e etc., permeando um pensamento umbrático no sujeito que ouve as narrativas, além de permitir um desenvolvimento no seu processo de comunicação e criação. A família é preponderante no comportamento do indivíduo, ela que é responsável por despertar desejos, medos, coragens e, dessa maneira, contribui diretamente na construção da personalidade do mesmo. A criança reproduz através dos pais todo conhecimento aprendido com eles.

Imaginemos um lar cujo ambiente seja rico em indivíduos que proporcionem ou facilitem a formação e o amadurecimento do ser-leitor. Aqui existem livros em abundância e diversidade, organizadamente colocados num espaço específico da casa (biblioteca familiar). Aqui existem leitores que dedicam parte do seu tempo a ler e discutir o que foi lido com os outros membros da família (SILVA, 1988, p. 57).

Dando continuidade à ideia de Silva (1988), se no âmbito familiar a criança vivencia um espaço reservado para a literatura, isto será estimulante para que ela possa

desenvolver o hábito pela leitura. Através deste estímulo, ela começará a debater, criticar, formular ideias e questionar o conhecimento adquirido naquele espaço juntamente com a família. Ou seja, a família é um dos primeiros mediadores da leitura, os pais que acompanham os filhos no hábito da leitura e usam a literatura a seu favor, carregam benefícios indispensáveis para a criança. É por meio desta ação que a criança começa a expandir seus conhecimentos, melhora a pronúncia das palavras, começa a compreender as coisas com desenvoltura e aos poucos vai aguçando o desejo pela leitura.

O grupo familiar é importante na constituição da personalidade, além de influenciar significativamente o comportamento individual através de ações e medidas educativas adotadas no âmbito familiar (BIASOLI-ALVES, 2004). Tendo em vista isto, podemos compreender como a família tem um papel importante na mediação da leitura, criando pontes entre o filho e a leitura, além de ajudar na construção da identidade social da criança/adolescente. A família é a base, antes mesmo da criança chegar na escola. E este papel tem ficado a cargo, em destaque, para a mãe ou responsável legal do sexo feminino, segundo o resultado da pesquisa apresentada conforme os dados comentados por Failla (2016, p. 25), que se torna o principal mediador e influenciador no hábito da leitura seguida do professor, para então o pai ou responsável legal do sexo masculino. Na próxima subseção trataremos da instituição escola e o papel do professor na formação do leitor.

3.5 ESCOLA

Como vimos anteriormente, a família é a base fundamental para incentivar a prática da leitura e uma das instituições sociais na formação do leitor, seguido da responsabilidade do incentivo à leitura a educação escolar, tendo em vista que o indivíduo ao chegar na escola, colocará em prática os costumes aprendidos em casa, onde faz nos amentar outro ditado conhecido “O costume de casa vai à praça”, a família e a escola devem andar de mãos dadas nesta ação. O papel da escola como instituição social, é permitir que o indivíduo através da prática de leitura, desenvolva em si um aluno/leitor crítico, para que haja uma maior compreensão da realidade em que se vive. Silva (1998, p. 36) “ênfatiza a importância da reflexão durante o ato de ler, considerando este um fenômeno ou uma experiência ligada ao inconsciente.”, portanto é parte da responsabilidade da escola desenvolver no leitor a capacidade de leitura plena. Podemos sintetizar que por meio da leitura o leitor terá a liberdade de posicionar-se, refletir e reivindicar seja a informação que for tratada, fortalecendo a busca pela verdade e o desenvolvimento humano. Contudo é

papel do professor, arquitetar técnicas para contribuir na formação de leitores, sendo o responsável por guiar os alunos as novas descobertas, possibilitando-os a uma experiência nova por meio de literaturas diversificadas, dinâmicas de trocas de livros e atividades em geral que estimulem e fortaleçam o lado leitor do aluno de forma plena. É um direito de todo cidadão o acesso à informação, tendo em vista isso, é necessário disponibilizar vários tipos de gêneros textuais para que o indivíduo possa interpretá-los, entretanto os textos trabalhados em escolas devem ser inteligentes, interativos e apaixonantes, de modo que ao mesmo tempo em que cativa o leitor, esteja ampliando seus conhecimentos e aumentando suas fontes de informações. “O professor deve assumir o papel de mediador, onde os alunos possam ler através dele” (LERNER, 2002, p. 75). A escola deve ser um espaço estimulador da leitura, pois gostar de ler requer hábito de leitura, e nada mais justo do que proporcionar neste ambiente um mundo repleto de oportunidades para que o aluno possa se tornar um bom leitor e fazer uso do conhecimento adquirido, tendo em vista que a escola é um local propício para a leitura e aprendizagem.

No que se refere ao interesse e gosto pela leitura, ainda na primeira fase do ensino, são estimulados no processo de alfabetização, bem como, por meio das práticas de contação de histórias infantis, como uma continuidade da experiência iniciada no seio familiar. Nesta fase, geralmente são alunos cuja faixa etária compreende, de 6 a 10 anos. Garcia (2004, p. 7), julga que neste período as crianças:

Encontram-se na fase do “realismo imaginário”: - a imitação representa a realidade; - todas as coisas são vivas e dotadas de intenções e sentimentos. Possuem a capacidade de expressão verbal mais desenvolvida. Possuem mais capacidade de concentração, sendo capazes de ouvir histórias por um tempo maior, bem como repetir a sequência delas.

Já no que se refere a etapa do ensino, do 5º ao 9º ano, as demandas por leitura devem ampliar, uma vez que, nesta fase o aluno passa por várias mudanças, ao transpor da infância para adolescência. Nesta fase, o professor deve estimular a leitura como meio para suprir as diversas indagações comuns deste período, para assim, incentivar o acesso ao saber e, conseqüentemente, criar possibilidades para o aluno se posicionar de maneira consciente e crítica sobre os temas de seu interesse. Dessa maneira, a escola passa a acompanhá-lo e ajuda-o a moldar-se, acolhendo estas transformações dentro da escola.

Nesta perspectiva, fica evidente a relevância do papel do professor no estímulo ao hábito e gosto pela leitura, ao mesmo tempo que aponta para necessidade da escola possuir

biblioteca para ampliar e potencializar as estratégias de formação de leitores. Na próxima seção trataremos da biblioteca como espaço propício para formação de leitores.

4 BIBLIOTECA E BIBLIOTECÁRIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Durante séculos a biblioteca tinha como finalidade a preservação de documentos, com o passar do tempo essa finalidade começou a ampliar com as constantes transformações tecnológicas e os crescentes números da produção da informação, resultarem em um novo perfil de usuário. Um ambiente no qual era visto apenas como um “depósito do saber”, que restringia o acesso à poucos, hoje é acessível ao mundo, e aberta a qualquer público, ofertando produtos e serviços nos diversos suportes informacionais.

O termo biblioteca vem do latim “Bibliotheca”, onde do grego “Biblion” significa livro e “Theke” significa caixa, ou seja, caixa, espaço ou local onde é usado para guardar livros. Mas, como podemos observar, percorrendo pela a história a função da biblioteca não se restringe a esta definição, a biblioteca tornou-se um sítio cujas funções estão associadas à informação, cultura, entretenimento e educação. Dentro do contexto educação, à formação de leitores tem extrema importância, através desta formação o indivíduo amplia suas visões e interpretações do mundo que vive, interferindo deste modo na informação, cultura e no entretenimento citados acima como funções da biblioteca. Podemos dizer que, a formação de leitores seria um alvo com que faz circular a funcionalidade de uma biblioteca.

Como citado no texto, algumas instituições sociais têm um papel importante na formação do indivíduo, é através delas que adquirimos determinados comportamentos que acabam tendo algum tipo de preponderância na sociedade. A biblioteca não foge desta lista, após a base familiar e a escola-professor (a), temos a biblioteca-bibliotecária (o) como instituição de socialização que contribui na formação de leitores. Pois a biblioteca faz parte do desenvolvimento do leitor em todas as etapas da educação desde a escolar até a universitária. Ainda que o leitor não seja plenamente escolarizado, sendo um leitor autônomo, transita pela biblioteca pública e comunitárias, sejam elas fixas, móveis ou digitais. Dentro das funções da biblioteca, independente da sua tipologia, estará sempre em voga, entre outros:

Promover o desenvolvimento cultural da comunidade em geral, mediante: promoção das condições de consolidação da leitura e de fomento do gosto por ela; apoio à educação formal e continuada; [...] oferta de lazer cultural; [...] promover o desenvolvimento da habilidade de ler; atuar como laboratório de aprendizagem (alfabetização informacional) [...] (LUBISCO, 2018, p. 3).

Levando em consideração as palavras de Lubisco (2018), e como já afirmado no texto, tomamos por processo inicial o incentivo familiar e escolar como base para a formação de leitores, criando assim a afinidade necessária para a mediação entre o leitor, o que é mais propício na infância sendo um papel fundamental da biblioteca escolar consolidar a formação do leitor através do bibliotecário:

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo sua função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que mais vezes deve ir ao encontro dele (SILVEIRA, 1996, apud SOUZA, 2009, p. 23).

Lourenço Filho (1944) citado por Silva (2003) esclarece “[...] A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”. Sintetizando a ideia do autor, podemos dizer que a biblioteca com suas estantes e livros sozinhos, não é capaz de estimular o desenvolvimento da leitura, é preciso que criem atividades direcionadas aos usuários de modo que desperte o gosto pela leitura. Podemos assim inferir, o quão relevante é o papel do bibliotecário como mediador da leitura.

Conforme ficou evidenciado nos dados da pesquisa relatados por Canônica (2016, p. 74) a biblioteca tem sido vista como um espaço somente para o desenvolvimento de estudos escolares e/ou acadêmicos, não sendo mais vista como um ambiente para troca e convivência social, tendo apenas 5% dos entrevistados afirmando que sempre frequentam bibliotecas. Talvez por falta de investimentos e ações que despertem interesse da comunidade usuária, as bibliotecas têm sido subentendidas como um ambiente apenas para quem estuda, que o acesso facilitado à internet, aliadas a falta de interesse de uma fonte de informação segura, nos faz reafirmar o quanto o bibliotecário é relevante para potencializar e estimular o uso da biblioteca. Para tanto, é preciso torná-la um ambiente receptivo, atrativo, agradável, onde o usuário se sinta acolhido e satisfeito.

Um dos maiores desafios existentes para um bibliotecário é produzir fomento a seus usuários, é essencial que este profissional esteja disposto a criar atividades que desperte o hábito leitor. Estas atividades podem estar distribuídas em rodas de leituras, contação de

histórias, trocas de livros, dramatização de histórias de livros, murais de textos e outras ações que tenham como objetivo a formação de leitores. Porém alguns fatores apontados por Canônica (2016, p. 80), foram os acervos não “ter mais livros ou títulos novos”, “ter títulos interessantes ou que me agradem” seguido por “ter atividades culturais”. Portanto, é importante ter um acervo que atraia e incentive a frequência do leitor corroborando para a sua formação, sendo o mediador e viabilizador do acesso ao livro através das atividades culturais, mas tudo isto só será possível através do diálogo entre o bibliotecário e a comunidade.

A biblioteca é uma ferramenta utilizada pelos bibliotecários onde aplica-se técnicas de organização, catalogação e indexação, no intuito de disseminar a informação. Porém, o agente bibliotecário não se limita apenas às atividades tecnicistas, o seu lado humanístico voltado para o conhecimento do usuário, contribui e auxilia na formação de leitores: “Precisamos, dentro de nossas bibliotecas escolares, não de guardiões de acervos, mas de articuladores de ações dinamizadoras; não de contadores de livros, mas contadores de histórias; não de estatísticas, mas de qualidade de leitura.” (FRAGOSO, 1996, p. 257).

O bibliotecário no seu espaço, que é a biblioteca, possui em suas mãos uma ferramenta indispensável na formação de um leitor - o livro e a informação, que ajudarão este profissional a ampliar no usuário a produção do conhecimento. Portanto, um planejamento no interior da biblioteca é imprescindível para a formação do leitor. Segundo Darci Vieira (2012) este planejamento dar-se-á através de projetos, como roda de leitura onde os leitores trocam experiências sobre suas últimas leituras, por meio da organização da biblioteca através de áreas de conhecimento afins facilitando assim a diversidade de livros que os leitores podem ler. O bibliotecário neste cenário atua como educador, no processo de aprendizagem do indivíduo contribuindo através do processo das práticas da leitura. Conforme Ribeiro (2005), a leitura realizada para aprender ou informar deve ser tratada como parte de um processo pedagógico onde não só o professor, mas também o bibliotecário é igualmente responsável.

O bibliotecário, além de educador e mediador, acima de tudo deve ser um leitor. O aprazimento pela leitura tem que transbordar para seus leitores em formação, pois as suas atitudes influenciam aqueles que o cercam. Aguiar (2006, p. 259) afirma que “a atitude do profissional perante os usuários vai influenciar a quantidade e a qualidade da leitura realizada, contribuindo para a aproximação ou o afastamento dos livros por parte dos leitores em formação.”.

É preciso que o profissional bibliotecário conheça seu usuário para facilitar a disseminação da informação e fortalecer o elo entre eles, é preciso entender o usuário, suas dúvidas, trocar ideias e o que ele busca para erradicar sua ignorância em determinado tema. O bibliotecário tem que fazer-se presente, é para isto que existem. E nada mais benéfico do que o estímulo através da leitura, promovendo atividades dinâmicas e interativas despertando no leitor o poder mágico que está por trás da leitura.

Poderíamos afirmar, de acordo com os dados demonstrado no livro *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016, p. 186), que a Biblioteca Escolar, Pública e Universitária seriam o ambiente ideal para que o bibliotecário atue como mediador da leitura, visto que a maior porção de leitores está localizada entre a idade de 5 anos até 24 anos, faixa etária que podemos associar facilmente aos anos de formação estudantil e segundo Failla (2016, p. 34) afirma “84% dos estudantes são leitores”, depois disto há um decréscimo no hábito da leitura. Portanto, fica a cargo do bibliotecário mediar de forma perpétua, nestes leitores, o hábito pela leitura para que ao se afastarem das instituições de ensino não abandonem o hábito de ler e continuem desenvolvendo suas leituras, e sendo agentes mediadores (família) para os novos leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar leitores não é um ofício fácil, embora seja importante para o aprendizado do sujeito. A prática da leitura não se resume na junção de palavras e no passe de mágica você já está habituado a ler, é todo um processo que envolve os sentidos, os sentimentos e as descobertas de quem desenvolve esse hábito. É crucial que esta prática seja realizada desde a infância, de modo que possa despertar no indivíduo um prazer e não uma obrigação.

As instituições de ensino não são as únicas responsáveis por despertar este tipo de comportamento, o processo requer a colaboração de todos, é uma ação onde todos devem dar as mãos em um único objetivo. A família é nossa primeira base, é ela que usamos como espelho das nossas ações, é de onde vem a primeira educação, os pais devem ter o hábito de ler com seus filhos, fazendo com que a imaginação da criança seja estimulada, que melhore os pronunciamentos das palavras e amplie seu vocabulário. A família é a primeira instituição social no processo de formação do leitor.

A escola é responsável pela alfabetização do indivíduo e soma uma parcela na formação dos futuros leitores, é nela que o indivíduo começa a interagir com pessoas de outros meios sociais, construindo sua identidade e o seu eu como cidadão. O professor é um

mediador essencial nesta realização, por meios de atividades pedagógicas irá potencializar a praxe da leitura. O docente tem que estar comprometido com projetos de leituras e demonstrar sagacidade para orientar seus discentes, é importante a escola trabalhar de forma que incentive o aluno à prática da leitura, para o mesmo adquirir uma visão crítica da realidade.

Diante do papel da família e da escola como instituições sociais, não podemos deixar de ressaltar a importância social da biblioteca e o seu indispensável mediador - o bibliotecário, visto que a função da biblioteca não se limita na conservação e preservação de acervos, o bibliotecário tem um desafio em suas mãos – formar leitores, ele como agente social deve promover ações que desperte a leitura nas pessoas. Percebe-se que apenas as estantes e livros não são suficientes para que o usuário comece a desfrutar do universo da informação, é imprescindível que haja uma ponte entre a informação e o usuário. O profissional da informação – o bibliotecário tem que identificar seu usuário, saber suas dúvidas, suas incertezas e acima de tudo conhecer o seu acervo. Permitindo que o seu leitor possa socializar por meio das informações conquistadas, consolide sua autonomia no meio em que vive e seja protagonista no contexto sociocultural.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade. *In*: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org.). **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. *In*: C. R. Althoff; I. Elsen & R. G. Nitschke (org.), **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-livro, 2004. p. 91-106.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Caderno do PNLL**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660. Acesso em: 13 jan. 2019.

CANÔNICA, Volnei. A biblioteca, um barulho necessário de dentro para fora. *In*: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019.

COSTA, Rosaria Garcia. **Leitura, leitores, ouvintes e... histórias**. Pelotas: SME, 2004. p. 6.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FAILLA, Zoara. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. *In*: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis: ACB, v.3, n.1/2, 1996.

GARCIA, Walkíria Ângela Passos. **Manual do Contador de Histórias**. Belo Horizonte: Fapi Ltda, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOURENÇO FILHO, M. B. **O ensino e a biblioteca**. *In*: CONFERÊNCIA DA SÉRIE EDUCAÇÃO E BIBLIOTECA, 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Tipologia de bibliotecas segundo as variáveis: função, acervo e público**. Salvador, 2018. Material Didático. p. 3.

MESQUITA, Armindo. **Como formar jovens leitores?**. 2006. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/367/402>. Acesso em: 10 set. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 167 p.

RIBEIRO, Ruth Leuda da Silva. **Leitura: um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação**. Fortaleza: UFC. 2005.

SCLAIR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. *In*: AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/images/antigo/1815.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & realidade brasileira**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. (Novas perspectivas, 5).

SOUZA, Juliana Daura de. **A biblioteca e o bibliotecário escolar no processo de incentivo à leitura: uma pesquisa bibliográfica**. 2009. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119542/269726.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 mar. 2019.

VIEIRA, Darci Rodrigo Mengue. **O Bibliotecário como mediador da leitura: entre o livro e os usuários de três bibliotecas escolares públicas estaduais de Porto Alegre**. 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69733>. Acesso em: 01 jul. 2017.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO COMO FERRAMENTA DE GESTÃO NAS BIBLIOTECAS.

STRATEGIC PLANNING MANAGEMENT TOOL IN THE LIBRARIES

MATOS, Erika Jordana Serra¹

Resumo: Este artigo é originado de uma atividade realizada na disciplina Planejamento de Unidades de Informação, ministrada no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Apresenta o conceito de planejamento estratégico, assim como sua importância como ferramenta de gestão para a biblioteca dentro de uma organização. Aborda sobre a importância da implementação do planejamento estratégico dentro das bibliotecas, uma vez que este é um instrumento que promove mudanças dentro da organização, e colabora ao lidar com os desafios e ameaças, por meio da elaboração de estratégias, o que reflete na função do bibliotecário como gestor. A metodologia aplicada consiste em pesquisa bibliográfica, para revisão de literatura e aprofundamento teórico. Pretende-se que estudo possa contribuir com a comunidade acadêmica e profissional de Biblioteconomia, pois ainda hoje a Biblioteconomia é vista apenas como uma área tecnicista. Conclui-se que o planejamento estratégico é uma forma de garantir a sobrevivência da biblioteca e o crescimento diante desse cenário de incertezas, quando formulado de forma correta irá permitir que o gestor possa reunir os seus recursos e tomar as decisões, e saber controlar os riscos e ameaças, os estudos sobre as novas abordagens na gestão de bibliotecas, contribuem para uma reflexão na forma de repensar o papel do bibliotecário como gestor.

Palavras-Chave: Planejamento Estratégico. Gestão. Biblioteca. Bibliotecário.

Abstract: This article is given rise of an activity carried out in the discipline Planejamento de Unidades de Informação, administered in the course of Librarianship of the Universidade Federal do Maranhão. It presents the concept of strategic projection, as well

¹Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: erikajsm7@gmail.com.

as his importance like management tool inside an organization. Board on the importance of the implementation of the strategic projection inside the libraries, as soon as this is an instrument that promotes changes inside the organization, and it collaborates when it dealt with the challenges and threats, through the strategies preparation, which thinks about the function of the librarian as a gestor. The hard-working methodology consists of bibliographical inquiry, for revision of literature and theoretical deepening. it is intended which study could contribute with the academic and professional community of Librarianship, since still today the Librarianship is seen just like an area technicalist. It ends that the strategic projection is the form of guaranteeing the survival of the library and the growth before this uncertainties scenery, when formulated in the correct form it will be going to allow that the gestor could join his resources and take the decisions, but being able to control the risks and threats, the studies on the new approaches in the libraries management, they contribute to a reflection in the form of the paper of the librarian rethinks as a gestor.

Keywords: Strategic projection. Management. Library. Librarian.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas são consideradas como fonte de conhecimento e informação, assim sendo precisam desempenhar suas funções com eficiência e eficácia, para isso devem ser planejadas corretamente pois estão dentro do contexto informacional de mudança constante, e a atividade de planejar na maioria das vezes não é vista como algo essencial nas funções do bibliotecário.

Às vezes o planejamento pode ser visto como uma perda do tempo, uma vez que ainda hoje o bibliotecário ainda está ligado somente as suas funções tecnicistas, este fator influencia os gestores a não pensarem um planejamento de forma adequada para que a biblioteca alcance suas metas e objetivos.

“As bibliotecas devem estar atentas ao clima de mudanças, já que toda mudança traz tanto ameaças quanto oportunidades e estas são desafios a serem vencidos, [...] avaliando sua postura em função da estratégia da organização.” (DUARTE; MATOS, 2007, p.53).

As bibliotecas precisam estar continuamente promovendo melhorias na forma de gerenciamento da informação, para que consiga oferecer seus serviços com eficiência e

eficácia, é essencial que exista um planejamento organizacional, que deve ser elaborado pela alta administração, mas que deve ter a participação de todos da organização, assim como envolver todos os setores da biblioteca.

Neste sentido, este artigo justifica-se, porque aborda sobre a importância da implementação do planejamento estratégico dentro das bibliotecas, já que este é um instrumento que promove mudanças dentro da organização, e colabora ao lidar com os desafios e ameaças, por meio da elaboração de estratégias, que, por conseguinte refletir na função do bibliotecário como gestor nas bibliotecas. A partir desse ponto, partimos para a problemática da pesquisa, qual a relevância que o Planejamento Estratégico tem para a gestão das bibliotecas?

Assim o objetivo geral da pesquisa é abordar sobre o planejamento estratégico em bibliotecas, buscando ressaltar a importância dessa ferramenta e sua inserção como ferramenta de gestão, visando assim apresentar a participação do bibliotecário como gestor no planejamento estratégico.

O planejamento estratégico pode ser compreendido como “[...] um processo de gestão com o objetivo de estabelecer de forma integrada o rumo a ser seguido pela organização (BARBALHO, 1997, p. 02). Assim se a biblioteca como organização busca atingir seus objetivos, deve através do planejamento estratégico, garantir a melhoria do seu desempenho, tanto no ambiente interno e externo, para isso deve usar as ferramentas que o planejamento estratégico contém, e assim alcançar a eficiência e eficácia.

Já que o bibliotecário que tem como uma de suas funções, tornar a informação acessível ao usuário, independentemente do suporte que ela apresente, deve buscar as técnicas de organização e o tratamento da informação para fins de recuperação e uso, assim colaborando para o desenvolvimento social, científico e tecnológico.

Espera-se que este estudo possa contribuir com a comunidade acadêmica e profissional de Biblioteconomia, este estudo é relevante, pois em razão da Biblioteconomia ser vista muitas vezes apenas como uma área tecnicista, os estudos sobre as novas abordagens na gestão de bibliotecas, contribuem para uma reflexão na forma de repensar o papel do bibliotecário como gestor.

2 METODOLOGIA

A pesquisa pode ser definida como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico como objetivo fundamental descobrir respostas para

problemas mediante o emprego de procedimentos científicos, sendo assim, a metodologia científica permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 2008).

Dessa forma, este estudo se caracteriza como pesquisa bibliográfica que “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p. 50). Para um aprofundamento teórico sobre a questão fomentada neste estudo, a pesquisa bibliográfica permite ao investigador a cobertura de fenômenos de forma mais ampla, visando resultados eficazes, pois uma das principais vantagens reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla.

Sendo assim a pesquisa foi realizada com os eixos temáticos: Planejamento Estratégico, Planejamento Bibliotecário, Biblioteca, Bibliotecário. Nesse contexto, para uma melhor análise do tema, este estudo está baseando-se na pesquisa bibliográfica, realizada *a priori*, utilizando teorias como a dos (as) autores (as) Ansoff (1983) Barbalho (1997), Barbalho; Beraquet (1995), Oliveira (2014), entre outros. Dessa maneira, não podemos deixar de citar a importância do papel do Bibliotecário que vem se diversificando a cada dia com novas atividades acrescidas ao seu processo de trabalho, atividades que demandam maior envolvimento intelectual (CUNHA, 2003).

4 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

O planejamento estratégico surgiu com a necessidade da organização militar, assim “A palavra estratégia, originalmente utilizada pelo alto comando militar grego desde 500 a.C. e sempre associada a manobras e operações militares de guerra [...]” (BARBALHO; BERAQUET, 1995, p. 12). Com o passar do tempo as organizações foram surgindo e tiveram que se adaptar para sobreviver as constantes mudanças no mercado.

Segundo Barbalho e Beraquet (1995) a partir da Revolução Industrial, é dado um grande número de pessoas o acesso a produtos antes restritos, que com a disseminação da ideia a de progresso como fonte de justiça social e com o poder de produção aumentado, através da utilização da máquina, produzem consequências como a perda da intimidade entre produtor e consumidor.

Logo após a Segunda Guerra Mundial que ocasionou grandes mudanças mundiais, houveram modificações profundas nas relações econômicas entre os países, e a tecnologia passar a atuar como fator de segregação de valor aos bens e serviços, dessa forma o

controle ao desperdício passa a fazer parte da disseminação das técnicas avançadas para o controle da qualidade de produção, e dessa forma surgem novas formas de gerenciamento das organizações (BARBALHO; BARAQUET, 1995).

O pioneiro da Administração foi Taylor, quando as atividades de produção começaram a ser estudadas de forma científica, servindo de base para os princípios de gerenciamento, assim se deu início à administração científica.

Com a Teoria Contingencial sendo a primeira que vai além da análise do ambiente, e buscou responder as mudanças que existiam para agir em uma situação de crise, assim importante compreender que o processo de planejar “[...] envolve, portanto, um modo de pensar, e um salutar modo de pensar envolvem indagações, e indagações envolvem questionamentos sobre o que, como, quando, quanto, para quem, por que, por quem e onde fazer.” (OLIVEIRA, 2014, p.5).

Mas a partir da década de 70, com as mudanças constantes no ambiente externo, só simples ajustes já não eram suficientes para garantir a sobrevivência das organizações perante uma situação de crise e incerteza, a partir de então era necessário que as organizações pudessem se antecipar perante as mudanças, e também alterasse sua postura de planejamento, para continuarem atuantes, deveriam ter claro qual era sua missão, visão, e os caminhos que deverão trilhar para alcançar suas metas e objetivos.

O planejamento não é um ato isolado, portanto deve ser visualizado como um processo composto de ações inter-relacionadas e interdependentes que visam ao alcance de objetivos previamente estabelecidos. Deve-se também, considerar a necessidade de os objetivos serem viáveis com base na validade das hipóteses em que se baseiam (OLIVEIRA, 2014, p.6).

Dessa forma surge o planejamento estratégico que foi primeiramente utilizado como ferramenta de gestão por empresas norte-americanas e europeias, e chega ao Brasil somente na década de 70 por algumas empresas multinacionais, vale ressaltar que

O planejamento é um processo contínuo, um exercício mental que é executado pela empresa, independentemente de vontade específica de seus executivos, sendo que essa a razão de algumas empresas, não terem um processo de planejamento estruturado, mas mesmo assim, apresentam algumas ações planejadas (OLIVEIRA, 2014, p.4).

Assim como afirma Barbalho e Baraquet (1995) o planejamento estratégico pode ser compreendido como uma metodologia de apoio à alta administração, que busca de forma integrada o rumo e a direção a ser seguida pela organização, de forma a incluir também um grau de interação com o ambiente externo, e além do PE a implementação do plano

chamada de Administração Estratégica sendo entendida como um estado de espírito, visto que a partir do momento que é incorporada pelo gerente se torna um reflexo de suas atitudes, maneira de pensar e nas decisões.

Dessa forma a Administração Estratégica surge como uma ferramenta que vai além do planejamento e vai ter como base a missão, valores, e objetivos da organização. Assim são estabelecidas as possibilidades, escolhas, que são determinadas pela alta administração, mas que também deve ter a participação de todos os setores da organização, para que a mesma possa lidar com as diferentes ameaças e oportunidades que podem ocorrer a longo prazo, e saber qual a melhor decisão a ser tomada.

Assim é importante conhecer quais as características do planejamento estratégico, para Ansoff (1983):

- a) enfocar, a partir do relacionamento da organização, a missão em concordância com o meio no qual está inserida;
- b) estabelecer decisões e implicações em longo prazo;
- c) necessitar do envolvimento de todos os dirigentes da organização;
- d) ter impacto sobre toda a organização
- e) preocupar-se com a definição dos fins organizacionais, bem como os meios para atingi-los, com a forma de execução e controle, a ponto de poder implicar na redefinição e/ou da própria organização.

Percebe-se que assim que o planejamento estratégico deve estar de acordo com a missão da instituição, abranger toda a organização, e abordar os meios para alcançar os objetivos da melhor maneira possível, é importante que toda a organização esteja envolvida pois assim todos irão trabalhar visando a eficiência e eficácia da organização.

O planejamento estratégico é uma nova forma de reavaliação da administração em bibliotecas, pois este permite que a unidade de informação conheça suas fraquezas, seus pontos fortes, a otimização dos serviços, definir metas, controle e avaliação de seus serviços (DUARTE; MATOS, 2007, p.52-53).

O planejamento trabalha com toda a organização perante seu ambiente, dessa forma a organização é vista como um sistema que pode ser conceituado como “[...] o conjunto de partes interagentes e interdependentes que, conjuntamente, formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuando uma função.” (OLIVEIRA, 2014, p.24).

O planejamento estratégico, enquanto metodologia de pensamento participativo, inicia-se com a alta administração e gerentes de setores, estendendo-se posteriormente a todas as áreas da organização. É essencial a completa interação

das pessoas envolvidas no processo de formulação e implantação do mesmo (BARBALHO, 1997, p. 03).

O pensamento participativo é o que irá na maioria das vezes, fazer com que a organização tenha vantagem sobre as outras, e ganhe a concorrência, pois sabe enfrentar e vencer os desafios que surgem, dessa forma o planejamento estratégico visa a vantagem competitiva, onde a mesma saberá escolher quais os caminhos para alcançar o sucesso, tanto no presente como em um futuro próximo que é onde a organização planeja alcançar.

A organização que busca atingir os seus objetivos, deve planejar para garantir a sua sobrevivência em meio a esse cenário de mudanças, tanto no ambiente interno, como externo, deve também utilizar o planejamento estratégico como ferramenta de gestão, que irá auxiliar o gestor, perante desafios, ameaças, ou oportunidades, o que diferencia o planejamento do planejamento estratégico.

A diferença básica é que enquanto o primeiro está essencialmente voltado para a organização e elabora suas análises em bases retrospectivas e quantitativas, o planejamento estratégico baseia-se na análise externa do ambiente organizacional, utilizando dados quantitativos e qualitativos de longo prazo à frente, resultando em uma postura pró-ativa de seus dirigentes (BARBALHO; BERAQUET, 1995, p. 12).

Essa postura proativa significa que o gestor deve analisar as tendências do macro ambiente, e utilizar as oportunidades e vantagens e possíveis impactos para a organização, e buscar assim a sua eficiência e eficácia, pois as organizações devem conhecer a área que atuam para assim se destacarem perante a concorrência, e a administração estratégica vem ganhando destaque entre os gestores das empresas devido a exploração do ambiente interno e externo.

5 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO EM BIBLIOTECAS

A literatura a respeito sobre planejamento, planejamento estratégico é vasta na área da Economia e da Administração, mas muitas delas não fazem nenhuma ponte com a área da Biblioteconomia, uma das primeiras autoras a escrever sobre o planejamento na área foi Kira Tarapanoff, em seu texto intitulado “Planejamento Bibliotecário: em busca de identidade” em 1987, nesse texto a autora aborda sobre o planejamento bibliotecário ser visto como parte de um planejamento geral, e que a palavra bibliotecário ainda estaria vinculada e limitada à concretização física da biblioteca. A autora utiliza em termo de

definição e conceito de planejamento para a área, a terminologia do planejamento bibliotecário, que segundo a autora.

[...] pode ser utilizada quando se quer planejar e analisar a biblioteca em relação à organização à qual está vinculada, desde que se aceite a premissa de que a biblioteca é uma instituição de apoio, de prestação de serviços, portanto, vinculada outra organização (TARAPANOFF, 1987, p. 231).

A preocupação sobre o planejamento nas bibliotecas é algo que demorou para ser abordado, pois durante muito tempo não se tinha uma visão do bibliotecário como gestor, isso pode ser considerado como um dos fatores que contribuíram para que essa imagem do bibliotecário apenas como mero guardião de livros, permeasse por muitos anos, e também a própria estrutura curricular da maioria das universidades que possui o curso de Biblioteconomia, que se preocupou ao longo dos anos somente com o tecnicismo do curso (DUARTE; MATOS, 2007).

O cenário atual é cheio de mudanças no ambiente econômico, político, social e cultural, que afetam as organizações e a biblioteca também é influenciada por tudo que ocorre no seu ambiente interno quanto externo, assim surgiu o planejamento estratégico com uma ferramenta de apoio que possui extrema importância para a biblioteca lidar com suas ameaças e oportunidades e na melhoria dos seus serviços, para garantir que a organização trace o melhor caminho a fim de alcançar seus objetivos.

Planejar estrategicamente implica em integrar a Unidade de Informação aos processos sócio-econômicos do ambiente macro e micro da instituição em que está subordinada, em consonância com as necessidades de informações que impliquem no seu desenvolvimento eficaz. (BARBALHO, 1997, p.13).

Pois as bibliotecas na maioria dos casos (bibliotecas universitárias, escolares, especializadas) não existem como um órgão isolado, e estão subordinadas a uma instituição maior, necessitando conhecer as estratégias institucionais para assim elaborar seu planejamento estratégico, e este planejamento deve promover o diálogo com os funcionários e os setores da biblioteca.

Ao desenvolver o planejamento estratégico as atividades/funções desempenhadas pelos diversos setores são inseridas em um mesmo modelo de modo a garantir que os meios alcancem o fim com efetividade e qualidade nos serviços prestados (PACHECO; BENDIN, 2017, p. 628).

O planejamento estratégico nas bibliotecas é algo que deve ser acrescentado as práticas bibliotecárias, para assim guiar as suas tarefas/funções visando também prever os

problemas futuros com as tomadas de decisões no presente, por isso o planejamento também deve estar adequado a missão da instituição ao qual a biblioteca está inserida.

O planejamento estratégico procura atender as incertezas que cercam as organizações, demarcando objetivos para os mais diferentes níveis, setores e departamentos. Desta maneira, ao estabelecer o planejamento estratégico em uma unidade de informação, o gestor foca em decisões que aperfeiçoe o serviço prestado por meio de formulações de objetivos e a elaboração de estratégias para seu acervo (PACHECO; BENDIN, 2017, p.02).

A atividade de planejar na maioria das vezes não é vista como algo essencial nas funções do bibliotecário, às vezes é visto como uma perda do tempo, pois ainda hoje o bibliotecário ainda está ligado somente as suas funções tecnicistas, este fator influencia os gestores a não pensarem um planejamento de forma adequada para que a biblioteca alcance suas metas e objetivos.

Para Miranda (2004) as atividades tradicionais atribuídas aos bibliotecários, como mediador entre a informação e o usuário, devem ser agregadas às experiências com as técnicas de gerenciamento e conhecimento de tecnologias da informação, para que assim haja a assunção do papel de filtro informacional ao agregar valor aos produtos e serviços de informação.

Com as alterações causadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação que modificaram o papel do bibliotecário na sociedade, com isso novas formas de gerenciamento e novas ferramentas foram criadas para o controle, organização (e) disseminação da informação, as funções do bibliotecário estão além das funções técnicas da área biblioteconômica.

A função de planejamento estratégico no contexto das unidades de informação é propiciar melhoria na prestação de serviço, ao detalhar planos para atingir objetivos com eficiência e eficácia (CARVALHO, 2014).

Os bibliotecários deparam-se com frequência com várias mudanças que afetam a organização ao qual estão inseridos, assim como sua prática bibliotecária, existem hoje muitas metodologias voltadas para o gerenciamento de Unidades de Informação, como por exemplo, Qualidade Total, Reengenharia, Aprendizagem Organizacional e o Planejamento Estratégico.

Hoje o bibliotecário deve estar apto para trabalhar com a informação, independentemente do suporte, e gerir também as Unidades de Informação, assim o mesmo deve buscar todas as ferramentas para fazer o gerenciamento dos processos de organização,

disseminação, e gestão da informação, o bibliotecário não pode continuar apenas como um mero guardião de livros. E nessa nova realidade o foco principal que durante muito tempo era o acervo, passa a ser o usuário.

Assim como gestor, o bibliotecário deve preocupar-se com o acesso da informação para o usuário deve então “Pensar quais são as necessidades informacionais de cada tipo de usuário interno e externo e como essa informação pode cooperar no desenvolvimento do conhecimento do mesmo (PACHECO, BENDIN, 2017, p.135).

Novas estratégias necessitam ser introduzidas no gerenciamento das bibliotecas pois as novas demandas com relação a eficiência, abrangência seletiva, atualidade, prontidão, domínio da tecnologia e competência gerencial estão solicitando dos profissionais da informação uma prática mais adequada na gestão.

O planejamento estratégico para as bibliotecas e outras unidades de informação, deve ser tema de interesse dos bibliotecários além dos outros profissionais que atuam nas unidades de informação tais como documentalistas e arquivistas, além de e outros profissionais da informação, que na atualidade estão preocupados com o rumo das suas organizações, e os todos os seus setores.

O planejamento estratégico pressupõe que as organizações desejem desenvolver-se positivamente para o futuro, implicando, portanto, no conhecimento de sua área de eficácia e eficiência, bem como dos limites da organização e das variáveis que compõem o ambiente externo, relacionado à comunidade, às tecnologias e aos valores do qual a Unidade de Informação está inserida (BARBALHO, 1997, p. 02).

No planejamento estratégico se trabalha com a ideia de ambiente, e isso significa que se deve estar preparado para lidar com as mudanças, hoje a informação e o planejamento são elementos primordiais e essenciais para quem deseja alcançar uma vantagem competitiva, assim o planejamento de uma biblioteca pressupõe que o gestor compreenda os conceitos gerais clássicos da Administração, para assim saber guiar a biblioteca visando que ela interaja da maneira satisfatória com o ambiente que atua, dentro da instituição a qual está inserida.

Vale lembrar que não existe uma metodologia dita como a correta para implementação do planejamento estratégico nas bibliotecas, pois cada biblioteca irá adaptar o planejamento estratégico de acordo com a sua realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo que teve como objetivo geral abordar sobre o planejamento estratégico em bibliotecas, buscou o conceito de planejamento estratégico, ressaltar a importância dessa ferramenta e sua inserção como ferramenta de gestão nas bibliotecas, visando assim apresentar a participação do bibliotecário como gestor no planejamento estratégico, partindo da questão norteadora qual a relevância que o planejamento estratégico tem para a gestão das bibliotecas?

Assim sendo compreende-se que o planejamento estratégico é uma ferramenta de gestão, que tem como objetivo lidar com as diversas incertezas que afetam as organizações, por meio dele o gestor pode elaborar e demarcar objetivos para todos os níveis, setores e departamentos, pois trabalha-se a ideia de um sistema aberto que é interdependente.

Assim ao optar pelo planejamento estratégico o bibliotecário irá focar as suas decisões para o aperfeiçoamento dos serviços prestados pela biblioteca, e na elaboração de estratégias para garantir assim eficiência e eficácia, o bibliotecário como gestor é o responsável por todas as ações que a biblioteca irá realizar, por meio de projetos, através da participação das pessoas, e envolvendo também a instituição maior ao qual está vinculada.

Ressalta-se a relevância deste trabalho como fonte de estudos aos interessados em compreender como o planejamento estratégico pode contribuir na melhoria dos serviços de qualquer biblioteca, e que também contribua para uma reflexão a respeito da importância do bibliotecário utilizar ferramentas de gestão como o planejamento estratégico visando assim através da integração de todos os setores, o melhor atendimento aos seus usuários.

O bibliotecário ao optar por utilizar o planejamento estratégico deve compreender que todos os setores da biblioteca devem estar alinhados, devem participar para que esse processo seja de contribuição coletiva, assim levar a biblioteca a alcançar seus objetivos, e que qualquer decisão tomada durante a rotina irá influenciar o rumo da organização, portanto o bibliotecário deve ter domínio a respeito da administração estratégica para tomar a melhor decisão possível.

O planejamento estratégico é uma forma de garantir a sobrevivência da biblioteca e o crescimento diante desse cenário de incertezas, pois quando formulado de forma correta irá permitir que o gestor possa reunir os seus recursos e tomar as decisões, mas sabendo controlar os riscos e ameaças, mas para isso é necessário que o bibliotecário conheça essa áreas da Administração, pois que o planejamento estratégico só se tornará possível e eficiente quando houver uma mudança no pensamento do bibliotecário e comecem a ter

uma visão gestora nas bibliotecas, deste modo tornando-se um profissional com uma visão empreendedora, pois a biblioteca como organização deve buscar sempre a qualidade de seus serviços.

REFERÊNCIAS

ANSOFF, Igor H. **Administração estratégica**. São Paulo: Atlas, 1983.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Planejamento Estratégico: uma análise metodológica. **Inf.Inf.**, Londrina, v.2, n.1, p.29-44, jan./jun. 1997. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1608/1363>. Acesso em: 28 de jan. de 2019

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; BERAQUET, Vera Silvia Marão. **Planejamento Estratégico**: para Unidades de Informação. São Paulo: Polis/APB, 1995.

CARVALHO, Maria Balbina, et al. O desafio do planejamento de recursos humanos ante as novas demandas do mercado. **Caderno de Graduação- Ciências Humanas e Sociais-UNIT**, Sergipe, v. 2, n.1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/986/699>. Acesso em: 28 de jan. de 2019.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em: 28 de jan. de 2019.

DUARTE, Alexsandra Costa; MATOS, Núbia Cristiane Silva. A importância do planejamento nas bibliotecas. **Revista Bibliomar**, v.6, n.2, jul/dez, 2007, São Luís, p.46-56.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010019652004000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 de jan. de 2019

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia, prática. São Paulo: Atlas, 2014.

PACHECO, Anna Beatriz Camara Rodrigues; BEDIN, Sonali Paula Molin. Planejamento Estratégico aplicado em Unidades de Informação. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 27, n. 55, p. 628-653, jul./dez., 2017. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/2526-1516241631.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

TARAPANOFF, Kira. Planejamento bibliotecário: em busca de identidade. **R. Bibliotecon**. Brasília, 15(2)jul./dez. 1987, p. 229-236. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002548/2771d7c4c77a7ee6fbef32219cc5e5ea>. Acesso em: 18 de jan. de 2019.

CONSTRUÇÃO DE BIBLIOTECAS DIGITAIS: ESTUDO DE CASO

CONSTRUCTION OF DIGITAL LIBRARIES: CASE STUDY

CARNEIRO, Kathleen¹

SENA, Nádila Andrade Rodrigues de²

Resumo: As Bibliotecas Digitais surgem no início da década de 90 como uma tentativa de realizar um dos desejos mais antigos do homem, o de reunir em um só lugar todo o conhecimento produzido em todos o mundo. Ainda hoje não há um conceito amplamente aceito sobre o que seriam as Bibliotecas Digitais, o principal motivo que explica essa indefinição é a multidisciplinaridade que dificulta a definição de um conceito que se encaixe em todas as expectativas nelas colocadas. O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre a biblioteca digital e os principais elementos para sua implementação, além de uma análise da biblioteca digital *Europeana collections*, a fim de ver na prática a aplicação teórica estudada. Para tal análise foram buscados na literatura aspectos fundamentais que devem ser atendidos por esse tipo de biblioteca e a análise de quatro projetos de implementação de Bibliotecas Digitais no Brasil. Como resultado do trabalho, temos que os principais elementos para a implantação de uma biblioteca digital são: Estudo do público a ser atendido; Direitos autorais; Escolha dos metadados; Digitalização/Conversão dos objetos digitais; Recursos necessários e Treinamento no uso da biblioteca. A *Europeana collections*, atende a maior parte dos requisitos mínimos para uma Biblioteca Digital, de acordo com a literatura e com os projetos estudados. Com este trabalho entendemos que o bibliotecário deve atuar aliado às tecnologias e não as tomar como rivais, pois o acesso mundial a um mesmo ambiente independente do lugar é uma importante forma de disseminar a informação.

Palavras-Chave: Biblioteca Digital. Implementação. Estudo de caso. *Europeana collections*

Abstract: Digital libraries emerge in the early 1990s as an attempt to fulfill one of man's oldest desires, to bring together in one place all the knowledge produced in all the world.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: carneirokathleen@gmail.com.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: nadilasena@outlook.com.

Even today there is no widely accepted concept about what Digital Libraries would be, the main reason for this lack of definition is the multidisciplinary that makes it difficult to define a concept that fits all expectations. The objective of this work is to carry out a literature review on the digital library and the main elements for its implementation, as well as an analysis of the digital library Europeana collections, in order to see in practice the theoretical application studied. For this analysis, we searched the literature for fundamental aspects that must be met by this type of library and the analysis of four projects for the implementation of BDs in Brazil. As a result of the work we have that the main elements for the implantation of a digital library are: Study of the public to be attended; Copyright; Choice of metadata; Digitalization / Conversion of digital objects; Resources needed and Training in library use. Europeana collections, meet most of the minimum requirements for a Digital Library, according to the literature and the projects studied. With this work we understand that the librarian must act in conjunction with the technologies and not take them as rivals, since the world access to the same environment independent of the place is an important way of disseminating the information.

Keywords: Digital library. Implementation. Case study. *Europeana collections*

INTRODUÇÃO

O desejo de reunir todo o conhecimento humano gerado em um único lugar e a sua ampla divulgação para as pessoas, não vem de hoje em dia. Desde o final do século XX, Paul Otlet e Henri La Fontaine, incentivaram a criação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB).

Partindo-se da ideia de que todos deveriam ter acesso à produção científica dos mais variados países e que a divulgação desta era de suma importância para o avanço das pesquisas e estudos nas mais diversas áreas do conhecimento (JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2013, p. 2).

A criação do IIB tinha a pretensão de criar o Repositório Bibliográfico Universal (RBU), que teria como finalidade a ampla divulgação da informação produzida por seus países membros, por meio de bibliografias.

Com o passar dos anos e com o volume de documentos produzidos no campo científico crescendo, chegou-se no impasse de como armazenar e recuperar o conhecimento desenvolvido em pesquisas e investigações. Pensando nesse impasse em 1945 Vannevar Bush, cria o protótipo do que se tornaria mais tarde o precursor da Biblioteca Digital (BD)

que conhecemos, o Memex (*Memory Extension*). Conceituada como “uma máquina de leitura capaz de armazenar e recuperar informações” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 4), que permitiria ao documento poder “ser consultado com extrema velocidade e flexibilidade” (BUSH, 1945).

A Biblioteca Digital teve seu início na década de 90, mas de lá pra cá ainda não conseguimos definir um conceito que seja aceito de maneira universal entre as diversas áreas envolvidas em sua construção.

Dessa forma, a maioria das definições é fortemente influenciada pela percepção e pontos de vista particulares de pessoas e de organizações de diversas áreas que estiveram envolvidas em empreendimentos voltados para a construção e o uso de bibliotecas digitais (SAYÃO, 2008-2009, p. 9).

A Ciência da Informação e a Biblioteconomia enxergam as BDs como sendo uma extensão das atividades realizadas pelas bibliotecas desde os seus primórdios, ou seja, adquirindo, organizando e disponibilizando conhecimento, seguindo os avanços tecnológicos da contemporaneidade. Segundo Sayão (2008-2009), essas comunidades não enxergam a BD como uma máquina, essa visão das bibliotecas digitais serem uma extensão dos sistemas de rede pertencem aos profissionais da área de ciência da computação.

Podemos ver a multidisciplinaridade como uma via de mão dupla, pois enquanto ela ajuda no enriquecimento no campo da Biblioteca Digital, ela também dificulta a definição de um conceito que se encaixe em todas as expectativas nela colocadas. Devido a falta de uma conceituação amplamente aceita, podemos notar que outros termos estão sendo usados de forma incorreta, como sinônimos de BDs, dentre estes termos citamos aqui os mais comumente usados: biblioteca virtual e biblioteca eletrônica.

Para definir o que são as bibliotecas virtuais Alencar (2014, p.203), cita outros autores para chegar na definição a seguir:

A biblioteca (virtual) seria “uma rede mundial que fosse um grande depositário (potencialmente infinito) de todos os documentos da humanidade” (LEVACOV, 1997 *apud* ALENCAR, 2014). E ainda representa uma soma das muitas coleções de documentos, distribuídas sobre todo o planeta e conectadas entre eles por meio de um conjunto de redes telemáticas capazes de anular as distâncias e de facilitar a recuperação dos documentos (GAPEN, 1993, p. 1 *apud* ALENCAR, 2014).

Já para falar a biblioteca eletrônica, Alencar (2014) a define da seguinte maneira:

Refere-se ao sistema nos quais os processos básicos da biblioteca são de natureza eletrônica. Enfim, seria aquela em que os processos de catalogação, recuperação e armazenagem podem e estão disponíveis online (ALENCAR, 2014, p.203).

Embora tenhamos a biblioteca digital como um novo conceito de biblioteca, que nos “aparenta (ser) algo revolucionário, mas, na verdade, ele é resultado de um processo gradual e evolutivo” (CUNHA, 1999). Essa evolução tem início a partir da introdução dos computadores no cenário das bibliotecas tradicionais ainda no século passado. (ASSUNÇÃO, 2011, p.7).

“As acepções de biblioteca eletrônica, digital e virtual se entrelaçam entre si, isso fez com que o aparecimento de infinitas definições para a biblioteca digital nos últimos anos fosse inevitável.” (SCHWARTZ, 2000 *apud* ASSUNÇÃO, 2011, p.9). Desta forma podemos entender as bibliotecas eletrônicas, virtuais e digitais, como uma sendo a evolução da outra, logo não devem ser entendidas ou utilizadas como palavras de sentido semelhantes. Pois em sua essência elas se divergem.

Alguns autores tentam definir o que seria para eles as Bibliotecas Digitais, em seu fundamento, a seguir será apresentado o conceito adotado para esse trabalho.

Uma Biblioteca Digital é um conjunto de computação, armazenamento, e maquinaria de comunicações digitais juntamente com conteúdo e software necessários para reproduzir, emular, e estender os serviços fornecidos pelas bibliotecas convencionais com base em papéis e outros meios materiais para reunir, catalogar, buscar, e disseminar informações. Um serviço completo de biblioteca digital deve realizar todos os serviços essenciais das bibliotecas tradicionais, e também explorar as conhecidas vantagens do armazenamento, busca, e comunicação digitais. (GLADNEY, 1994, p. 2).

As Biblioteca Digitais só se tornaram possíveis com o advento da internet, que permitiu romper com duas barreiras que impediam o ideal de amplo acesso e divulgação do conhecimento, o tempo e o espaço. Para finalizar, as bibliotecas digitais são importantes agentes ao se falar da democratização da informação, pois em um mundo desigual como o que vivemos, a informação representa poder. “Lutar por esses excluídos deve ser bandeira de guerra daqueles empenhados em um real processo de democratização e de inclusão digital que vise a sua humanização e sua emancipação” (ALENCAR, 2014, p.16-17).

1.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Segundo Rozados (2004) as bibliotecas têm como principal função formar, informar e entreter, e estas funções vão se manifestar de forma distintas de acordo com os tipos de unidades de informação. Com o aumento constante da produção científica, que teve seu início principalmente com a Primeira Guerra Mundial, as bibliotecas assumiram a tarefa de proporcionar aos pesquisadores informação sem esperar que elas fossem solicitadas. Os

serviços de informação surgem, conseqüentemente, para suprir as demandas do crescimento industrial, social e econômico. (ROZADOS, 2004)

Compreendendo que a principal função de uma biblioteca ou unidade de informação é informar, os serviços de informação têm como meta conseguir que as necessidades informacionais dos usuários sejam satisfeitas. Então, segundo Silva (2017), nas bibliotecas digitais, os serviços são produto da manipulação da informação digital através de tecnologias de comunicação e informação. Os serviços oferecidos por uma biblioteca digital se assemelham aos serviços ofertados por uma biblioteca física, se caracterizando por ser um serviço iniciado eletronicamente, porém não exclui a mediação feita por um bibliotecário.

Pensando nessa temática, fez-se uma revisão de literatura sobre a biblioteca digital e analisou-se uma biblioteca digital, a *Europeana collections*, a fim de ver na prática a aplicação teórica estudada. Essa BD visa possibilitar o acesso a informações culturais, mas especificamente da Europa. Seu acervo é bem vasto e diverso, com uma totalidade de aproximadamente 60 milhões de documentos. A biblioteca foi escolhida sob a perspectiva das bibliotecas como importantes agentes culturais, perpassando pelo pensamento da unidade de informação como um ambiente que participa ativamente de uma cultura.

2 BIBLIOTECAS DIGITAIS: ELEMENTOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA DIGITAL

Mesmo sem possuir um conceito amplamente aceito, a Biblioteca Digital é entendida por muitos como uma ferramenta muito útil na divulgação e no acesso de informação para todos aqueles que possuem interesse em acessá-la, independente do tempo, do local ou da posição social que este ocupa. Para Procópio (2005), com uma Biblioteca Digital:

é possível o acesso universal em qualquer lugar que tenha computadores disponíveis conectados a *Web*, o que permite a qualquer pessoa ler, estudar, aprender e interagir com um universo literário. Permite, aos leitores de todo o mundo, o acesso direto [ou através de *download*] a livros no formato eletrônico (PROCÓPIO, 2005, p.25).

Neste sentido Gomes (2007), afirma que as bibliotecas digitais

oferecem uma gama de serviços que permitiram aos usuários aproveitar melhor os dados representados, organizados e disponibilizados em mídia eletrônica. Neste contexto, as bibliotecas digitais são capazes de transpor os limites espaciais

inerentes aos objetos físicos e permitir novas modalidades de trabalho e acesso à informação (GOMES, 2007, p.9).

Mas para que a BD alcance os seus objetivos é preciso que esta seja bem planejada e implementada, caso contrário seu objetivo principal como biblioteca, a disseminação do conhecimento não será atingido. Para entender melhor como é elaborada a metodologia de implementação de uma BD, buscaremos na literatura aspectos fundamentais que devem ser atendidos por esse tipo de biblioteca e logo após será apresentada a análise de quatro projetos de implementação de BDs no Brasil: Projeto de Implantação e Implementação de uma Biblioteca Digital no IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil; Projeto Biblioteca Digital do Senado Federal, Projeto de Implantação da Biblioteca Digital da PUC-RS e Projeto de Implantação e Implementação da Biblioteca Digital da Unopar. A fim de se comparar a literatura com as práticas executadas no cotidiano.

Para a prática da análise serão expostos os critérios adotados por cada um dos projetos citados, logo após iremos evidenciar quais aspectos estão presentes em todos os trabalhos, juntamente com suas descrições, para assim evidenciarmos os critérios fundamentais a serem atendidos na construção de uma Biblioteca Digital.

Para Fox (1999) citado por González (2001) uma BD combina: “uma coleção de objetos digitais (repositório), as descrições desses objetos (metadados), um conjunto de usuários, e sistemas que ofereçam uma grande variedade de serviços, tais como: captura, indexação, catalogação, busca, *browsing*, recuperação, distribuição, armazenagem e preservação.”

Já para Procópio (2005, p.31-32):

O desenvolvimento de uma Biblioteca Digital poderá ser norteado, dependendo da entidade mantenedora, por diversos objetivos específicos, entre os quais:

- » Constituir-se como uma ferramenta de apoio à inclusão cultural e digital;
- » Contribuir na garantia da democratização de informação como geradora de oportunidades;
- » Orientar o usuário na aquisição de conhecimentos na selva de informação, com a criação de mecanismos de aprendizagem; (..)

Diante das perspectivas apresentadas a análise da Biblioteca Digital será feita a partir dos seguintes aspectos das metodologia por elas adotadas:

No projeto da Biblioteca Digital no instituto de arquitetos do Brasil, os tópicos adotados são expostos a seguir:

- a) Tratamento dos Direitos Autorais
- b) Estratégia de busca e acesso dos Objetos Digitais

- c) A Criação, a captura e a conversão dos objetos digitais
- d) Distribuição dos Objetos Digitais
- e) Definição dos Metadados de: conteúdo, propriedade intelectual e instanciação
- f) Treinamento no Uso da Biblioteca Digital
- g) Gerenciamento e armazenamento dos Objetos Digitais
- h) Recursos necessários

Na implantação da Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF), a construção da metodologia foi guiada pelos seguintes tópicos:

- a) Caracterização do público alvo a ser atendido
- b) Caracterização do acervo digital
- c) Sistemática de digitalização
- d) Definição dos serviços que serão oferecidos
- e) Seleção do modelo de metadados
- f) Direitos autorais
- g) Seleção do software de gerenciamento da BDSF
- h) Seleção do formato de arquivos
- i) Apoio ao portador de deficiência
- j) Visitas técnicas e cursos
- k) Implementação do sistema da BDSF

O próximo projeto analisado é o da Biblioteca Digital da PUC-RS, que utilizou os seguintes critérios:

- a) Digitalização
- b) Definição das necessidades dos usuários
- c) Direito autoral
- d) *Software*
- e) Ambiente público e restrito
- f) *Hardware*
- g) Disseminação
- h) Pessoal

E por último a metodologia usada pela Unopar na criação da sua Biblioteca Digital de suporte básico ao ensino a distância. Ela foi baseada nos seguintes critérios:

- a) Tratamento dos Direitos autorais
- b) Criação, Captura e Conversão dos Objetos Digitais
- c) Definição dos Metadados de conteúdo, propriedade intelectual e instanciação
- d) Gerência e Armazenamento dos Objetos Digitais
- e) Busca e Acesso dos Objetos Digitais
- f) Distribuição dos Objetos Digitais
- g) Treinamento no Uso da Biblioteca Digital
- h) Recursos Necessários
- i) Metodologia de Avaliação dos Resultados

Através da análise dos fundamentos dos projetos citados é possível observar que os seguintes itens estão presentes na maioria das BDs:

- Estudo do público a ser atendido

O estudo do público alvo da biblioteca é o primeiro passo para o planejamento de uma BD, pois será esse perfil traçado que guiará o processo de seleção e formação do acervo e as demais atividades do sistema.

- Direitos autorais

A lei protege os direitos do autor de forma a garantir que o pensamento, a criação artística, literária e científica, quando transpostos para a realidade material – o livro, o teatro, o cinema, a música, as artes plásticas, o trabalho do intérprete, a atividade do editor – recebam remuneração adequada (CABRAL, 2000 *apud* GONZALEZ, 2001, p.18).

- Escolha dos metadados

“O conceito de metadado diz respeito ao dado sobre dado, ou ainda, a informação sobre informação que se encontra no espaço digital ou virtual. É a catalogação do objeto digital ou do próprio dado” (GOMES, 2007, p.14). A catalogação pode usar alguns padrões internacionalmente reconhecidos como o *Dublin Core*, criado descrição de documentos eletrônicos. Os metadados segundo Gomes (2007), podem ser divididos em três sub-áreas, sendo, conteúdo, propriedade intelectual e instanciação.

– Digitalização/Conversão dos objetos digitais

“Digitalizar significa transformar uma determinada informação em seqüência ordenada de bits, capazes de serem interpretados e reproduzidos pelos computadores.” (NEGROPONTE, 1995, p. 234 *apud* GOMES, 2007, p. 8). A digitalização permite que o original de uma obra seja preservado, mas que o documento possa ser consultado por meio do arquivo de imagem disponível na internet.

Segundo Vieira, *et al* (20--), a digitalização pode ser dividida em dois procedimentos distintos:

digitalização da obra como formato imagem, e conversão destas em textos através do reconhecimento ótico de caracteres (OCR), para finalmente transformá-lo em documento textual, com acessibilidade para leitura por meio de sintetizadores de voz; criação de arquivos de imagens, contendo as páginas da obra e mantendo o *layout* original da publicação, sem conversão para texto.

– Recursos necessários

Nessa etapa são descritos os principais softwares utilizados em BD, abaixo está uma análise feita dos *softwares* realizada pela Secretaria Especial de Informática – PRODASEN, do Senado Federal.

Greenstone – programa desenvolvido pela Universidade de Waikato / Nova Zelândia em cooperação com a Unesco, sendo muito bem aceito pela comunidade de informação e possui versão em inglês, francês, espanhol e russo. A versão em português está, ainda, em fase de desenvolvimento. A consulta é bem fácil, porém o processo de instalação é complicado, necessitando de um técnico de informática para seu efetivo desenvolvimento. Funciona tanto em plataforma *Windows* como *Unix*.

Dspace– programa desenvolvido pelo MIT / USA. É um sistema que possibilita o armazenamento, divulgação e recuperação de todo tipo de material em formato digital. Possui uma versão em português, customizada pela Universidade do Minho, Portugal; que forneceu uma cópia para instalação possibilitando a criação da BDJur. Uma das dificuldades é que o programa só funciona em plataforma *Unix* e sua customização depende de linguagem Java. Assim, a dependência do setor de informática é grande. (Software mais utilizado no mundo em BD)

Além de tratar dos softwares nessa etapa também são discutidos os *hardwares* e os recursos financeiros e humanos para a implementação das bibliotecas digitais.

– **Treinamento no uso da BD**

O treinamento para uso da Biblioteca Digital, é um item importantíssimo para um bom funcionamento desse ambiente, uma vez que sem uma instrução de uso para os usuários a biblioteca pode não ser utilizada em sua amplitude e deixando assim os serviços prestados por ela desconhecidos.

A experiência do dia-a-dia em projetos de Bibliotecas Digitais está de acordo com a literatura apresentada no início da seção, desde seguidas minimamente os critérios acima descritos e que seja lembrado a importância do marketing e divulgação não só da BD, mas os serviços por ela oferecidos, pois assim essa nova biblioteca cumprirá seu papel social na guarda e disseminação do conhecimento.

3 EUROPEANA COLLECTIONS

A Europeana Collections é uma biblioteca digital que tem convênio com diversas organizações europeias, tais como bibliotecas, arquivos e museus. Ela foi criada com o propósito de compartilhar com o mundo o patrimônio cultural europeia, construindo um espaço educativo e investigativo, mas também de lazer. O objetivo da biblioteca é, pensando na rica herança cultural europeia, facilitar o acesso aos documentos relacionados a Europa (UNIÃO EUROPEIA, 2018).

A biblioteca foi desenvolvida por países da União Europeia e, atualmente, é mantida por cooperação de bibliotecas e organizações culturais dos estados membros. Por ter convênio com diversos tipos de unidades de informação - bibliotecas, arquivos e museus - eles categorizam o acervo de mais bem diversa e específica para cada tipologia. Tem as coleções temáticas especiais podem ser sobre arte, moda, música, fotografia, história e a Primeira Guerra Mundial contendo galerias, blogs e exposições. Eles organizam documentos museológicos em exposições, tais como *Tricks of the Trade*, *Visions of War* e *Power to the People*.

– Estudo do público a ser atendido

A biblioteca tem como usuários potenciais pesquisadores e profissionais, mas também estudantes e outros interessados. Percebe-se pelo objetivo da biblioteca que eles tem um foco em disseminar informações da cultura europeia para o mundo, trazendo em voga uma perspectiva um pouco etnocentrista da cultura europeia. Com isso, eles não tem um público específico, mas bem geral, ou melhor, um público mundial.

– Direitos autorais

Pensando nos documentos, a licença de uso varia conforme o tipo de documento. Então, eles utilizam desde o *Copyright* (licença de uso mais rígida) até os *Creative Commons* (licença de uso mais flexível). Por exemplo, *copyright* em manuscritos antigos e CC em registros fotográficos.

– Escolha dos metadados

Os metadados utilizados são essencialmente título, descrição, autor/criador, classificações, tempo, tipo de licença de uso, referência e instituição proveniente. São acrescentados outros metadados para obras específicas - artefatos, músicas, obras de arte -, como localização física e pesquisa por cor. Além disso, o único metadado de assunto é de classificações (por assunto geral e específico).

– Digitalização/Conversão dos objetos digitais

A Europeana se destaca por organizar e disponibilizar um acervo, não se limitando somente a documentos bibliográficos. Ela torna possível que por meio de uma biblioteca digital se tenha acesso a gravações de som, imagens, vídeos e objetos em 3D. Novas possibilidades são dadas ao usuário em suas buscas.

A biblioteca possui um acervo de mais de 50 milhões de itens digitalizados, incluindo livros, música e obras de arte. Os documentos são os mais diversos bem como a sua grande maioria é disponibilizado integralmente. Alguns que estão indisponíveis atualmente, como manuscritos antigos, apresentam links para os sites das instituições que disponibilizaram o documento.

– Recursos necessários

O *software* da biblioteca é próprio e a equipe trabalha com vários provedores de serviço para hospedar e executar os sistemas:

- O **IBM Cloud** hospeda nossos produtos voltados ao usuário final implementados em uma instância de PaaS baseada em nuvem. Ele hospeda as APIs REST da Europeana e as coleções da Europeana.
- O **Hetzner** hospeda nossos sistemas de *back-end* de dados (por exemplo, Solr e MongoDB, entre outros).

- O **EngineYard** é um ambiente de hospedagem baseado em nuvem para aplicativos da *web*. Abriga o Europeana Pro, o Europeana Labs, o Europeana Research, o Europeana 1914-1918 , o guia de estilo do Europeana e a nossa instância do OpenSKOS. (UNIÃO EUROPEIA, 2018)

– **Treinamento no uso da BD**

Por seu viés de alcance mundial, a biblioteca não possui um treinamento de uso da plataforma, mas a Europeana possui uma navegação muito intuitiva, o que facilita a independência do utente ao fazer uma busca na biblioteca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas são uma fonte de conhecimento e cultura bem como a biblioteca digital, que representa um avanço nos serviços oferecido por uma biblioteca. Cria-se uma grande expectativa nesse deste tipo de biblioteca.

A biblioteca escolhida para análise resume bem o impacto que as bibliotecas digitais exercem na pesquisa e na cultura. No entanto, é possível perceber que a Europeana visa enaltecer uma cultura milenar e mostrar a sua evolução em diversos aspectos, mas ainda sob a visão da biblioteca com um viés um tanto etnocêntrica trazendo à tona marcos históricas bem demarcados, tais como a predominância de uma cultura sobre as outras.

Outro aspecto é entender que o bibliotecário deve atuar aliado às tecnologias e não tomá-las como rivais, pois o acesso mundial a um mesmo ambiente independente do lugar é uma importante forma de disseminar a informação. Além disso, o papel do bibliotecário é de extrema importância não só na gestão das bibliotecas digitais, mas principalmente no momento em que estas serão projetadas, pois é somente ele possui competências de representação, conservação e disseminação da informação em ambientes informacionais. Pois caso não haja sua participação na construção é bem possível que a BD passe a ser somente um conjunto de documentos digitalizados ou digitais que ficaram perdidos no universo informacional digital.

Enfim, com a biblioteca digital, a ideia da construção de um repositório universal, de Paul Otlet e Henri La Fontaine, se torna cada vez mais viável. As bibliotecas apresentadas neste trabalho trazem para nós uma aplicação prática deste conceito, uma vez

que tratam de assuntos diversos e são de acesso livre, ou seja, estão disponíveis para acesso em qualquer lugar que tenha acesso a internet.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Anderson Fernandes de. Bibliotecas digitais: uma nova aproximação. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 201-220, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_239dc6fe8c_0013154.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2018.

ASSUNÇÃO, Renato Vieira da. Biblioteca Digital: uma abordagem conceitual. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14, 2011, São Luiz. **Anais...** São Luiz: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BIBLIOTECA%20DIGITAL%20uma%20abordagem%20conceitual.pdf>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p.257-268, set./dez. 1999.

CUNHA, M. B; C. McCarthy. Estado atual das bibliotecas digitais no Brasil. In: Carlos H. Marcondes; Helio Kuramoto; Lidia Brandão Toutain; Luis Sayão. (Org.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. 2. ed. Brasília: IBICT, 2006, p. 25-54.

GOMES, Samir Hernandes Tenório. **Projeto de implantação e implementação de uma biblioteca digital no IAB – Instituto de arquitetos do Brasil**. 2007. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/13260/1/PROJETO_DE_IMPLANTAÇÃO_E_IMPLANTAÇÃO_DE_UMA_BIBLIOTECA.pdf>. Acesso em: 6 maio 2018.

GONZALEZ, Marco. **Projeto Biblioteca em direção ao acervo digital**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001. 77 p. Disponível em: <<http://www.inf.pucrs.br/gonzalez/docs/projetobib.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2018.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. Os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine no Brasil: apontamentos sobre a influência do instituto internacional de bibliografia na criação do serviço de bibliographia e documentação da biblioteca nacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** [Florianópolis]: UFSC, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/4000/3123>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

PROCÓPIO, Ednei. **Construindo uma Biblioteca Digital**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2005. 114 p. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/bibliotecadigital.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2018.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **Indicadores como Ferramenta para Gestão de Serviços de Informação Tecnológica**. 2004. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5668/000429419.pdf?sequence=1>>.
Acesso em: 01 maio 2018

SAYÃO, Luis Fernando. Afinal, o que é biblioteca digital?. **Revista USP**, São Paulo, n. 80, p. 6-17, dez./fev. 2008-2009. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13709/15527>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

SILVA, Neusa C., SÁ, Nysia O., FURTADO, Sandra R. S. Bibliotecas Digitais: do conceito às práticas. **MiniWeb Educação**. [20--]. Disponível em:<<http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/libdigi.unicamp.pdf>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. Biblioteca digital: definição de termos. In: SAYÃO. Luís Fernandes (Org.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. Salvador: IBICT, 2005. Cap.1, p. 15-24. Disponível em:<<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1013/1/Bibliotecas%20Digitais.pdf>>. Acesso em: 6 maio. 2018.

UNIÃO EUROPEIA (Europa). **Europeana Collections**. Disponível em:<<https://www.europeana.eu/portal/pt>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

VIEIRA, Simone Bastos (Cord.). Projeto Biblioteca Digital do Senado Federal: Informação para todos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22, 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n], 2003. Disponível em:<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/99288/Projeto%20BDSF.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 6 maio. 2018.

**ANÁLISE DO MODELO DE GESTÃO DO SETOR DE ARQUIVO DA PRÓ-
REITORIA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO COM VISTA À
RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

***ANALYSIS OF THE MODEL MANAGEMENT OF THE FIELD SECTOR OF THE
PRÓ-REITORIA OF PLANNING AND ADMINISTRATION FOR THE RECOVERY
OF INFORMATION***

CAVALCANTE, Luciano Pereira dos Santos¹

ALCÂNTARA, Maria Daiana Silva Alves²

LEAL, Ruth Costa³

Resumo: O arquivo em sua composição constitui um acervo que armazena toda ou em grande parte as informações necessárias para que possam ser acessadas e recuperadas para que seja possível o acesso à informação. No entanto, a gestão do acervo documental se mostra de extrema importância para propiciar o condicionamento correto, de modo a evitar o acúmulo desses documentos, que, sem o arquivamento adequado, ocasiona prejuízos à unidade de informação. Desse modo, o presente artigo busca de maneira técnico-empírica, demonstrar por meio de abordagens e conceitos o processo de gestão arquivística na Divisão de Arquivo da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração, com o intuito de instigar reflexões acerca das análises e percepções a respeito da visita técnica realizada, sugerindo melhorias no processo de gestão. Na visita foi possível perceber que o modelo de gestão é de natureza compartilhada, o que facilita bastante a realização de procedimentos que favoreçam a solução de problemas identificados. As abordagens e conceitos estudados sugerem a aquisição de técnicas que proporcionem melhorias de arquivamento das informações no intuito de facilitar a integração e a localização dos documentos do arquivo.

Palavras-Chave: Gestão arquivística da PROPLAD. Recuperação da informação. Técnicas arquivísticas.

¹Universidade Federal do Ceará. E-mail: lucianopdsc@hotmail.com.

²Universidade Federal do Ceará. E-mail: daianaalvesufc@gmail.com.

³Universidade Federal do Ceará. E-mail: ruth.costa1997@outlook.com.

Abstract: The file in its composition is a collection that stores all or much of the information necessary for it to be accessed and retrieved so that access to information is possible. However, the management of the documentary collection is of extreme importance in order to provide the correct conditioning, in order to avoid the accumulation of these documents, which, without adequate archiving, causes damage to the information unit. In this way, the present article seeks in a technical-empirical way, to demonstrate by means of approaches and concepts the process of archival management in the Archive Division of the Pro-Rectorate of Planning and Administration, with the intention of instigating reflections about the analyzes and perceptions to technical visit, suggesting improvements in the management process. During the visit, it was possible to perceive that the management model is of a shared nature, which facilitates enough to carry out procedures that favor the solution of identified problems. The approaches and concepts studied suggest the acquisition of techniques that provide improvements in the archiving of information in order to facilitate the integration and location of the documents in the archive.

Keywords: Archives management of the PROPLAD. Information retrieval. Archival techniques.

1 INTRODUÇÃO

Diante das contingências e demandas presentes nas organizações, ter atividades estruturadas de forma a otimizar o trabalho e priorizar ações que viabilizem a tomada de decisão tem apresentado um grau de relevância bastante significativa, sobretudo nas unidades arquivísticas. Para Robert (1990, p.137) “os arquivos constituem a memória de uma organização qualquer que seja a sociedade, uma coletividade, uma empresa ou uma instituição, com vistas a harmonizar seu funcionamento e gerar seu futuro”. Isso justifica a importância da boa gestão ser necessária no processo de condicionamento, ampliação e implantação de práticas que visem a recuperação da informação para os usuários, como também quem trabalha com ela no dia a dia.

Assim, na Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD), pelos quais conta com uma divisão arquivística e corpo técnico administrativo voltada para essa área presencia uma realidade em que a unidade necessita atender de acordo com as demandas que surgem, exigindo de maneira pragmática uma padronização exemplar que rege o modo

correto de acondicionamento documental. Desse modo, a forma de execução da gestão no arquivo é fundamental para a manutenção e o correto acondicionamento dos documentos, com vista a recuperação da informação.

Em contrapartida à referida unidade arquivística, conta com um anexo que funciona como uma espécie de depósito que condiciona vários documentos, mas de maneira aleatória. Por isso foi necessária uma visita técnica no referido setor com o intuito de compreender a realidade do arquivo da PROPLAD. Desse modo, a mesma conta com uma unidade arquivística que apresenta uma movimentação de usuários muito grande, porém no anexo, não conta com um acondicionamento adequado e apresenta arquivos de diversas naturezas que inviabiliza o acesso à informação. Assim, partindo dessa necessidade, foi realizada uma visita técnica utilizando de entrevistas com todos os representantes das divisões que compõe a referida unidade para verificar o modelo de gestão utilizada de modo a levantar um diagnóstico por meio de um acompanhamento técnico.

Diante dessa perspectiva, o referido trabalho visa apresentar o arquivo da PROPLAD da Universidade Federal do Ceará (UFC) por meio de informações coletadas através de visitas mediadas ao próprio arquivo antes e durante a 2ª Semana Nacional de Arquivos que ocorre anualmente em todo país, por meio de entrevistas com a equipe responsável pelo setor, pesquisas no site da PROPLAD, embasadas através de um levantamento bibliográfico acerca de práticas e técnicas arquivísticas para compreender a logística de funcionamento da unidade, tendo como escopo maior de objeto de estudo a gestão utilizada dentro desse ambiente. Assim, a escolha da unidade de informação deu-se pelo interesse dos integrantes da equipe, como parte da composição da nota da disciplina de Gestão de unidades de informação que constituiu em conhecer o processo da gestão arquivística e a escolha do referido local teve como motivo a facilidade de acesso ao setor, visto que sua localização se encontra bem próximo ao ambiente de estudo de todos os integrantes da equipe.

Objetiva-se sugerir propostas por meio da análise realizada, onde possibilitem alcançar a alta qualidade das tarefas a serem executadas e para o aperfeiçoamento das atividades em desenvolvimento por meio da apresentação das ações necessárias para as questões organizacionais dos documentos, de forma a desenvolver e propor um planejamento para a unidade de informação. Desse modo, o planejamento poderá contribuir para a melhoria das atividades desenvolvidas dentro da unidade de informação, pois, o planejamento é essencial para um bom gerenciamento da organização.

2 CONTEXTUALIZANDO O ARQUIVO

A palavra arquivo enquanto organização, conserva duas dimensões: uma tradicional, que entende o arquivo como um lugar onde se guardam documentos, e outra que corresponde a um conjunto orgânico de documentos. A segunda dimensão define o arquivo como “[...] complexo de documentos produzidos ou recebidos segundo uma correlação original e espontânea de conteúdo e de competência de uma administração, durante a atividade desenvolvida para atingir os próprios fins práticos ou para a execução da própria função.” (CASTRO et al., 1988 *apud* PORTO, 2013, p. 14). Já a primeira dimensão diz que os arquivos são instituições que:

[...]têm como principais funções ou processos a: criação, avaliação, aquisição, classificação, descrição, comunicação e conservação dos documentos gerados em decorrência do exercício das atividades funcionais que se estabelecem primordialmente pelas vias jurídico-administrativas (ROUSSEAU; COUTURE, 1998 *apud* TANUS; RENAU; ARAÚJO, 2012, p. 160).

Trabalharemos aqui com a segunda, a dimensão orgânica. Dentro de um arquivo os documentos obedecem aos princípios da proveniência ou do respeito aos fundos, da territorialidade, do respeito à ordem natural, da pertinência ou princípio temático, e o princípio da reversibilidade.

Além disso, os documentos de arquivo devem possibilitar “[...] a preservação de sua organicidade, sua integridade física e a disseminação de informações extraídas de seus elementos.” (BELLOTTO, 2002, p. 13), são essas características que diferenciam os documentos arquivísticos de outros tipos de documentos.

Desse modo, organizar e arquivar corretamente toda a produção de informação de um arquivo nem sempre é tarefa fácil, por isso é necessário que os gestores planejem e desenvolvam a gestão técnica da informação, dos documentos e da própria organização. E isso requer atividades de mapeamento e controle de processos para que os documentos sejam adequadamente condicionados dentro da unidade, de forma a propiciar sua recuperação.

3 ARQUIVO DA PROPLAD

O arquivo escolhido pertence a uma divisão de arquivo da Pró-reitoria de Planejamento e Administração, que resultou da consolidação das Pró-Reitorias de Administração e de Planejamento em uma única unidade de gestão.

O setor, até o ano de 2017, era denominado de Divisão de Comunicação e Arquivo onde recebeu, por longo período, a unidade ficava responsável por receber documentações variadas de diversas repartições da Universidade Federal do Ceará. A partir disso, ainda no ano de 2017, por falta de estrutura e recursos para receber a documentação geral da UFC, foi feita uma cisão e criou-se a Divisão de Protocolo e a Divisão de Arquivo (DIARQ) da PROPLAD.

Com isso, podemos destacar que:

[...] integrando suas atribuições, de modo a possibilitar maior eficiência, eficácia e efetividade a sua atuação na operação dos macroprocessos relacionados tanto à gestão estratégica e desenvolvimento organizacional quanto à gestão operacional, potencializando as condições necessárias para um melhor desempenho das atividades finalísticas da instituição relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão (PROPLAD, 2017)

Apesar dessa alteração o setor ainda é responsável por guardar toda a documentação recebida em anos anteriores e para isso, dispõem de um anexo para armazenamento dessa série de documentos diversificados.

A DIARQ se difere dos outros tipos de arquivos da UFC por ser o único arquivo institucionalizado até o presente momento. Este arquivo é dividido em dois ambientes: um deles é um ambiente climatizado, com estantes deslizantes e com os documentos acondicionados em caixas arquivo, classificados de acordo com o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), e que também possui documentos microfilmados, apenas da PROPLAD.

O outro anexo, corresponde a um ambiente totalmente insalubre, onde esta recebeu parte da documentação geral da Universidade Federal do Ceará, até o ano de 2014 e, após esse ano, a DIARQ passou a receber apenas documentos com valor administrativo da própria PROPLAD, do gabinete do reitor e da Procuradoria, relativos, por exemplo, aos documentos que dão suporte para a execução da função da UFC.

Desse modo, em 2018, a UFC adotou o Sistema Eletrônico de Informações (SEI), “[...] desenvolvido pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), onde se mostra uma ferramenta essencial de gestão de documentos e processos eletrônicos [...]”. E que tem como objetivo promover a eficiência administrativa, possibilitando que todos os documentos administrativos já nasçam classificados de acordo com os parâmetros do CONARQ. Concomitante com essas prerrogativas, a DIARQ se baseia nesses procedimentos para otimizar os fluxos de gestão e, com base nessas informações, é importante ressaltar que a DIARQ apresenta os seguintes valores organizacionais:

Missão: Prover, continuamente, com eficiência, eficácia e efetividade os meios necessários para conservação e organização dos documentos, assim preservando a memória institucional da UFC e facilitando a disseminação da informação na comunidade acadêmica.

Visão: Desenvolver ações administrativas voltadas para atender as demandas e expectativas da instituição para a plena satisfação das necessidades da comunidade universitária.

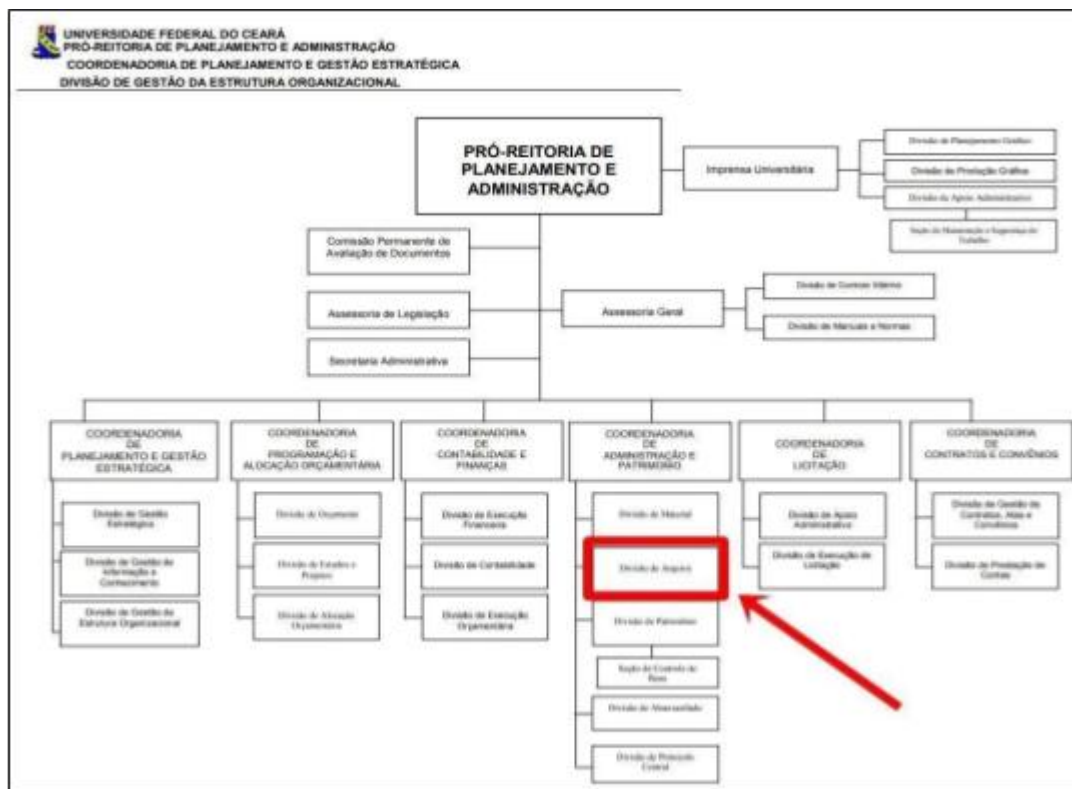
Objetivos: Planejar e supervisionar estratégias que visem organizar os arquivos para que se possa conservar e difundir a informação com competência, seriedade e responsabilidade.

Assim, com essa perspectiva, a DIARQ apresenta uma unidade que tem como escopo a coerência e a transparência dos seus servidores e dos colaboradores no recinto da unidade arquivística, no que diz respeito aos processos e controle dos arquivos da instituição, prezando pela lisura e acessibilidade, de modo a favorecer a recuperabilidade da informação em seus diversos suportes.

3.1 Organograma

Como forma de garantir a organização dos vários setores da instituição pública, os gestores da UFC optaram por confeccionar um organograma, conforme ilustrado abaixo. Onde representa um gráfico que projeta uma estrutura organizacional da instituição em que também encontra inserido a DIARQ, na qual está hierarquicamente comandado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Administração.

Figura 2 - Organograma da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração



Fonte: Internet

Dentro desse contexto hierárquico, salientamos que as principais atribuições da DIARQ são:

- Receber, arquivar, transferir quando necessário e zelar pela segurança dos processos e documentos da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração encaminhados para arquivamento;
- Realizar o tratamento arquivístico da massa documental acumulada que se encontra no anexo da Divisão de Arquivo;
- Efetuar quando necessário o desarquivamento de processos arquivados;
- Atender ao público no que se refere à realização de pesquisas ao acervo da UFC sob a guarda do setor e registros das mesmas;
- Conservar e preservar a documentação existente na Divisão de Arquivo;
- Resguardar o sigilo sobre arquivos que comportem matéria de natureza confidencial ou reservada;
- Prestar orientação técnica às unidades/subunidades em seus respectivos âmbitos de atuação;

- h) Adoção da legislação, das normas vigentes e das boas práticas na organização dos arquivos correntes, intermediários;
- i) Desenvolver trabalhos em conjunto com os demais arquivos intermediários da UFC, com o intuito de melhoria e disseminação das práticas de gestão documental na Universidade;
- j) Acompanhamento pedagógico do trabalho desenvolvido pelos bolsistas;
- k) Desenvolvimento de trabalhos pedagógicos que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos bolsistas; Identificação documental do acervo acumulado – Levantamento dos documentos a serem organizados;
- l) Classificação e avaliação do acervo identificado;
- m) Encaminhar a Comissão de Processos Administrativos (CPAD), processos que já tenham cumprido seu prazo de guarda legal e que, portanto, possam ser eliminados.

Com isso, percebe-se que a DIARQ é uma unidade que está conectada com outros setores da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração, onde esta assume o dever e a responsabilidade de condicionar de forma adequada todos os documentos produzidos pela instituição, zelando pelo compromisso e transparência da informação documental. Assim, possibilitando que todos os setores da PROPLAD tenham acesso à DIARQ como forma de resguardar os documentos e condicionar o preparo necessário para a correta guarda dos documentos públicos.

4 METODOLOGIA

A metodologia que é composta nesse trabalho é de natureza qualitativa, e cunho exploratório que visou realizar uma análise da Divisão de Arquivo da PROPLAD, que segundo Gil (2010), representa um método de forma a verificar por meio de uma visita técnica avaliar *in locus* se o ambiente é capaz de armazenar os documentos em boas condições e se os gestores da divisão utilizam métodos para conseguir conservar e disponibilizar os documentos.

Esse trabalho teve seu advento como parte integrante da disciplina de Gestão de unidades de informação como forma de visualizar a teoria na prática como sucede a administração dos fluxos organizacionais dentro de uma unidade de informação onde, no caso, foi a Divisão de Arquivo da PROPLAD. Assim, a referida pesquisa propôs um diagnóstico da unidade, de forma a promover um feedback significativo através de um plano de gestão para a melhoria dos processos e práticas organizacionais.

5 ROTINA ADMINISTRATIVA DO ARQUIVO

No momento, a principal atividade desenvolvida pelo DIARQ da PROPLAD é separar e organizar os documentos que estão nessa segunda divisão do arquivo, onde encontram-se os documentos gerais da UFC até 2014, e movê-los para esse outro ambiente que possui boas condições de armazenagem e acesso. Desse modo, para aperfeiçoar essa organização, está sendo seguida uma ordem cronológica inversa. Iniciaram-se os trabalhos com os documentos do ano de 2014, separando-os dos demais para, em seguida, higienizá-los, classificá-los e armazená-los em caixas arquivo. Ao findar os documentos referentes à este ano, será iniciado a separação dos documentos do ano de 2013 e assim, de forma decrescente, dos anos antecessores.

5.1 Serviços oferecidos

Por se tratar de um arquivo intermediário, que possui documentos apenas com valor administrativo da instituição, o principal serviço oferecido no momento é a disponibilização de documentos apenas para consultas locais para os servidores da Universidade Federal do Ceará, para servir como base de tomada de decisões ou por exigências fiscais.

5.2 Recursos humanos

O arquivo da DIARQ da PROPLAD, em sua equipe de trabalho, conta com três arquivistas, dentre eles, o diretor da divisão Felipe Lourenço onde foi o anfitrião da visita técnica e passou informações valiosíssimas para se poder realizar o diagnóstico da análise, além de um assistente administrativo e uma bibliotecária com especialização em técnicas de arquivo, dois terceirizados e quatro bolsistas, onde estes compõem atualmente o quadro de pessoal da DIARQ. Já no anexo, o trabalho é quase inviável, pois este apresenta um ambiente insalubre. Normalmente há algumas restrições quanto liberação da equipe em conjunto sobre o trabalho no anexo, de modo a propor melhores ações a serem implementadas, pois o ambiente é quase que totalmente inviável para as práticas laborais, exigindo-se assim, conversar com cada integrante e saber sobre as demandas atuais do setor e procurar melhorar o ambiente e viabilizar a guarda e permanência do acervo.

6 MODELO DE GESTÃO UTILIZADO

Por intermédio da visita técnica, pôde-se observar que o diretor da divisão opta por usar um modelo administrativo voltado ao valor humano, onde se realiza um processo de liderança estruturado na confiança, caracterizado pela gestão compartilhada de informações entre os seus colaboradores independentes de seus níveis hierárquicos, mostrando-se assim, a utilização de uma gestão participativa. Esse modelo “[...] consiste em compartilhar as decisões que afetam a organização, não apenas com os funcionários, mas também com os clientes ou usuários, fornecedores e, eventualmente, com distribuidores ou concessionários da organização.” (OLIVEIRA; SILVA, 2006, p. 107).

Desse modo pode se enfatizar que quanto à gestão de documentação, o setor conta com uma variedade de arquivos onde se tenta manter a organização através da classificação e armazenamento em ordem numérica dos arquivos, contando com uma equipe que se esforça para suprir todas as necessidades do setor. Em uma unidade de arquivo procura-se seguir a Teoria das Três Idades, que define os prazos de guarda de um documento, dividindo-os em arquivos correntes, intermediários e permanentes. Para Jardim (1987, p. 32) a teoria das três idades:

Em síntese, sustenta a ideia de que os documentos arquivísticos, em função dos seus usos e valores para a organização produtora ou para terceiros, podem ser objeto de intervenção em uma ou mais fases: corrente, intermediária e permanente. Assim, a gestão de documentos é um processo arquivístico que busca intervir nas fases que compõem o ciclo vital dos documentos.

Diante dessa perspectiva, a DIARQ trabalha se baseando nessa teoria com o propósito de atender às demandas institucionais, uma vez que há uma necessidade em demasia pela consulta de documentos em suas diferentes idades, resultando na inviabilização do descarte. Assim, a passos lentos a DIARQ como algumas unidades da universidade já estão passando a optar pela digitalização dos documentos para preservar e otimizar o espaço arquivístico dentro das unidades.

Contudo, foi relatado que a partir de 2018 a universidade optou por aderir o Processo Eletrônico Nacional (PEN), através do Sistema Eletrônico de Informações (SEI). O PEN:

É uma iniciativa conjunta de órgãos e entidades de diversas esferas da administração pública, com o intuito de construir uma infraestrutura pública de processos e documentos administrativos eletrônicos, objetivando a melhoria no desempenho dos processos do setor público, com ganhos em agilidade, produtividade, transparência, satisfação do usuário e redução de custos (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO, 2018).

O SEI é sistema de protocolo que produz e faz tramitar processos administrativos, o sistema permite que a unidade de informação tenha abrangência em uma lista predefinida, a arquivista da PROPLAD fez em 2017, onde foi feito o elo da lista com o código de classificação (CONARQ). A DIARQ da PROPLAD utiliza dois instrumentos, o do CONARQ para atividade meio e Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) para atividades fins.

7 PLANEJAMENTO

Uma das etapas mais importantes na concepção e implementação do planejamento estratégico em unidades arquivistas é a elaboração do plano estratégico, já que colige dos meios ambientes, interno e externo destas unidades, informações-chave para o desenvolvimento das diretrizes e das estratégias a serem utilizadas no âmbito do planejamento. Segundo Vasconcelos Filho (1978, p. 10), o:

Planejamento estratégico é uma metodologia de pensamento participativo, utilizada para definir a *direção* que a empresa deve seguir, através da *descoberta* de objetivos *válidos* e *não-subjetivos*. O produto final da utilização desta metodologia é um *documento escrito* chamado Plano Estratégico.

Neste contexto, o uso das técnicas de planejamento como modelo de verificação dos ambientes organizacionais, torna-se uma ferramenta indispensável na organização dos dados e das informações, pois integra a compreensão dos ambientes interno e como isso pode refletir no fluxo de atividades na unidade arquivista da PROPLAD. Dessa forma, com o plano estratégico é possível também traçar diretrizes na promoção do desenvolvimento futuro, incluindo ações de diferenciação e adequação da unidade arquivística no contexto da gestão estratégica da informação.

8 RESULTADOS DA DISCUSSÃO

Tendo em vista a DIARQ da PROPLAD está em um período de transição, esta se encontra em um processo de reestruturação e organização para o adequado acondicionamento dos documentos, uma vez que conta com um anexo, mas esses documentos estão organizados de maneira aleatória, pois apresenta arquivos de diversas origens e este anexo necessita de uma reforma para que haja condições ideais para alocar esses documentos para consultas futuras.

Assim, foi percebida com o diagnóstico que é de suma importância ter essa reparação no anexo da PROPLAD, como também é necessário fazer um o levantamento dos dados acerca do acervo arquivístico e uma seleção dos documentos que estão disponibilizados. Isto porque para que haja a implementação deste anexo de maneira organizada e estruturada, é importante contar com projetos de arquivos para a elaboração de programas referentes ao programa de gestão de documentos.

Depois do levantamento, os dados são analisados para que medidas sejam tomadas. Não visa apenas detectar falhas de administração, mas também propõe soluções técnicas para racionalizar o fluxo documental da área pesquisada.

8.1 Proposta de plano de ação

ATIVIDADE	O QUÊ?	POR QUE?	COMO?	QUEM?
Reestruturação do anexo da PROPLAD	Reforma da unidade anexo para ampliação	Oferecer uma estrutura e condições adequadas para alocar os documentos	Através de recursos da Universidade em parceria com os servidores técnico administrativos da instituição	Pessoal da manutenção
Treinamento para bolsistas	Capacitar os novos bolsistas	Para que possam cumprir as atividades durante a bolsa	Através de instruções, palestras e cursos	Equipe arquivística
Padronização e organização dos documentos	Padronizar e organizar os documentos para a recuperação eficiente	O fornecimento de informação deve atender ao padrão	Através de implementação de uma metodologia baseada no diagnóstico e seleção de arquivos.	Servidores e bolsistas
Informatização de arquivos do acervo	Transcrever a informação armazenada para o SEI	Permite a economia de tempo, espaço e otimiza as atividades da unidade somando o fator segurança	Estruturação do aplicativo para cadastramento dos documentos	Servidores e bolsistas

Manuais de procedimentos/ Política Documental da PROPLAD	Descrever procedimentos referentes aos processos de funcionamento do arquivo e sua relação com a UFC	Atualização do manual/política já estabelecido	Descrevendo a metodologia utilizada para a estruturação do serviço da documentação	Equipe arquivística
---	--	--	--	---------------------

Dessa forma, com um plano de atividades estruturado e com uma percepção holística, possibilita à unidade de informação deter uma amplitude de controle maior sobre os processos que estão sendo realizados no recinto da organização. Assim, a ferramenta proposta constitui um arsenal de mecanismos que favorecem ao gestor e toda sua equipe uma maior detenção de ações mais sistematizadas a respeito do plano das atividades organizacionais, podendo estas discorrerem mais fluida das etapas de atividades que estão sendo desempenhadas no cotidiano do trabalho com a adoção desse modelo de plano.

Com essa sugestão de plano de ação, pode proporcionar um melhor condicionamento de atitudes mais assertivas, no que concerne à melhoria contínua nos processos que são desenvolvidos na unidade de informação, como também pode possibilitar um desenvolvimento significativo das boas práticas de gestão dentro das unidades de informação, além de proporcionar melhoria do clima e da efetividade organizacional.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente organizacional da DIARQ da PROPLAD, na parte onde se encontra a administração e onde se localiza parte dos documentos de responsabilidade do setor transparece sensatez e harmonia, pois exhibe um local organizado e a equipe se mostra receptiva e disposta a compartilhar de seu conhecimento. Acredita-se que isso se deva a utilização de uma gestão participativa, pois dessa forma ao estimular a participação do grupo nos processos decisórios e cultivar uma interação entre os profissionais, se é estimulado à confiança entre os colaboradores independente de seus níveis hierárquicos, mantendo-os unidos e isso transparece ao público.

Dessa forma, fomos recepcionados por uma equipe atenciosa que nos informou todos os detalhes possíveis sobre o setor, nos deixando cientes da importância que o arquivo exerce na preservação da memória da instituição e da necessidade de sua atuação na UFC. Essa visita foi de total auxílio para conhecer melhor uma unidade de informação,

lançando um olhar mais prático sobre as teorias analisadas em sala de aula e por consequência facilitou a execução do trabalho solicitado pela professora.

Em um segundo momento, conhecendo a parte do anexo do arquivo, apesar de se tratar de um ambiente insalubre, a equipe mostrou comprometimento e dedicação em nos encaminhar até o local independente de ter passado de seu horário de atendimento, além de informarem, demonstrando força de vontade, suas ideias e propostas para melhoramento do espaço. Por fim, o trabalho nos proporcionou uma aprendizagem mais prática, nos trazendo possíveis realidades e dificuldades que poderemos enfrentar em um futuro ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Processo Eletrônico Nacional (PEN)**. Disponível em <<http://www.planejamento.gov.br/pensei>>. Acesso em 15 jun. 2018.

BRASIL. Pró-reitoria de Planejamento e Administração. Universidade Federal do Ceará. **Estrutura Organizacional da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração da Universidade Federal do Ceará**. 2017. Disponível em: <<http://www.proplad.ufc.br/wp-content/uploads/2019/03/estrutura-organizacional-proplad-26-03-19.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. Pró-reitoria de Planejamento e Administração. Universidade Federal do Ceará. **Sobre a PROPLAD**. Disponível em: <<http://www.proplad.ufc.br/sobre-a-proplad/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. Tribunal Regional Federal da 4ª Região. Ministério da Fazenda. **Sistema eletrônico de informações: criado e cedido gratuitamente pelo TRF4**. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/sei/sobre>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
JARDIM, José Maria. **O conceito e a prática de gestão de documentos**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1 – 123, jul/dez. 1987.

OLIVEIRA, Jayr F. de; SILVA, Edison A. da. As teorias administrativas. In:_____. **Gestão organizacional: Descobrimo uma chave de sucesso para os negócios**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 73-128.

PORTO, Daniela Miguéns. **História e evolução do arquivo: a exemplaridade da Torre do Tombo**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2013. Disponível em:

<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1836/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Daniel_Porto.pdf>. Acesso em 14 jun. 2018.

ROBERT, Jean-Claude. **Les rapports entre l'histoire e l'archivistique**. In: La place de l'archivistique dans la gestion de l'information: perspectives de recherche. Montreal: Université de Montreal, 1990.

SANTOS, Janilson. Noções de arquivologia. In: CEARÁ. MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO. **Técnico administrativo (administração): Teoria, dicas e exercícios por assunto**. Fortaleza: DIN.CE, 2017. p. 840.

TANUS, G. F. S. C.; RENAU, L. V.; ARAÚJO, C. A. V. O conceito de documento na arquivologia, biblioteconomia e museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2012.

VASCONCELLOS FILHO, Paulo de. Afinal, o que é planejamento estratégico? **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p.7-14, abr./jun. 1978.

**GESTÃO E LIDERANÇA: A IMPORTÂNCIA DESSAS COMPETÊNCIAS
PARA O BIBLIOTECÁRIO.**

***MANAGEMENT AND LEADERSHIP: THE IMPORTANCE OF THESE
COMPETENCES TO THE LIBRARIAN.***

ANJOS, Manuele Carneiro dos¹

Resumo: O artigo aborda as temáticas gestão e liderança como elementos fundamentais para a evolução das bibliotecas e de seus profissionais. Tem como objetivo demonstrar o quanto necessário é para o bibliotecário exercer funções além das já tradicionais e que ele deve buscar por outras aptidões, a fim de melhorar seu desempenho. Ratifica ainda que estas são exigências do atual mercado de trabalho, que está mais minucioso no atual contexto da sociedade. Conceitua gestão e liderança a partir de uma pesquisa bibliográfica dando ênfase a definições claras e concisas sobre os temas. Evidencia o diferencial do profissional que busca fora da sua zona de conforto, que assume a liderança de forma eficaz e executa uma boa gestão na unidade de informação. Mostra como esse profissional diferenciado é bastante requisitado para a contemporânea realidade da biblioteca. Apesar de existirem exemplos negativos em relação a este tema, apresenta-se aqui de forma sucinta um positivo, que a gestão da biblioteca Antônio Gomes Moreira Júnior localizada no Centro de Ciências Naturais e Tecnologia campus V da Universidade Estadual do Pará. A partir de observações em campo e entrevista com a bibliotecária responsável obtiveram-se informações qualitativas para a elaboração deste artigo. A conclusão é um alerta para que o profissional bibliotecário sempre busque a qualificação e se desapegue do comodismo.

Palavra-chaves: Biblioteca. Bibliotecário. Gestão. Liderança.

Abstract: The article deals with management and leadership as fundamental elements for the evolution of libraries and their professionals. It aims to demonstrate how necessary it is for the librarian to perform functions beyond the traditional ones and that he should seek other skills in order to improve his performance. He further affirms that these are requirements of the current labor market, which is more detailed in the current context of society. It conceptualizes management and leadership from a bibliographical research,

¹Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: manudosanjos@outlook.com.

emphasizing clear and concise definitions on the themes. It shows the differential of the professional who seeks outside his comfort zone, who takes the lead effectively and performs a good management in the information unit. It shows how this distinguished professional is very much in demand for the contemporary reality of the library. Although negative examples related to this subject, it is presented here succinctly a positive one, that the management of the library Antônio Gomes Moreira Júnior located in the Center of Natural Sciences and Technology campus of the State University of Pará. Field observations and interview with the responsible librarian, qualitative information was obtained for the elaboration of this article. The conclusion is an alert so that the professional librarian always looks for the qualification and detach of the comodism.

Keyword: Library. Librarian. Management. Leadership.

1 INTRODUÇÃO

As transformações que passaram as bibliotecas ao longo de sua existência são inquestionáveis, sua estrutura física e interna moldou-se para se adaptar, e principalmente adequar-se aos seus usuários. Dantes, existia uma preocupação excessiva em realizar apenas os processos técnicos (classificar, catalogar, indexar, etc.). DUARTE *et al.* (2016, p. 162) afirma que “esse o fazer tradicional do bibliotecário”.

Vemos hoje a grande importância do gerenciamento nas unidades de informação, o que por muito tempo foi negligenciado, deixando de lado a qualidade de outros serviços oferecidos. As bibliotecas antes fechadas e inacessíveis, no contexto atual se mostram amplamente abertas aos seus usuários. Entretanto, o bibliotecário deve se adequar também a estas transformações, buscar por habilidades e competências além de sua área, afinal, o mercado exige tais aptidões.

É neste cenário que entra o papel do bibliotecário gestor, atuando de forma dinâmica e proativa para o bom funcionamento da unidade na qual está inserido. O bibliotecário deve estar sempre motivado a essas novas oportunidades. Chiavenato (2013) destaca que a motivação é impulso interior do indivíduo para satisfazer um objetivo. Dentro desta motivação encontra-se o papel do líder. Para Chiavenato (2013) a liderança se faz presente em todas as organizações humanas. O bibliotecário que assume essa liderança e precisa saber lidar com todos os encargos, ser eficaz na condução da unidade de informação.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica que como afirma Gil (2002) desenvolve-se principalmente a partir de materiais já existentes como livros e periódicos; ressaltando autores alinhados com o tema proposto, foi feita ainda uma observação na rotina da biblioteca Antônio Gomes Moreira Júnior e também uma entrevista com a bibliotecária da unidade de informação. Nos diz Gil (2002, p.53) que “[...]a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre[...]”. Estas observações em campo serviram para colher informações qualitativas sobre como funciona a gestão na biblioteca.

É saindo da comodidade que o bibliotecário como ressalta Duarte *et al.* (2016, p. 162) vai “ao mesmo tempo, estar preparado e preparar os sujeitos para as novas demandas da sociedade da informação”.

2 O QUE É GESTÃO?

A palavra gestão segundo Ferreira (2004) deriva do latim *gestione* com o significado de gerência, administração. Para Schultz (2016, p. 25) “administrar é, pois, operacionalizar as atividades a fim de atingir determinado objetivo”. Nenhuma organização, seja qual for sua finalidade começa sem uma boa gestão, capaz de captar as influências internas e externas e transforma-las em algo positivo. Segundo Park, Bonise e Abud (2000) estamos aptos a administrar qualquer coisa, seja uma empresa ou nosso próprio tempo. Também para Park, Bonise e Abud (2000, p. 1) “administrar é constituído sempre a partir da realidade que o cerca, podemos afirmar com segurança que diferentes realidades demandarão diferentes formas de administrar”.

Gestão é também algo essencialmente filosófico. Como definem Park, Bonise e Abud (2000) é uma filosofia em ação racional dotada de valores éticos. A gestão nesse sentido nos proporciona um desenvolvimento contínuo, seja ele empresarial ou até mesmo pessoal. Pode-se afirmar que sem gestão tudo tende a ser caos, é preciso elaborar as metas, traçar os objetivos, planejar as ações a serem tomadas. Uma vez que as organizações existem para alcançar algum propósito, alguém precisa definir essa missão e os meios para sua realização. A administração é esse alguém. (ROBBINS, 2003, p. 33).

Define Chiavenato (2006) a administração como nada mais que a condição racional das atividades de uma organização seja ela lucrativa ou não. Ainda, Chiavenato (2003) reitera que a relação com esta área do conhecimento é a principal chave para a solução dos

mais graves problemas que afligem o mundo moderno. Como podemos observar o processo de gestão / administração é essencial para o desenvolvimento e avanço tanto da sociedade, quanto das pessoas.

A administração é um fenômeno universal no mundo moderno. Cada organização requer o alcance de objetivos em um cenário de concorrência acirrada, a tomada de decisões, a coordenação de múltiplas atividades, a condução de pessoas, a avaliação do desempenho dirigido a metas previamente determinadas, a obtenção e a alocação de recursos etc (CHIAVENATO, 2003, p. 13).

A gestão é a arte de realizar ideias através de pessoas, aqui encontra-se o conteúdo gerencial da própria gestão. O gestor, não é pessoa que diretamente executa o objetivo, é o que organiza direciona as ações. Maximiano (2000) define que os gerentes possuem tais atividades: 1) Tomar decisões e resolver problemas; 2) processar informações; 3) representar a empresa; 4) Administrar pessoas; 5) Cuidar da própria carreira. Dentro do que abrange a gestão a liderança deste gestor interferirá diretamente no desenvolvimento e no alcance dos objetivos.

2.1 O que é liderança?

Guiar um grupo motivá-lo para o cumprimento de um objetivo este é o papel da liderança. Robbins (2003, p. 304), diz que liderança é “a capacidade de influenciar um grupo em direção à realização de metas”. França *et al.* (2002, p. 259) define que “a liderança é um processo social no qual estabelecem relações de influência entre pessoas”. Um líder, é aquele que cativa as pessoas de tal modo que as convence a seguir as suas ideias. Os líderes surgem em várias ocasiões com afirma França *et al.* (2002, p. 259) “o processo de liderança se verifica em infinitas situações: na família, na escola, no esporte, na política, no trabalho, no comércio, na vida pública ou em espaços privados”.

Em empresas ou organizações o papel de líder por vezes é associado a pessoas que exercem cargos de chefias, o que não é necessariamente verdade, pois, nem todo chefe é líder, contudo, nem todo líder é chefe. Certas pessoas exercem a liderança de forma natural, traços com aparência, força física, entusiasmo, autoconfiança, iniciativa, etc., destacam um líder. Vergara (2003, p.76) assegura que “segundo a teoria dos traços de personalidade, quem nascesse com esses traços seria líder. Sempre. Quem não nascesse, certamente seria liderado”. França *et al.* (2002, p. 259) afirma que “muitos cientistas, especialmente pesquisadores de psicologia, sociologia e ciências políticas, têm estudado de forma sistematizada e científica o processo de liderança”.

Muitos autores tentam explicar como ocorre a liderança, por vezes um líder nem sequer encaixa-se nos traços de personalidade aqui citados. Uma pessoa não se torna um líder por possuir alguma combinação de traços; o padrão das características pessoais do líder precisa manter alguma relação relevante com características, atividades e objetivo dos seguidores. (STOGDILL apud FRANÇA *et al*, 2002, p. 260). Ou seja, liderança é o poder de influenciar pessoas num propósito comum, independente de aparência ou personalidade.

Existe ainda os estilos de liderança que são: o autocrático, o democrático e o *laissez-faire*. O autocrático é o típico chefe que só dar ordens e exige resultados. Abbade e Brenner (2009) definem que é o líder que decide e fixa as diretrizes sem qualquer participação do grupo. O democrático é o incentivador. Abbade e Brenner (2009) dizem ser o líder que busca a participação e as vezes faz com que esqueçam que também têm deveres. Já o *laissez-faire* é o “deixa rolar”. No que tange a liderança existem ainda muitos conceitos, definições e teorias. Contudo, qual a importância disso para o bibliotecário?

3 O DIFERENCIAL DO BIBLIOTECÁRIO GESTOR E LIDER.

Sabendo que a biblioteca é um organismo vivo que desempenha não só funções técnicas, existe o consenso de que o bibliotecário deve buscar competências e habilidades além da sua zona de conforto, que lhe permita planejar e controlar as unidades de informações da qual é responsável. Moraes e Teles (2013), afirmam que o processo de gestão em uma biblioteca é complexo e que envolve diversos fatores que vão desde a administração de recursos a pessoas. Um bom bibliotecário deve saber lidar e principalmente gerenciar quaisquer eventualidades que ocorra em sua unidade de informação.

No trabalho desenvolvido pelo bibliotecário, as técnicas tradicionais de atuação são o alicerce da profissão e muitas oportunidades de emprego são para atender essa demanda. Porém, os profissionais da informação precisam estar atentos às necessidades do mercado, inclusive agregando valor ao seu cargo de modo a incorporar também os aspectos gerenciais em sua Unidade de Informação (ALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 78).

A biblioteca não é somente um espaço que armazena informação, é uma organização que precisa ser bem administrada, neste quesito alguns profissionais têm sido relapsos, ignorando a importância de aptidões gerenciais. Chiavenato (2014, p. 65) afirma que “as organizações não existem no vácuo, nem estão sozinhas ou isoladas no mundo”. Alves e Damasceno (2016, p. 78) indicam que “o bibliotecário deve ter a capacidade de

administrar de maneira geral a Unidade de Informação se deseja manter-se firme no mercado de trabalho”. O mercado tornou-se bastante exigente como podemos observar nas imagens 1 e 2.

Imagem 1 – Anuncio de emprego

Bibliotecário(a) Escolar

- ★ Graduação Completa em Biblioteconomia com Registro no Conselho Profissional
- ★ Desejável Especialização ou Pós-Graduação na Área de Biblioteconomia
- ★ Experiência sólida na Gestão de Bibliotecas Escolares e na Liderança de Equipe
- ★ Conhecimento em Literatura Infantil, Juvenil e Adulta (será testado)
- ★ Vivência na elaboração de Projetos Literários, Culturais e de formação de leitores em ambiente escolar
- ★ Domínio intermediário do Idioma Inglês

#SALÁRIO: Envie sua Pretensão Salarial
 #BENEFÍCIOS: Ass. Médica e Odonto + VT + VR + Seguro de Vida
 #LOCALdeTRABALHO: BOTAFOGO/ RJ

Fonte: <https://bit.ly/2vGtw3Y>.

Imagem 2 – Anuncio de emprego 2

VAGAS Digite um cargo, empresa e/ou localização

Bibliotecário
 v1889654
 Grupo Tiradentes

GRUPO TIRADENTES
 Unit Fita

Salário: R\$ 2.000 a R\$ 3.000
 Local: Não informado
 Supervisão: Supervisã... Coorden...

Pré- Requisitos:

- Superior completo em biblioteconomia
- Registro ativo no CRB
- Experiência em gestão de bibliotecas e liderança
- Preferencialmente ter conhecimento em Pergamum, CDU
- Habilidade em pacote office e informática avançada

Fonte: <https://bit.ly/2JEkvAH>.

A biblioteca é um ambiente em constantes adaptações, precisa de um profissional capaz de lidera-la de forma eficaz; vai ser um fator relevante se este líder souber como afirmam Stoner e Freeman (2010) arrumar e alocar trabalho os recursos no sentido de

alcançar objetivos. A liderança se faz muito necessária neste meio, e o perfil de liderança vai ser determinante neste processo.

A profissão de Bibliotecário sempre exigiu a prática da administração, uma vez que a gestão envolve a elaboração de projetos e a junção de habilidades que vão desde o saber de lidar com pessoas a solução de problemas. O bibliotecário passou a ser um profissional mais proativo, que não tem medo de ousar, o que refletiu consideravelmente para que se tornasse um bom líder com criatividade, passando a cunhar um ambiente propício a ampliação das Unidades de Informação (HOLANDA; NASCIMENTO, 2010, p. 5).

Existe um vasto campo profissional para o bibliotecário gestor e líder, quando há eficiência em seu trabalho pode transformar a rotina da biblioteca atraindo e proporcionado aos seus usuários mais facilidades e comodidades no ambiente. É comum vermos uma biblioteca desvalorizada não só no sentido de captação de recursos com também no mau gerenciamento o que a torna obsoleta, sucateada, um lugar sem vida, estagnado no tempo. Mas, nem todas são assim.

3.1 Um exemplo positivo

Criada no ano de 1999 a biblioteca Antônio Gomes Moreira Júnior localizada no Centro de Ciências Naturais e Tecnologia (CCNT) campus V da Universidade Estadual do Pará (UEPA), se diferencia por sua busca de uma gestão que execute com qualidade os serviços oferecidos. O ambiente é agradável e voltado para dispor conforto aos seus usuários, como demonstra a imagem 3 abaixo.

Imagem 3 – Espaço da biblioteca.



Fonte: Arquivo próprio (2019).

A atual gestão é coordenada pela bibliotecária Nadine Silva que considera uma boa gestão essencial para o desempenho favorável da biblioteca. Aqui este processo é levado muito a sério buscando sempre a melhoria do *feedback* entre ela e seus auxiliares. Esta gestão tem um foco em solucionar problemas internos para que não haja alterações frequentes na rotina da unidade de informação; além disso, é uma gestão participativa nas tomadas de decisões, obvio dentro de suas limitações.

No diz respeito à liderança temos aqui uma líder que se define como democrática, que busca priorizar o diálogo, dividir as tarefas de acordo com a capacidade de cada servidor e estagiário ao seu dispor. Quando há algum problema ou dúvida sobre a execução do serviço demonstra-se disposta a orientar, o que motiva sua equipe e conseqüentemente o bom funcionamento da biblioteca. Em situações de conflito ela é mediadora; por exemplo: não permitindo que piadas de não gosto sejam feitas no ambiente de trabalho e cortando na raiz ruídos prejudiciais como as fofocas.

Existe aqui uma profissional que se preocupa em não exercer somente as tarefas técnicas da biblioteca, mas também em ser uma gestora e líder para sua biblioteca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sair da zona de conforto nem sempre é fácil, tal atitude exige de nós um esforço imenso, e no meio deste processo surgem as dúvidas e o medo de arriscar, de ir além. O bibliotecário já provou ser a temporal, de se ajustar conforme as transformações sociais. Hoje, é exigida mais uma vez esta mudança.

Falar de gestão em bibliotecas é algo fundamental, é necessário incentivar esse processo para que as bibliotecas sejam cada vez mais acessadas e valorizadas. Uma má gestão prejudica tanto quanto a falta de recursos. É um veneno, uma praga que coroe e apodrece toda uma estrutura, fazendo com ela se torne obsoleta e defasada. É necessário por parte dos bibliotecários fazer-se presente, assumir a liderança dentro de sua unidade de informação. Obviamente, não, é algo fácil nem todos tem o perfil, contudo, isto não significa que não possa ser aprendido, e com certo esforço possa ser alcançado.

Atualmente percebe-se por parte das faculdades de biblioteconomia um esforço para formar profissionais capacitados em gestão e liderança, fazendo parte de seu calendário acadêmico matérias com as temáticas. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), por exemplo, é oferecido eventualmente o curso de especialização em gestão de unidade de informação, existem maneiras de se qualifica e suprir as demandas do mercado de trabalho.

Nota-se no contexto atual a cobrança para que o bibliotecário saia de sua “caixinha”, do seu fazer habitual e exerça as responsabilidades de sua unidade de informação. Existe ainda certa resistência por parte de alguns bibliotecários, que se acomodam, mas também há aqueles que se esforçam para demonstrar para a sociedade o quanto as bibliotecas e o bibliotecário são fundamentais para o avanço do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Eduardo Botti; BRENNER, Fábio. Perfil de liderança e tomada de decisão. **FACES R. Adm**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 107-127, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2S18NCb>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- ALVES, Márcia Valéria; OLIVEIRA, Magali Araújo Damasceno de. Gestão de unidades de informação: o bibliotecário como gestor e líder. **BiblioCanto**, v. 2, n. 1, p. 70-82, 27 abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Qmugrf>. Acesso em 03 abr. 2019.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração novos tempos**: os novos horizontes em administração. 3. ed. São Paulo: Manole, 2014. 625 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CHIAVENATO, Idalberto **Princípios da administração**: o essencial em teoria geral da administração. 2.ed. São Paulo: Manole, 2013. 441 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Princípios da administração**: O essencial em Teoria Geral da Administração. 3º reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- DUARTE, Emeide Nóbrega et al. Gestão da informação e do conhecimento nos currículos dos cursos de biblioteconomia das universidades públicas brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.45, n.3, p.156-171, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2YbbJ14>. Acesso em 07 abr. 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FRANÇA, Ana Cristina Limongi et al. **As pessoas na organização**. 2. ed. São Paulo: Editora Gente. 2002.
- HOLANDA, Cíntia; NASCIMENTO, Amanda. Bibliotecário: gestor nas unidades de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 12., 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, UFRGS, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2PLMNU4>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- MORAIS, Alessandra Márcia Bueno Soares; TELES, Fabio Luís. Gestão de biblioteca na universidade: desafios para o gestor. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior**

Almeida Rodrigues, Rio Verde, ano 1, n. 1, p. 111-117, jan. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2VQsfGl>. Acesso em: 19 abr. 2019.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2000.

PARK, Kil Hyang; BONIS, Daniel Funcia de; Abud, Marcelo Reschini. **Introdução ao estudo da administração**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ROBBINS, Stephen P. **Administração mudanças e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2003.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 11. ed.. São Paulo: Prentice Hall, 2006.

SCHULTZ, Glauco. **Introdução à gestão de organizações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 159 p. Disponível em: <https://bit.ly/2O7u3DE>. Acesso em: 06 mai. 2019.

STONER, James A. F.; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. 533 p.

VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão de pessoas**. 3.ed. São Paulo: Atlas. 2003.

OS DIVERSOS TIPOS DE BIBLIOTECAS: UM ESTUDO DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA ENTRE A BIBLIOTECA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ E A BIBLIOTECA DIGITAL NACIONAL

THE VARIOUS TYPES OF LIBRARIES: A STUDY OF THE REFERENCE SERVICE BETWEEN THE LIBRARY OF THE STATE OF PARÁ LEGISLATIVE ASSEMBLY AND THE NATIONAL DIGITAL LIBRARY

PROGENE, Priscila de Nazaré Castro¹

MAIA, Élide Lopes²

Resumo: O serviço de referência trata-se de uma atividade desenvolvida na biblioteca que demanda principalmente de pesquisa e consulta onde o bibliotecário por sua vez fará a mediação entre o usuário e a informação. O serviço de referência digital é uma evolução do tradicional utilizando a internet e seus aplicativos como principal ferramenta. O objetivo do presente trabalho é verificar e apresentar os serviços que são oferecidos no setor de referência da biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Pará e da Biblioteca Digital Nacional, a metodologia utilizada na biblioteca da Assembleia Legislativa foi de observação participativa já no portal da Biblioteca Digital foram realizadas pesquisas e consultas verificando se os serviços prestados por esta biblioteca estão realmente ativos. Os resultados revelam que em uma biblioteca todas as atividades desde a seleção, indexação, catalogação dentre outros, visam atender as necessidades do usuário de modo eficiente, e se operadas em conjunto, por exemplo, o caso da ALEPA que usa a BNDigital como mais um meio de agregação para prestação de seus serviços tornando-a ainda melhor para a recuperação da informação e qualidade do serviço de referência. Conclui-se que cada vez mais o uso das tecnologias proporciona novas formas para obter informações, a Biblioteca Digital Nacional, por exemplo, ao utilizar modernos softwares vem contribuindo para melhorar a qualidade dos seus processos técnicos, produtos e serviços.

Palavras-chave: Serviço de Referência. Serviço de Referência Digital. Biblioteca digital nacional. Mediação e uso da informação.

¹Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: priscila_castro03@hotmail.com.

²Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: elidamaia@hotmail.com.

Abstract: The reference service is an activity developed in the library that mainly requires research and consultation where the librarian in turn will mediate between the user and the information. The digital reference service is an evolution of the traditional using the internet and its applications as the main tool. The objective of this study is to verify and observe the services that are offered in the reference sector of the library of the Legislative Assembly of the State of Pará and the National Digital Library. The methodology used in the library of the Legislative Assembly was participatory observation and interview the responsible librarian, already in the portal of the Digital Library were carried out researches and consultations verifying if the services provided by this library are really active. The results reveal that in a library all the activities from the selection, indexing, cataloging among others, aim to meet the needs of the user in an efficient way. It is concluded that increasingly the use of technologies provides new ways to obtain information, the digital library, for example, using modern software has contributed to improve the quality of its technical processes, products and services.

Keywords: Reference Service. Digital Reference Service. National digital library. Mediation and use of information.

1 INTRODUÇÃO

A Mediação da Informação (MI) está presente em todas as ações do profissional da informação, desde a seleção ao uso e geração de conhecimento, devendo ser realizada consciente de seu potencial de inferência e manipulação, realizando o repasse da informação de maneira organizada para o usuário, no qual essa ação é conhecida como serviço de referência.

Observa-se que o serviço de referência (SR) vem para facilitar o processo de busca da informação, realizando assim o papel de intermediador entre a informação e o usuário. O setor de referência pode ser definido como o local da biblioteca onde se realiza a relação entre a informação e as necessidades do usuário. O SR virtual é realizado via internet sendo uma evolução do tradicional. Segundo Márdero Arellano (2001), os serviços de referência virtuais já se tornaram uma realidade. O que é verdade, pois atualmente boa parte das bibliotecas oferece serviços como alerta de novos exemplares, correio eletrônico entre outros.

O objetivo do presente trabalho é verificar e observar os serviços que são oferecidos no setor de referência da Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, destacando e apresentando a biblioteca e seus serviços para o ambiente acadêmico realizando assim, o destaque para suas obras raras e outros materiais de extrema importância que contam toda a história política e histórica de nosso estado. Já na Biblioteca Nacional Digital, vamos consultar seu serviço de referência virtual, verificando se os serviços prestados por esta biblioteca estão realmente ativos, descrever cada um deles, com intuito de divulgar essa ferramenta que nem todos conhecem ou sabem de fato manusear.

2 METODOLOGIA

A pesquisa que embasará o estudo será de natureza teórico/empírica, de modo que será tanto de pesquisa de campo e coletas de dados, analisando o site da Biblioteca Nacional Digital e entrevista com a Bibliotecária responsável da ALEPA e de explorações bibliográficas para confrontar a realidade com os principais ensinamentos contidos na literatura especializada sobre o tema abordado.

De acordo com Demo (2010, p. 20) a pesquisa teórica é “dedicada a reconstruir uma teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”.

A pesquisa empírica recebe grande valor pelo fato de oferecer concretude às argumentações levantadas no desenrolar da pesquisa teórica. Assim, o significado dos dados empíricos dependerá, sobremaneira, do desenvolvimento do referencial teórico, podendo facilitar a aproximação dos aspectos teóricos com a realidade prática (DEMO, 2006).

Diante do exposto será realizada uma entrevista com a Bibliotecária chefe responsável pelo setor de Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA) com o objetivo de informar para o público os serviços prestados na instituição e os serviços presentes no site da Biblioteca Nacional Digital que de acordo com Marconi e Lakatos (2006), “é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”.

3 MEDIAÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO

A mediação da informação envolve e determina todo o fazer do profissional da informação. Para Almeida Júnior (2009, p. 92), a mediação da informação é:

Toda ação de interferência, realizada pelo profissional da informação, direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva, que propicie a apropriação da informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

Em continuação a seus estudos Almeida Júnior (2009, p. 92), diz que a mediação da informação pode ser classificada como implícita e explícita. Estando presente nos fazeres do profissional da informação, o referido autor identifica que:

[...] em algumas ações, no entanto, a mediação está presente de forma implícita, muito embora dirigindo e norteando todas as atividades ali desenvolvidas. O armazenamento de informações é alimentado a partir de interesses e demandas dos usuários. A política de seleção, amplamente discutida no desenvolvimento de coleções, tem o usuário final como base de sustentação. O mesmo se dá com os trabalhos de processamento das informações: têm suas ações voltadas para a recuperação de informações que atendam e satisfaçam necessidades dos usuários (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

Todo o fazer das atividades realizadas na biblioteca devem ter como objetivo principal o atendimento às necessidades informacionais dos seus usuários. O profissional da informação deve buscar da melhor maneira possível, intermediar ou interferir no uso e acesso a informação, seguindo este estudo destaca-se o serviço de referência.

4 SERVIÇO DE REFERÊNCIA

O serviço de referência (SR) trata-se de uma atividade desenvolvida na biblioteca que demanda principalmente de pesquisa e consulta. Por esse motivo, o bibliotecário responsável por este setor deve buscar ou encaminhar o usuário ao lugar onde se encontra o material solicitado.

O principal objetivo do SR é a recuperação das informações de acordo com as necessidades informacionais dos usuários, mas para que esse procedimento ocorra de modo eficiente, é importante haver a interação do serviço de referência com as demais unidades de informações, como por exemplo: sites, portais e entre outros, não se abstendo apenas do seu ambiente presencial.

Contudo, observa-se que atualmente as bibliotecas estão cada vez mais fazendo uso das tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), muitas delas já expandiram seus serviços para o ambiente virtual e aderindo como uma forma de enriquecer seus serviços e adaptar o uso das Bibliotecas Digitais, com objetivo de satisfazer os seus usuários.

Sendo assim, esse meio veio para agregar vantagens às pesquisas dos usuários, e à medida que o tempo passa, novas ferramentas e serviços estão sendo incorporados a esse tipo de biblioteca, visando à rapidez na recuperação da informação, além de possibilitar o uso simultâneo da mesma informação por várias pessoas ao mesmo tempo via web (DINIZ, 1997).

Na internet é possível encontrar várias bibliotecas on-line, bibliotecas digitais, que oferecem Serviço de Referência Virtual e funciona a partir da interação entre usuário e bibliotecário por vários meios de comunicação, entre eles o Chat, e-mail, teleconferência, telefone, entre outros contatos disponíveis no site. Por meio desses contatos, o usuário pode enviar perguntas que são respondidas por um bibliotecário ou outro profissional treinado para esse fim, Arellano (2001, p.3) fala acerca da função do bibliotecário no Serviço de Referência Virtual, enfatizando que:

[...] bibliotecários de referência *on-line* [...] estão se especializando no uso das tecnologias e das obras de referência existentes na rede. O perfil e as tarefas do servidor ou novo bibliotecário de referência surgem caracterizando um tipo de profissional que não mais realiza seu trabalho usando apenas obras em papel, *OPAC* e base de dados em Cd-rom (ARELLANO, 2001, p.3).

Nesse sentido, o serviço de referência digital assim como a biblioteca física, requer a habilidades como facilidades para o uso e manuseio das tecnologias agregadas a recuperação da informação, para assim, repassar e treinar seu usuário para o objetivo da pesquisa.

Entretanto, adotar esse novo mecanismo em uma biblioteca virtual, requer que o seu mediador no mínimo domine essas tecnologias para que assim, possa disponibilizar um atendimento de qualidade. Observa-se que o bibliotecário precisa estar apto a solucionar problemas tecnológicos que possam surgir nesse espaço e ter conhecimento das informações básicas sobre o mundo virtual de atuação, a fim de localizar informações e bens de serviços com eficiência. De acordo com (SILVA; OLIVEIRA, 2013):

Perante as tecnologias de informação e comunicação – TICs –, o bibliotecário precisa estar atento para utilizá-las como ferramentas auxiliares no serviço de referência, de forma a complementar os serviços prestados aos seus usuários em um ambiente virtual que permite total interação entre bibliotecário-usuário (SILVA; OLIVEIRA, 2013, p. 181).

Percebe-se, então, que o serviço de referência dentro deste tipo de ambiente, contribui não só para a expansão do acesso à informação, mas também facilita a relação entre usuário e bibliotecário, pois oferece compartilhamento informacional que permite a quebra de

barreiras físicas da biblioteca, sendo possível acessar várias informações sem se deslocar de casa.

5 SERVIÇO DE REFERÊNCIA PRESENCIAL NA BIBLIOTECA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ

Apenas com 29 anos de existência, a Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado do Pará tem muita estória e importante participação dentro da atuação do Legislativo de nosso Estado até hoje. Nomeada de Biblioteca Legislativa Deputado Newton Miranda, pelo esforço e investimento feito na aquisição de livros, criação de ações e divulgação feita pelo então deputado, com passar do tempo ela tornou-se conhecida como Biblioteca da ALEPA.

Seu acervo, que passa por um processo de informatização/catalogação através do sistema BibLivre, é composto por livros, folhetos, enciclopédias (Lex e Vox Lex), anais do Senado Federal, leis, decretos, portarias e resoluções. Dentro do processo de modernização, as mudanças também chegaram ao conceito, que adquire recorte temático específico para publicações das áreas do direito, ciência política e história do Pará.



Fonte: <http://www.alepa.pa.gov.br/principal/biblioteca>

Entre os títulos existentes, já foram catalogados até o momento 616 livros, com o devido código de barras e localização no sistema BibLivre. A lista de títulos e publicações em breve estará à disposição do público pela internet, facilitando a pesquisa e promovendo o acesso ao acervo da casa, que é público.

Fora estes outros 630 títulos, na verdade obras raras, se encontram em processo de manutenção e restauração, com destaque a Constituição do Estado do Pará (1891), Atas do Governo Provençal (1890), Pareceres da Assembléia Provençal (1830 - 1878), Atas da Assembléia Provençal do Pará a partir de 1838 e inúmeras obras manuscritas, fato este que

mais gera problemas, pois a dificuldade na liberação de verbas faz com que alguns exemplares não fiquem disponíveis para os usuários.

Estas e outras obras que são de extrema importância para a história do nosso Estado, como o exemplo a pesquisa realizada para a elaboração do “Memorial do Legislativo” Livro publicado com documentos presentes na Biblioteca, entre outros trabalhos já publicados. Como mostra a imagem abaixo:



Fonte: <http://www.alepa.pa.gov.br/principal/biblioteca>

Além disso, a Biblioteca oferece no seu serviço de referência à consulta de leis e decretos elaborados a partir de 1975, o usuário interessado terá que ter a numeração e o ano de publicação, a Biblioteca também, incrementa seus serviços através de sites que auxiliam a pesquisa do usuário, em especial o mais usado é o Site da Biblioteca Nacional Digital.

Macedo (1990) diz que esse tipo de serviço também tem outras funções importantes, tais como:

Racionalização do tempo; localização/disponibilização dos suportes informacionais; educação do usuário; assistência direta e profissional; promover interação com o usuário; divulgar os serviços oferecidos pela biblioteca; eventos e exposições; levantamento bibliográfico em assuntos especializados; pesquisa on-line do acervo bibliográfico; comutação bibliográfica e empréstimo (MACEDO, 1990).

Macedo (1990) afirma ainda, que o bibliotecário do setor de referência possui duas linhas de atuação que são divididas em:

Serviço de referência propriamente dito: que diz respeito ao serviço de referência em si, ou seja, proveniente da interação face-a-face entre os três pilares: usuário x informação x bibliotecário, sendo que a mediação de todo o processo cabe ao bibliotecário.

Educação do usuário: levantamento do perfil dos usuários que fazem uso da biblioteca, a fim de fornecer-lhes orientação em relação aos serviços oferecidos pela biblioteca, isto é, promoção, divulgação, treinamento e instrução (MACEDO, 1990)

Contudo, o trabalho de referência não se restringe a uma técnica especializada, uma vez que o bibliotecário deve investigar os desejos e as necessidades de informação do usuário, examinando o acervo da biblioteca e utilizando, como se observa nesse caso, outras táticas de busca como o uso do site da **Biblioteca Nacional Digital**, para que a informação seja encontrada da maneira mais rápida e eficiente com objetivo de suprir as necessidades do usuário.

Percebe-se que público da Biblioteca da ALEPA é diversificado e formado por funcionários, deputados, assessores, procuradores e advogados, professores, estudantes de direito, relações internacionais e pesquisadores e em especial os historiadores, no qual é o público segundo a Bibliotecária que domina o ambiente com grandes números de presentes de consulta ao acervo. O acesso acontece sempre de forma gratuita, porém é necessário que seja agendado.

Constata-se que com um amplo acervo de obras raras presente na biblioteca, foi criado a Comissão do Acervo Histórico da Assembléia Legislativa e conseqüentemente implantado o Acervo Histórico, Patrimonial e Iconográfico, com a finalidade de resgatar, sistematizar e disponibilizar informações sobre os projetos da Casa não somente para parlamentares, mas também para pesquisadores e o público em geral, atualmente, o acervo possui cerca de 5.000 fotos diversas que compreendem desde a década de 30 até os dias de hoje, enriquecido com fotos de jornais e diversos anais.

Através de todos os documentos presente no acervo da ALEPA foi criado com o apoio do antigo presidente da casa, Deputado Márcio Miranda, A publicação de livros contendo a história da Assembléia. Assim, no dia 24 de março de 2014, em comemoração aos 180 anos de existência do Poder Legislativo, foi lançado o livro “Coletânea dos 180 anos do Poder Legislativo”, contendo fotos, reprodução de textos e matérias especialmente produzidas, foi lançado o número mais recente “Cabanagem”. A ação não se restringiu somente a revista sendo feita também uma exposição lançada no hall do prédio da Alepa e iniciando uma séria de atividades fora da casa. A primeira foi à exposição no Senado Federal, em Brasília. Em seguida, aconteceu na capital paraense em duas escolas de rede pública (Paes de Carvalho e Rui Barbosa). Observa-se que a história do Pará é pouco conhecida. A Cabanagem, por exemplo, é apresentada apenas como movimento nativista. O objetivo é a de que, a partir do acervo e exposições, possa ampliar o diálogo com professores e possibilitar acesso a jovens estudantes da rede público a essa extensa quantidade de informação.



Fonte: <http://www.alepa.pa.gov.br/principal/biblioteca>

O empréstimo de livros para os servidores da Alepa é possível de ser feito, através do crachá de identificação, e preenchimento manual de uma ficha. No entanto, para o público externo as obras são disponibilizadas apenas para consulta no local e para a reprodução, sem a permissão para a retirada da biblioteca e devolução posterior. “Todo e qualquer cidadão tem acesso a esse acervo e pode consultá-lo e, no caso das obras raras, fazer fotos e analisá-las vindo, aqui, na biblioteca. Mas, os empréstimos para retirar a obra da biblioteca só são permitidos aos servidores e por um período de tempo determinado para que as obras possam ficar à disposição da população pelo maior tempo possível”, ressalta a Bibliotecária Chefa Sandra Reis.



Foto: Ozéas Santos

Fonte: <http://www.alepa.pa.gov.br/principal/biblioteca>

A bibliotecária explica também que os cidadãos podem utilizar a biblioteca para consultar a legislação estadual, federal e municipal. Para isso, basta apenas fornecer o número da lei e o ano. “Nós também enviamos para o e-mail dos interessados a legislação de seu interesse, só precisa que ele entre em contato com a biblioteca, forneça o seu

endereço de e-mail, o número e ano da lei de seu interesse”, ressalta Sandra. “É interessante que temos recebido um público de visitantes especializado, muitos deles mestrandos e pesquisadores das áreas de História, Letras e Direito, sobretudo para consulta e análise das obras raras, porém muitos deles não sabem ao certo informar as exigências necessárias para a pesquisa, dificultando assim a busca e recuperação da informação”

6 SERVIÇO DE REFERÊNCIA VIRTUAL DA BIBLIOTECA DIGITAL NACIONAL

Surgida como recurso de conservação do acervo a Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) é hoje como um todo um serviço de referência ligada diretamente à Biblioteca Nacional.

A BNDigital tem seu início em 2001 como uma forma de utilizar as novas tecnologias computacionais para uma melhor e mais eficiente conservação do acervo, principalmente para formação de exposições e eixos temáticos. Esta digitalização era feita em parcerias nacionais e internacionais. É oficialmente lançada na web em 2006, disponibilizando o acervo já digitalizado desde 2001, ganhou notoriedade no campo da pesquisa, e em 2008, através do programa “livro aberto” do Ministério da Cultura, a BNDigital recebe aporte financeiro para desenvolver suas atividades. No qual é definida por Marchiori (1997) como:

[...] um tipo de serviço que, para existir, depende da tecnologia da realidade virtual. Neste caso, um *software* próprio acoplado a um computador sofisticado reproduz o ambiente de uma biblioteca em duas ou três dimensões, criando um ambiente de total imersão e interação. É então possível, ao entrar em uma biblioteca virtual, circular entre as salas, selecionar um livro nas estantes, "tocá-lo", abri-lo e lê-lo. Obviamente, o único "lugar" onde o livro realmente existe é no computador e dentro da cabeça do leitor (MARCHIORI, 1997, p. 2).

A Biblioteca está internamente constituída por três segmentos: captura e armazenagem de acervos digitais, tratamento técnico, publicação de acervos digitais, programas e projetos de digitalização e divulgação. Conta com uma equipe interdisciplinar composta por bibliotecários, historiadores, arquivistas e digitalizadores. Uma de suas missões é materializar preservar a memória cultural e proporcionar o amplo acesso às informações contidas em seu acervo.

Ao ser criada, a BNDigital tinha propósitos bem definidos que ainda se mantêm como um dos seus objetivos ser fonte de excelência para a informação e a pesquisa, entre

eles ser veículo disseminador da memória cultural brasileira; Proporcionar conteúdo atualizado e de interesse dos usuários; Alcançar públicos cada vez maiores, neutralizando as barreiras físicas; Preservar os documentos originais evitando o manuseio desnecessário; Ajudar instituições parceiras na preservação e acesso à memória documental brasileira dentre outros.

Dessa forma, na Biblioteca Digital o usuário tem a possibilidade de consultá-la a qualquer hora e em qualquer lugar, bastando estar conectado à internet. Nesse sentido, o serviço de Referência Virtual tem a finalidade de atender usuários que buscam informação de forma mais rápida, sem a necessidade de se deslocar à biblioteca. Macieira e Paiva (2007) definem o Serviço de Referência Virtual como:

[...] a mais moderna inovação desse serviço, onde o usuário pode fazer sua consulta via *WEB* sem precisar se locomover para centros informacionais e, assim, de qualquer computador, de qualquer lugar, desde que esteja conectado à Internet, o usuário poderá realizar sua pesquisa de forma rápida e precisa, minimizando o tempo de busca (MACIEIRA; PAIVA, 2007, p. 1).

Para tornar ainda mais real à interação entre o mediador da informação e usuário no espaço virtual, seu serviço de referência e em seu sitio pode-se encontrar representações de vários campos como a divulgação, acesso aos acervos, instrução de uso para o usuário, contato com o usuário, formação de parceria, treinamentos, dentre outros. As informações de orientação e contato para o usuário são encontradas logo no início da página, é também de fácil visualização a barra para pesquisa rápida do acervo. As atividades são dispostas em guias específicas para facilitar o acesso.

Sabe-se que o serviço de referência é o cartão de visita de uma biblioteca, e nas bibliotecas digitais não é diferente, destaca-se a guia: “sobre a BNDigital” no qual, apresenta a biblioteca e é a guia institucional onde contém as sub-guias: apresentação, missão, histórico, laboratório de digitalização, estatísticas, normas e padrões, parcerias e “quero colaborar”, onde todas as abas foram testadas e estão em perfeito funcionamento.

Busca rápida no acervo digital

BUSCA AVANÇADA

ARTIGOS DOSSIÊS EXPOSIÇÕES ACERVO DIGITAL SERVIÇOS **SOBRE A BNDIGITAL**

Página inicial > SOBRE A BNDIGITAL

SOBRE A BNDIGITAL

APRESENTAÇÃO

MISSÃO

HISTÓRICO

LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO

ESTATÍSTICAS DA BNDIGITAL

NORMAS E PADRÕES

PARCERIAS

QUERO COLABORAR

QUERO COLABORAR

Se encontrar problemas com obras digitais, tais como: falta de páginas/partes, links não funcionando, problemas com metadados de identificação/descrição, questões relativas ao direito autoral, por favor entre em contato com bndigital@bn.br;

Se encontrar problemas em algum texto publicado na BNDigital, Rede da Memória Virtual Brasileira ou Hemeroteca Digital, por favor entre em contato com bndigital@bn.br;

Se você tiver um trabalho de sua autoria sobre algum item do acervo digitalizado e desejar submetê-lo à publicação no site da BNDigital, Rede da Memória Virtual Brasileira ou Hemeroteca Digital, saiba como proceder em Perguntas e Respostas;

Se possuir acervo digital de interesse para a memória documental brasileira e desejar disponibilizá-lo na BNDigital, Rede da Memória Virtual Brasileira ou Hemeroteca Digital, entre em contato com bndigital@bn.br;

Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/>

As guias “apresentação, missão, histórico” mostra-se como começou e como funciona a BNDigital. Já as guias “laboratório de digitalização”, “estatísticas, normas e padrões” mostram as normas e padrões técnicos da digitalização, da biblioteca digital como um todo e as estatísticas de acesso da biblioteca. Já as guias “parcerias e quero colaborar” evidenciam as parcerias ativas e como realizar atividades para ajudar a BNDigital, todas essas guias então em perfeito funcionamento.

Observa-se a guia “artigos”, nessa guia o usuário é apresentado a uma amostra significativa do patrimônio documental aqui depositado. Reproduções e transcrições de documentos, assim como artigos, ensaios, resenhas e pequenos históricos que oferecem uma visão abrangente e contextualizada do acervo.

Já a guia “dossiês” oferece aos usuários uma visita virtual ao acervo digitalizado, através de eixos temáticos da história e cultura nacional, e a guia “exposições” proporciona visitas virtuais às exposições que ocorrem e ocorreram na Biblioteca Nacional, porém é necessária uma boa internet para seu acesso que está em perfeito funcionamento.

Na guia “acervo” o usuário pode acessar o acervo já digitalizado; a BNDigital utiliza o Dublin Core como esquema de metadados, acrescido de metadados de preservação e administração de uso interno do sistema de gestão.

A norma observada para a representação dos pontos de acesso de autoria é o código anglo americano de catalogação (AACR2), que especifica os elementos necessários à descrição e à identificação de publicações.

O sistema de classificação utilizado para a indexação uniforme do conteúdo intelectual dos documentos da BNDigital é a Classificação Decimal de Dewey. O

vocabulário controlado adotado para indexação é a Base de terminologia da Fundação da Biblioteca Nacional. A base de terminologia segue a estrutura da lista de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Na BNDigital todos os conteúdos são representados de forma bilíngue: português e inglês.

Segundo as “orientações de uso dos arquivos digitais”, os conteúdos acessíveis no site da biblioteca são em sua maior parte reproduções digitais de obras em domínio público, provenientes de coleções da Biblioteca Nacional do Brasil, todas as imagens disponíveis são possíveis de abrir os arquivos.

Os conteúdos apresentados nos sites da Rede da Memória Virtual Brasileira e da Hemeroteca Digital Brasileira, embora integrem a BNDigital, estão sob regime de reutilização particular, pois, não concede autorização de uso destes conteúdos, não é titular dos direitos autorais dos mesmos, sendo assim não são de acesso livre.

No sitio podemos encontrar também o guia “serviços” o usuário encontra uma gama de serviços de referência disponíveis, onde todos eles estão em perfeito funcionamento, destaca-se:

Reprodução do Acervo: Onde o usuário pode solicitar cópias do material digitalizado, respeitando as normas de reprodução.

Digitalização por demanda: Caso o usuário não encontre disponível o material necessário, ele pode solicitar digitalização para o acervo, também respeitando as normas de reprodução.

Instruções de Solicitação: Aqui se encontram os moldes de como fazer solicitações a BNDigital.

Curso de Gestão de Bibliotecas Digitais: Curso ofertado anualmente, voltado para profissionais da área de informação e demais pessoas que tenham interesse em Bibliotecas Digitais.

Treinamento de Profissionais: Visa ampliar o número de profissionais de digitalização para atuarem em instituições que tenham acervos digitais. Este treinamento é realizado por meio de convênio.

Observa-se também no site serviços extras de referência que também fazem parte das atividades de referência; Recomendado no Facebook: Mostra recomendações feitas por usuários na pagina da BNDigital na rede social FACEBOOK. Últimas Notícias: Apresenta as ultimas novidades da BNDigital e da Biblioteca Nacional, além de levar para a página de notícias da Nacional. Newsletter (mala direta): onde o usuário pode se cadastrar para receber diretamente em seu e-mail notícias e atualizações da BNDigital e da Biblioteca

Nacional. Na pesquisa realizada no site todos esses guias e abas citados estão em perfeito funcionamento de maneira rápida e prática a recuperação da informação ocorre e é repassada para o usuário.

7 CONCLUSÃO

O estudo do serviço de referência da Biblioteca da ALEPA e na BNDigital podemos dizer que uma completa a outra com seus produtos e coleções organizadas de informações, onde se combina a estrutura da informação que a Biblioteca da ALEPA já possui com a representação digital que os computadores permitem. Entre outros aspectos, a biblioteca digital permite-nos facilidades de pesquisa e de divulgação, traz novas formas de lidar com a informação (havendo ligações complexas entre os documentos) e abre-se o caminho para destacar a preservação em formato digital.

O objetivo do estudo foi a divulgação desses dois diferentes tipos de serviços de referência e concluímos que um completa o outro, no caso da Biblioteca da ALEPA observa-se que segundo a pesquisa, a grande maioria dos seus materiais por se tratar dos assuntos presentes na BNDigital, encontra-se presente no site em formato digital, já que a Biblioteca da ALEPA assim como outras instituições no meio público possui suas limitações financeiras e aproveita dos serviços da BNDigital, como mais uma opção para o seu usuário ter acesso ao documento que ele tem em mãos no qual muitas vezes não pode ser retirado da Biblioteca e podendo adquirir através do site da BNDigital o suporte digital facilitando a sua pesquisa.

Existem diferenças óbvias entre ambos os serviços, estaca-se o ciclo editorial tradicional sofre alterações profundas, dado que nos recursos digitais qualquer pessoa pode editar o que significa que terá de existir alguém responsável por garantir a qualidade desse mesmo recurso, no qual foi observado que a BNDigital possui tal segurança, destaca-se também que todos os serviços oferecidos no seu site estão disponíveis e em perfeito funcionamento, exceto os de caráter privado.

Outra comparação relevante é o fato de nos recursos impressos podermos controlar o número de cópias, enquanto que nos recursos digitais isso não é possível, mais uma questão importante está relacionada com as novas edições, isto é, quando um recurso impresso sofre uma nova edição, existe uma indicação de tal, enquanto que os recursos digitais, ao permitirem uma leitura interativa, podem sofrer modificações na sua aparência.

Observa-se que muitos são as técnicas e as formas para obter informações, sendo assim a pesquisa que teve como objetivo analisar o serviço de referência da Biblioteca da ALEPA e da BNDigital assim como os serviços e produtos oferecidos por elas com o intuito de divulgá-las para a comunidade acadêmica.

Nessa perspectiva, os principais problemas encontrados no serviço de referência da ALEPA recaem sobre as dificuldades que os usuários possuem para expressar de maneira adequada a informação que desejam e também na dificuldade de se conseguir recursos e verbas para sua manutenção e infraestrutura.

Segundo o estudo, conclui-se que a internet vem se fixando como um dos meios de comunicação que mais tem revolucionado, sendo assim, a Biblioteca Nacional Digital tem demonstrado um desenvolvimento significativo nos últimos anos, com a utilização de modernos softwares que contribuíram para melhorar a qualidade dos seus processos técnicos, produtos e serviços. Neste campo, as mudanças foram igualmente importantes tanto para serviços-meio, como a catalogação e a indexação, quanto para serviços-fins, como o Serviço de Referência e Informação, contribuindo para o êxito em seu perfeito funcionamento.

REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília, D. F.: Briquet de Lemos/ livros, 2012. 312 p.

ALMEIDA JÚNIOR. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

ARELLANO, Miguel Angel Mardero. Serviço de referência virtual. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.30, n.2, p.7-13, maio/ago. 2001.

CABRAL, Alice; LUCAS, Elaine R de Oliveira; TRISKA, Ricardo. Serviço de referência no ambiente secondlife: apresentação de pesquisa. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina Florianópolis**, v.15, n.1, p. 180-200, jan./jun., 2010. Disponível em:http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/691/pdf_25. Acesso em: 10 nov. 2018.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 8 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DINIZ, Isabel Cristina dos Santos. **Biblioteca virtual: análise e reflexões teóricas**. 1997. 123f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 1997.

FIGUEIREDO, N. Evolução e avaliação do serviço de referência. In: __. **As origens dos serviços de informação em bibliotecas**. São Paulo: Polis, 1992, p. 11-16.

MACEDO, Neusa Dias de. Princípios e reflexões sobre o serviço de referência e informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n.1, p. 9-37, jan./dez.1990.

MACIEIRA, Jeana Garcia Beltrão; PAIVA, Eliane Bezerra. **O Serviço de Referência Virtual**: relato de pesquisa em bibliotecas universitárias brasileiras. *Biblionline*, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. Ciberteca ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**: Brasília, v. 26, n. 2, p. 115-124, maio/ago. 1997.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, Maíra Prado da; OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de. Bibliotecas e bibliotecários no secondlife: discussões. **Informação & Informação**: Londrina, v. 18, n. 2, p. 113 – 129, maio/ago. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Casa/Downloads/16164-65760-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Casa/Downloads/16164-65760-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 10 nov. 2018.

WENZEL, Camila. Second Life: lugar ou não - lugar? In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, 12., 2007, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora: Intercom, 2007. p. 1-13.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: IMPORTÂNCIA E CARACTERÍSTICAS**UNIVERSITY LIBRARY: IMPORTANCE AND CHARACTERISTICS****ANDRADE, Lêda Cristina Diniz¹****SILVA, Sthefanny Laís Gomes Nogueira²**

Resumo: O presente artigo aborda a importância da bibliotecas universitárias na vida acadêmica, tanto para discentes como para docentes, o que a torna um ambiente mais atrativo e propício ao estudo, e apesar dos desafios que tem enfrentado frente às mudanças tecnológicas e de perfil dos usuários, cada vez mais conectados. Discorremos aqui sobre as primeiras bibliotecas e suas origens para que seja compreendida como a biblioteca passa adquirir tanta importância e os papéis ao que tange disseminar e difundir a informação e o conhecimento, destacamos os tipos de bibliotecas e o papel do bibliotecário universitário como profissional da informação, sendo este relevante por ser o responsável pela unidade de informação fazendo necessário que possua habilidades e competências para atender as demandas de necessidades dos seus usuários, tendo em vista melhorar os serviços oferecidos pela biblioteca para levar a informação de forma mais rápida e precisa. A metodologia usada na construção desse artigo foi a pesquisa bibliográfica, e as fontes de informação utilizados foram livros e artigos científicos. Ressaltando, que o objetivo deste trabalho é distinguir as características da biblioteca universitária e a sua importância dando ênfase no processo que a transformou nessa unidade de informação tão significativa e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Palavras-Chave: ENEBD. Bibliotecas. Bibliotecas universitárias. Bibliotecário universitário. Resumo.

Abstract: This article discusses the importance of university libraries in academic life, both for students and teachers, which makes it a more attractive and study - friendly environment, and despite the challenges faced by the technological and profile changes of users, increasingly connected. We discuss here the first libraries and their origins in order to understand how the library becomes so important and the roles it plays in disseminating

¹Universidade Federal da Paraiba(UFPB). Email: ledadiniz9@gmail.com.

²Universidade Federal da Paraiba(UFPB). Email: sthe.lais.15@gmail.com.

and disseminating information and knowledge, we highlight the types of libraries and the role of the university librarian as an information professional, being relevant because it is responsible for the information unit making it necessary that it has the skills and competences to meet the needs demands of its users, with a view to improving the services offered by the library to bring the information faster and more accurately. The methodology used in the construction of this article was the bibliographical research, and the sources of information used were scientific books and articles. The objective of this work is to distinguish the characteristics of the university library and its importance by emphasizing the process that has transformed it in this unit of information so significant and the changes that have occurred over time.

Keywords: ENEBD. Libraries. University libraries. University Librarian. Abstract.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que uma biblioteca universitária tem como objetivo recuperar, processar, armazenar e disseminar informações com a proposta de satisfazer as necessidades dos seus usuários. É um meio educativo essencial durante a fase acadêmica tanto para discentes como para docentes. Além de que elas estão tendo que se adaptar às mudanças tecnológicas e ao perfil dos usuários cada dia mais conectados às novas tecnologias (LIMA, 2017). Então, porque não tornar esse ambiente cada dia melhor, mais interessante e atrativo para aqueles que transitam, frequentam e trabalham nela diariamente?

A biblioteca universitária detém relevante importância no que tange como propulsora do conhecimento, com sua vasta coleção de obras voltadas à formação de um público específico, que são esses discentes e docentes. Faz-se necessário destacar o quanto essa unidade de informação é indispensável na questão de produção de novas pesquisas, projetos e trabalhos acadêmicos.

Para compreender como as bibliotecas começaram a ganhar novos papéis e adquirir importância ao longo dos séculos, analisaremos o seu princípio na antiguidade, abordaremos as subdivisões que obteve de acordo com as necessidades do público que atende, destacando as várias mudanças que ocorreram.

2 METODOLOGIA

A metodologia usada na construção desse artigo foi a pesquisa bibliográfica, a qual é definida:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV, 2013).

As fontes de informação utilizadas foram livros e artigos científicos, nos quais coletamos os dados necessários para elaboração do presente trabalho.

3 BIBLIOTECA E OS SEUS TIPOS

A biblioteca é um espaço para disseminar informação, compartilhar saberes e desenvolver pesquisas, projetos e buscar novos conhecimentos. Tem como característica fundamental reunir, catalogar, classificar e organizar documentos em diversos suportes, com a perspectiva de difundir e facilitar o acesso às informações contidas nestes documentos futuramente.

Na antiguidade, as bibliotecas possuíam apenas a ideia de depósito e não existia a visão de preservar e difundir, era apenas um local que se guardava os livros (MARTINS, 2002). Com o passar dos tempos, essa visão de biblioteca vêm incorporando atividades extras que fazem dela um dos pilares em relação ao acesso ao conhecimento e uso da informação.

Segundo Martins(2002) por mais estranho que pareça, a biblioteca veio antes do livro, e até do manuscrito. Falaremos um pouco das bibliotecas da Antiguidade, e posteriormente das medievais, pois elas são na realidade, um prolongamento da mesma que sofreu mudanças decorrentes de divergências na organização social. A diferença existe em relação às primeiras bibliotecas da antiguidade que eram chamadas bibliotecas “minerais”, “animais” e “vegetais”, formadas por rolos de papiro e pergaminho, e os grandes depósitos de *volumen* da Idade Média.

Até o Renascimento, as bibliotecas não estão à disposição do grande público, pertencem ao patrimônio religioso, sagrado; o livro, era considerado um mistério, algo

carregado de poderes ocultos. Apenas quem tinha o poder de frequentá-las eram os clérigos da época, que eram considerados os homens letrados, aqueles que sabiam ler e escrever. Por muito tempo do ponto de vista intelectual a humanidade se dividiu em “clérigos” e “laicos”, que são os iniciados a palavra escrita e os que não são, e até hoje o “leigo” em determinado assunto é aquele que não o conhece, é o ignorante. Tendo a biblioteca aparecido antes do livro e do manuscrito, é essencial que façamos um estudo anterior ao livro propriamente dito, e de seus ancestrais, os rolos de papiro e pergaminhos.

Entre as bibliotecas da alta Antiguidade, as mais importantes foram as do Egito.

Diodoro de Sicília conta que Ozymandias, sucessor de Proteu e contemporâneo de Príamo, rei de Tróia, fundou a primeira biblioteca em Tebas, no Egito. E na sua entrada lia-se uma poética inscrição: *O Tesouro dos remédios da Alma*. Entretanto, a biblioteca mais famosa da do Egito e de toda antiguidade, é a biblioteca de Alexandria, na qual se diz ter existido mais de setecentos mil volumes. Fundada por Ptolomeu Soter, morto 283 A.C. e ampliada pelo seu filho, Ptolomeu Filadelfo, procedimento imitado posteriormente pelos seus sucessores.

A biblioteca era dividida em duas partes, Bruchium, onde acomodavam quatrocentos mil volumes, e Serápio que ficou com as novas aquisições somando assim cerca de trezentos mil volumes. A biblioteca de Alexandria é igualmente conhecida pelos número dos seus incêndios históricos, dos quais o terceiro foi definitivo, no momento da entrada de César em Alexandria, o edifício de Bruchium foi incendiado, sobrando apenas o da nova biblioteca, enriquecida com o acervo de Pérgamo, saqueados por Antônio e doados a Cleópatra, mas em 642, por motivos religiosos, os muçulmanos de Omar não hesitaram em destruí-la. A biblioteca de Alexandria, ostentava o poder de possuir manuscritos únicos de grande número de obras da Antiguidade que com elas desapareceram, havia ali vários copistas liderados por Ptolomeu Evérgeta, que por muitas vezes recebiam tarefas inesperadas, a exemplo das obras atenienses de Èsquilo, de Sófocles e de Eurípedes, devolvendo-lhes ao invés dos originais, as cópias que ali tinham feito. É ainda nessa biblioteca que se realizou a tradução histórica para o grego do livro sagrados dos hebreus, Havet qualifica essa tradução de um dos maiores acontecimentos históricos, pois ela permitiu a propagação do judaísmo aos gentios e o estabelecimento do cristianismo.

Ainda segundo Martins (2001) a biblioteca de Pérgamo também foi uma das mais famosas da Antiguidade pois continha nela mais de duzentos mil volumes. Havia bibliotecas judaicas em cada sinagoga, a de Gaza, possuía livros com caracteres semelhantes aos egípcios, no qual supõe que são originários de Alexandria. As bibliotecas

da Mesopotâmia, juntamente com a do Egito revelaram um sistema social próprio desaparecido. A de Nínive, no palácio do rei Assurbanipal, é a mais conhecida. Suas tabletas de argila continham “obras religiosas e de magia, históricas e de astrologia, catálogos de plantas e de animais, mapas e estipulações de toda espécie”, hoje recolhidas ao Museu Britânico. Na Grécia a primeira biblioteca estabelecida foi a de Psístrato (560-527 a.C.). O silêncio da maior parte dos historiadores em relação às bibliotecas gregas, se deve ao fato de elas terem pertencido aos acervos particulares, sem falar nos volumes que foram enviados a Alexandria. Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto, são citados como possuidores de grandes acervos. O caráter oral da literatura grega, de ginásio, mais para ser ouvida da boca dos próprios autores, do que lida, a literatura do diálogo, não do monólogo, poderá nos explicar a ausência de bibliotecas. Assim o povo letrado por sua excelência na Antiguidade, a pátria das letras e das artes, não possuía bibliotecas. E para completar o paradoxo, foram os povos romanos, povo militar e guerreiro, comerciante e prático, imediatista político que vai ao mundo ocidental e possuem as primeiras bibliotecas públicas. E é nas mãos deles que o livro deixa de ser sagrado, mas agora profano, deixa de ser intocável pra ser agora condutor e posto ao alcance de todos, é o veículo das idéias, dos empreendimentos e dos projetos.

E como disse Martins(2002), não foi de um filósofo idealista, cheio de sonhos em difundir seu conhecimento, ou de um professor incentivado pelo desejo de criar uma clientela, mas partiu de Júlio César, um homem de ação por excelência, o general do império, da “província”, o conquistador, mas o conquistador que sabia escrever sua história. Mas devido seu assassinato, o projeto só se realizou em 39 da nossa era, por Asínio Pólio, inaugurando a primeira biblioteca pública no átrio do templo romano da Liberdade. Augusto estabeleceu outra junto ao templo de Apolo, e Vespasiano uma terceira nas vizinhanças do Templo da Paz. Mas a mais célebre delas foi a Ulpiana, fundada por Trajano, e com a Palatina elas formavam as duas mais importantes de Roma no IV século, e junto com as demais já haviam se organizado, e em funcionamento o serviço de empréstimo. Entretanto, a Grande Enciclopédia, estima que seja a Biblioteca Ambrosiana de Milão(1608), a primeira que a Europa conheceu, além disso, outros autores contrariam essa versão afirmando que a Vaticana seja a mais antiga das bibliotecas da Europa, fundada pelo papa Nicolau por volta de 1450.

Com o decorrer dos anos, as bibliotecas vêm acumulando papéis em sua missão de difusora da informação relacionada à guarda e à preservação do registro do conhecimento humano. A memória da humanidade, registrada em materiais informacionais presentes nos

acervos das bibliotecas, ao ser passada de geração para geração, pode favorecer novas descobertas e proporcionar uma constante evolução, tem o papel basilar de contribuir para a perpetuação e a continuidade do desenvolvimento humano, por meio do registro do conhecimento, e de transmitir e comunicar ao presente as grandes conquistas alcançadas no passado (SANTOS E DUARTE, 2018). No entanto, para formar o conhecimento humano, a conservação e guarda não são suficientes, essas atividades se unem a organização, a representação, a disseminação e o acesso aos materiais informacionais. A missão da biblioteca, é conservar para possibilitar o acesso e uso, com a finalidade de desenvolver o conhecimento humano.

Nesse contexto, as bibliotecas começam a assumir características diferenciadas, sendo assim, sua tipologia depende das funções desempenhadas por ela. Diante dessa concepção as bibliotecas podem ser classificadas como:

Pública – Seu objetivo é atender, o mais variado interesse de leitura e informação da comunidade que está inserida, difundindo o acesso à informação, a leitura e ao livro. Segundo Martins (2002) a biblioteca pública é aquela que abriga todos os interessados e um dos seus papéis é auxiliar no processo de instrução das massas. Atende ao público em geral não fazendo distinção de raça, sexo, deficiência ou ideologia seguindo os preceitos estabelecidos no Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas. É vista como equipamento cultural e, por isso, está na esfera das políticas públicas do Ministério da Cultura (MinC); criada e mantida pelo Estado (vínculo municipal, estadual ou federal).

Especializada – Principal finalidade é proporcionar informações específicas sobre determinada área, exemplo, biblioteconomia, engenharia, direito etc.

Escolar – Localiza-se em escolas e sua organização é voltada para integrar-se com as salas de aulas e no desenvolvimento curricular. Atua com recursos educativos integrados ao processo de aprendizagem. Seu objetivo, é incentivar a leitura e a informação.

Aliás a Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), no artigo 44º, ponto 2, promove como um mecanismo educativo as bibliotecas escolares.

Actualmente, a tendência aponta para a biblioteca escolar como sendo o centro de recursos multimédia da escola, onde marcam presença os materiais impressos, mas também os audiovisuais e os informáticos, suportes para a transmissão da informação, numa sociedade marcada pelas transformações tecnológicas e aberta para o futuro (SOBRINO, 2000).

Especializada – Voltada para um campo específico do conhecimento, atendem às necessidades de informação e pesquisa de público específico. Levando em consideração o

acervo como fator principal da diferença entre as bibliotecas especializadas e as demais Ashworth (1967) retrata:

A biblioteca especializada é uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um assunto ou sobre um grupo de assuntos em particular. Inclui também coleções de uma espécie particular de documentos.

Nacional – É a depositária do patrimônio cultural de uma nação. Encarrega-se de editar a bibliografia nacional e fazer cumprir o depósito legal. Em alguns casos, essa biblioteca, única, em cada país, necessita de uma política especial de recursos e, por falta de interesse na conservação do patrimônio nacional, torna-se um depósito de livros, sem meios suficientes para difundir sua valiosa coleção.

4 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Com o surgimento das universidades que foi um marco decisivo na história do livro e da civilização na idade medieval, multiplicam-se o desenvolvimento e aparecimento de novos livros e trabalhos especializados, sendo considerada uma expansão das ordens eclesiais segundo MARTINS (2002).

É nesse contexto histórico que surgiu na Universidade de Paris na era medieval, o que podemos chamar de Biblioteca Universitária, em umas das alas do edifício dessa universidade se encontrava uma sala onde foram depositados os livros doados por Robert de Sorbon. Estes foram distribuídos em prateleiras de estantes espalhadas pela sala, foram empregadas mesas e cadeiras, tinham como intuito uma sala onde seria possível fazer consulta e depositar os livros que eram adquiridos (MARTINS, 2002).

Mas, só é a partir do século XV que ocorre de fato a evolução das bibliotecas universitárias na Idade Média, quando as riquezas materiais desses centros aumentam segundo STHEPHEN d' Irsay, apud MARTINS (2002). Ou seja, quando essas universidades passam a ter os recursos necessários para implantação de bibliotecas capazes de suprir as necessidades dos seus usuários; em relação a espaço físico, suportes, armazenamento e adesão de obras atuais para o desenvolvimento intelectual visando atender as demandas de cada área do conhecimento proporcionando informações e novos aprendizados, que servirão para consulta e posteriormente empréstimos.

As bibliotecas universitárias vem se fortalecendo a partir da Idade Média, onde ocorre sua evolução, essas unidades de informação vão adaptando-se às mudanças históricas ocorridas ao seu redor e passam a moldar suas características e seu papel social.

Essas unidades também estão interligadas com o desenvolvimento humano e social, portanto exercem uma função importante na preservação e mediação da informação, incluindo não apenas o progresso da escrita e da divulgação do conhecimento, mas a evolução tecnológica que é um aparato importantíssimo no processo comunicacional.

De acordo com Otlet (1989), uma biblioteca universitária se destina aos estudantes, aos professores, aos especialistas e aos pesquisadores. Além delas, as bibliotecas científicas se organizam dentro de institutos de pesquisa. Diante disso, é imprescindível ter um espaço adequado para receber esse público, e ter uma coleção bastante diversa para sanar todas as possíveis pesquisas que irão se desencadear dentro dessa biblioteca universitária.

No mundo contemporâneo, a biblioteca passa a ser vista como uma instituição social uma integrante da sociedade e portanto, moldaram-se ao desenvolvimento econômico, social e tecnológico. Então as bibliotecas passaram a utilizar técnicas e processos automatizados e, amparadas pelo conhecimento científico, começaram a dar um tratamento diferente em relação ao armazenamento, registro, disseminação e recuperação da informação (MORIGI e PAVAN, 2004).

Segundo Santos, Gomes e Duarte (2014), a biblioteca pode ser visualizada como um ambiente onde é possível haver uma interação, dessa forma, alcance o desenvolvimento intelectual dos integrantes dessa comunidade acadêmica na medida que:

[...] favorece o processo dialógico entre sujeitos, seja em um mesmo momento histórico, com os debates e trocas de informações que podem ocorrer em seus espaços físicos e/ou virtuais, ou ainda em tempos históricos distintos, quando os usuários da informação têm acesso aos conhecimentos registrados (SANTOS; GOMES; DUARTE, 2014, s/p.).

Nesse contexto, a biblioteca universitária é uma difusora de informação, auxilia no desenvolvimento de novos conhecimentos, não apenas dispendo das informações contidas nos documentos armazenados, mas criando ações que pretendem aprimorar o progresso de estudantes e pesquisadores no espaço informacional, através de ações de aprendizagem.

A biblioteca universitária atua mais do que como um simples espaço de busca do conhecimento, segundo Santos (2012) ela tem como propósito no decorrer de suas ações “[...] favorecer o crescimento social e cognitivo dos sujeitos.” Sendo assim, seja por meio da representação, organização, transfusão, disseminação ou uso da informação; essas unidades auxiliam no acesso à informação, cooperando para que os usuários que a buscam possam se apropriar dos recursos informacionais que as bibliotecas dispõem.

Portanto, percebe-se que as bibliotecas universitárias são instituições tradicionais que rapidamente se espalharam por todo o mundo, possuem papéis importantes no âmbito

social e é uma precursora do conhecimento. Tem como objetivo disseminar informação além de ser uma unidade de busca onde pesquisadores, professores, alunos podem ser auxiliados em seus trabalhos de pesquisas, mas é também um espaço para a interação social entre indivíduos.

5 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO/A NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

O papel do bibliotecário vem se fundamentando ao longo do tempo, antes visto como apenas um profissional responsável pela organização dos livros e empréstimos, passou a aderir papéis importante para disseminação de informação; é tão tal que passou a ser chamado de profissional da informação, pois se tornou um mediador entre a informação e o usuário.

Com isso enfatiza-se que é extremamente basilar a atuação do bibliotecário nas bibliotecas universitárias, sendo também um requisito imposto pelo Ministério da Educação (MEC); pois atualmente é imprescindível a capacitação, qualificação e a atualização dos profissionais. Com o advento das tecnologias, a forma como a informação passou a ser cada dia mais primordial a vida dos seres humanos, faz- se importante que o bibliotecário esteja pronto para desempenhar suas atividades, lembrando que a recuperação e a disseminação da informação são funções importantes no trabalho do bibliotecário.

Segundo Delors (1999 apud Machado, 2009, p. 31) aos profissionais cabe:

Além de uma qualificação profissional adquirir também, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar diferentes situações e a trabalhar em equipe, aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem no mercado de trabalho.

O profissional da informação nas bibliotecas universitárias é de importância relevante, ele é o responsável por auxiliar os usuários e levá-los às fontes adequadas, buscando sempre minimizar o tempo gasto, contribuindo para que os índices de revocação para cada pesquisa seja menor, atribuir uma política de coleções adequada é extremamente necessário, tendo em vista, as necessidades do usuário. Para isso, é imprescindível que o bibliotecário esteja sempre em constante diálogo com os seus usuários, seja através de conversas ou até mesmo pesquisas por intermédio de questionários. Assim, segundo Miguel e Amaral (2007, p.5), “o novo profissional da informação deverá ter sua capacitação orientada para o diálogo com o cliente e com seus pares, os quais, por sua vez, adirão de áreas acadêmicas diversificadas e atuarão em atividades especializadas no setor”.

Nesse contexto é importante ressaltar como é benéfica a interação entre o usuário e o bibliotecário, a partir dessa relação o bibliotecário poderá criar variadas atividades que visem melhorias nos serviços oferecidos pelas bibliotecas universitárias.

Portanto, a biblioteca deve procurar satisfazer os seus usuário, e o bibliotecário é imprescindível neste processo, Machado (2000, p. 9) discorre que:

- Nesse contexto é fundamental que o usuário e a satisfação de suas necessidades se constituam no objetivo primordial da biblioteca, bem como se desenvolva a consciência da importância de um trabalho em conjunto entre bibliotecário e usuário, alicerçado em um diálogo efetivo e aberto entre ambas as partes.
- É, pois, fundamental investir na educação dos usuários, planejando os treinamentos por etapas, levando em conta as necessidades diversas.
- A utilização de ferramentas de marketing para a divulgação das potencialidades da biblioteca, tanto em termos de acervo como de serviços que oferece também auxiliam na aproximação do usuário.
- Deve também haver uma constante auto-crítica e reavaliação periódica da biblioteca, tanto em termos de acervo, como de serviços e atendimento ao público.

Por fim, vale ressaltar que o profissional da informação é de extrema necessidade e o seu papel é de grande relevância para elevação do padrão de qualidade das bibliotecas universitárias. E que de acordo com Lima (2017), os estudos de usuários ajudam no desenvolvimento de ações, projetos e serviços nos interiores das bibliotecas há tempos, e é um instrumento que pode auxiliar nas tomadas de decisões e posteriormente para a avaliação da qualidade do serviço. Ainda de acordo com Lima(2017) é de responsabilidade dos bibliotecários entender a importância desse estudo, deixando de fazer apenas tarefas de rotina como a catalogação, empréstimos e arrumação dos livros nas estantes e etc, para buscar conhecer as necessidades de seus usuários.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo elaborado para realização desta pesquisa, a qual levou como tema a importância da Biblioteca Universitária, atingimos nosso objetivo destacando a relevância dessa unidade de informação.

Assim sendo, atingida as propostas elencadas, é possível destacar a Biblioteca Universitária como uma mediadora de informação e conhecimento, firmando-se ao longo do tempo como uma unidade indispensável nas universidades.

Vale ressaltar o quanto o profissional bibliotecário é um disseminador de informação, como o seu papel dentro deste centro informacional vem aumentando o nível

de qualidade relacionado à recuperação da informação. Tendo em vista que a relação bibliotecário/usuário seja sempre um ponto forte e que a partir disso, novas ações sejam criadas com o intuito de atender as necessidades dos usuários.

REFERÊNCIAS

- ASHWORTH, W. **Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos**. Lisboa: Calouste Gilbenkian, 1967.
- BARGANHA, F. Novas Bibliotecas, Novos Conceitos. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**, n. 1, p. 93–97, 2004. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/616/1/93-97FCHS2004-11.pdf> Acesso em: 10 maio 2019.
- CASAL, C. D. **A biblioteca universal: uma história do ideal da acumulação de conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegria, 2018. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37474/000819853.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 maio 2019.
- SANTOS, R. R.; DUARTE, E. N. Biblioteca universitária, um ambiente sistêmico propício ao acesso, ao uso e à apropriação da informação: contribuições da web social para esse ambiente. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 19-41, jan. 2018. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/546>. Acesso em: 10 maio 2019.
- GOMES, H. F.; DUARTE, E. N. B. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **DataGramZero**, v. 15, n. 2, p. A04, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50788>. Acesso em: 01 maio 2019.
- LEITÃO, D. S. A biblioteca como espaço de gestão de pessoas e de informação - percepção de coordenadores da FCV. Disponível em: <http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014/Artigo%20A%20Biblioteca%20como%20Oespaco%20de%20gestao%20de%20pessoas.pdf>. Acesso em: 2 de maio 2019.
- LIMA, M. C. Metáfora da biblioteca perfeita e do usuário satisfeito: o relato de experiência sobre o estudo de usuários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, XXVII. 2017, Fortaleza. ANAIS ELETRÔNICOS... Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1828/1829>. Acesso em 02 maio 2019.
- MACHADO, M. **A Biblioteca Universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MIGUEL, N. M. D.; AMARAL, R. R. A Biblioteca Universitária e as novas tecnologias. **Informativo da rede Sirius**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www2.uerj.br/a_biblioteca_artigo.pdf. Acesso em: 03 maio 2019.

MORIGI, V. J.; PAVAN, C. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, abr. 2004.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2019.

NUNES, M. S. C.; CARVALHO, K. DE. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 173–193, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v21n1/1413-9936-pci-21-01-00173.pdf>. Acesso em: 08 maio 2019.

OHIRA, M. L. B. O. P. N. S. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). **Ciência da Informação**, v. 31, n. 1, p. 61–74, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v31n1/a07v31n1.pdf>. Acesso em: 08 maio 2019.

OTLET, P. *Traité de documentation. Le livre sur le livre*. 2. ed. Liège: Centre de lecture publique de la communauté française de Belgique, 1989.

PRODANOV, C. C., FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. - 2.ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/206382842/Livro-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-metodos-e-tecnicas-de-pesquisa-e-do-trabalho-academico-2-ed-Prodanov-Freitas-2013>. Acesso em: 10 maio 2019.

SANTOS, J. M. O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 09 de maio 2019.

SANTOS, R. R. **Espaço virtual e a comunicação com os usuários para a mediação da informação: utilização pelas bibliotecas das universidades federais e estaduais brasileiras**. 2012. 248f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador.

SOBRINO, J. G. (Org.). **A criança e o livro. A aventura de ler**. Porto: Porto Ed. 2000.

ESTRATÉGIAS DE INBOUND MARKETING NA GESTÃO DE USUÁRIOS EM BIBLIOTECAS.

INBOUND MARKETING STRATEGIES IN USER MANAGEMENT IN LIBRARIES.

OLIVEIRA, Priscilla Cristina Tavares de ¹
SILVA, Karla Rodrigues²

Resumo: Este estudo tem como objetivo propor estratégias e políticas visionárias de atração e incentivo à leitura, ao utilizar técnicas de *inbound marketing* (marketing de atração) planejando uma abordagem tecnológica na gestão de bibliotecas e unidades de informação para atrair os usuários informacionais para as bibliotecas. Por intermédio de uma revisão da literatura da área concatenada a novas ideias, tendências e tecnologias de marketing, originais ao campo de estudo de usuários da informação, foi possível estabelecer uma conexão interdisciplinar que garante a formação e desenvolvimento do leitor com base em processos sistêmicos de atração e fidelização do usuário. Ao profissional da informação atribui-se o papel de gestor e mediador informacional nesses processos, e intercessor na disponibilização das mídias e conteúdos digitais, presentes no dia a dia, em favor da promoção e disseminação da informação dentro e fora da unidade informação/biblioteca. Como resultado do estudo, após a sistematização e cumprimento das etapas, é possível projetar a formação não somente de usuários assíduos mas também membros efetivos atuando diretamente na unidade por meios digitais ou não, integralizando outras pessoas da comunidade ou sociedade ao ambiente. Deste modo a unidade/ biblioteca ganha alguns aspectos da nova biblioteconomia, ao abarcar o social e não restringir-se ao fomento literário, possibilitar a criatividade, a disseminação e a produção do conhecimento com a participação de seus membros e usuários.

Palavras-Chave: Inbound Marketing. Usuários da Informação. Conteúdos digitais.

Abstract: This study aims to propose visionary strategies and policies of attraction and reading incentive, using inbound marketing techniques, planning a technological approach in the management of libraries and information units to attract informational users to

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: paradoxo25@gmail.com.

²Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: karlarodrigues.s18@gmail.com.

libraries. Through a literature review of the area linked to new ideas, trends and marketing technologies, original to the field of study of information users, it was possible to establish an interdisciplinary connection that guarantees the formation and development of the reader based on systemic processes of attraction and user loyalty. The information professional is assigned the role of manager and informational mediator in these processes, and intercessor in the availability of the media and digital content, present in the day to day, in favor of the promotion and dissemination of information inside and outside the information unit / library. As a result of the study, after the systematization and fulfillment of the steps, it is possible to design the training not only of regular users but also effective members acting directly in the unit by digital means or not, integrating other people from the community or society to the environment. In this way the unit / library gains some aspects of the new librarianship by embracing the social and not restricting itself to the literary fomentation, to enable the creativity, the dissemination and the production of the knowledge with the participation of its members and users

Keywords: Inbound Marketing. Information Users. Digital Content.

1 INTRODUÇÃO

Na administração, o marketing contribui com papel primordial na captação de clientes, é através dele que o produto da organização é submetido ao mercado. Com novos parâmetros de desenvolvimento tecnológico, a adaptação das organizações a novos meios se torna inevitável.

Em uma perspectiva administrativa, devido à atualização rápida do mercado e a revolução digital, as unidades de informação e bibliotecas estão se adaptando as novas tecnologias. Os profissionais da informação devem buscar novas concepções e aprimorar nestas novas tendências.

A presença de novos paradigmas, principalmente de origem tecnológica, torna os objetivos dos usuários diferenciados ao estarem inseridos neste meio. Tendo em vista estes parâmetros, as estruturas organizacionais dessas instituições, muitas vezes tendem a se tornar obsoletas rapidamente.

Para o mercado, inovações são necessárias, isto não é diferente em uma biblioteca e ou unidade de informação. Com os avanços tecnológicos e a facilidade de se ter disponível

qualquer informação, sem que haja a necessidade de sair de sua zona de conforto, faz com que o leitor(a) se distancie das bibliotecas físicas, deste modo, pensar em novo meios de atrair novamente o leitor para dentro das bibliotecas/unidade de informação, se torna primordial.

Neste novo conceito, a biblioteconomia ganha um viés de interação e participação social, em que os usuários não são somente parte do processo mas agem no processo estrutural da unidade informacional/biblioteca.

A interdisciplinaridade na biblioteconomia se torna uma aliada, pois através dela conseguimos traçar técnicas inovadoras, provenientes do meio empresarial, para captação de usuários. Neste trabalho serão abordadas políticas e estratégias do marketing de atração como ferramentas de captação e formação de usuários da informação ao valer-se do campo tecnológico.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 *Inbound Marketing* (Marketing de atração)

O inbound Marketing é qualquer estratégia de *marketing* que usa atrair o interesse das pessoas. Também é chamado de *marketing* de atração e possui 3 grandes pilares: *SEO*, *Marketing* de Conteúdo e Estratégias de Redes Sociais (PEÇANHA, 2015 p. 1).

O *inbound marketing* na verdade não utiliza técnicas ortodoxas de *outbound marketing* (*marketing* tradicional), popularmente falando no *marketing* de atração, o cliente vai atrás da empresa. No *marketing* de atração um dos diferenciais é também o utilizar de recursos de âmbito digital em suas formas de fidelização, por uso de mecanismos de busca, de sites de referência, de redes sociais e outros meios.

O *inbound marketing* é praticado dentre os principais formatos:

- ✓ Publicações de *posts* em *blogs*;
- ✓ *White papers* e *e-books*;
- ✓ Webinar (webconferência) e *podcasts* (ficheiros multimídia, ex: spotify);
- ✓ Relações Públicas;
- ✓ Questionários;
- ✓ *Guest Posting*;
- ✓ *Social Bookmarks* (*twitter*, *pinterest*, *reddit*, etc);
- ✓ Fóruns Online;

- ✓ Vídeos Online;
- ✓ Marketing com comentários;
- ✓ E-mail de marketing;
- ✓ *SEO*;
- ✓ Conteúdo de mídias Sociais (*facebook*, *whatsapp* e outros);
- ✓ Estratégias em *Blogs*.

O *Inbound Marketing* é o mix de estratégias digitais que tem por objetivo atrair o público. O marketing de conteúdo, gerador de conteúdo atrelado ao *inbound marketing*, tem sido a ferramenta utilizada nessa técnica.

BENETTI (2017 p. 2) observa que:

Com mais resultados e menos investimento, o *Inbound Marketing* se tornou uma técnica forte para atrair clientes e consumidores, sem impor publicidades que podem atrapalhar a própria imagem e credibilidade de uma empresa. No entanto, as empresas conseguem uma divulgação eficiente, a partir do interesse pessoal do cliente, o qual muitas vezes irá permitir receber conteúdos direcionados que vão ajudar a tomar uma decisão de adquirir o produto ou serviço.

A técnica de *Inbound Marketing* é fundamentada em 5 etapas: Atrair > Converter > Fechar > Fidelizar > Encantar.

Figura 1: O que é *inbound Marketing*? Descubra a nova forma de acelerar suas vendas.



Fonte: Disponível em: <http://5seleto.com.br/o-que-e-inbound-marketing/>

2.2 Leitura, Tipos e Tipologias de público e de leitor

“[...] Cada vez mais as pessoas lêem por razões utilitárias: para compreender formulários, contratos, bulas de remédio, projetos, manuais, etc.” (Grammont, 1999, p.73)

Todos as pessoas são leitoras em formação independente da idade, todos estão em um processo de construção desde a infância.

A leitura e a escrita segundo, Brasil (2007), estão, desde cedo, no convívio das crianças, antes mesmo de adentrarem na escola, a língua oral está na relação entre as pessoas e quando chega à escola é ampliado o seu conhecimento e podendo assim ter uma maior compreensão e a capacidade de uma produção oral (PINHEIRO, 2014 p.22)

A leitura permite em sentido amplo decodificar mensagens através de uma visão autônoma de mundo, cria no leitor a visão construtiva e crítica do todo. Conduz as pessoas a se tornarem conscientes de seus desejos e de seus direitos. Ler além disso, dá prazer, incentiva a imaginação, a fantasia, os sonhos, a criação e permite obter conhecimento.

O ato de ler não é meramente a decodificação das palavras ou da linguagem escrita, mas sim o que a precede, a leitura de mundo, as experiências vivenciada enquanto ser. Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (PINHEIRO, 2014, p.13, apud. FREIRE, 1986, p.22).

Pinheiro (2014 apud Martins 1993) considera três níveis de leitura são eles a leitura sensorial, leitura emocional e a leitura racional. A primeira consiste no primeiro contato do leitor com as obras literárias, onde inconscientemente ele vai descobrir do que gosta e do que não gosta, a leitura emocional define-se como o nome mesmo já diz, pela emoção a pessoa. Deixa de lado os sentidos e passa a realizar a leitura usando a emoção, criando empatia e colocando se no lugar do outro. A leitura racional é responsável pela análise, reflexão, compreensão, questionamentos e por atribuir significados ao texto de um modo crítico. O hábito da leitura é o que se cria nas unidades de informação, sendo portanto de responsabilidade de um mediador, neste caso os bibliotecários, a incentivar o hábito de ler nas pessoas. Quanto aos frequentadores e usuários no contexto de unidades de informação (bibliotecas) podemos agrupá-los da seguinte forma:

- **Visitante:** está visitando a unidade de informação, e não está ciente ainda dos serviços ou ainda não tem acesso a eles.
- **Usuário Potencial:** São as pessoas que estão inseridas na comunidade da unidade de informação, tem possibilidade de usar os serviços que estão disponíveis nesta.
- **Usuário:** pessoas que utilizam os serviços da unidade de informação. Numa biblioteca é o leitor, aquele que necessita dos produtos ou serviços do local.
- **Usuário real ou efetivo:** usuário já cadastrado (conhecido) que usufrui dos serviços de informação.

- **Agente de Leitura (Membro):** responsáveis por criar táticas aproximação e dessa maneira fazer a ação de leitura, essas ações podem variar muito, os agentes de leitura podem atuar em qualquer lugar, desde bibliotecas comunitárias até praças.

Ao profissional bibliotecário cabe ser mediador da informação e com isto: desenvolver-se com o intuito de se adaptar aos novos meios, propagar e incentivar promover e disseminar da leitura a todo tipo de pessoa, respeitando suas igualdades e diferenças.

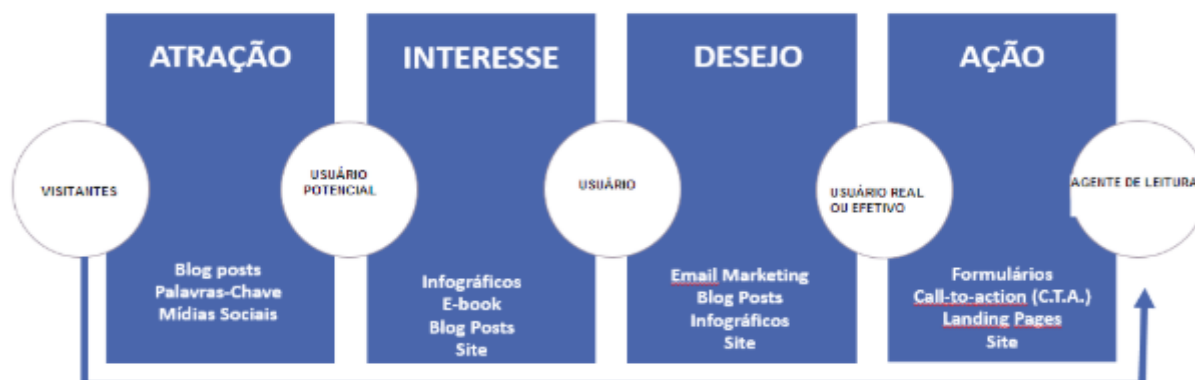
2.3 Técnicas de imersão, o *inbound marketing* para incentivo à leitura.

Com os avanços tecnológicos, as bibliotecas precisam criar estratégias bem mais criativas e inteligentes para atrair os usuários que se tornaram mais seletivos. A utilização do meio digital torna-se mais atraente e causa impacto a esse novo leitor/cliente. Mídias, *blogs*, redes sociais, *youtube*, dentre outros, se tornam meios para propagação de estratégias que personificam e humanizam a relação entre bibliotecas e o usuário, público-alvo nesse caso.

Inbound Marketing é uma estratégia de marketing recente que acredita na criação de conteúdo relevante na internet como um grande potencial para gerar, educar e fidelizar clientes. Por se tratar de um campo novo, que teve seu surgimento em 2010, não há muita bibliografia que trata sobre o tema e, portanto, este trabalho se baseará na literatura de Brian Halligan e Dharmesh Shah, os co-fundadores da empresa Hubspot (software de gestão de marketing de conteúdo) e idealizadores da técnica (CONCEIÇÃO, 2016 p.8).

Podemos por tanto, sistematizar da seguinte perspectiva os procedimentos do SEO no *inboundmarketing* para incentivar a leitura:

Figura 2 : Adaptado de O *Inbound Marketing* para bibliotecas.



Fonte: <https://digitalks.com.br/artigos/7-tecnicas-de-seo-para-turbinar-o-inbound-marketing/>

O *Inbound Marketing* pode facilmente ser comparado ao planejamento de uma viagem para diminuir as chances dessa dar errado, ou seja, para tentar evitar surpresas desagradáveis, no caso do *Inbound Marketing* acontece o mesmo, porém visando os objetivos, documentos e canais, pois as estratégias quando bem elaboradas, permitem a sincronia entre empresa e equipe o que diminui significativamente o risco de falha.

Este conceito permite desenvolver técnicas no campo da biblioteconomia/ciência da informação, capazes de incentivar o usuário/cliente e também de atrair a atenção do visitante, para mostrar os benefícios que a leitura pode proporcionar.

Conceitos inovadores em que há a participação social, são tidos como estruturas da nova biblioteconomia capaz de englobar novos posicionamentos quanto as bibliotecas. Sendo de competência do profissional da informação (Bibliotecário), a função de mediador, neste caso gerenciamento dos recursos digitais, em prol de facilitar a criação do conhecimento para a sociedade, ou seja, estruturar as conexões: usuário x informação, sociedade x conhecimento.

“A missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em suas comunidades.” (LANKES, 2011 p.15)

No *inbound Marketing*, conceitos digitais são o enfoque. No contexto deste trabalho, agrupamos tais perspectivas dentro da estrutura das bibliotecas. Tornar o visitante um agente de informação (membro) não é tarefa fácil, pois necessita que haja a participação do próprio que para que desenvolva o encantado pela leitura e comunicação, ao ponto de auxiliar em sua disseminação junto ao mediador da informação, o bibliotecário. Promoção da informação disposta em recursos digitais em seus diferentes formatos na apresentação de

um dado, como por exemplo: memes, *youtube*, *blogs*, *ebooks*, *whats app*, dentre tantos outros

O *Inbound Marketing* permite a utilização de meios digitais na propagação e incentivo à leitura. O espaço da biblioteca em si não é transformador, mas os agentes de leitura fazem esta modificação do ambiente, permite que as pessoas tenham uma nova visão com relação à biblioteca. A Biblioteca Municipal Centenário em de Poços de Caldas (MG), possui um projeto denominado BiblioArte LAB, onde o objetivo do projeto é utilizar-se de tecnologia para estimular a criatividade e a produção de conhecimento. A ideia de seus fundadores é fazer do espaço biblioteca algo inovador, onde seja incentivada a formação de leitores.

De acordo com Lopes (2016):

Com a percepção de que os jovens podem ser influenciadores de leitura espontânea, compartilhando conteúdos multimídia sobre suas obras preferidas, o projeto oferece um espaço para que eles possam se encontrar para criar suas próprias manifestações artísticas e culturais. Entre outras atividades, a partir da união entre a cultura digital e o universo da literatura, eles elaboram publicações eletrônicas, fazem vídeos literários para canais online e transformam obras literárias em *memes* ou pequenas animações para internet.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivou-se maximizar e sistematizar as formas de atração do leitor, através de métodos inovadores que permitem acesso a novas concepções digitais para os profissionais bibliotecários.

Foram estruturados quanto aos tipos leitor e de usuários da informação, formas de abordagem digital de *inbound marketing*, para que fossem desenvolvidas ao incentivo à leitura, enfatizando a um sistema de fácil assimilação e propagação para o contexto das bibliotecas.

Com a reengenharia digital, viabiliza-se portanto um novo método a ser aplicado, o bibliotecário dispõe de novos meios digitais e tem como opção aplicar estes novos conhecimentos ao público de sua biblioteca (visitantes, leitores, usuários e agentes de leitura e informação). Estruturar as bibliotecas de modo a atender a demanda do usuário e permitir que através de diversos formatos digitais seja capaz de promover a atração do visitante pela leitura, educação e cultura além de permitir uma formação adequada ao leitor e o desenvolvimento de sua perspectiva de modo a torná-lo com a devida mediação, um

agente de informação e leitura, que possibilitará a atração de outros visitantes, transformando estes em usuários da informação.

Durante este trabalho foi mostrado que o *inbound marketing* é uma técnica viável a ser aplicada em bibliotecas, diferente do marketing tradicional, com a função de ser o primeiro contato do usuário à informação. Utiliza parâmetros diferenciados como *blogs*, redes sociais, *e-books*, sites, dentre outros para sua disseminação. Na prática buscando um desenvolvimento algumas bibliotecas utilizam tais meios, mas sem que haja uma base estrutural, o que nos levou a desenvolver este trabalho.

O resultado depende muito das escolhas do profissional quanto às estratégias e políticas a serem utilizadas que fidelizem o visitante ao ponto deste ser participante ativo na estrutura organizacional da unidade de informação.

Concluimos assim, através deste, que neste mundo tecnológico, as bibliotecas têm de se adequar às novas perspectivas e aos novos conceitos, e contar com o auxílio da comunidade em que está inserida, viabilizando-se como um espaço além das paredes de fomento literário, produzindo uma melhoria social ao incentivar à cultura, a educação e o conhecimento para a população.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Rodolfo. **Guia Completo sobre Inbound Marketing**. Disponível em: <https://www.organicadigital.com/blog/guia-completo-sobre-inbound-marketing> . Acesso em : 22 abr. 2019.

CONCEIÇÃO, Matheus Furlani da. **Estratégias de comunicação para as Instituições de ensino**: Análise do Inbound Marketing do portal Ecaderno. 2016. 76 f. monografia (Bacharel Comunicação Social Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, [2016]. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/Monografia-Matheus-Furlani-final.pdf> . Acesso em: 22 mar. 2019.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira. **Estudos de usuários da informação**: ensino e aprendizagem no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 56.

FARIA, Cleide Vieira de. **Identificação das necessidades informacionais e comportamento de busca dos usuários da Biblioteca Central da UFMG [manuscrito]**: ênfase nos alunos de graduação do Instituto de Ciências Exatas e Instituto de Ciências Biológicas. 2010. Download em: www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-98BVWD/monografia_cleide_23_05_2011.pdf%3Fsequence%3D1+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br . Acesso 7 maio 2019.

IMAGEM 1. Equipe seletto marketing. **O que é inbound Marketing? Descubra a nova forma de acelerar suas vendas.** Disponível em: <http://5seleto.com.br/o-que-e-inbound-marketing> . Acesso em 18 fev. 2019.

IMAGEM 2. Imagem adaptada, baseada em **7 técnicas de seo para turbinar o Inbound Marketing.** Disponível para download em: <https://digitalks.com.br/artigos/7-tecnicas-de-seo-para-turbinar-o-inbound-marketing> . Acesso em 7 maio 2019.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados.** São Paulo: Futura, 2001.

LANKES, R. David. **The atlas of new librarianship.** Cambridge: MIT Press, 2011.
LOPES, Marina. Cultura digital aproxima jovens de biblioteca pública. Disponível em: <http://porvir.org/cultura-digital-aproxima-jovens-de-biblioteca-publica/> . Acesso em: 27 abr. 2019.

MORRIS, Charles (tradução Fidalgo, Antonio). **Fundamento da teoria dos signos.** Disponível para download em: <http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/semiotica/morris-charles-fundamentos-teoria-signos.pdf> . Acesso em 27 abr. 2019.

PEÇANHA, Vitor. **O que é inbound marketing?** Conheça o marketing de atração e desenvolva estratégias para atrair e conquistar clientes. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/o-que-e-inbound-marketing/> . Acesso em 10 jun.2019.

PINHEIRO, Paula Barbosa. **A leitura na formação da criança do 4º ano do Ensino Fundamental.** 2014. p.42. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

PINTO, Lourival Pereira. Os usuários da informação. **PontodeAcesso**, Salvador, V. 4, n. 3, p. 3- 15,dez. 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4667/3561> Acesso em:21 abr. 2019.

PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (org.); Grammont, Guiomar de. **A formação do leitor: pontos de vista**, Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 73; 97-102.

SANTOS, Fabiano do, NETO, José Castilho Marques, ROSING, Tania M.K. (ORG.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.** São Paulo: Global, 2009. p.71-94.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**[online]. 2011, vol. 23, n. 1, p. 63-75. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862011000100006>. Acesso em :14 mai.2019.

A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA SOB O VIÉS DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS

INFORMATION POLICIES AS TOOLS FOR SCIENTIFIC AND TECHNOLOGICAL DEVELOPMENT THROUGH MOBILE DEVICES

CAVALCANTE, Luciano Pereira dos Santos ¹

GONÇALVES, Pedro Mizael Sousa ²

SOUSA, Sarah Fortes de ³

Resumo: A disseminação massiva e a produção do conhecimento produziu o acúmulo excessivo de informações, e por sua vez, propiciou uma demanda excessiva de suportes dos mais diversos tipos para armazenar informações dos mais diferentes tipos para que fosse possível recuperá-las. Desse modo, houve uma necessidade de acondicionamento das informações produzidas para que os conteúdos pesquisados fossem efetivamente acessados e encontrados. Assim, o presente trabalho busca de maneira pragmática propor uma reflexão coletiva, fundamentada nos aspectos inerentes na relação entre a necessidade e produção da informação científica e tecnológica, como também suas consequências para a ciência da informação por meio dos dispositivos móveis. Com isso, o referido trabalho apresenta caráter exploratório em que se baseou em referências bibliográficas sobre as áreas de Ciências da Informação, sob um viés concentrado no aplicativo da CAPES e sua importância sob a perspectiva de como o conhecimento registrado sistematicamente organizado pode despertar informações importantes e auxiliar na geração do conhecimento, centradas na informação e sua produção existente.

Palavras-Chave: Produção da informação. Ciência da informação. Geração do conhecimento.

Abstract: The present work seeks in a pragmatic way to propose a collective reflection, based on the inherent aspects in the relationship between the need and the production of

¹Universidade Federal do Ceará. E-mail: lucianopdsc@hotmail.com.

²Universidade Federal do Ceará. E-mail: pedromizael4@gmail.com.

³Universidade Federal do Ceará. E-mail: sarahfortes@outlook.com.

scientific and technological information, as well as its consequences for the information science. The central aspect starts from the perspective of how systematically organized registered knowledge can awaken important information and help in the generation of information- centered knowledge and its ex-works, in order to demonstrate how the adoption of efforts that reflect the information flow that impact in the generation of knowledge.

Keywords: Production of information. Information Science. Generation of knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que o homem sempre aspirou desenvolver meios que permitissem reunir e disponibilizar informações, abordar as perspectivas da Ciência da Informação (CI), aos novos campos do conhecimento científico, como as tecnologias e a digitalização da informação, normalmente podem surgir divergências e convergências.

Desse modo, as políticas públicas voltadas para a disseminação da informação científica e tecnológica, sempre foram alvo de diversas discussões para muitos autores. Desde o processo de implementação das políticas que visam a disseminação do conhecimento, a vasta literatura estimulou à sua consolidação de forma a possibilitar a produção e uso do conhecimento científico e tecnológico de forma clara e universal.

Com isso, podemos instar que:

A representação pública da ciência é resultado de uma construção da confiança arraigada em possibilidades, nas quais o conhecimento concorda com o equilíbrio de poder entre as nações. Isso nos leva a considerar que a adoção de normas e uso do conhecimento científico e tecnológico respeitando o princípio da universalidade, vislumbra a adoção de normas e deve apresentar diretrizes que regulamentam o uso, a produção e disseminação da informação no desenvolvimento científico e a produção de novas tecnologias. Isso, claro de forma a consolidar um marco na percepção na forma do trabalho e tratamento da informação, como também da força produtiva nas políticas públicas no desenvolvimento da sociedade, objetivando formas de impactar na geração do conhecimento por meio de pesquisas em que constam objetivos pré-estabelecidos, em consonância com os avanços tecnológicos e em paralelo com o limiar das transformações sociais (DICKSON, 1998 p. 87)

Assim, a ciência passou a desempenhar no nível ideológico um papel estratégico como força produtiva nas políticas públicas no desenvolvimento da sociedade, objetivando formas de impactar na geração do conhecimento por meio de pesquisas em que constam objetivos pré-estabelecidos. Dessa maneira, pode-se enaltecer que as transformações com a

forma de tratamento da informação, na adoção de novos paradigmas, surgiram com as revoluções paradigmáticas científicas, cujas estas foram defendidas por Kuhn (ELLIS, 1992), onde mesmo que as Ciências Sociais e a CI estando no limiar das transformações sociais, consideradas pré-paradigmáticas.

Mediante pesquisa bibliográfica, o estudo visa abordar informações por meio dos livros, artigos, dissertações e teses sobre conteúdos acerca da disseminação da informação científica e tecnológica. Todos foram selecionados das fontes de informação eletrônica, tais como o Portal de Periódicos da CAPES, com o intuito de discorrer sobre a importância dos dispositivos móveis, em especial, o aplicativo da CAPES sobre sua funcionalidade, como também as vantagens que este recurso apresenta como instrumento de armazenamento de informações e conhecimento para o âmbito científico e tecnológico.

2 A REPERCUSSÃO NA C&T COMO ÁREAS CRÍTICAS DA SOCIEDADE

No âmbito da informação, é verificada que tal campo científico se caracteriza pela existência de ao menos três paradigmas epistemológicos distintos, embora inter-relacionados e complementares, são eles: físico, cognitivo e social. E por sua vez, abrange desde o paradigma centrado em sistemas informatizados, até a análise de domínios que busca favorecer à Gestão do Conhecimento, levando-se em consideração o conhecimento compartilhado por uma comunidade, ou determinado grupo social.

À vista disso, a informação é analisada do ponto de vista do objeto de estudo, e levando em consideração isso, cabe citar o artigo “*As we may think*” (1945) de Warner Bush. Este artigo baseia-se em duas vertentes: a produção da informação em massa e o desenvolvimento de novas tecnologias para o gerenciamento da informação. Diante disso, instiga-se uma reflexão acerca das origens da CI como a produção da Informação Científica e Tecnológica (ICT) e o advento desta na CI como áreas críticas da sociedade.

Com isso, circunscrever a CI a partir de uma discussão, partindo de uma perspectiva social, ou ainda mostrar as razões que fundamentaram a sua demarcação como ciência, sendo essencialmente humana e, portanto social, pode nos colocar em um imbricado estado de coisas. Primeiramente, esse tema vem a instigar uma discussão, de forma a permear uma ciência, ou seja, o seu objeto e suas relações a que este objeto estaria sujeito. Talvez perguntas fossem: o que é; qual a natureza do nosso objeto? Parece, entretanto, que as nossas perguntas já estariam respondidas, uma vez que já denominamos este campo de ciência e elegemos a priori o seu objeto: a informação. Daí uma “epistemologia social”, que

se caracterizaria pelo estudo daqueles processos através dos quais a sociedade como um todo se relacionava com o conhecimento, embora tenha inicialmente se dedicado à busca da automação dos mecanismos de recuperação da informação. Assim, a Ciência da Informação e seu advento nasce para resolver grandes problemas, tanto do ponto de vista da documentação quanto da recuperação da informação: o de reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento, partindo da necessidade da informação e produção em todo o mundo. Isso porque se entende que o armazenamento e a recuperação da informação não resolvem por si só o problema da geração do conhecimento na sociedade, no que concerne ao seu avanço na compreensão das relações humanas com a informação, sobretudo na concepção do “ser no mundo em relação aos outros”, pressupondo que exista uma relação dialógica e interação social.

Tendo em vista todo esse arsenal informacional que garanta a disponibilização da informação na disseminação do conhecimento, Shera (1980) afirma que bibliotecários “eruditos” tinham uma preocupação com a estabilidade, no que concerne à sistematização e organização documental, voltados para métodos que propiciam o controle e organização física, sem se preocuparem com outro fator: o fluxo de informações.

Assim, podemos chegar à um consenso acerca do confronto entre as teorias racionalistas e sistêmicas em contraposição das abordagens psico-sociológicas centradas do usuário. Está no intuito da forma como a informação é armazenada com relação ao atendimento das necessidades informacionais e sua forma de acesso.

Com essas prerrogativas, é elucidado que o processo de disseminação da informação, a adoção de novas tecnologias veio com o propósito de socializar a informação e o conhecimento, como forma a tornar mais acessíveis a informação armazenada em consonância com a necessidade do usuário, no âmbito científico e tecnológico. Contudo, Saracevic (1992) enaltece a importância do desenvolvimento de estratégias para a organização do conhecimento na era constituída pela explosão informacional. Dessa forma, fomentadas a partir de motivações que possibilitasse em tais práticas que partiram da perspectiva da Ciência e Tecnologia serem áreas críticas da sociedade, provendo meios para suprir informações ligadas à C&T, sendo um dos combustíveis mais importantes para alcançar e sustentar o progresso nessas áreas.

Contudo, Saracevic (1992) ainda faz uma analogia entre essa necessidade da informação e os movimentos transformadores que ocasionaram a informação como instrumento de competitividade, referindo-se à C&T como campos em que atuam grupos específicos que realizam pesquisas científicas e tecnológicas, objetivando a produção de

novas tecnologias. De tal forma a buscar o desenvolvimento de esforços no campo da informação, aproximando-se da necessidade e como isso acarreta na produção de informação e a geração de conhecimento na área da C&T, direcionados ao uso estratégico.

Com isso, é possível visualizar que na indústria moderna, houve uma crescente demanda de informação para maior desempenho nas organizações e da produção de novas tecnologias e conhecimento. Como se expandiu e se formalizou o conhecimento, houve a necessidade de treinamento para aqueles que optaram por lidar com a informação, na forma em que esta é processada e tratada para atender o usuário que tem a necessidade de determinada informação.

3 OS FLUXOS INFORMACIONAIS E O USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS

As tecnologias de comunicação vêm passando por grandes mudanças e evolução, permitindo uma pessoa comum não só fazer parte do consumo, mas também de produzir e de distribuir a informação. Outrora, a informação para ser disseminada, ela precisava ser editada, e reproduzida por meios de comunicação de massa, hoje diversas ferramentas tornam isso possível, e podem ser produzidas e divulgada por qualquer pessoa.

Esse poder de transformar experiências cotidianas em conteúdo, para serem divulgadas em rede, é resultado da conectividade e mobilidade, ou seja, a informação antes da mobilidade ficava restrita apenas ao receptor. De acordo com Mantovani e Dantas (2011):

Se antes tais informações, para serem publicizadas, precisavam passar pela edição dos meios de comunicação de massa, hoje, uma série de ferramentas digitais tornou possível a disseminação de mensagens pelos sujeitos comuns. Sendo assim, transformamos nossas experiências cotidianas em produtos midiáticos, passíveis de armazenamento e recuperação e ainda disponíveis a qualquer hora e lugar. (MANTOVANI; DANTAS, 2011, p. 1- 2).

Existe uma grande variedade de conteúdo e propósito diferentes para a produção e a divulgação dessas mensagens, por esses sujeitos comuns, que até então eram apenas os receptores da informação, onde podem ser motivadas por acontecimentos privados (nascimento de um filho, casamento, viagem) como também por fatores que dizem respeito à sociedade, como o período em que estamos vivendo atualmente, as eleições, entre outros. Lemos (2005) conceitua esse fenômeno de cibercultura.

Mantovani e Dantas (2011) evidenciam os dispositivos móveis, principalmente os (celulares e *smartphones*) como uma tecnologia dominante, de acesso e uso da informação.

Onde esses dispositivos passam a cumprir uma função que vai muito além de comunicação interpessoal e o mercado de telefonia móvel passa a se preocupar não só com serviço de voz, ou seja, as operadoras de telecomunicações que até então estavam no centro desta evolução, encarregadas de fornecer e conectar todo o sistema, deixa de ser o ponto central, e passa a existir outro ponto, os provedores de serviços, onde Mantovani e Dantas (2011) chama de serviços de valor agregado (SVA). Atualmente, os serviços de valor agregado deram lugar ao universo dos aplicativos móveis, onde acaba impactando diretamente os modelos de negócios das operadoras, pois suas principais fontes de receitas dependem dos serviços de voz e dados.

Com a vinda de novos aplicativos (*Skype, Whatsapp, Facebook*), estes, conseguiram de certa forma modificar os padrões de comunicação entre pessoas. Mantovani e Dantas (2011) destaca que no caso das redes sociais, elas são utilizadas principalmente nos dispositivos móveis, pela facilidade de interação e de atualização e essa dinâmica entre os dispositivos, as redes sociais e a vivência entre os usuários como uma nova forma de pensar, de agir, de compartilhar, fortemente ligada a tecnologia, tem um papel fundamental no desenvolvimento da cultura participativa.

Essa cultura participativa é a comunicação constante entre inúmeras pessoas de uma sociedade, como uma nova forma de representar a sociedade contemporânea, para Jenkins *et al.* (2009) essa expressão cultura participativa, serve para caracterizar o novo comportamento do consumidor, que está cada vez mais distante de ser apenas o receptor, onde hoje a pessoa passa a interagir no sistema de forma coletiva, permitindo o compartilhamento e a criação de uma maneira mais participativa e crítica.

4 METODOLOGIA

O referido estudo possui de natureza exploratória que de acordo com (GIL, 2002): “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, desta forma a pesquisa visou abordar por meio de estudos teóricos na área de Ciências da Informação, dando ênfase na disseminação da informação científica e tecnológica.

Assim, a proposta de pesquisa teve seu advento por meio da disciplina Informação e Sociedade, onde foi construído um trabalho que abordava pontos a respeito da utilização do aplicativo da CAPES como mecanismo de acessibilidade dos conteúdos que dizem respeito

à comunidade científica, no intuito de promover trazer à tona as vantagens do uso dessa ferramenta como instrumento de pesquisa.

É importante ressaltar que a pesquisa bibliográfica, também, faz parte da metodologia dessa pesquisa, pois conforme (GIL, 2002), em seu livro de Como Elaborar Projetos de Pesquisa, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Outra metodologia desse trabalho que foi abordado é o estudo de caso que consistem em uma análise de perfil descritivo das funcionalidades presentes no aplicativo, como também ressaltar os seus benefícios.

Desse modo, ainda (GIL, 2002), relata que a pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

5 O APLICATIVO DA CAPES COMO FERRAMENTA DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

Dentre os aplicativos especialmente desenvolvidos para a interface dos dispositivos móveis, foi desenvolvido um aplicativo pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de forma gratuita para que os usuários possam ter acesso às diversas notícias e informações que a entidade disponibiliza. Isso permite viabilizar o fluxo de informações tanto a expressão informativa do indivíduo, quanto o seu engajamento cívico.

Assim, a plataforma móvel conta com o Portal de Periódicos, biblioteca virtual da Capes, do Ministério da Educação, que pode ser acessada por celulares e *tablets* desde 2014, onde passou por atualizações e ganhou uma nova versão, mais moderna e com mais opções de interação para a comunidade acadêmica e da pesquisa entre elas acesso a informações de bolsa e pagamentos, acompanhar bolsas na CAPES tanto atual quanto anteriores e o histórico dos pagamentos realizados.

Entre as novidades, estão a integração com a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) e a possibilidade de criar uma biblioteca *offline*. Há ainda uma área para destaque do conteúdo de interesse e a implantação do sistema de *push*, com notificações feitas ao usuário. Ainda em fase de desenvolvimento, estão o serviço de edição de trabalhos de

pesquisa dentro da própria plataforma e a opção de criação de grupos de interação entre pesquisadores facilitando a produção e troca de informação.

Desenvolvido em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), o aplicativo permite realizar buscas rápidas por assunto, a mais de 38 mil periódicos, 12 bases de patentes, 130 bases referenciais, mais 120 mil e-books, enciclopédias, dicionários, teses, dissertações, bases de dados estatísticos normas técnicas e redes de e-prints.

A ideia central do CAPES é que a plataforma se destaque ainda mais como uma importante ferramenta para compartilhar conhecimento e aproximar estudante e pesquisadores. Um usuário, como um professor, por exemplo, poderá criar um grupo de estudo para que os alunos possam participar e trocar informações, apresentando-se uma inovação no que concerne à troca de informações desse tipo de mídia na comunidade acadêmica. Mesmo nas redes sociais existentes, não há potencial de compartilhamento de conteúdo de interesse científico como a plataforma proporciona, em meio à essas ferramentas. Desde 2014, já foram contabilizados mais de 25 mil downloads dos aplicativos para as plataformas móveis (iOS, Android e Windows Mobile), atualmente um terço dos acessos do portal é realizado por plataforma móveis. O acesso também pode ser feito por outros sistemas operacionais e todos são integrados com a CAFe. Em 2015, o Portal de Periódicos teve mais de 100 milhões de visitas, contabilizando o acesso a bases referenciais e downloads de textos completos.

A lógica do aplicativo segue a mesma de outros tais como o da SciELO e PubMed usando tecnologias de mensagens para criar uma rede de usuários que se comunicam por meio de busca que propicia o usuário adquirir a informação de maneira eficaz e favorecer a disseminação da informação. O conteúdo pode ser periódicos, informações sobre bolsas e editais de submissão de projetos.

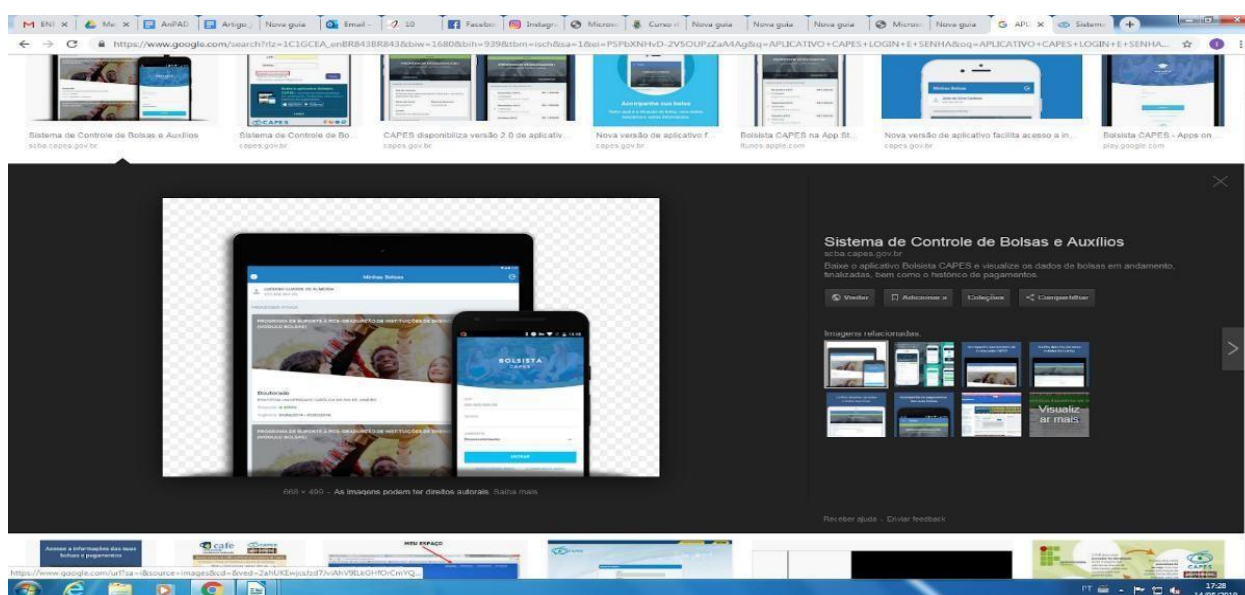
Seu potencial de rede de informação já está disponível para download, de forma gratuita, assim, a versão do aplicativo móvel da CAPES apresenta uma interface didática criada para ser utilizada pelos usuários. Criado para ser acessado por usuários integrantes ou não dos programas oferecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o aplicativo ganhou novas funcionalidades com vistas à otimização do sistema para cativar um público ainda mais aspirante pelo conteúdo científico.

No aplicativo, os usuários poderão ler e enviar mensagens de forma mais ágil para o usuário, além de encaminhar anexos em formato de PDF. Se por acaso o usuário estiver engajado em algum projeto de pesquisa que necessita de fomento da CAPES, o aplicativo

conta com a praticidade no extrato de pagamentos realizadas, bem como a inserção de informações detalhadas de pagamentos, apresentadas de forma didática e especificada.

Atendendo a pedido dos usuários, os dados preenchidos na tela inicial, como o CPF, por exemplo ficam salvos após o *login*, onde também é possível também é possível alterar os dados de contato com a CAPES na tela de informações sobre o aplicativo.

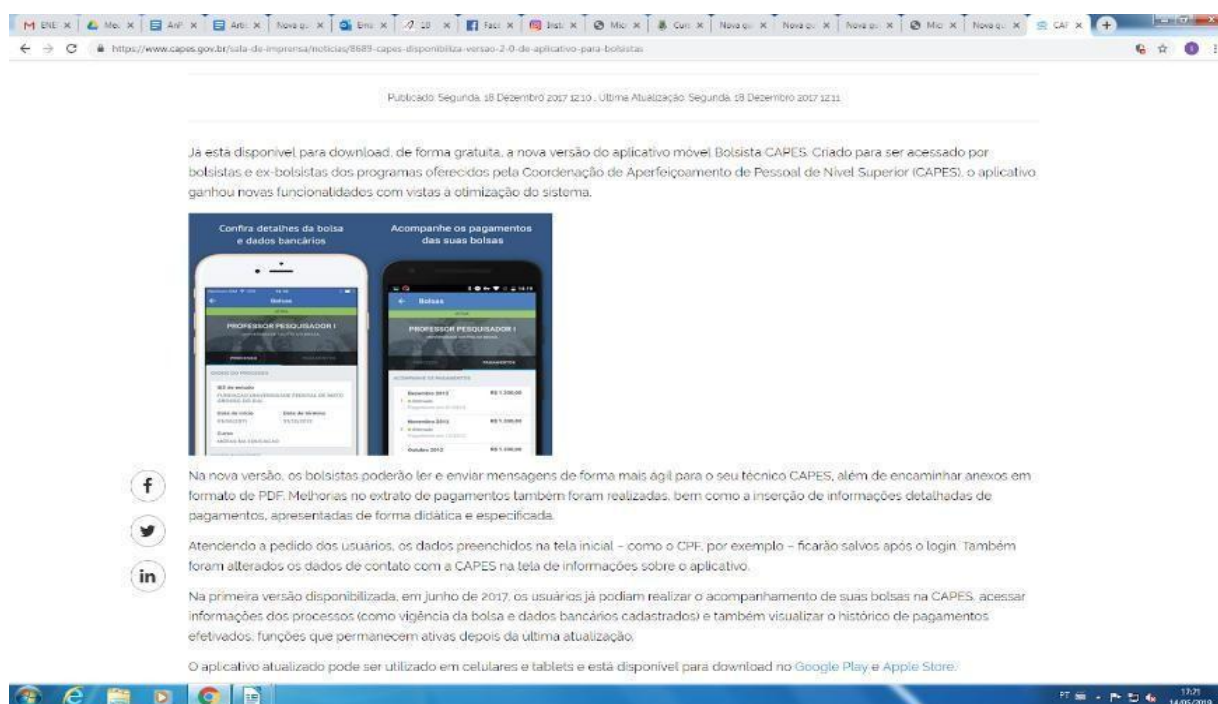
Figura 1 – Interface do aplicativo da CAPES



Fonte: CAPES,2015

Na primeira versão vigente disponibilizada, os usuários podem além do que foi exposto acima, realizar o acompanhamento de suas bolsas na CAPES, acessar informações dos processos (como vigência da bolsa e dados bancários cadastrados) e também visualizar o histórico de pagamentos efetivados, funções que permanecem ativas depois da última atualização. O aplicativo pode ser utilizado e baixado em celulares e *tablets* e está disponível para download no Google Play e Apple Store.

Figura 2- Representação do aplicativo no smartphone



Fonte: CAPES

Tocante à disseminação da informação por meio dos dispositivos móveis, Castells (2013, p. 134) afirma em seu livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet* que “a compreensão delas [a Internet e a comunicação sem fio] tem sido obscurecida por um debate sem sentido, na mídia e nos círculos acadêmicos, ao negar que as tecnologias de comunicação estejam na raiz dos movimentos sociais.” Eles estão certos porque nem a *internet* e nem outra tecnologia é fonte de causação social.

Dessa forma, é necessário assimilar o papel fundamental da comunicação na formação e na prática dos movimentos sociais que descendem ao longo da história para os dias atuais. Precisamos entender que somente se pode desafiar a dominação quando há conexão entre as pessoas, dividindo sua indignação, sentindo o apoio e elaborando projetos para si e para a sociedade como um todo. Essa conectividade é dependente das redes de comunicação interativa que tem como base a internet e as redes sem fio. Ambos, pessoa e rede comungam de uma cultura em comum, a cultura da autonomia.

Contudo, devemos lembrar que não é um sistema perfeito. Mantovani e Dantas (2011, p. 6) citam Aun (2008, p.3) que alerta que “podemos estabelecer mil conexões e nos desconectar da capacidade crítica e consolidação histórica demandada para o desenvolvimento do conhecimento.”

Ainda que os canais para troca de informação se multipliquem, que espaços para cultura participativa sejam criados, que haja o aumento da intensidade dos fluxos informacionais, entre outras constantes, não é garantida a consolidação do sujeito contemporâneo como um ser crítico, utilizando de forma construtiva seu tempo e espaço. O conhecimento precisa de uma crítica estruturada para que não seja vazio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da informação é uma evolução que galgou a passos largos, sendo esta um resultado de uma construção simbiótica entre diversos contextos que modificaram o universo relacionado à informação. Contudo, o arsenal epistemológico que traduz em orientações paradigmáticas diferenciadas, passa a ser uma instituição de reflexão da informação, com o campo que estuda a ação mediadora entre a informação e o conhecimento acontecido no indivíduo em uma determinada época e lugar no contexto da sociedade. Nesse sentido, a Ciência da Informação apresenta um valor colocado no foco com cada área que reflete à importância relativa dos fluxos de informação voltados para o exterior em um sistema de armazenamento e recuperação da informação e os reflexos que são acarretados com os dispositivos móveis. A tecnologia e a era digital juntamente com a ciência olham, essencialmente, para um fluxo interno do sistema, que passa pela seleção, aquisição, catalogação, classificação, indexação, armazenamento, recuperação e disponibilidade para o uso dos itens de informação. A Ciência da Informação introduz um pensamento mais direcionado aos fluxos externos, localizados nas extremidades do fluxo interno a que foram referidos antes que vão subsidiar as concepções referentes às fontes de tratamento documental.

Por isso, esses eventos foram importantes para o despertar de novas áreas do conhecimento centradas na informação, sendo marcos importantes no final do século XIX que caracterizaram por transformações advindas com o papel do conhecimento (WERSIG, 1993). E concomitantemente, houve mudanças paradigmáticas no universo informacional que ocasionaram a expansão da informação, outrora restrito apenas às bibliotecas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. E. A.; OLIVEIRA, M. A. **Ciência da Informação no Brasil**. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord). *Ciência da Informação em biblioteconomia: novos conteúdos e espaço de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.p 13-14.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Correntes teóricas da ciência da informação**. Brasília, DF, V 38, n. 3, p. 192-204, set./dez, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13>>. Acesso de 03 dez. 2018.
- BARRETO, Aldo Albuquerque. **A condição da informação**. São Paulo e Perspectiva, São Paulo: Fundação Seade, v. 16, n. 3, p. 03- 05, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Zahar, 2013. p. 228. Disponível em: <https://ciberconflitos.files.wordpress.com/2014/10/castells_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- JENKINS, Henry et al. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st century**. Massachusetts: MIT Press, 2009. Disponível em: <https://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- LE MOS, André. **Cibercultura Remix**. In: Seminário Sentidos e Processos. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro, **Informação: esse obscuro objeto da ciência da informação**. Morpheus, v. 2, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4108/3759>>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- MANTOVANI, Camila; DANTAS, Geórgia. **Os fluxos informacionais nos dispositivos móveis**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/19_Os_fluxos_informacionais_-_Camila_Georgia.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- ROSSETO, Graça; CARREIRO, Rodrigo; ALMADA, Maria Paula. **Twitter e comunicação política: limites e possibilidades**. 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/2824>>. Acesso em: 03 dez. 2018.
- Twitter**. Encyclopaedia Britannica, Inc. Disponível em: <<https://academic-eb-britannica.ez11.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/Twitter/471629>>. Acesso 03 dez 2018.

GT4 - A LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

LETRAMENTO INFORMACIONAL COMO PROPULSOR DO PENSAR CIENTÍFICO NO ENSINO BÁSICO

INFORMATION LITERACY AS PROPELLANT OF THE SCIENTIFIC THINK IN BASIC EDUCATION

PEIXOTO, Dandara Polyanna Almeida¹

FONTES, Juliana Maia Louven de²

Resumo: Este artigo propõe mostrar a importância do letramento informacional na vivência estudantil de nível básico, para que os estudantes estejam familiarizados com a linguagem científica e em pleno exercício de sua cidadania, considerando que o processo de aprendizagem e argumentação visa que toda educação tenha como princípio argumentos embasados em fontes de referência. O ensino no Brasil tem como respaldo legislativo vigente a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB 9394/96) e o Plano Nacional de Ensino (PNE) atualizado em 2014. Tais leis incluem em suas finalidades promover o desenvolvimento do ensino democrático, igualitário e de utilidade pública profissional, pessoal e científica. O letramento informacional é uma necessidade diante do atual fluxo de informações ao qual temos acesso. Entender os conceitos de fonte de informação no ensino de nível básico é um dos meios possíveis de habilitar o desenvolvimento do raciocínio científico de forma que possa desenvolver um conhecimento coeso e solidamente compreendido antes do ingresso ao ensino superior. Referenciar e compreender o recorte de informações como produção científica são atividades complicadas no início da vida acadêmica, visto que o conceito de informação é introduzido tardiamente e os profissionais capacitados para a disseminação deste conceito não possuem como parte de seu objetivo profissional aproximar o ensino superior ao nível básico, tornando o letramento parte do currículo escolar. Mediador do conhecimento científico, o bibliotecário tem papel social fundamental pro desenvolvimento do saber. Integrar esse profissional capacitado a estrutura curricular da educação básica possibilitaria uma drástica mudança na qualidade do ensino.

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: d.p.peixoto@edu.unirio.br

²Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: juliana.louven@outlook.com

Palavras-chave: Letramento informacional. Educação básica. Biblioteconomia.

Abstract: This article serves as a reference for studying the student life of basic education, so that students become familiar with a scientific language and the full exercise of their citizenship, considering that the process of learning and argumentation aims to have all education based on sources of reference. Education in Brazil has the right to legislate in force in the Law of Directives and Bases of 1996 (LDB 9394/96) and the National Education Plan (PNE) updated in 2014. These laws include in its initiatives the development of elementary education democratic, egalitarian and of public, personal and scientific utility. Static information next to the current access information stream. Understanding the concepts of non-alphabetically basic information source can be a complete and qualified knowledge of the teaching of higher scientific reasoning. Referencing and understanding the information method as the main sources of information are used at the beginning of the academic life, since the concept of information is introduced late and the professionals trained for the dissemination of the concept not Basic level, becoming the literacy part of the school curriculum. As a mediator of scientific knowledge, the librarian plays a fundamental social role in the development of knowledge. Integrating this professional can be a curricular structure of basic education would enable one of the classes in the quality of teaching.

Key words: Information literacy. Basic education. Librarianship.

1 INTRODUÇÃO

É fácil notar como a sociedade contemporânea passa por uma crise na informação. Com o advento da internet, grande quantidade de informação transita sem preparo da grande maioria das pessoas que interagem com ela, seja para a sua recepção e/ou emissão. Diante do desenvolvimento de uma sociedade pautada por este crescente e difuso fluxo de informação, urge a necessidade de capacitação informacional.

Quando é pensado sobre o ensino da educação básica dificilmente é valorizada a questão da argumentação pautada em fatos embasados por fontes de informação reconhecidas por sua área de fala. Em sua grande maioria, nas escolas a didática abordada é pautada na cópia e colagem de informação e no ensino heterogêneo.

De acordo com Campello (2009, p.72), “letramento informacional orienta-se para a ação; é demonstrado através da capacidade de o indivíduo solucionar problemas e tomar decisões, permitindo a outras pessoas aprender com ele”, de modo que busca resolver a problemática, que segundo Campello (2003, p.32), era “tirar a biblioteca do estado de desprestígio em que se encontrava”, onde a instituição da biblioteca era percebida como um sistema estagnado, desvalorizado pela sociedade. Campello (2003, p.33) diz ainda que “professores não podem fazer isso sozinhos. O bibliotecário desempenha papel fundamental no enfrentamento desse desafio”.

O letramento ou capacitação informacional tem potencial de modificar toda estrutura que hoje é construída no pensar do nível de ensino básico, aproximando-o ao pensar científico do ensino superior. O conceito de informação, de fontes de referência, de citação, caso esses sejam universalizados e dominados já no ensino básico, outro panorama será apresentado na entrada do ensino superior, aumentando o potencial da produção científica e reduzindo a evasão gerada pela distância do formato de ensino existente entre o ensino básico e superior.

A seguir seguem as explanações sobre a LDB/96 e o PNE, seguidos do papel do bibliotecário na sociedade e seu papel educacional, o Letramento Informacional e suas práticas e métodos.

Finalmente será apresentada a relação direta entre as referidas leis e diretrizes com a inserção do letramento informacional no currículo da educação básica, de maneira que o aluno seja completamente preparado para a vida na sociedade de informação, fazendo pleno uso dos recursos informacionais de maneira independente.

Este artigo defende a inclusão do letramento informacional no nível básico, através de um estudo bibliográfico. Não explicita como fazer, considera necessário estudos posteriores para aprofundar a questão didático-pedagógica e analisar possíveis metodologias de aplicação.

2 LDB/96 E PNE

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que reafirma o direito a educação, garantido pela Constituição Federal, regulamentando o sistema educacional do país. Os artigos das leis apresentadas a seguir tratam da composição dos níveis escolares e das finalidades da educação básica, respectivamente. O art. 21º da LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) disciplina nesses termos “Art.

21. A educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior” (BRASIL, 1996, p. 14) e o art. 22º da LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) versa que “Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, p.14).

O Plano Nacional de Educação (13.005/2014), aprovado pela presidenta Dilma Roussef em 2014, é um plano de metas para definir o que irá ser feito com a educação nacional em um período de dez anos. São diretrizes do PNE, entre outras, a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, a melhoria da qualidade da educação, a formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade e a promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País, de acordo com o Art.2º da Lei

13.005, 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014).

A preocupação com a formação do cidadão que contribua para sociedade de maneira a atuar com autonomia e responsabilidade em prol do desenvolvimento fica explícita nos artigos acima. O letramento informacional pode contribuir na medida que preza o pensamento crítico e o uso responsável e coeso dos recursos presentes dos ambientes informacionais.

3 LETRAMENTO INFORMACIONAL

Campello (2009, p.69), sinaliza em sua tese que a competência informacional é uma “tendência de forte abordagem funcional, que se caracteriza pela ênfase nas habilidades e conhecimentos considerados necessários para que o indivíduo funcione adequadamente num contexto social que implica o uso frequente de informação”, ou seja, um indivíduo competente informacionalmente é capaz de produzir conhecimento baseado em informação com fonte de referência reconhecida pela área abordada, fazendo com que seu produto seja embasado em informação relevante.

Letramento informacional é para Kong et al (2005, apud Campello, 2009, p.35), “a habilidade de dominar os processos de ser informado e constitui uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptarem à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento”.

No Brasil, Campello (2009, p.35) diz que, “a produção bibliográfica sobre letramento informacional encontra-se em estágio inicial. O termo e os conceitos foram introduzidos no país por Caregnato, em 2000, e vêm sendo, desde então, trabalhados por diversos autores”.

Calil Junior (2017, p.142), elucida que “a noção de alfabetização midiática e informacional é socialmente construída e deve ser pensada como um conjunto de práticas sociotécnicas, na medida em que incide sobre as práticas de informação dos sujeitos, mediadas pelas mídias sociais”.

A prática do letramento informacional exercita o pensamento crítico, valorizando a individualidade do estudante, que de acordo com, Scriven e Paul (1991, apud Campello, 2009, p.73), “é o processo intelectual disciplinado de conceituar, aplicar, analisar, sintetizar, e/ou avaliar informação reunida ou gerada por observação, experiência, reflexão ou comunicação, de forma ativa e competente, como um guia para crença e ação”.

“A relação do letramento informacional com a noção de pensamento crítico foi enfatizada no trabalho de Loertscher e Woolls (1997, p. 338) que chegaram a opinar que o letramento informacional seria “a versão biblioteconômica do construtivismo e do pensamento crítico.” (CAMPELLO, 2009, p.73)

Em suas considerações finais, Campello (2003, p.36), concluiu que “o termo capturou a imaginação [...] que o tem usado como bandeira para levar avante o desejo de aumentar o prestígio da classe, o que seria conseguido com a ampliação da função pedagógica da biblioteca”.

Considerando a atuação da sociedade no que diz respeito às práticas educacionais, que se encontram aquém do desenvolvimento tecnológico da sociedade e novas formas de aprender dos estudantes, que atuam não apenas como consumidores de informação, mas também como produtores dessa, o letramento informacional é imprescindível para que o aprendizado, o raciocínio e a troca de informações seja feita de forma concisa e responsável, atento para as necessidades da sociedade informacional.

A pessoa informacionalmente letrada na onipresente sociedade da informação deveria saber como determinar a natureza e a extensão da informação de que necessita, como encontrar informação efetiva e eficientemente e como usar informação para compreender questões econômicas, legais e sociais relacionadas com o uso da informação (CAMPELLO, 2009, p.69).

Já na década de 80, bibliotecários canadenses adotaram uma estratégia chamada de *resourcebased learning* que ficou muito popular nos EUA e conforme Campello (2009, p.71), “propiciando oportunidade de se enfatizar, no processo de pesquisa escolar, o aspecto referente ao uso das fontes de informação”.

Teoricamente, assume que o aluno seja participante ativo de sua aprendizagem; constitui, portanto, estratégia centrada no aluno, que é encorajado a utilizar uma variedade de fontes de informação para realizar a tarefa proposta pelo professor. Trabalhando juntos, professor e bibliotecário exercem a função de facilitadores no processo que permite ao aluno familiarizar-se com o universo informacional complexo e diversificado. Funciona como estratégia de aprendizagem flexível que acomoda o ritmo de cada aluno e lhe dá oportunidade de aprender habilidades de analisar, interpretar, sintetizar e organizar informações, além de exercitar capacidades de ler, escrever, falar e ouvir. Com a aplicação dessa estratégia espera-se que se formem usuários autônomos de informação, conscientes de seu processo de aprendizagem, capazes de usar informações de forma criativa e crítica para a solução de problemas (CAMPELLO, 2009, p.71).

Tal independência do estudante caracteriza, disse Campello (2009, p.73), “a natureza interdisciplinar do conceito” de letramento informacional, aumentando não somente, ainda por Campello (2009, p.77), “a capacidade de estruturar idéias e conceitos, uso de terminologia mais específica, com explicações sobre termos utilizados”.

4 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO

Agente transformador social, mediador da informação no processo de inclusão social e digital, o bibliotecário se depara em uma dupla função, de acordo com Silva (2008, p.20), “a de professor que actua sobre o letramento e a de facilitador ou guia de alguém no interior do sistema de informação”. A problemática informacional entrou nas questões biblioteconômicas, segundo Silva (2008, p.20), “pelo primado da ajuda ao leitor e ao utilizador (ajuda na descoberta do “prazer da leitura de livros” e na “descodificação” dos longos e complicados catálogos e inventários disponibilizados para aceder à informação). Ao desenvolver tamanha função social pedagógica, o profissional acaba por se tornar educador:

Organiza programas de competência informacional em conjunto com professores e gestores, ministra aulas em diversos espaços, executa projetos informacionais com foco na educação voltada para a competência em informação (information literacy education), observa a importância do acolhimento e do aprendizado significativo, aprimora seus conhecimentos educacionais e pedagógicos (DUDZIAK, 2007, p. 95).

Visto que é nítida importância educacional dos bibliotecários, a partir dos anos 90 o profissional passa ter uma nova participação educacional, não apenas pedagógica, com interesse

em despertar o encanto literário, ele passou, afirmado por Campello (2009, p.16), a atuar na “educação de usuários/auxílio à pesquisa”.

As referidas mudanças requerem que as pessoas adquiram competências para localizar, avaliar e usar informações, o que implica, por parte dos bibliotecários, ações mais complexas, pois as pessoas, além de se tornarem leitores, necessitam ser competentes para aprender por meio da informação, ou seja, necessitam desenvolver habilidades informacionais (CAMPELLO, 2009, p. 16).

Como profissional capacitado, o bibliotecário não deve tomar o papel do professor, mas trabalhar ao lado dele, uma vez que

Apesar da tensão percebida entre biblioteca e sala de aula, os bibliotecários têm profunda consciência de que sua ação educativa não prescinde do professor. Eles entendem a necessidade de trabalho conjunto, e percebendo no professor características de um usuário arredo, esforçam-se para obter seu envolvimento e sua participação nos projetos da biblioteca. A percepção da necessidade e da importância de parceria com o professor constitui um passo importante para a delimitação de papéis, que contribuirá para eliminar arestas que são comuns em atividades em colaboração, considerando-se a dificuldade que o professor tem de trabalhar com estratégias que envolvam a biblioteca (CAMPELLO, 2009, p. 169).

Junto ao professor, “o bibliotecário iria ensinar não apenas habilidades que vinha tradicionalmente ensinando (localizar e recuperar informação), mas também se envolveria no aprendizado de competências de pensar criticamente, ler, ouvir e ver” (CAMPELLO, 2009, p.34). Deve se atentar ao fato de que nem toda escola conta com uma biblioteca, apesar da lei que trata da universalização das bibliotecas escolares (Lei nº 12.244/10), de modo que ações de letramento não estão estritas a este ambiente.

Em síntese, a implementação de programas de letramento informacional implica práticas planejadas, fundamentadas em evidências e teorias, constando de atividades sistemáticas e seqüenciais, que envolvem não só o bibliotecário, mas são compartilhadas com outros membros da equipe escolar. O objetivo é o desenvolvimento de competências e, portanto, o foco desloca-se das atividades da biblioteca para a capacitação dos alunos, o que conduz à necessidade de processos avaliativos direcionados para verificação da aprendizagem. O apoio ao usuário é feito de forma coletiva, envolvendo grupos de estudantes, e não apenas individualmente (CAMPELLO, 2009, p. 80).

Por mais que a ideia do exercício da função bibliotecária esteja afastada da vivência da educação básica muitos bibliotecários estão inclusos no nicho de bibliotecas escolares. Além disso, a Lei nº 12.244, de 2010, exige que todas as instituições de ensino (básico ou superior) possuam bibliotecas e que seus responsáveis sejam bibliotecários, ou seja, é previsto que irá ocorrer grande demanda de profissionais qualificados para atuação em bibliotecas escolares e suas pautas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de explicar que para o pleno cumprimento da lei de diretrizes de bases e a realização das metas do plano nacional de educação vigentes, o letramento informacional é uma solução a ser inserida no currículo da educação de nível básico. De maneira planejada e em alinhamento com a participação dos professores das redes de ensino, tem capacidade de modificar todo panorama de ensino a partir do desenvolvimento do pensamento crítico argumentativo utilizando de forma ativa o papel educativo do bibliotecário desenvolvendo de maneira efetiva o processo de construção intelectual.

É importante salientar que o processo de aprendizagem não é único, variando de acordo com cada estudante e suas necessidades, uma vez que o contexto de acesso à informação pode mudar drasticamente dependendo da realidade social do aluno fora da escola e seus interesses pessoais como um indivíduo único.

Respeitando o processo do aluno e capacitando-o de maneira individual e progressiva, torna-se possível a formação de futuras gerações que passarão a contribuir exponencialmente para o desenvolvimento de uma sociedade que demanda, cada vez mais, o consumo e a produção consciente de informação.

É sabido que já existem instituições de nível básico que possuem tal disciplina em seus estabelecimentos de ensino, porém o número de projetos públicos é ínfimo e instituições privadas que desenvolvem a questão não são acessíveis nem para a classe conhecida como “média alta nacional”. Somente parcelas mais privilegiadas da sociedade possuem acesso a tal recurso de maneira atenciosa, interdisciplinar e com amplo investimento.

Com o letramento informacional universalizado no território nacional o pensar científico não será mais uma questão elitista ou distanciada de todas as camadas sociais. Aproximando a população da academia e possivelmente proporcionando desenvolvimento exponencial científico.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.html. Acesso em: 04 maio 2019.

BRASIL, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação-PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União**, v. 26, 2014.

CALIL JÚNIOR, Alberto. Bibliotecas Públicas como locus para a alfabetização midiática e informacional. RBBB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 136-154, 2017

CAMPELLO, Bernadete Santos. Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 208 f. **Defesa direta de tese**. Apêndices: f, v. 194, n. 196, p. 197-207, 2009.

CAMPELLO, Bernadete et al. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Autêntica, 2018.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p.2837, 2003. APA, COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e de comunicação no Brasil: TIC domicílios e TIC empresas 2014**. São Paulo, 2015. Disponível em: Acesso em: 25 de outubro de 2016.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **PontodeAcesso**, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, Armando Maheiro da. Inclusão digital e literacia informacional em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 7, p. 16-43, 2008.

SOUZA, Donaldo Bello de. Avaliações finais sobre o PNE 2001-2010 e preliminares do PNE 2014-2024. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 25, n. 59, p. 104-170, 2014.

SIQUEIRA, Valéria Aparecida de Souza; DAVID, Alessandra. A concepção de avaliação educacional sobre a educação básica expressa nos documentos oficiais: a LDB 9.394/96, o PNE (2001) e o PDE (2007). **Plures Humanidades**, v. 14, n. 2, 2013.

WOOLLS, B. Understanding the multiple faces of literacy: librarian as reading innovator and developer of thinking skills. In: **ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANSHIP**, 35, 2006, Lisboa. IASL reports 2006.

Lisboa: IASL, 2006. 1 CD-ROM.

**LEITURA NA SOCIEDADE: UM ESTUDO DE BIOGRAFIAS EM PAÍSES
DESENVOLVIDOS COMPARADO AO BRASIL**

**READING IN SOCIETY: A BIOGRAPHY STUDY IN DEVELOPED COUNTRIES
COMPARED TO BRAZIL**

MAIA, Elída Lopes¹
PROGENE, Priscila de Nazaré Castro²

Resumo: O trabalho apresenta uma comparação entre as biografias produzidas em países desenvolvidos e o Brasil, mostra que houve um grande empasse até entre a produção e divulgação de obras no território brasileiro, envolvendo grandes personalidades públicas e importantes julgamentos até a resolução do caso. Tem por objetivo mostrar a importância da biografia como documento histórico, que não serve apenas para contar detalhes da vida de alguém, por vezes desagradando o personagem, mas descrever em suas páginas as histórias de importantes pessoas que influenciam o imaginário, pensamento e atitudes da sociedade. Explica a atuação do biógrafo como um historiador e disseminador de informações que requereram anos de estudo e dedicação. Descreve a importância das biografias enquanto meio de disseminação da informação, ao trazer um personagem como Hitler, e sua época de terror na Alemanha e na segunda guerra mundial, no Brasil, a conhecida polemica de Roberto Carlos. Houve a coleta de dados em livrarias renomadas afim de mensurar a demanda de livros produzidos dentro e fora do Brasil, resultando em um expressivo resultado de mais de 80% para publicações de artistas estrangeiros. A pesquisa foi realizada no momento em que ocorriam as mudanças na legislação brasileira, que resultaram na livre redação de biografias, ou seja, na extinção da censura prévia de biografias no Brasil.

Palavras-Chave: Leitura. Biografia. Acesso a informação. Censura prévia.

Abstract: The work presents a comparison between the biographies produced in developed countries and Brazil. It shows that there was a great impasse even between the production and dissemination of works in the Brazilian territory, involving large public figures and

¹Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: elidamaia@hotmail.com.

²Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: priscila_castro03@hotmail.com.

important judgments until the resolution of the case. It aims to show the importance of biography as a historical document, not only to tell details of someone's life, sometimes displeasing the character, but to describe in their pages the stories of important people that influence the imaginary, thought and attitudes of society. It explains the biographer's role as a historian and disseminator of information that required years of study and dedication. Describes the importance of biographies as a means of disseminating information by bringing a character Hitler, and his time of terror in Germany and in the second world war in Brazil, the well-known polemic of Roberto Carlos. Data collection was carried out in renowned bookstores to measure the demand for books produced outside Brazil, resulting in an expressive result of more than 80% for publications by foreign artists. The research was carried out when the changes in Brazilian legislation occurred, which resulted in the free writing of biographies, that is, in the extinction of previous censorship of biographies in Brazil.

Keywords: Reading. Biography. Access to information. Previous censorship.

1 INTRODUÇÃO

A história do direito do autor não começa no período moderno, onde máquinas tomam conta da cidade e tecnologias surgem para ajudar o homem. Desde o pensar humano o direito sobre as coisas tinha visualização. O homem pré-histórico retratava sua vida desenhando em paredes, não conhecemos quem foi o autor daquela obra, toda vida, ela serviu e serve de estudo a entender como foi o desenvolvimento da sociedade. Esses desenhos são criações do dia-a-dia, onde eles eram inspirados a descrever sua vitória ou frustração, foi um poeta a entender que ali havia transmissão de informação da sua manifestação artística.

Por vários anos o Brasil foi governado em regime militar, pessoas eram proibidas de falar, ler e se expressar, sejam de qual forma fosse. Esse estudo trará justificativas de defensores da liberação das biografias não autorizadas, com a intenção de não haver essa “censura” e de apoiadores de um movimento onde dizem que essas biografias, irão ferir seus sentimentos e expor sua vida privada, apesar de serem públicos.

A liberdade de expressão é assegurada na Constituição e o Código Civil proíbe a circulação de biografias sem autorização do biografado, entram em choque, haja vista, que o Código Civil tenta controlar essa prática, quando requer dos biógrafos autorização dos responsáveis, e a Constituição diz que não precisamos nos preocupar com represarias, pois

a Lei os protege. O direito do autor de criação biográfica é lesionado quando há uma censura de suas publicações.

Foi veiculado pela mídia brasileira “um caso que salta aos olhos, nesse sentido, envolve [...]” (PAGANOTTI, 2012, p. 11) a notícia da proibição da venda da biografia de Roberto Carlos, “Roberto Carlos em Detalhes” escrita por Paulo Cesar Araújo, causando prejuízos à Editora Planeta e ao biógrafo. A proibição de biografias acarreta prejuízos à população que busca informações, pois proibir nesse caso, seria negar o direito à informação, e na Constituição brasileira o cidadão é respaldado ao direito a informação.

O estudo dar-se-á em âmbito nacional e apresentará situações internacionais para comparação, traz opiniões de renomados escritores nacionais e internacionais inconformados com a situação atual do Brasil mediante biografias. Mostra que a informação da sociedade de países onde biografias que não precisa de autorização é imensurável, são incontáveis a quantidade de biografias sobre Hitler, um dos piores ditadores da humanidade; em outro caso diversos relatos de pessoa que conviveram na intimidade com Marilyn Monroe, fazendo fãs de o mundo todo conhecer ainda mais a artista, entre outros, assim mostrando a realidade da negação da informação que sofre o Brasil.

O objetivo geral, desta pesquisa é analisar o assunto sobre as biografias não autorizadas, levando em consideração a legislação sobre direito autoral. Por objetivos específicos: entender o que são direitos autorais; investigar se a necessidade de autorização prévia das biografias é válida, uma vez que existe o direito de liberdade de expressão; verificar se a necessidade de autorização prévia é comum nos países democráticos como o Brasil. Dar-se-á em uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com uma abordagem comparativa, entre os diversos pensamentos sobre o assunto, apresentando técnica de coleta de documentação indireta, que é a pesquisa documental e a bibliográfica por textos impressos e eletrônicos. E com um estudo detalhado na documentação jurídica e julgamentos de processos em andamento sobre biografias.

Também por metodologia, no decorrer de pesquisa houve necessidade de investigar a quantidade de biografia produzida no Brasil, em comparação com as produzidas no exterior. Buscou-se em sites de livrarias mais conhecidas dentre os usuários, essas, dão estrutura de compra pela internet ou em livrarias físicas. Foram pesquisadas 3 (três) livrarias on-line (AMAZON, CULTURA E SARAIVA) para estabelecer essa comparação que confirmou haver grande quantidade das biografias, sendo as estrangeiras em maior quantidade.

Houve uma grande discussão pública sobre o tema, onde resultaram longos editoriais, matérias em jornais de grande importância, e entrevistas. Assim com a mesma velocidade que a informação ultrapassa muros pelo mundo, a legislação transforma-se, o Projeto de Lei conseguiu ir a julgamento, e em um espaço de alta concentração intelectual, o Código Civil consegue ser alterado e a liberdade de expressão é novamente garantida no Brasil.

2 CONCEITO DE BIOGRAFIA

Biografia é a “descrição da vida de alguém; obra que faz narração das fases da vida de uma pessoa”. (PRIBERAM DICIONÁRIO ONLINE, 2017). Assim também o Dicionário Léxico online (2018) descreve-a como um relato ou narração da vida de alguém; produção ou obra que demonstra a vida. A biografia encontra-se em um ramo da literatura onde se destina a descrição ou narração da vida do biografado que pode recriar a vida do indivíduo. Para ser uma biografia de qualidade o conteúdo necessita de dados importantes; como o dia do aniversário, a quantidade de obras, benfeitorias à sociedade, estado civil, profissão, formações, dados que servem de introdução à análise do biógrafo.

A biografia na antiguidade servia para construir modelo de conduta e linha de pensamento, fixavam na memória, importantes fatos da vida do personagem, pendurando-os na posteridade. Por esses motivos que ela desenvolveu e continua desenvolvendo, o fascínio diante de momentos de alegria e tristeza do biografado.

Um biógrafo é aquele profissional que escreve sobre alguém de seu interesse ou do interesse coletivo, tem como principal ferramenta de trabalho a liberdade de pensamento. O biógrafo toma o papel de historiador ao relatar os fatos, e deve também manter a visão de narrativa para terceiros, precisa descrever com a maior proximidade da verdade, pois expõe a vida do biografado, e qualquer erro poderá causar prejuízos à vida do personagem. Faz uso de todos os materiais disponíveis, como as cartas, diários, documentos oficiais, recordações de testemunhas vivas, livros e em grande parte um conhecimento pessoal de como lidar com as novas informações. A importância do biógrafo é descrita por Malcom (1995) como:

O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade [basta ver o tamanho da maior parte das biografias], mais o leitor acreditará estar vivendo uma elevada experiência literária [e “científica”, acrescento, no caso

de biografias escritas por historiadores] e não simplesmente ouvindo mexericos e lendo a correspondência alheia (MALCOM, 1995, p. 16-17).

O biógrafo tem a finalidade de: desvendar possíveis mistérios da vida, analisar fatos relevantes do personagem, examinar com intenção a retratar de maneira fiel a trajetória de uma vida, mostrando assim um caráter educativo na arte de fazer biografia, afirmando Carino (1999, p. 164) A responsabilidade da verdade não deve anular a imaginação, a transcrição da vida comum. A biografia transforma-se em uma repleta criação, de efeito real. Biografado é o cidadão que tem sua vida analisada, uma honraria particular de ter descrito em linhas a trajetória que o levou a ter a fama, seu “ganha-pão”.

3 METODOLOGIA

A metodologia do estudo será de natureza bibliográfica através de pesquisas teóricas sobre o tema proposto, de acordo com Demo (2010, p. 20) a pesquisa teórica é “dedicada a reconstruir uma teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”.

Logo, a pesquisa teórica tem por objetivo a reconstrução de teorias, levantamento de discussões e apresentação de novas perspectivas acerca de temas polêmicos sem, no entanto, interferir diretamente na realidade, mas oferecendo, através de seus resultados, oportunidades para que intervenções sejam realizadas. "dedicada a reconstruir teoria, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos" (DEMO, 2000, p. 20). A pesquisa teórica, então se mostra importante pelo fato de possibilitar ao pesquisador o levantamento de questões controversas acerca do tema de sua investigação.

Observa-se também o estudo da pesquisa qualitativa e quantitativa, com uma abordagem comparativa, entre os diversos pensamentos sobre o assunto, apresentando técnica de coleta de documentação indireta, que é a pesquisa documental e a bibliográfica por textos impressos e eletrônicos.

Estudar os casos como instrumento de investigação que visa ser aplicado a uma situação específica, de modo a atribuir à pesquisa o aprofundamento e o detalhamento das informações (VERGARA, 2012). Diante do exposto, o problema será abordado de maneira qualitativa, vez que este estudo buscará apresentar conclusões a partir de premissas gerais, encontradas na literatura específica sobre o tema.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

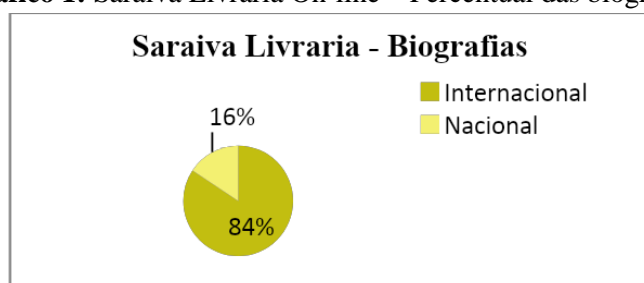
Para melhor compreensão do contraste de situações entre as biografias internacionais e as biografias nacionais, o presente trabalho analisou alguns dos principais sites de livrarias brasileiras, livrarias que são conhecidas do público leitor e as mesmas que dão estrutura de compras on-line e presencial. Os dados coletados foram expostos em gráficos, assim visando o melhor entendimento. O critério para selecionar uma amostra no universo da biografia que está à venda, nas livrarias on-line, foi o de coletar os dados das 10 (dez) primeiras páginas do site da Livraria Saraiva, das 5 (cinco) primeiras páginas do site da Livraria Amazon e das 2 (duas) primeiras páginas do site da Livraria Cultura. O número de páginas pesquisadas por livrarias variou em decorrência da diversidade de layout das páginas nos sites analisados. Assim o resultado foi que a produção de biografias estrangeiras é muito maior do que as brasileiras. É interessante ressaltar que todas as biografias estrangeiras analisadas são traduzidas para o português.

4.1 Resultados obtidos

No site da Saraiva, com a palavra-chave BIOGRAFIA foram encontrados 27.526 (vinte e sete mil, quinhentos e vinte e seis) resultados sobre o pesquisado. Dentre a grande quantidade de resultados, analisou-se 523 (quinhentos e vinte e três) biografias, resultando em:

- ✓ 441 – Internacional
- ✓ 82 – Nacional

Gráfico 1: Saraiva Livraria On-line – Percentual das biografias

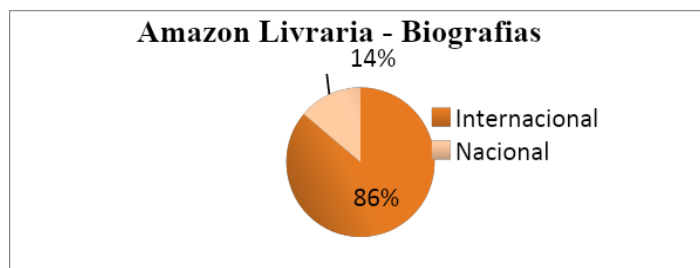


Fonte: Dados da pesquisa

No site da Amazon, com a palavra-chave BIOGRAFIA foram encontrados 2.838 (dois mil oitocentos e trinta e oito) resultados sobre o pesquisado. Dentre os resultados, analisou-se 339 biografias, resultando em:

- ✓ 292 – Internacional
- ✓ 47 – Nacional

Gráfico 2: Amazon Livraria On-line – Percentual das biografias

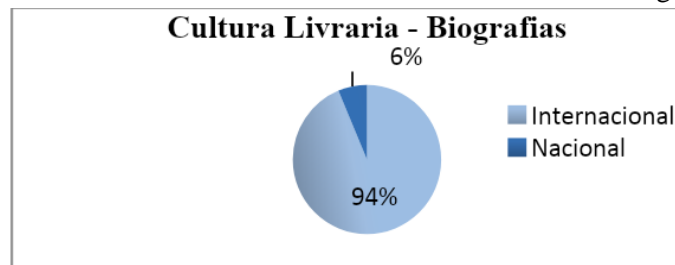


Fonte: Dados da pesquisa

No site da Cultura, com a palavra-chave BIOGRAFIA foram encontrados 829 (oitocentos e vinte e nove) resultados sobre o pesquisado. Dentre os resultados, analisou-se 381 biografias, resultando em:

- ✓ 357 – Internacional
- ✓ 24 – Nacional

Gráfico 3: Cultura Livraria On-line – Percentual das biografias



Fonte: Dados da pesquisa

5 BIOGRAFIAS NOS PAÍSES DESENVOLVIDOS

Os países desenvolvidos como os Estado Unidos, Inglaterra e Alemanha, detêm incontáveis biografias, sendo um dos possíveis motivos a grande exposição que as personalidades públicas têm na mídia, o que dificulta esconder a informação a quem esteja conectado em uma rede de informação, como afirma Newton Lima, autor do Projeto de Lei em sua justificativa: “o fato das personalidades frequentarem constantemente a mídia diminui o seu direito de imagem e privacidade, tornando lícitos, por exemplo, a publicação de biografias não autorizadas [...]”. (BRASIL, 2011). A seguir apresentam-se alguns casos de biografias de figuras públicas no cenário internacional, sobre:

Hitler (1889-1945), político alemão, líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista. O racismo era a ideologia do nazismo, o pensamento era de: os alemães eram superiores e os judeus eram considerados inimigos, “mas, sem Hitler e o regime peculiar que chefiou a criação de um programa para exterminar fisicamente os judeus da Europa teria sido impensável” (HERSHAW, 2000, p. 734). Assim em 30 de abril, comete suicídio. Teve sua biografia escrita por Ian Hershman, publicada em 1998 e 2000, por serem dois volumes. O biógrafo conseguiu escrever uma obra sobre a figura mais sinistra do século XX. Como pode-se constatar no artigo da Companhia das Letras, cujo trecho vem a seguir:

Marilyn Monroe (1926 - 1962), foi uma mulher à frente de seu tempo, musa e atriz de Hollywood, rica, bonita e com uma vida cheia de polêmicas. Dentre as várias biografias, as que se destacam é “Marilyn” de Norman Mailer, lançada em 1973; “Marilyn Monroe” de Anna Plantegenet de 2011; e “Os últimos anos de Marilyn Monroe: a verdade e chocante história” de Keith Badman, publicada em 2011. A descrição de sua vida é em torno do caso com o ex-presidente dos Estados Unidos John Kennedy e a quantidade de abortos feitos, entretanto, com as pesquisas foi mostrado a gravidade de sua doença, conhecida como endometriose, levando-a a fazer abortos espontâneos. Marilyn defendia a igualdade entre os sexos e a valorização da mulher. A atriz acaba morrendo em 1962, por uma overdose de calmantes. Na coluna da revista Exame é relatado que: “Por trás da alegria e do glamour, registros indicam que a atriz era uma pessoa melancólica e confusa, mas sempre em busca da verdade.”. (CARVALHO, 2012). A pessoa comum Norma Jeane Mortenson (seu nome de batismo) morre, e a pessoa pública Marilyn é lembrada por muitos pela sua beleza e glamour.

Amy Winehouse (1983 – 2011), a história da cantora que encantou o mundo com sua voz, letras marcantes e visuais despojados. O livro “Amy - A história da cantora contada por seu pai”, traz fatos íntimos da vida e relatos emocionantes, de alguém que conviveu e era considerado o melhor amigo da cantora, e uma análise da causa de sua morte, provavelmente uma overdose. Segundo Winehouse (2012) pai da cantora, desde a infância ela se destacou por sua personalidade considerada espirituosa, brincalhona e espontânea. Mitch Winehouse conta como Amy se tornou uma grande estrela, e o motivo dela ter entregado-se ao vício das drogas, que a levou a morrer prematuramente aos 27 anos, em julho de 2011. O lucro da venda dos livros será revertido para uma fundação com o nome da cantora, que apoia jovens com problemas de drogas.

Essa situação de exposição da vida de figuras públicas possibilita que seja feita uma biografia. Os biógrafos nos países desenvolvidos são tomados como historiadores e fazem uma grande benfeitoria para a população, pois seu trabalho é uma contribuição à geração futura, somando na memória nacional e internacional. O homem público precisa aceitar o julgamento da sociedade, uma vez que ele tem um perfil diferente do homem comum, tornando-se ídolo e modelo dos demais.

6 BIOGRAFIAS NO BRASIL

O Brasil é um país em desenvolvimento a necessitar de investimentos em todas as esferas. Segundo Souza (2014, p. 16-17) a falta de informação especializada e de investimentos na área jurídica tenha influenciado em decisões como o caso das biografias.

A associação “Procure Saber”, que sempre esteve à frente desses assuntos, decidiu então retirar-se do tema no dia 03 de junho de 2015 e deixar que cada processo ocorra apenas com os responsáveis pela biografia e os biografados. “As notícias sobre a questão abordavam muito a dicotomia entre o grupo Procure Saber” (FERRACIOLI, 2016). Os criadores serão julgados se sua conduta estiver errada por informações indevidas na biografia. Os representantes do Procure Saber passaram a se preocupar com a atuação do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD, para fiscalizar e tentar obter melhores resultados na arrecadação de tributos mediante o direito autoral e leis trabalhistas dos artistas. A seguir apresentam-se alguns casos de biografias de figuras públicas no cenário nacional, sobre:

Roberto Carlos: “Roberto Carlos em Detalhes” - Certamente o caso mais emblemático, polêmico e divulgado sobre censura brasileira foi a proibição da venda da biografia de Roberto Carlos, “Roberto Carlos em Detalhes” escrita por Paulo Cesar Araújo. (FERRACIOLI, 2016, p. 10). Tal fato ocorreu logo após a publicação em 2006, e em 2007 o recurso do cantor foi atendido em primeira instância e todos os exemplares tiveram que ser retirados de circulação, mesmo que 30 mil exemplares já haviam sido vendidos.

João Havelange, “Jogo Duro” - é o relato da vida de João Havelange, na biografia “Jogo Duro: a história de João Havelange”, publicada em 2007, teve um dos casos diferentes. O biógrafo, Ernesto Rodrigues descreve a vida do presidente da Fédération Internationale de Football Association – FIFA entre 1974 a 1998. A biografia sofreu censura prévia e várias passagens foram retiradas por João Havelange, na revisão final feita pelo biografado. Comenta assim, Luiz Guilherme Barrucho: “Em 2013, o jornalista lançou

o documentário **Conversa com JH**, em que revelou os áudios das conversas com Havelange, alguns dos quais em tom de ameaça, que deram origem à obra”. (BARRUCHO, 2015, grifo do autor). O livro demorou mais de 4 (quatro) anos e com mais de 200 (duzentas) entrevistas, um tempo valioso do biógrafo que se sentiu intimidado e receoso de continuar o trabalho. Mesmo depois da publicação do livro, o autor sentia que faltava alguma coisa, disso surge à necessidade do documentário.

Virgulino Ferreira da Silva, “Lampião, O Mata Sete” – Biografia que provocou a raiva da família do famoso cangaceiro nordestino, ao ser revelado que era homossexual e Maria Bonita, sua esposa, era adúltera e até mesmo que o casal dividia o mesmo namorado Luiz Pedro, e que sua filha Expedita Ferreira Nunes não era herdeira legítima do rei do cangaço. (KUNDE; ADOLFO, 2015). A biografia escrita por Pedro de Moraes, um juiz aposentado, entre os anos de 1991 a 1997. O biógrafo analisa a sexualidade de Lampião e o assédio pelos seus companheiros de cangaço. A população nordestina da época sabia da fama do cangaceiro, pois ele gostava de se vestir bem, usava plumas, paetês e perfumes franceses.

A história de Virgulino começa quando sua família é brutalmente assassinada em sua frente. Após esse fato, o ainda jovem rapaz, jurou vingança, ele modificou uma espingarda para atirar em maiores distâncias, e como o tiro ficou muito forte e a claridade era grande, igualada a um lampião, surge o nome que fica conhecido: Lampião. O biógrafo tinha a intenção de desmistificar o Lampião – herói, e propõe a ideia de um criminoso. Descrita a narração do autor por meio dos jornalistas do G1 Sergipe, Marina Fontenele e Daniel Soares:

O Lampião herói foi criado pela esquerda intelectualizada após o Golpe Militar de 1964. Antes, ele era visto como um bandido e é sobre isso que meu livro trata. Não é uma biografia gay de Lampião, é uma biografia qualquer, além disso, eu nunca usei a expressão gay, garante o autor (FONTENELE; SOARES, 2014).

No início da pesquisa, o julgamento de obras biográficas com censura prévia era apenas uma especulação no Senado e nas redes sociais, o que se tornou um fato ainda no momento final desta pesquisa. Houve a oportunidade de acompanhar o desfecho da nova situação com estabelecimento da liberdade de pensamento e de informação no Brasil: a questão da publicação da biografia impressa ou audiovisual consegue ter liberação. As biografias foram liberadas pelo Juiz do Supremo Tribunal Federal – STF. Todos os ministros escolhidos para votar relataram mais uma vez a importância à sociedade, não

somente de ter informação, mas sim, de biografias que contribuem para formação da mentalidade populacional. Biógrafos antes temerosos de sofrer censura, agora podem publicar sua obra, escrever biografias e novelas de personalidades públicas.

Em uma importante afirmação da liberdade de expressão no Brasil, o Supremo Tribunal Federal - STF finalmente jugou e liberou as publicações de biografias não autorizadas, mesmo que escritas contra a vontade do biografado. A decisão foi unânime, com 9 (nove) votos a favor, e 0 (zero) votos contra. Todos os ministros derrubaram quaisquer argumentos sobre a autorização de biografias, e reformaram o direito à liberdade de expressão e a de informação, e considerou a autorização prévia uma forma de censura. A situação dos livros censurados também foi comentada no julgamento após a mudança, as obras não publicadas devem seguir a determinação do Supremo, o juiz do caso deve liberar a biografia.

A relatora do projeto no Supremo, a ministra Carmen Lúcia, declarou que os artigos do Código Civil utilizados para decisões a favor da proibição da circulação de livros, ferem a Constituição. A ministra em sua declaração comenta sobre a censura:

O que não me parece constitucionalmente admissível é o esquiteamento das liberdades de todos pela censura de uns, especialmente no caso de obras biográficas que dizem respeito não apenas ao biografado, mas que diz respeito a toda coletividade pela sua natureza de referenciabilidade do que precisa ser aproveitado (TELES, 2015).

Após a saída de Roberto Carlos da associação Procure Saber, o cantor fez algumas declarações, como a que era a favor da publicação das biografias, se elas tivessem “pequenos ajustes”. E apenas um dia decorrido do resultado do julgamento houve declarações do “Instituto Amigo”, criado por Roberto, sobre a liberação total das obras. “Roberto Carlos em detalhes” foi proibido por ser considerada uma violação do direito à intimidade, à vida privada e a imagem dos personagens.

Escritores estrangeiros tinham dificuldade de traduzir obras brasileiras para outras línguas, por saberem que personalidades públicas poderiam censurar essas biografias em território brasileiro. A partir do momento presente, a liberdade de expressão irá proporcionar às personalidades públicas brasileiras, maiores reconhecimentos, e essa prática de tradução e produção de biografias por escritores de fora do Brasil, deverá ser seguida por outros biógrafos, pois os escritores brasileiros de valor precisam ser conhecidos mundialmente.

A biografia é também uma livre publicação do pensamento, que possibilita o amplo acesso ao conhecimento a quem se interesse. Respeitar o direito comum é levantar um pilar de uma sociedade civilizada. O judiciário brasileiro deve intervir no desenvolver dos direitos, quando necessário, tanto no direito do biografado quanto no do biógrafo. Finalmente alcançou-se no Brasil, a vitória da liberdade de expressão sobre a censura prévia que acontecia nas biografias brasileiras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se segundo o estudo que culturalmente alguns brasileiros não têm o hábito de ler biografias, e um dos motivos pode ser a falta de produção desse gênero literário. A censura feita por pessoas públicas causou a falta de interesse nos escritores biógrafos, portanto são reduzidas as biografias brasileiras, analisou Carino (1999, p. 153). Foi necessário que no Brasil acontecessem inúmeras polêmicas para estabelecer hoje, o direito do autor de biografias realizarem o seu trabalho sem censura, como o que já acontece desde há muito tempo, nos países desenvolvidos.

O biógrafo é o profissional que ao mesmo tempo é autor, historiador e pesquisador quando desenvolve o seu trabalho, que resulta em uma biografia e deixa na memória da sociedade a trajetória de alguma personalidade famosa. Sua preocupação deve ocorrer em não transcrever informações ilegítimas e sim descrever uma história, informar as situações verdadeiras e com ética, para atender a demanda de informação da sociedade. E o direito a ter acesso à informação, independentemente de onde ela esteja, como ficaria? Os biógrafos contestavam que o personagem da biografia é dono de sua vida, mas não da história. Na redação de biografia, escrita por biógrafo de respeito e prestígio, deve haver liberdade de expressão e também respeito com a dignidade do biografado.

O estrelato que é o fato de uma pessoa ter grande evidência com o público, traz consigo a falta de privacidade, abrindo espaço para uma possível biografia. Essa falta de privacidade é o motivo de celebridades buscarem junto à justiça, o seu direito de ter uma vida privada. O conflito na justiça dificulta o julgamento correto para esses casos, pois a legislação trata tanto de celebridades terem direito a ter privacidade, quanto de não poder solicitar a privacidade, por serem públicos.

Uma pequena parte de informação sobre certo personagem era publicada nos blogs, redes sociais e canais de comunicação em geral, pois essa era a forma de escrever uma biografia em pedaços para que assim, não sofresse qualquer veto. Muitos biógrafos

desistiram ou adiaram projetos com medo da censura impedir a circulação de seus livros, pois bastava que houvesse contestação com um parágrafo, para que a biografia fosse tirada de circulação ou até mesmo nem pudesse ser publicada. O silêncio ocupava o lugar das palavras.

O Brasil era o único país democrático que não permitia a publicação de biografias sem autorização dos biografados ou descendentes, entretanto, a situação mudou. No dia 10 de junho de 2015, realizou-se um julgamento no Supremo Tribunal Federal – STF no qual foi aprovada, por unanimidade, liberação das biografias sem necessidade de autorização prévia. A decisão sobre o futuro das biografias no Brasil tomou um rumo favorável à informação ampla. A partir de então o sujeito biografado não poderá intervir na esfera da criação artística do autor, a não ser nos casos de dano moral, depois de publicada a obra.

Autores brasileiros de valor como Machado de Assis, Clarice Lispector, entre outros, poderão ganhar visibilidade no cenário mundial que já se fazia necessário há muito tempo. Sabe-se pela mídia, que uma obra reunindo os contos de Clarice será lançada brevemente nos Estados Unidos, escrita em inglês, em decorrência de haver sido publicada a sua biografia recentemente, por um autor americano: a produção de biografia de Clarice no exterior divulga a sua obra literária pelo mundo. A falta de produção de biografias de personalidades públicas dificultou no passado o reconhecimento das obras de outros brasileiros, fora do Brasil.

Não é hora de monopolizar a verdade em uma sociedade que necessita de informação. A proibição de biografias acarretaria prejuízos à população que busca informações, pois proibir nesse caso, seria negar o direito à informação, e na Constituição brasileira o cidadão é respaldado ao direito à informação.

A biografia é tão importante que conseguiu resistir ao longo dos séculos nas páginas de livros, descrevendo fatos e preservando a memória coletiva acerca da vida de pessoas públicas que se tornaram ídolos. A biografia é um gênero literário, fonte historiográfica facilmente utilizada como instrumento de disseminação da informação, e no caso de biografia de escritores brasileiros, pode levar ao exterior, o conhecimento da literatura produzida no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARRUCHO, Luís Guilherme. Conheça casos polêmicos de biografias não autorizadas. **BBC Brasil**. São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150609_biografias_polemicas_lgb. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL. Projeto de Lei nº 393 de 2011. Dispõe sobre a alteração do art. 20 da Lei nº 10.406, de 10 janeiro de 2002 – Código Civil, para ampliar a liberdade de expressão, informação e acesso à cultura. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília. 2011. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=840265&filename=PL+393/2011. Acesso em: 10 dez. 2017.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *In: Educação & Sociedade*. n. 67, ago. 99, p. 153-181. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>. Acesso em: 01 maio 2019.

CARVALHO, Luciana. **10 coisas que pouca gente sabe sobre Marilyn Monroe**. 2012. Exame. 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/10-coisas-que-pouca-gente-sabe-sobre-marilyn-monroe>. Acesso em: 01 jun. 2018

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FERRACIOLI, Paulo. Biografias no Foco das Notícias: uma análise de enquadramento da discussão sobre biografias nos jornais. Universidade Federal do Paraná (UFPR). *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo – SP. Set. 2016.

HERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n7/a15n7.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KUNDE, Bárbara Michele Moraes; ADOLFO, Luiz Gonzaga Silva. A biografia (não autorizada) de lampião e maria bonita: uma tentativa de preservação da intimidade ou censura prévia?. *In: XII seminário internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea*. CEPEJUR, 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/13209/2336>. Acesso em: 01 nov. 2018.

LÉXICO: dicionário de português online. **Biografia**. Disponível em: <http://www.lexico.pt/biografia/>. Acesso em: 25 maio 2018.

MALCOM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAGANOTTI, Ivan. **A Discussão da Visibilidade e a Revisão da Censura na Esfera Pública**. 2012. Dissertação (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PRIBERAM DICIONÁRIO ONLINE. **O que é biografia**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/biografia>. Acesso em: 18 nov. 2017.

SOUZA, Natascha de Lima e. **O direito à privacidade da pessoa pública**: debates acerca da biografia não autorizada. Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

TELES, Giovana. STF decide pela liberação de biografias não autorizadas. **Jornal da Globo**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/06/supremo-libera-publicacao-de-biografias-nao-autorizadas.html>. Acesso em: 13 jun. 2018.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

WINEHOUSE, Michth. **A história da cantora contada por seu pai**. Tradução Waldea Barcelos. Editora Record, 2012. 350 p.

MEDIAÇÃO DE LEITURA: ATIVIDADES LÚDICAS PARA AS BIBLIOTECAS ESCOLARES

READING MEDIATION: PLAYFUL ACTIVITIES FOR SCHOOL LIBRARIES

CAETANO, Gabriela Silva¹

Resumo: A biblioteca escolar deve propiciar atividades de leitura que estimulem o aluno a apropriarse da cultura escrita por meio do prazer em ler. Neste artigo, trataremos da mediação de leitura por meio de atividades lúdicas dentro da biblioteca escolar, forma de mediação que aproxima o aluno, criança ou jovem, da leitura sem os entraves da metodologia de ensino tradicional. A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica sobre a mediação da leitura e o uso da ludicidade na aprendizagem, como base teórica. Além disso, a partir da experiência da autora como bolsista de extensão universitária, verificou-se que muitos mediadores (bibliotecários ou não) atuantes em biblioteca escolar, apontaram as formas lúdicas de mediação como as mais desejáveis, tendo em vista a dificuldade de motivar diferentes grupos dentro das bibliotecas para aquelas atividades. Nesse sentido, o artigo pretende também apontar algumas formas de executar esse tipo de mediação. Com o propósito de exemplificar como é possível aliar a experiência de leitura com a ludicidade, propomos algumas atividades para diferentes faixas etárias. As atividades aqui propostas não pretendem ser uma receita para a mediação de leitura, mas apenas sugestões que podem servir de inspiração e ser aprimoradas e levadas para a realidade de quem irá aplicar. Essas atividades, bem elaboradas e executadas, poderão ter grande efetividade na formação de leitores cada vez mais competentes.

Palavras-Chave: Lúdico. Mediação de Leitura. Biblioteca Escolar.

Abstract: The school library must propitiate reading activities that stimulate the student to appropriate the written culture through the pleasure of reading. In this article, we will treat the reading mediation in the form of playful activities within the school library. A form of mediation that approximates the student, young child or young adult, to reading without the

¹Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gbriela.caetano@gmail.com.

hindrances of traditional teaching methodologies. The methodology that has been adopted in this work was the bibliographic research about reading mediation and the use of playfulness in learning, as a theoretical basis. Furthermore, from the author's experience as a research student in University, it has been verified that a lot of mediators (be them librarians or not) acting in school libraries pointed out that playful ways of mediation are more desirable, in view of the difficulties to motivate different groups within libraries for such activities. In this sense, the article intends to point out a few ways of executing this type of mediation. With the purpose of exemplifying how possible it is to join the experience of reading with playfulness, we have proposed a few activities for different age groups. The activities proposed here have no intention of being a recipe for reading mediation. The intent is to provide suggestions that might serve as an inspiration and that can also be improved and applied in the reality of whoever chooses to apply them. These activities, if well thought out and executed, can have great effectiveness in the formation of increasingly competent readers.

Keywords: Playfulness. Reading Mediation. School Library

1 INTRODUÇÃO

A mediação de leitura é uma importante atividade dentro das bibliotecas escolares. A aquisição da competência leitora por meio da apreciação literária devem ser prioridades em tais bibliotecas, já que o principal objetivo delas é apoiar a finalidade da escola. Desta forma, a biblioteca deve propiciar atividades de leitura que estimulem o aluno a apropriar-se da cultura escrita por meio do prazer em ler.

Segundo Sena, Souza e Barbosa (2017) a primeira biblioteca com caráter exclusivamente voltado para o público infantil, sem vinculação com uma instituição de ensino, foi criada no Brasil em 1934, na cidade do Rio de Janeiro, e era dirigida pela escritora Cecília Meireles. Pimenta (2001 apud SENA, SOUZA E BARBOSA 2017) relatam que os frequentadores desta biblioteca se dedicavam à leitura ou jogos silenciosos, enquanto outros apreciavam programas infantis transmitidos pelo rádio ou assistiam filmes educativos. Em 1937 a biblioteca foi fechada durante o Estado Novo sob alegação de conter obras de cunho comunista. Na mesma época surgiu o clássico da literatura “As aventuras de Tibicuera” escrita pelo Érico Veríssimo para confrontar com o Estado Novo.

Atualmente, as bibliotecas escolares permanecem sendo o principal local de experiências de leitura pelo público escolar, por oferecer a variedade do acervo e as atividades dedicadas à mediação de leitura. Neste artigo, trataremos da mediação de leitura por meio de atividades lúdicas dentro da biblioteca escolar, forma de mediação que aproxima o aluno, criança ou jovem, da leitura sem os entraves da metodologia de ensino tradicional.

Bibliotecas que voltam suas atividades à primeira Infância, consideradas as crianças de 0 a 6 anos, têm sido mais eficientes no desenvolvimento social e cognitivo (intelectual) das crianças, isto porque elas integram a leitura a outras atividades que envolvem a brincadeira (STOCKER, 2017, p.1623). Na primeira infância as experiências vividas são levadas para o resto da vida, o desenvolvimento do gosto e hábito pela leitura nesta etapa possibilita a criança o favorecimento da imaginação e criatividade. Também nas etapas posteriores, a biblioteca escolar não deveria prescindir desse tipo de atividade, visto que o lúdico é um facilitador que pode nos acompanhar no aprendizado ao longo da vida.

A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica sobre a mediação da leitura e o uso da ludicidade na aprendizagem, como base teórica. Além disso, a partir da experiência da autora como bolsista de extensão universitária, verificou-se que muitos mediadores (bibliotecários ou não) atuantes em biblioteca escolar, apontaram as formas lúdicas de mediação como as mais desejáveis, tendo em vista a dificuldade de motivar diferentes grupos dentro das bibliotecas para aquelas atividades. Nesse sentido, o artigo pretende também apontar algumas formas de executar esse tipo de mediação.

2 A MEDIAÇÃO DE LEITURA

O primeiro contato com a leitura é de fundamental importância para as crianças, como parte integrante da sociedade e sujeitos da cultura, o processo de leitura vai muito além do aprendizado ao desenvolvimento de decifrar código linguísticos, segundo Burke (1992, p.212).

Homens e mulheres leram, para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo e ainda simplesmente para se divertir (BURKE, 1992, p. 212).

A definição de leitura, de acordo com Silva (1991 apud DUTRA et al, 2016, p.39), é “um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes

no mundo” Ainda sobre o hábito de ler, Martins (1982, p.33, apud DUTRA et al, 2016, p.39), relata que: "a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido - seja escrito, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”. De acordo com Baptista, (2009, p. 25) o hábito de leitura dá “condição ao aprimoramento intelectual do indivíduo, como também para o desenvolvimento coletivo da sociedade”.

O ato de ler envolve toda a capacidade do indivíduo de compreender e adquirir novos conhecimentos. A complexidade da caracterização das personagens em boas ou más, belas ou feias, fortes ou fracas, pode contribuir para que a criança construa uma compreensão de valores básicos da conduta humana e do convívio social. Até mesmo as histórias que são tristes ou trágicas, possibilitam as crianças vivenciar medos, angústias ou frustrações, e através dos personagens encontrar meios para lidar com este problema.

No livro *Formação do Leitor: uma questão de jardinagem*, a autora Maria Clara Cavalcanti faz uma comparação do ato de ler com o ato de cuidar de um jardim, como destacado nos trechos que seguem.

Porque se torna necessário pensarmos em estratégias para “formarmos” leitores quando a leitura faz parte do nosso dia a dia? [...] Iniciamos nossas leituras ainda no berço, nossa leitura e interpretação sobre o mundo ocorre sem que saibamos ler ou escrever (CAVALCANTI, 2017, p.26).

[...]

Por que, então, não continuamos por esse caminho observando nossos leitores, tal e qual um jardineiro zeloso, respeitando seu interesse, oferecendo-lhe um banquete de opções para que eles escolham a sua leitura certa, que lhe dará prazer sem cobrança, provas ou questionários com perguntas absolutamente irrespondíveis [...] Quando, em que desvio, o livro, antes fonte de prazer, se transformou em material imposto, sem levar em conta as escolhas do leitor (CAVALCANTI, 2017, p. 35).

[...]

Impor uma mesma leitura a diferentes leitores, estabelecer prazos de leitura, transformando a leitura em obrigação para ser testada em provas, sem levar em conta o gosto, o folego e o ritmo de leitura de cada leitor é como semear diferentes sementes em um mesmo solo. É não se preocupar com o ritmo de crescimento e as necessidades de cada semente para conseguir florescer. Resultado? Algumas florescem, enquanto outras, irremediavelmente, morrem (CAVALCANTI, 2017, p. 37).

[...]

Assim como cabe ao jardineiro descobrir a semente adequada para florescer neste ou naquele canteiro, cabe ao mediador descobrir a leitura mais saborosa, mais atraente para cada leitor sem pré-conceitos, sim, mas atento à qualidade do que é oferecido (CAVALCANTI, 2017, p. 43).

[...]

Só assim não precisaremos mais pensar em estratégias para “formar leitores”, pois eles, naturalmente, descobrirão, cada um à sua maneira, o prazer de ler (CAVALCANTI, 2017, p. 44).

Portanto, práticas de leitura que ajudem a formar leitores pela via do prazer, como as atividades lúdicas, podem ser uma chave interessante para o sucesso da mediação em bibliotecas escolares.

3 O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DE LEITURA

A escola é a principal referência na alfabetização, tem um papel importante de gerar, muitas vezes, as primeiras experiências com a cultura letrada. Dessa forma, é imprescindível dar total atenção e incentivo à leitura nas escolas e, especialmente, nas bibliotecas escolares.

As bibliotecas escolares possuem um ambiente mais descontraído do que outras tipologias de biblioteca, justamente para acolher esses novos aprendizes num espaço agradável, menos austero do que a sala de aula. A conceituação de biblioteca escolar adotada neste trabalho reforça a ideia da biblioteca escolar que:

Serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como um laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 6).

A mediação de leitura é um ato de socialização no qual, por meio de um agente mediador nos deparamos com nossa identidade, valores e visões de mundo, refletidos nos textos. Já que a leitura é uma atividade integrada a experiências pessoais do leitor, a mediação serve para ampliar as percepções sobre as diferentes maneiras de ver o mundo. Esta mediação contribui para a formação de um leitor mais crítico, e com uma mente mais expandida sobre as diversas mensagens que a história pode ser passada e sobre as inimagináveis experiências humanas possíveis. No entanto, na infância, existe um grande problema relacionado à esta mediação que se inicia no fomento ao gosto pela leitura.

A biblioteca escolar pode, sim, ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura. Mas, para tanto, deve ser pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura (CARVALHO, 2008, p. 22).

Para que os estudantes não apenas se apropriem, mas também criem cultura, por meio do desenvolvimento da competência leitora, é necessário que adquiram o desejo de aprender.

As atividades lúdicas podem ser grandes estimuladoras nesse processo.

4 A LUDICIDADE

O termo lúdico vem do relativo ao jogo e brinquedo, mas também pode ser considerado como algo divertido. As atividades lúdicas propiciam a capacidade de aprender de forma divertida e descontraída. Realizar atividades lúdicas, então, despertam essa curiosidade a respeito do mundo e da vida, levando o indivíduo a aprender sem que se sinta forçado ou entediado.

De acordo com Bittencourt e Artis ([20--.] *apud* CAVALCANTE, LOPES, TASHIRO, 2017, p. 186) é evidente "[...] a necessidade de desenvolver jogos com propósitos educativos de forma que atraia os jovens, desenvolva habilidades de forma explícita e não seja uma forma alienante de ensinar". Brincar assumiu características próprias, pois seu papel dentro do campo da educação cresceu e hoje brincar se tornou um agente de mudança do ponto de vista educacional. Brincando e jogando, a criança reproduz as suas vivências, transformando o real juntamente com o imaginário. Kishimoto (2010, *apud* CAVALCANTE, LOPES, TASHIRO, 2017, p. 187) salienta que, enquanto brinca, o ser humano vai garantindo a integração social, além de exercitar seu equilíbrio emocional e atividade intelectual.

Com o propósito de exemplificar como é possível aliar a experiência de leitura com a ludicidade, propomos, nas próximas subseções, algumas atividades para diferentes faixas etárias. As atividades aqui propostas não pretendem ser uma receita para a mediação de leitura, mas apenas sugestões que podem servir de inspiração e serem aprimoradas e levadas para a realidade de quem irá aplicar. Essas atividades impulsionam a espontaneidade e criatividade, afloram a imaginação e ampliam a visão de mundo de cada um, sempre a partir de uma experiência de leitura.

4.1 Cultura africana

A primeira atividade proposta possui um viés temático a respeito da cultura africana e pode ser proposta para um grande espectro etário, conforme a avaliação do mediador.

Parte de uma seleção das obras literárias com conteúdo da história e/ou cultura africana por parte do mediador, para que cada aluno, posteriormente, leia o livro que mais lhe atraia.

Após essa leitura, cada aluno será estimulado a criar uma boneca Abayomi. Essa boneca foi criada originalmente

Para acalantar seus filhos [das escravas] durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim (CATRAQUINHA, 2017, n.p).

A história das bonecas Abayomi deve ser contada pelo mediador anteriormente, e a confecção da boneca pode ser feita em parceria com as aulas de artes ou história. Após cada aluno confeccionar sua própria boneca, deve-se incentivar que eles recriem em conjunto com os colegas, as histórias lidas nos livros de forma a criarem uma nova. Também, no caso de alunos não leitores, podem encenar com suas bonecas a partir da leitura feita pelo mediador.

Esta atividade proporciona ao aluno:

- Incentivo ao conhecimento da cultura africana;
- Trazer mais representatividade étnica para as bibliotecas;
- Incentivar a criatividade com a criação de uma nova história;
- Incentivar o pensamento crítico e uma reflexão acerca daquilo que foi lido;
- Incentivar a questão de gênero sobre boneca não ser apenas brinquedo para

menina, uma vez que a boneca não possui gênero, isso depende da roupa que será colocada. A temática africana dentro da biblioteca possibilita a construção positiva da identidade racial e a autoestima dos estudantes; promove informações corretas, desconstruindo e eliminando estereótipos negativos sobre os negros e a África; propicia a consciência histórica da presença africana no cotidiano brasileiro. Isso tudo por meio de uma atividade basicamente manual e bastante divertida.

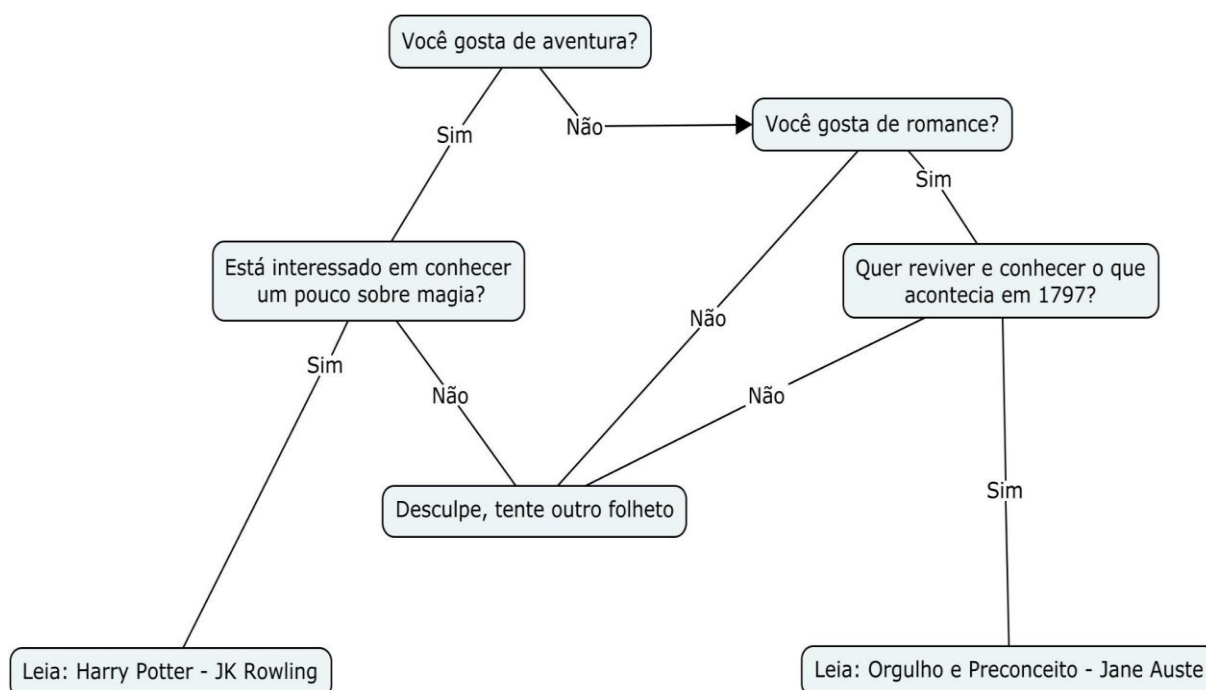
4.2 Folheto informativo

Muitos alunos não se identificam com a leitura por não acharem/conhecerem algum livro que de fato os interessa. A proposta desta segunda atividade é criar uma mobilização

da biblioteca para a criação de folhetins informativos sobre os livros, feitos pelos próprios alunos.

Os folhetos convencionais possuem uma sinopse, ano, nome do autor e afins, e muitas vezes são pouco atrativo e eficazes na indicação de leitura. Em nossa proposta, o aluno primeiro escolherá suas preferências para então chegar à indicação do nome do livro. A partir de uma primeira pergunta, que traz uma pista, o aluno fará um ou outro percurso, sempre orientado por suas escolhas, até chegar às duas opções finais... O próprio percurso instigante pode gerar uma curiosidade crescente, que é um fator motivador muito forte. Na figura 1, apresentamos um exemplo.

Figura 1. Folheto informativo sobre os livros



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os folhetos podem ser afixados nas paredes ou pendurados no teto de forma que o aluno ande pela biblioteca e os veja.

Esta atividade pode ser feita em parceria com a aula de português ou literatura. Dentro dessas disciplinas, pode-se propor inclusive que os próprios alunos, em duplas, proponham um folheto a partir de suas leituras pregressas. Dessa forma serão também eles, mediadores de leitura para outros alunos, a partir de sua experiência de leitor.

4.3 Para além da contação de história

Nossa terceira proposta destina-se à complementação da atividade de contação de história, muito comum em bibliotecas escolares, mas que muitas vezes terminam em si mesmas, sem um objetivo definido e sem proporcionar oportunidade de experiências mais significativas. Propomos três diferentes atividades muito simples que, contudo, podem enriquecer a mediação a partir da contação de histórias e possibilitar uma experiência mais abrangente com a história, os livros e a biblioteca.

4.3.1 Quem é quem?

Após a leitura de uma história, o mediador deve colar, na testa de cada aluno, o nome de uma personagem da história. Sentados em círculo, cada aluno fará, ao colega da direita, uma pergunta para tentar descobrir qual personagem está na própria testa (que ele não pode saber). Os alunos são estimulados a fazer essa adivinhação através de perguntas sobre as ações dos personagens, suas roupas ou características descritas no livro. Essas perguntas terão como objetivo, eliminar ou incluir os personagens, até que algum aluno descubra quem é seu próprio personagem, e será o vencedor. Por exemplo, a partir da história Chapeuzinho Vermelho, um aluno perguntaria: “eu sou mal?”, caso a resposta seja negativa, ele saberá que seu personagem não é o lobo mal. Na próxima rodada, fará outra pergunta, até restringir a um personagem e então tentará adivinhar. As perguntas poderão ser mais ou menos complexas, dependendo da complexidade da própria história e, claro, da maturidade dos alunos.

4.3.2 Quem foi?

Nessa atividade, após a leitura, o mediador descreverá ações que ocorreram no livro lido e pedirá para que os alunos adivinhem de quem ele está falando. Os próprios alunos também podem apresentar ações para que os demais colegas adivinhem. Ainda utilizando como exemplo Chapeuzinho Vermelho, pode ser feita a pergunta: Quem salvou a vovó? Da mesma forma, diferentes livros e grupos poderão influenciar na complexidade das perguntas.

4.3.3 Recontando a história

Nessa atividade propõe-se que, após a leitura, os alunos em círculo recontem a história, afim de trabalhar a memória e a imaginação. O mediador inicia o reconto, e em determinado momento, bate palma, indicando que a primeira criança dê continuidade, até o fim da história. Cada aluno, além de escutar com atenção a primeira contação, terá que estar sempre atento ao colega para poder dar seguimento à história. Essa simples atividade colocará várias habilidades em desenvolvimento e transformará uma simplória e inconsequente contação de história numa atividade realmente significativa, ao mesmo tempo divertida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação de leitura, atividade central numa biblioteca escolar, mesmo podendo ser simples, sempre deve ter um propósito e proporcionar uma experiência mais rica e formadora para os estudantes. Essas atividades, bem elaboradas e executadas, poderão ter grande efetividade na formação de leitores cada vez mais competentes.

As propostas lúdicas tem a qualidade de colocarem habilidades em ação sem que os alunos se sintam pressionados ou cobrados para a aquisição de um conhecimento ou para uma “resposta certa específica”. A sala da aula tem uma estrutura rígida e o professor tem a tarefa de avaliar a aquisição de conhecimentos, mas a biblioteca escolar não precisa imitar esse padrão. Ao contrário, pode e deve criar formas diferentes de aproximação e interação com a leitura literária, de modo a facilitar de modo prazeroso o contato com a cultura escrita.

A literatura, como arte, não conduz a uma única experiência nem a uma única conclusão para todos. Assim, a mediação na biblioteca escolar também deve permitir diferentes interações e expressões, de forma mais livre do que as atividades em sala de aula, pois a biblioteca é um laboratório de criação e propagação de cultura, mas também deve ser um laboratório de novas e instigantes formas de aprender.

REFÊRENCIAS

BAPTISTA, D. M. Entre a informação e o sonho: o espaço da biblioteca contemporânea. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2009.

BURKE, Peter. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo. Editora Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, Biblioteca e Leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca Escolar: Temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 21-24.

CATRAQUINHA. Aprenda a fazer uma Abayomi, a boneca negra de nós que é símbolo de resistência. Disponível em: <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/manual-debrincadeiras/indicacao/aprenda-a-fazer-uma-abayomi-a-boneca-negra-de-nos-que-e-simbolode-resistencia/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

CAVALCANTE, Katia Viana; LOPES, Felipe Vlaxio; TASHIRO, Mayara Mota. Ludicidade na sala de leitura como forma de inclusão para as crianças da casa VHIDA em Manuas/AM. **Rebecin**, Marília, v. 4, n. 1, p.184-198, jan. 2017.

CAVALCANTI, Maria Clara. **Formação do leitor: Uma questão de jardinagem**. São Paulo: Hum, 2017.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2011.

DUTRA, Andreza Rimar et al. A biblioteca escolar como agente incentivador da leitura: o caso dos alunos do ensino médio da escola pública Estadual Centro Profissionalizante Deputado Antônio Cabral (CPDAC) e a análise de seus hábitos de leitura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 12, p.38-48, jan. 2016.

SENA, Ana; SOUZA, Thaianne Almeida; BARBOSA, Maria de Fatima S. O. Biblioteca Infantil como lugar de encantamento. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.108-125, jan. 2017.

STOCKER, Claudia Teresinha. Biblioteca pública infantil de Sergipe: uma experiência com projetos de incentivo a leitura a partir da primeira infância. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp, p.1621-1632, jan. 2017.

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO AUXÍLIO À POPULAÇÃO TRANSEXUAL: EM PAUTA O SERVIÇO DE REFERÊNCIA

THE INFORMATION PROFESSIONAL IN THE TRANSSEXUAL POPULATION AID: THE REFERENCE SERVICE

MATTOS, Jéssica Beatriz Cony Moreira de¹

SILVA, Wellington Oliveira Venancio da²

Profa. Dra. MORAES, Marielle Barros de³

Resumo: As bibliotecas atuais adotaram o comportamento de disseminadoras da informação e, como tal, têm um papel social na construção dos indivíduos que utilizam seus serviços e daqueles que vivem no entorno da biblioteca. É necessário a instituição atuar junto aos diferentes tipos de comunidades de usuários. Atualmente, a crescente onda de violência e os debates atuais sobre a população transexual trazem um debate sobre a atuação das bibliotecas em relação às pautas transexuais. O objetivo deste trabalho é debater tais pautas e buscar compreender como o serviço de referência pode ser um auxiliador, ou melhor, uma intermediação entre o usuário e a informação. A metodologia adotada para a elaboração do trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a revisão de literatura, para elucidar o que é o serviço de referência, sua história e evolução, e o conceito de transexualidade e as lutas e debates sobre essa comunidade. Os resultados esperados são, na verdade, uma nova perspectiva, dos bibliotecários de referência e do próprio serviço de referência em relação à comunidade transexual e suas necessidades, colocando em pauta os debates atuais que envolvem as lutas dessa classe, e a conscientização da população como um todo, em relação ao indivíduo transexual.

Palavras-chave: Serviço de Referência. Mediação da Informação. Transexualidade.

Abstract: Libraries nowadays have adopted the behavior of information disseminators and as such they have a social role in the construction of individuals who use their services and those who live around the library. It is necessary for the institution to act together with different types of user communities. Nowadays the growing wave of violence and the

¹Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: jcony@id.uff.br.

²Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: welluvenancio@gmail.com.

³Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: moraes.marielle@gmail.com.

current debates about the transsexual population bring a debate about the libraries' performance in relation to transsexuals. The objective of this work is to discuss such guidelines and seek to understand how the reference service can be a helper - or better - an intermediation between the user and the information. The methodology adopted for the elaboration of the work was the bibliographical research and the literature review to elucidate what is the reference service, its history and evolution, the concept of transsexuality, the struggles and debates about this community. The expected results are - in fact - a new perspective from the reference librarians and from the reference service itself in relation to the transsexual community and its needs, placing on the agenda the current debates that involve the struggles of this class and the awareness of the population as a whole in relation to the transsexual individual.

Keywords: Reference Service. Mediation of Information. Transexuality.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por diversas transformações ocasionadas pela intensa propagação das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) nos mais diferentes setores sociais. Com a Biblioteconomia, uma das áreas que estuda a informação, essas mudanças também ocorreram em todos os níveis de suas metodologias, teorias e, também, na práxis profissionais dos bibliotecários.

Podemos perceber essas transformações que as tecnologias trouxeram quando encontramos nas redes sociais digitais e em diversos não-lugares da web, instituições como arquivos, bibliotecas, museus, e outras, que antes se encontravam apenas numa ambiência física. Além disso, as relações sociais passaram a se efetivar mais ainda na ambiência digital, onde podemos ver sujeitos analisando notícias de jornais por meio de comentários na Internet, onde relações são feitas e desfeitas num espaço de um clique de computador, liquefazendo, cada vez mais as relações sociais. No que concerne aos relacionamentos sociais, podemos perceber que estes também são realizados nas redes. Além disso, há uma onda crescente de publicações e comentários preconceituosos e, por vezes, até criminosos sendo efetivados nas redes sociais digitais. Ou seja, se por um lado, a proliferação das redes sociais digitais trouxe a aproximação de povos e culturas; por outro lado, ampliou o espaço para as pessoas despejarem seus preconceitos, desinformações, tanto de forma nítida, quanto às escondidas por trás de perfis fakes.

Em relação aos arquivos, bibliotecas, museus e diversas outras instituições culturais, estas possuem cada vez mais páginas em redes sociais digitais como forma de se aproximar de seus usuários. E é aqui que encontramos a ampliação do serviço de referência dessas instituições. Ou seja, o serviço de referência é algo muito além do serviço prestado no balcão de referência, ou mesmo por meio dos serviços de referência digitais/online. Há diversas denominações para os serviços de referência, tais como: *reference department*, *reference service*, *reference work*, estas foram algumas das primeiras expressões utilizadas na língua inglesa. Sua origem etimológica é do latim *referee*, que significa indicar e informar. Dialogando com Accart (2012, p. 3-4), a sua definição de Serviço de Referência é abrangente e afirma se tratar de “um certo número de atividades e competências com a finalidade de oferecer um serviço a um determinado público, em geral uma resposta a uma pergunta”. O Serviço de Referência está relacionado aos processos mediacionais nos ambientes de informação, haja vista que a ideia de mediação, conforme Davallon (2003 apud ALMEIDA, 2008), acaba por cobrir coisas tão diferentes entre si, que abarcam desde as velhas concepções de “atendimento ao usuário”, passando pela atividade de um agente cultural em uma dada instituição – museu, biblioteca, arquivo, centro cultural – até a construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informações e vivências (arte, educação, ecologia, por exemplo), chegando à elaboração de políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação, etc. Ou seja, os Serviços de Referência possuem como finalidade precípua a satisfação das necessidades informacionais para os mais diversos grupos sociais. E é aqui que nos surge a seguinte pergunta: *Como o profissional da informação poderia auxiliar a população transexual no âmbito do serviço de referência? Qual o papel do serviço de referência no auxílio à pessoa transexual?*

A partir destes questionamentos foi assim que definimos nossos objetivos. **Geral:** analisar como o profissional da informação poderia auxiliar a população transexual no âmbito do serviço de referência. **Específicos:** estudar o papel do serviço de referência nas bibliotecas. Pesquisar, na literatura da área, as necessidades informacionais da população transexual. Investigar como o serviço de referência poderia contribuir com a satisfação das necessidades informacionais da população transexual.

Portanto, este trabalho especifica para a população transexual, devido o fato desta possuir menos visibilidade dentro do espectro LGBTI+⁴na sociedade brasileira. Além do fato de a sociedade brasileira pouco saber das diferenças entre a população transexual e a travesti. No caso da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, poucos são os trabalhos encontrados que abordam, especificamente, a população transexual, principalmente, no que concerne aos produtos e serviços no âmbito do Serviço de Referência das bibliotecas. Portanto, trata-se de um estudo preliminar realizado no âmbito do grupo de estudos em Mediação, Informação, Educação e Responsabilidade Social, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelos alunos do curso de Biblioteconomia e Documentação.

Este trabalho se divide em três partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira aborda o serviço de referência em bibliotecas. A segunda reflete sobre o serviço de referência, a população transexual e as pautas contemporâneas. A terceira trata de algumas possibilidades do serviço de referência para a população transexual.

2 METODOLOGIA

O presente artigo consiste na realização de pesquisa bibliográfica com o intuito de debater a importância de um serviço de referência que abrace e considere a população transexual em bibliotecas e centros de informação e do acesso aos direitos e instituições afins no Brasil. Para tanto, seguimos os passos delineados por Gil (2007) para a elaboração de pesquisas bibliográficas.

O primeiro passo desta pesquisa bibliográfica foi a escolha do tema. Em seguida, procedemos ao levantamento bibliográfico preliminar nas bases de dados SciELO - Scientific Electronic Library Online, na Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades durante o mês de abril de 2019 e na Biblioteca Central do Gragoatá, da Universidade Federal Fluminense. Com o problema formulado, a partir desse levantamento, elaboramos o plano provisório de assunto; ou seja, organizamos sistematicamente as partes do trabalho.

Em seguida, identificamos as fontes que pudessem responder às nossas questões. Os descritores utilizados na pesquisa em bases de dados foram: “transexualidade”, “informação”, “serviço de referência”, “ciência da informação”, “diversidade sexual” e

⁴Sigla utilizada para representar o conjunto de pessoas com diversas orientações e identidades sexuais, quais sejam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

“diversidade de gênero”, sendo escolhidos aqueles que abordavam os termos “transexualidade” e “informação”. Assim, poucas combinações de descritores trouxeram retorno, explicitando a deficiência da produção científica na área da Biblioteconomia acerca do tema. As fontes foram localizadas na Biblioteca Central do Gragoatá e em periódicos científicos de bases de dados como o SCIELO.

Em seguida, procedemos à leitura do material, realizamos os apontamos e construímos a estrutura lógica do trabalho. Por fim, elaboramos o relatório.

3 SERVIÇO DE REFERÊNCIA EM BIBLIOTECAS

O Serviço de Referência nas Bibliotecas Públicas é uma necessidade cada vez maior num momento em que as bibliotecas passam não apenas a atender a usuários eruditos e que, portanto, possuíam familiaridade com a biblioteca e sua forma de organização, mas sim passaram a atender a um público cada vez mais diverso, ou cada vez mais específico, mas que necessitava de respostas precisas e de forma cada vez mais veloz. Assim, a humanidade, com passar dos tempos, aprendeu e evoluiu na forma como se comunica e gerencia sua informação; porém, com o advento da prensa de tipos móveis e a “explosão bibliográfica” Weitzel (2002, p. 62) destaca que:

A origem da explosão bibliográfica está relacionada com a invenção da imprensa de Gutenberg, em 1448, período marcado pelo florescimento do conhecimento técnico-científico livre dos auspícios da Igreja Católica [...]. A importância histórica da invenção da imprensa reside em dois fatos: primeiro a promoção da laicização do conhecimento com a quebra do monopólio da informação, restrita, antes, aos mosteiros e aos castelos da nobreza; e em seguida, como consequência (sic), a possibilidade de aumentar o alcance das descobertas científicas e dos tratados filosóficos através das publicações de cunho científico.

Portanto, a explosão bibliográfica criou um aumento no fluxo de documentos e informação e, conseqüentemente, a criação de novas formas de organizar e recuperar essas informações. Dentre essas evoluções, nasce o *Serviço de Referência* (SR) que tem seu início no século XIX nas bibliotecas públicas dos Estados Unidos (ACCART, 2012); entretanto, sua consolidação e funcionamento passaram por pequenos processos antes de se tornar uma atividade reconhecida como parte da Biblioteconomia.

O SR é reconhecido como atividade legítima da Biblioteconomia entre 1930-1940, como aponta Accart (2012). A função do bibliotecário de referência é então definida por algumas ações e cursos para especialização em áreas de conhecimento, a fim de que o bibliotecário de referência pudesse atender às necessidades do usuário de forma mais

eficaz. Contudo, criar um SR eficaz não é um trabalho fácil e de rápida resolução, considerando os anos em que a biblioteca era vista como um local de acesso restrito apenas a uma pequena parcela da sociedade.

Grogan (2001, p. 8) afirma que o nascimento do SR é um dom do bibliotecário com uma única razão e justificativa, “o usuário”, que, por sua vez, com o auxílio do bibliotecário de referência, tinha a capacidade de melhor aproveitar o acervo da biblioteca. Esse pensamento de Grogan, remete, de forma direta, a Ranganathan e às Cinco Leis da Biblioteconomia.

As cinco leis criadas por Shiyali Ramamritam Ranganathan foram produtos de visitas às bibliotecas inglesas durante o ano de 1925 (FIGUEIREDO, 1992). Após essas visitas, Ranganathan escreve cinco leis que são, até hoje, base da Biblioteconomia moderna, sendo elas: **1.os livros são para o uso; 2.a cada leitor seu livro; 3.a cada livro seu leitor; 4.economize o tempo do leitor; 5.uma biblioteca é um organismo em crescimento** (FIGUEIREDO, 1992, p. 186).

O que podemos apreender das leis supracitadas, é que, diferentemente do pensamento do passado, onde a biblioteca era tida como depósito e o bibliotecário um guardião do livro, o SR nas bibliotecas públicas dos Estados Unidos e as Leis de Ranganathan, traçam uma nova perspectiva sobre a função da biblioteca e do bibliotecário, a saber: o atendimento ao usuário. Assim, com o tempo, a biblioteca perde sua identidade, e precisa se reformular para que possa exercer sua nova função como disseminadora da informação. Figueiredo (1994, p. 7) comenta que “houve realmente, pode-se dizer, uma mudança de atitude em relação aos usuários: até então, adotava-se uma atitude passiva, aguardava-se que os usuários aparecessem e soubessem como fazer uso da informação disponível”. A partir do momento em que as bibliotecas públicas nos Estados Unidos são abertas, passa a ser necessário não somente esperar que o usuário vá até a biblioteca, mas que se formulem políticas de informação que possibilitem que o usuário veja a biblioteca como um espaço cada vez mais necessário.

Nasce, então, o estudo de usuários, que para Figueiredo (1994, p. 7) são “canais de comunicação que se abrem entre a biblioteca e a comunidade a qual ela serve”. Os estudos de usuários começaram na década de 1940 com estudos orientados para a necessidade de usuários. Assim, Paisley (apud BETTIOL, 1990, p. 62) apresenta alguns fatores que afetam a necessidade de informação do usuário, quais sejam: a) *necessidade*: o que um indivíduo deve ter para o seu trabalho, pesquisa, instrução, recreação. b) *Desejo*: o termo desejo refere-se ao que o indivíduo gostaria de ter. O desejo pode ou não ser realmente traduzido

em uma demanda a uma biblioteca. c) *Demanda*: é o que um indivíduo pede, ou mais precisamente um pedido para um item de informação desejado: acrescenta que uma demanda é um uso em potencial. d) *Uso*: é o que o indivíduo utiliza. Um uso pode ser uma demanda satisfeita, ou pode ser o resultado de uma leitura causal ou acidental. [...] Os usos podem ser indicadores parciais de demandas, demandas de desejos, desejos de necessidades.

A importância dessa identificação da demanda, desejo e necessidade, gera o uso satisfatório da informação e, conseqüentemente, exercer as cinco Leis de Ranganathan, em especial a primeira lei: “os livros são para uso” (FIGUEIREDO, 1992, p. 186), tomando aqui a liberdade de interpretar de forma diferente. Para que melhor se adequa à necessidade do usuário, a mesma pode ser entendida como “a informação é para uso”, pois, a informação e o conhecimento são produtos de uma busca bem orientada e facilitada pelo bibliotecário de referência. Pesquisadores como Grogan (2001, p. 1), defendem que “exercer a arte do serviço de referência é a única maneira satisfatória que existe de aprendê-la”.

Portanto, o Serviço de Referência vem a cada dia se ampliando e modificando, principalmente, diante das novas pautas contemporâneas, e é delas que surgem diversas novas perguntas: quais as necessidades de informação da população transexual? Como essa população consome informação? Como os serviços de referência, nas bibliotecas públicas, podem contribuir com a população transexual? É diante dessas perguntas, suscitadas pelas reflexões feitas neste capítulo, que refletimos sobre as pautas contemporâneas da população transexual.

4 A TRANSEXUALIDADE E AS PAUTAS CONTEMPORÂNEAS

De acordo com o Dossiê ASSASSINATOS e violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS no Brasil, realizado em 2018 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e pelo Observatório da Violência do Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), durante o ano de 2018 foram computados 163 assassinatos de indivíduos transexuais, travestis ou Não-Binários, tendo o estado do Rio de Janeiro como líder no número de assassinatos dessas pessoas. O Brasil é líder mundial em assassinatos de transexuais e travestis e, entre as violações de direitos humanos, 77% delas estão ligadas à transfobia (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2019). É diante desse cenário que não é demasiado afirmar que as violências e apagamentos que essa

parte da população sofre são diárias, e precisam ser combatidas em todas as esferas da sociedade. Uma das formas de combate às violências e apagamentos da população trans é a informação, desde informação sobre órgãos, legislação e iniciativas que acolhem a população transexual até a difusão para a comunidade sobre o que é ser transexual visando a despatologização da transexualidade.

Segundo Bento (2012, p. 12), as pessoas transexuais “reivindicam o pertencimento a um gênero distinto daquele que lhe foi imposto” já para Jorge e Travassos (2018, p. 59), transgênero são “pessoas que, apesar do sexo de nascimento, não se reconhecem na identidade de gênero correspondente” e pessoas transexuais seriam transgêneros que apresentariam “exigência de intervenção corporal para adequar sexo de origem à identidade de gênero”, a Onu Brasil (2018, p. 11), no entanto, define Transgênero como:

[...] termo genérico utilizado para descrever uma ampla gama de identidades – incluindo pessoas transexuais, travestis, pessoas que se identificam como terceiro gênero ou outros termos não binários, e outros, cujas aparências e características são percebidas como atípicas do gênero. Mulheres trans identificam-se como mulheres, mas foram, ao nascer, classificadas como sendo do sexo masculino. Homens trans sentem-se como homens, mas foram definidos como possuindo o sexo feminino quando nasceram. Algumas pessoas trans passam por cirurgias ou tomam hormônios para colocar seu corpo em harmonia com sua identidade de gênero, outras não. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual.

Jorge e Travassos (2018, p. 43) afirmam que “gênero é uma construção cultural que costuma ser diretamente relacionada ao sexo e designa papéis, comportamentos, atividades e características considerados pela sociedade como apropriados aos homens/meninos e às meninas/mulheres” enquanto o sexo “designa um estado biológico sob a forma de homem ou mulher constituído por características físicas, sejam elas cromossômicas, hormonais ou anatômicas”, em contrapartida Butler (apud BENTO, 2012, p. 51) declara:

[...] gênero é uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas e escolares, e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Por heteronormatividade entende-se a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos.

Qualquer que seja o conceito de transexualidade tomado por base, o fato de um indivíduo não performar o gênero conforme o seu sexo condizente com o padrão previsto na sociedade, a transexualidade acaba sendo patologizada durante a década de 50, sendo tratada como doença e recebendo posteriormente dois guias oficiais para realização de diagnóstico de transexualidade. Como aponta Bento (2012, p. 97), este fato culmina na inclusão do “transexualismo” no Código Internacional de Doenças (CID) na década de 80,

diferentemente de épocas passadas em que transitar entre gêneros não era visto como anormal e nem como patologia, já que “as diferenças anatômicas e fisiológicas visíveis entre os sexos não eram consideradas, até que se tornou politicamente importante diferenciar biologicamente homens e mulheres, a partir do discurso científico” (BENTO, 2012, p. 25). Antes de ser considerada a diferenciação, a transição entre gêneros e identidades não causava o alvoroço e moralismo que são levantados hoje. A patologização da transexualidade também tornou a vida mais complicada para esses indivíduos, pois embora “[...] não apresentem nenhum tipo de alteração em suas estruturas cromossômicas ou de qualquer outro tipo, são consideradas doentes mentais [...]” (BENTO, 2012, p. 20-21).

A transexualidade só passou a ser desconsiderada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como transtorno mental no CID a partir de junho de 2018 (BENITO, 2018) com um prazo até 1º de janeiro de 2022 para que os países se adequem à última atualização do CID, o que claramente dá uma margem de tempo para que a antiga definição da transexualidade ainda continue a ser livremente utilizada como forma de repressão e violência. Por outro lado, muitas dessas legislações e direitos que a população transexual adquiriu, ainda são desconhecidas por uma parte dessa população; além claro, de uma boa parte da sociedade civil que precisa, cada vez mais, de programas educativos e informacionais para ser educado para a diversidade sexual e, assim, os casos de crimes de ódio contra essa parcela da população seja diminuída, ou quiçá, erradicado. Mas como fomentar espaços para o diálogo entre as diferentes culturas e gêneros? Que espaços poderiam contribuir para a solução das necessidades informacionais da população transexual? É diante dessas perguntas que refletimos sobre o Serviço de Referência para a população transexual, haja vista que este é um espaço ímpar onde arquivos e bibliotecas, principalmente de caráter públicos, podem exercer, efetivamente, sua responsabilidade social.

5 SERVIÇO DE REFERÊNCIA E POPULAÇÃO TRANSEXUAL: UM DEBATE CONTEMPORÂNEO

O serviço de referência tem como principal função efetivar uma relação de mediação entre o usuário e a informação, e como tal, tem uma responsabilidade na construção social do indivíduo, como observado por Figueiredo (apud BARROS, 2003, p. 21) “a informação, para ser realmente importante e de valor para os usuários, tem que ser

pertinente às necessidades dos usuários quando dela necessitam”. Sendo assim, a informação, como comentado por Barros (2003), é parte do desenvolvimento do usuário, seja ele de forma informacional ou social.

Dito isto, é necessário um foco maior sobre a comunidade transexual, sendo ela uma população afetada pela violência e o preconceito, conforme os dados supramencionados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2019). A luta dessa classe por políticas públicas e apoio por parte do governo é constante, entretanto, as bibliotecas públicas e o SR, podem ser um caminho para que a comunidade transexual possa lutar pelos seus direitos tendo base informacional para tal.

Mas a pergunta que permeia a atuação do SR é: Como o SR pode ser efetivo no apoio e ajuda a essa comunidade? Como mediador e disseminador da informação, o bibliotecário de referência precisa, primeiramente, conhecer a comunidade que ele atende. Buscar formas de orientar sobre sua história, direitos e deveres e no auxílio, não somente na busca bibliográfica, mas na conscientização dos seus direitos, como pessoa transexual.

No ano de 2019, entrou em pauta o debate sobre a criminalização da homofobia com a criação de uma lei própria que possa abranger de forma mais eficaz a comunidade LGBTI+, pois, toda violação de direitos e crimes contra essa comunidade ainda não é prevista por lei como é o caso de preconceitos como o racismo, por exemplo (BARIFOUSE, 2019). A importância da existência de uma lei que inclua a população transexual é urgente, visto que o Brasil é líder no ranking de assassinatos a Transexuais com 167 casos notificados, seguido pelo México em 2º lugar com 71 casos entre 01/10/2017 e 30/09/2018 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2019, p. 24). No entanto, a palavra homofobia, segundo Carvalho; Andrade; Junqueira (apud CALIXTO; CÔRTEZ; SOARES, 2016, p. 84) expressa "o medo, o desprezo, a desconfiança, o ódio, a hostilidade e a aversão em relação à homossexualidade e às pessoas homossexuais ou identificadas como tal" o que demonstra certo apagamento das outras identidades dos integrantes da sigla, afinal a violência motivada por discriminação de orientação sexual difere daquela motivada por discriminação por identidade de gênero em grande parte das vezes. Um exemplo da diferença no tratamento entre transexuais e os outros indivíduos da sigla é o nível de escolaridade, apenas 0,02% das Transexuais estão na faculdade, 72% não possuem o ensino médio e 56% não possuem o ensino fundamental (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2019, p. 19).

Outra lei que ainda está tramitando no Congresso Nacional é a de autoria da Deputada Federal Luizianne Lins, apresentada no dia 04/04/2017, e que objetiva alterar o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o LGBTcídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1o da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o LGBTcídio no rol dos crimes hediondos. Esta lei foi posta para apreciação do plenário em 8 de maio de 2017. Na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), o PL teve como relator o Deputado Nilo Tatto, que votou pela aprovação no dia 11 de julho de 2018. No dia 31 de janeiro de 2019, o Projeto de Lei foi arquivado devido ao fim do mandato da legislatura do deputado relator, que, por isso, deixou de ser membro da comissão. No dia 12 de fevereiro, foi apresentado pela Dep. Luizianne Lins um requerimento de desarquivamento de Proposições n. 331/2019, e, no dia 21 de fevereiro de 2019, o PL foi desarquivado. No entanto, mesmo após dois anos em tramitação, o PL ainda não foi tornado lei. No dia 3 de julho de 2019 foi aprovada a redação final do PL na Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania e no dia 10 de julho de 2019 a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados enviou ao Senado Federal, por meio do Ofício nº122/19/PS-GSE (BRASIL, 2017).

Além dessa lei, há a Constituição Federal de 1988 que determina no Art. 3º que "constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil", tendo o foco no parágrafo IV que observar a ação de "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" e no Art. 5º, parágrafo XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais" (BRASIL, 1988).

Considerando as necessidades de informação da população transexual e da função do SR supracitados, fica evidente o quanto o trabalho de um bibliotecário de referência poderia impactar no combate à violência e criação de estigmas sociais, a divulgação e disponibilização de Guias como o Páginas Trans, citado no capítulo anterior e a conscientização da população acerca das vivências e violências sofridas pode ser a chave na transformação da situação atual, da emancipação desses indivíduos e impulsionar a sociedade em busca do cumprimento da Constituição no que tange os direitos da população, sem qualquer discriminação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater as pautas de grupos específicos como a comunidade transexual é, além de importante, algo essencial para as bibliotecas. Não se buscou aqui, exprimir uma forma correta de exercer as atividades do serviço de referência, ou, criar novas formas de exercer a atividade, mas sim o de fomentar um debate sobre a atuação para com as comunidades de usuários que vivem no entorno da biblioteca, em especial a população transexual, buscando compreender as necessidades desses indivíduos como comunidade de usuários.

Cabe, então, ao bibliotecário de referência, estar atento a essas necessidades e demandas, que, por muitas vezes, os usuários não sabem como externá-las, ou saná-las, daí a necessidade de diversas mediações. A busca constante por uma melhor forma de atender o usuário, a pesquisa na literatura sobre a população transexual (sua história, direitos e leis), é a melhor forma de se exercer um bom serviço de referência. Auxiliar, então, a comunidade transexual, não é algo simples e fácil, é necessário o aprimoramento através da prática do serviço e do constante estudo na área do serviço de referência.

Assim, diante do que o trabalho buscou explicitar, são necessários cada vez mais estudos de usuários para que os ambientes de informação percebam as necessidades informacionais da população transexual, a fim de oferecer serviços de referência eficazes.

REFERÊNCIAS

ACCART, J.-P. O que é um serviço de referência presencial? In: _____. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2012.

ALMEIDA, M. A. de. Mediação Cultural na Sociedade da Informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 32., Caxambu, 2008. **Anais...**, Caxambu, 2008. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt10-21/2381-marcoalmeida-mediacao/file>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS. **Dossiê ASSASSINATOS e VIOLÊNCIA contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. 2019. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BARIFOUSE, R. STF debate criminalização da homofobia:saiba o que está em jogo. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BARROS, M. H. T. C. de. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática.** Marília: s. n., 2003.

BENTO, B. **O que é transexualidade.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENITO, E. OMS retira a transexualidade de lista de doenças mentais: Nova Classificação Internacional de Doenças descreve o vício em videogames como um distúrbio de comportamento. **El País**, Madrid, 19 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/internacional/1529346704_000097.html. Acesso em: 12 mar. 2019.

BETTIOL, E. M. Necessidades de informação: uma revisão. **R. Biblioteconomia**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 59-69, 1990.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Projeto de Lei nº 7292, de 4 de abril de 2017. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o LGTBcídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o LGTBcídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2128135>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CALIXTO, A. A.; CORTÊS, G. R.; SOARES, G. S. Rompendo o silêncio: a informação no espaço LGBT do estado da Paraíba. **Archeion OnLine**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 83-105, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion/article/view/32313/16946>. Acesso em: 20 fev. 2019.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudos de uso e usuários da informação.** Brasília: IBICT, 1994.

FIGUEIREDO, N. M. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186-191, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GROGAN, D. J. **A prática do serviço de referência.** Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

JORGE, M. A. C. TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. [Brasil]. **Páginas Trans: guia de acesso a direitos e serviços para pessoas trans.** 2018. Acesso em: 17 abr. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2019/01/WEB-P%C3%A1ginas-Trans-FINAL.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

WEITZEL, S. R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p.61-67, 2002.

BIBLIOTECAS E FORMAÇÃO: UM DIREITO HUMANO

LIBRARY AND TRAINING: A HUMAN RIGHT.

PINTO, Lourival Pereira ¹

BEZERRA, Jacielly Jehnny dos Santos ²

Resumo: O artigo traz reflexões acerca das bibliotecas como instâncias de direitos humanos, no sentido de lugar da literatura, compreendida aqui como toda espécie de fabulação. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, busca-se nos paradigmas da Biblioteconomia uma reflexão das características mediadoras das bibliotecas como espaços de formação, leitura e cultura. Além de considerar que, se a literatura é um direito humano, as bibliotecas devem ser consideradas também como um espaço de direito populacional e de acesso livre e garantido a todas as pessoas, porque as bibliotecas são lugares de literatura, discussão e construção de conhecimentos ajudando na formação individual de cada cidadão. O artigo conclui que esse direito não se restringe apenas ao consumo da literatura, mas deve ser estendido à apropriação e criação literária, configurando a biblioteca como entidade formadora individual e do conhecimento, a ação cultural como a base dessa formação, e que os bibliotecários são profissionais dos acervos, da *in-formação* e da formação, atuando como mediadores entre os indivíduos e a literatura, conhecimento e cultura disponíveis na biblioteca para formação pessoal.

Palavras-Chave: Bibliotecas e Formação. Ação Cultural. Literatura e Direito Humano.

Abstract: The article brings reflections about the libraries as human rights instances, in the sense of the place of literature, understood here as all kind of fabulation. Through a bibliographic research, the library science paradigms are searched for a reflection of the mediating characteristics of the libraries as spaces of formation, reading and culture. In addition to considering that, if literature is a human right, libraries should also be considered as a space of population law and free access and guaranteed to all people, because libraries are places of literature, discussion and construction of knowledge, helping

¹Doutor em ciência da informação. Universidade federal de Pernambuco (UFPE). Email: joaolori@yahoo.com.

²Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).Email: Jaciellyjehny@gmail.com.

in the individual formation of each citizen. The article concludes that right is not restricted only to the consumption of the literature, but should be extended to the appropriation and treaty creation, configuring the library as an individual forming entity and knowledge, cultural actions as the basis of this formation, and that librarians are professionals of the collections, information and training, acting as mediators among individuals and the literature, knowledge and culture available in the library for personal training.

Keywords: Library and Formation. Cultural Action. Literature and Human Rights.

1 INTRODUÇÃO

Espírito é definido, segundo a filosofia, pelo conjunto total das faculdades intelectuais. De acordo com a tradição espiritualista da filosofia, espírito é o princípio ou essência da vida. O espírito seria, então, o pensamento ou a consciência, que são os elementos responsáveis pela evolução do ser humano. A consciência é aquilo que nós somos como humanos e que nos permite uma existência consciente. A consciência é aquilo que apreende todos os fenômenos à nossa volta e cria possibilidades para o aprendizado do mundo. Então seria correto afirmar que tudo que sentimos e/ou vivenciamos nas mais diferentes formas são possibilidades para a construção dos nossos conhecimentos. As informações podem ser apreendidas por nós em todos os lugares e em todos os momentos.

Quando defendemos uma atitude mais humanista por parte da Biblioteconomia, estamos dizendo o seguinte: a aprendizagem também está nas bibliotecas e/ou em lugares onde a informação possa circular. Os bibliotecários devem ser conscientes de que a humanização vai além da organização do conhecimento humano. Humanização (embora este seja um conceito redundante) significa tocar o outro ser humano para que esse outro perceba as coisas como possibilidades de aprendizagem. As bibliotecas são espaços de trocas e convivências, propícios para a construção de conhecimentos, e por isso mesmo, a biblioteca é um direito humano. Temos direito à informação e ao conhecimento, e às manifestações culturais e consideramos que a ação cultural é o motor propulsor da garantia desse direito, porque uma ação cultural bem planejada e coordenada e com fins específicos pode ser considerada uma ação humanista e de aprendizagem.

Os bibliotecários devem ter noção de que, mesmo não sendo pedagogos, são, sim, educadores. Tomemos como exemplo uma ação para formar leitores. O “simples” ato de mostrar ao leitor um universo literário já se configura como uma ação de aprendizagem.

Obviamente que faltam, a nosso ver, nos currículos do curso de Biblioteconomia, disciplinas relacionadas à mediação pedagógica, e este é um caso a ser pensado, embora já aconteçam algumas reações na área. Um bom exemplo é a criação do conceito de *Infoeducação* (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007), pelo grupo de pesquisa *Colabori*, do departamento de Ciência da Informação da Universidade de São Paulo. O que esse grupo de pesquisa defende, e que concordamos, é que as bibliotecas escolares são espaços fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, é papel do bibliotecário, além de organizar a informação, acompanhar a formação leitora e o letramento informacional dos alunos ao longo de sua vida escolar. Este artigo reflete sobre as bibliotecas como instâncias necessárias à informação e à formação, baseando-se na defesa da literatura como direito humano, e na ação cultural como prática essencial para a configuração de um espaço de informação, aprendizagem e que se constitui assim como um direito humano.

3 METODOLOGIA

A pesquisa quanto aos seus procedimentos, é bibliográfica, que de acordo com Fonseca (2002, p. 32), “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. A pesquisa bibliográfica, neste artigo, baseia-se em referências já publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos sobre bibliotecas, formação, ação cultural, e literatura como direito humano.

4 BIBLIOTECA, LITERATURA E DIREITO HUMANO

A leitura é uma das maiores riquezas da humanidade. Desde que foi adotada como modo de entretenimento, a literatura vem cumprindo seu papel humanizador. Como foi defendido por Candido (2004), a literatura é um importante direito humano, pois tem papel importante na construção do indivíduo, assim, pensar em direito humano sem reconhecer o papel da leitura e literatura é excluir das camadas mais pobres seus bens incompreensíveis, como foi identificado por Candido (2004). Afinal, o literário nos iguala como seres humanos, mas nos difere em visão e reflexão, porque é através da leitura e de nossa interpretação dela que nos constituímos sujeitos de direito.

A literatura ser vista como um direito é relevante para a formação do ser humano, pois desde pequenos, ainda no período escolar, época de construção da personalidade, formação de prazeres e hábitos, criação de valores e da fabulação, é através dos textos literários que são oferecidas as possibilidades de escolha de ideais, ideias e princípios. Além de garantir que a capacidade de imaginação seja expandida pelas histórias, palavras e a possibilidade de o leitor encontrar um novo prazer. De acordo com Mélo (p.11)

a literatura como um direito é relevante para a formação do ser humano, especialmente tomando o período escolar, época de elaboração da personalidade, da formação de hábitos e prazeres, da criação de valores e do mais importante: a promoção da fabulação. Defender o direito à literatura é, sobretudo, oferecer aos sujeitos a possibilidade de escolher ideias e princípios que lhe foram apresentados por meio dos textos literários. É garantir que a capacidade de imaginação seja fertilizada pelas histórias, pelas palavras plantadas pelos autores para que o sujeito leitor seja capaz de encontrar na história uma espécie de gozo, de deleite, de prazer

Por meio dos estudos de Freire (1989), podemos observar a precedência da leitura de mundo sobre a da palavra, uma vez que a alfabetização é negada a uma parte tão grande da população brasileira e assim, fazendo com que esses conheçam e usufruam de poucos direitos a partir dessa leitura de mundo. Freire ser reconhecido no mundo todo por sua luta pela educação e direitos dos menos favorecidos é, também, reconhecer a ligação entre direitos humanos e o direito a literatura, pois é através dela que mudamos nossa leitura de mundo e nossa percepção de cidadania.

Nesse sentido, consideramos que as bibliotecas são espaços da literatura, e por consequência, espaços de direito humano. Não podemos passar um dia das nossas vidas sem que recorramos à literatura, seja ela configurada em romances, filmes, novelas, séries, etc. O homem não pode prescindir da fabulação, e muito menos da criação. Se até então as bibliotecas foram entendidas como espaços que disponibilizavam a literatura, agora devem ser vistas como espaços que também produzem a literatura, dando um salto do paradigma do acervo e da informação para o paradigma da *formação*. Por que temos o direito à literatura, e o homem é um ser literário. Na próxima seção falaremos do *paradigma* da formação.

5 A FORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS

Primeiramente, tentaremos esclarecer questões relacionadas aos tais paradigmas. Habitamos a dividir as coisas em paradigmas, em modelos, que por mais que sejam repetidos, como *mantras*, podem não se sustentar a um olhar crítico. Aqui, a princípio,

estabelecemos uma conexão entre Biblioteconomia e Ciência da Informação. Vejamos o exemplo dos tais paradigmas da Ciência da Informação. Capurro e Hjørland (2007) definem que a Ciência da Informação pode ser pensada a partir de três paradigmas: o físico, o cognitivo e o social.

Essa tríade, que, obviamente, não é excludente, nos parece mais uma tentativa de sistematizar a Biblioteconomia a partir de fenômenos que a ela não pertencem. Se não, vejamos: o primeiro deles, o físico, se baseia na teoria matemática de Shannon e Weaver (1949) e que seria aplicada, a princípio pela teoria da comunicação. Nunca houve intenção de que se tornasse (esse paradigma), um constituinte, ou modelo, da Ciência da Informação. O que aconteceu foi que houve uma apropriação desse modelo para tentar explicar como a informação era (ou é) pensada em certos segmentos do conhecimento. A comunicação então, aí, seria um mecanismo de causa e consequência (como uma máquina repetitiva), que não leva em conta o conteúdo dessa comunicação e nem as significações possíveis aí contidas.

Na década de 1970, a teoria cognitiva, por sua vez, recomendava a cognição como fenômeno essencial na construção do conhecimento (BELKIN, 1978; INGWERSEN, 1992). A Ciência da Informação reconheceu o óbvio e tratou de incluir mais um paradigma, desta vez apropriado da psicologia cognitiva. Assim, nasceram várias teorias, e entre elas, a ASK (*anomalous state of knowledge*), que buscava compreender a construção do conhecimento a partir da informação. Criticada por Capurro, essa teoria, segundo ele, não tinha (ou não tem) alcance social, uma vez que se limita aos aspectos cognitivos e, assim, individuais.

Mais recentemente, a Ciência da Informação passou a defender mais uma apropriação, desta vez, das Ciências Sociais, que passou a chamar de paradigma social. Nesse modelo, são os sujeitos, que, em comunhão, interpretam, pensam e refletem seu mundo a partir da informação compartilhada. A informação deve ser, então, significada socialmente, e proposta para a transformação social. Nessa situação, a Ciência da Informação evocou George Mead, Hebert Blumer, etc, (PINTO, 2009) e uma série de sociólogos, que, pensaram a sociedade como um reflexo das comunidades, e que suas ações se concretizam a partir das interpretações de informações compartilhadas.

Nosso propósito não é desmerecer essas seguidas apropriações, mas apenas levantar alguns pontos, a saber: as apropriações são bem-vindas em qualquer área, embora devamos ser cuidadosos em não forçar as interpretações. E que as apropriações, futuramente,

poderão se configurar como resultados (inter ou multidisciplinares) de novos estudos, o que se caracteriza como ciência.

Sendo assim, resolvemos tentar esclarecer algumas questões que envolvem confusões conceituais entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Embora guardem entre si relações interdisciplinares e de gênero/espécie, ambas guardam suas peculiaridades. Vamos para a Biblioteconomia para revirar os *questionáveis* paradigmas, agora voltados para a Biblioteconomia. Assim, vamos defender que essa área parte de um paradigma que sempre foi chamado de paradigma custodial (ou do acervo), passa pelo paradigma pós-custodial (ou da informação) (SILVA, 2009) e também deve ser pensada pelo terceiro paradigma, que chamaremos de *paradigma da formação (ou perspectiva da formação)*.

Para que a formação seja de fato efetivada nas bibliotecas, é necessário, em primeiro lugar compreender o papel da mediação na ação cultural. Desde já, concordamos com Coelho Neto (1989), que a ação cultural tem como objetivo principal a transformação, e para isso ela deve propor autonomia aos envolvidos, romper silêncios, e propor condições para a criação.

A ação cultural não pode ser imposta (fabricação cultural), e nem ser um mero passatempo (animação cultural), mas sim uma ação dialógica entre a mediação e as pessoas. Por esse motivo, aquele que propõe uma ação cultural deve ser um mediador que leve em conta as significações das pessoas e dos textos envolvidos. As significações trazem influências das pessoas por meio de suas histórias de vidas, afetos, desafetos, leituras, e não-leituras. Assim, as significações engendram e são engendradas pelas diferentes travessias culturais, que por sua vez forjam as histórias das pessoas. Nesse universo são criadas as ascendências e as heranças culturais.

No nosso entendimento há dois caminhos por onde a formação nas bibliotecas pode seguir, e todos eles mediados culturalmente: O primeiro deles é a formação de leitores. E o segundo caminho é o desenvolvimento da aprendizagem informacional. Nesse sentido, o leitor é formado para saber onde, como, quando e para que buscar informações. Além disso, a aprendizagem informacional se caracteriza por algumas habilidades no leitor, como: saber dialogar com as fontes de informação, conhecer as diversas facetas de um objeto de estudo, argumentar claramente seus pontos de vista, se apropriar dos fatos, e construir seus discursos.

Dentro desse universo, os bibliotecários devem se apropriar de conteúdos pedagógicos, e pensar nas pessoas que iniciam seu mundo de leituras e vivências. Essas pessoas não são apenas crianças, elas são pessoas com suas idades e seus tempos sempre

propícios para aprender a aprender. Vygostky defendia que a aproximação das pessoas permitia a aprendizagem de um modo colaborativo. Os bibliotecários são mediadores de leitura que se aproximam das pessoas com seus acervos e conteúdos. Por meio, de ações culturais de aprendizagem, os mediadores mostram os percursos possíveis para a emancipação dos sujeitos, desenvolvendo trocas de conhecimentos entre mediadores/leitores. Alguém pode nos questionar que, para desenvolver atividades desse tipo, devemos possuir algumas habilidades, como afeto, empatia, conhecimento cultural, prazer em compartilhar leituras, e isso não se ensina/aprende nas universidades. Quanto a isso, temos muitas dúvidas, mas, de início, defendemos que essas habilidades podem sim, ser transmitidas, porque as leituras (estamos falando das leituras literárias) têm a possibilidade de cultivar a sensibilidade e a preocupação com as pessoas. Portanto, se somos leitores, podemos ser mediadores competentes.

Na perspectiva de uma formação massiva de leitores competentes em informação, novos caminhos para a Biblioteconomia devem ser repensados e trilhados por nós. Esse processo passa, necessariamente, por um novo jogo de linguagens, metodologias, papéis e objetivos. A formação básica de leitura deve ser a prioridade máxima, porque só assim poderemos planejar políticas públicas envolvidas com a informação.

6 FORMAÇÃO/APROPRIAÇÃO/CRIAÇÃO

Bibliotecas, em geral, podem, e devem ser dispositivos culturais de ação. Essas ações se configuram como uma revolução simbólica que tem como elementos básicos a leitura, a reflexão, a discussão e as proposições. Num sentido geral, as ações de formação das bibliotecas baseiam-se no eixo da mediação, compreendendo que essas ações fundamentam-se sobretudo na literatura. A leitura literária tem potencial para formar leitores, por isso mesmo que a literatura deve ser um direito a todas as pessoas, porque o direito de formação, conhecimento, apropriação e protagonismo devem ser garantidos. As bibliotecas refletem as complexidades desses direitos, promovendo o acesso e a diversidade das suas coleções. As ações culturais podem ser consideradas então estratégias de garantir o direito à literatura, seja ele na instância consumidora ou na instância criadora. Na tabela abaixo, demonstramos as tríades que se completam na compreensão do que defendemos como ação mediadora consagrada na ação cultural.

Tabela 1: Alguns paradigmas da Biblioteconomia

Acervo / informação / formação.	
Conservação / difusão / apropriação.	(PERROTTI, PIERUCCINI, 2014)
Informação / discussão / criação.	(MILANESI, 2013)

Fonte: os autores.

Na primeira linha da tabela, podemos ver a tríade conforme defendida neste artigo. Na segunda linha vemos a terminologia defendida por Perrotti e Pieruccini (2014), onde o termo CONSERVAÇÃO é análogo ao termo ACERVO, que significam as práticas biblioteconômicas voltadas para as coisas, ou seja, a organização e a curadoria das coleções. Já o termo DIFUSÃO pode ser equivalente ao termo INFORMAÇÃO, que, indo além, significa que difundir a informação é o foco das bibliotecas, e que essa atividade tem se tornado predominante na maioria das bibliotecas. Há, no entanto, em cada linha da tabela, um termo que possui significados semelhantes e que representam aquilo que defendemos neste artigo: FORMAÇÃO/APROPRIAÇÃO/CRIAÇÃO. Nesse sentido, a biblioteca é voltada para as pessoas, não apenas como conservadora de coleções e/ou disseminadora de informações, mas, sobretudo, como entidade que tem como objetivo formar leitores, dar às pessoas possibilidades de apropriação de conhecimentos, e estabelecer estratégias para a produção e criação. Assim entendido, o direito à literatura deve ser garantido, não apenas na conservação e difusão, mas também na criação ou recriação das fabulações tão necessárias neste mundo presente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste breve artigo, verificamos há uma linha que divide dois mundos, mas que, obviamente, não são excludentes entre si. De um lado da linha está a *Biblioteconomia das coisas*, e do outro lado está a *Biblioteconomia das pessoas*. Ao aproximar pessoas para um movimento cultural, a biblioteca propicia uma conexão de saberes, que definimos como uma conexão espiritual entre as pessoas.

O espírito é o pensamento e a essência da vida. Assim, essa conexão espiritual pode gerar a transformação das consciências através das aprendizagens promovidas pelas leituras e pelos compartilhamentos. Compreendemos que essa conexão é a base para a formação das pessoas, e se a leitura literária é subversiva e transformadora, e se as bibliotecas são espaços de pessoas, acervos e leituras, elas podem ser espaços de formação, e, portanto, os bibliotecários são profissionais dos acervos, da *in-formação* e da formação.

Mesmo que uma parte dos bibliotecários discorde (o que é normal e justo), alertamos que, se tirarem o nosso papel de formadores, estaremos nos limitando à organização do conhecimento e da informação, o que consideramos frustrante e perigoso nestes tempos de grandes mudanças sociais e culturais. Nesse sentido, as bibliotecas devem ser ressignificadas como lugares de direito para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

- BELKIN, Nicholas J. Informations concepts for information science. **Journal of Documentation**, v. 34, p. 55-85, 1978.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.
- COELHO NETO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 23 abr. 2019.
- INGWERSEN, Peter. **Information Retrieval Interaction**. London: Taylor Graham, 1992.
- MÉLO, Érica Maria Silva Montenegro de. **Práticas de mediação de leitura em bibliotecas escolares**. 2019. 58 p. Monografia (Especialização em Literatura Infantojuvenil) – FAFIRE Congregação das Dorotéias do Brasil Faculdade Frassinetti do Recife, Recife, 2009.
- MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01/22, maio./ago. 2014.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.L.G; FUJINO, A.; NORONHA, D.P. (orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p.97-119.

PINTO, Lourival Pereira. **Leitura e significados nos fluxos de informação**. 2009. 136 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Chicago, London: The University Press, 1949.

SILVA, Armando Malheiro da. Mediações e mediadores em ciência da informação. **Prisma.com**. Porto, Portugal, 2009. ISSN: 1646 – 3153.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: RidendoCastigat Mores. Disponível em: <
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acesso em 01 maio 2019

BIBLIOTECA ITINERANTE E O INCENTIVO À LEITURA EM ESCOLAS DO CAMPO

TRAVELING LIBRARY AND ENCOURAGING READING IN FIELD SCHOOLS

SANTI, Cecília Abrahão Nascimento¹

MARIALVA, Maria Elcineide de Albuquerque²

Resumo: A Biblioteca Itinerante apresenta como uma de suas principais características a possibilidade de ser móvel, e uma solução para levar a leitura as escolas na zona rural. Propôs-se projeto de incentivo à leitura através da Biblioteca Itinerante com os alunos de escola rural do município de São João da Baliza, Roraima. Objetivou-se analisar a contribuição da Biblioteca Itinerante e das atividades pedagógicas como instrumentos de incentivo ao hábito da leitura, através de pesquisa qualitativa. Observou-se que o projeto incentivou a leitura, as atividades pedagógicas permitiram aos alunos das turmas multisseriadas maior contato com os livros, despertando o interesse pela leitura e o envolvimento de forma interativa e questionadora. Conclui-se que tanto a Biblioteca Itinerante como as atividades pedagógicas possibilitaram o acesso à informação e incentivaram à leitura; visto que estimulam a curiosidade e a imaginação dos alunos de forma interativa e dinâmica.

Palavras-Chave: Biblioteca Itinerante. Leitura. Escolas do Campo.

Abstract: The Mobile Library has as one of its main features the ability to be mobile. It can be an alternative to meet the shortage of information and a solution to take the reading schools located in rural areas. Therefore, it was proposed in reading incentive project through the Mobile Library and educational activities to Roraima field schools. This study aimed to analyze the Mobile Library contribution and educational activities as tools to encourage the reading habit through qualitative research. It was observed that the project encouraged reading, educational activities allowed the students of multigrade classes closer contact with books, arousing interest in reading and involvement in an interactive and

¹Universidade Federal do Pará. E-mail: ceciliabrahao2001@gmail.com.

²Universidade Rural da Amazônia. E-mail: elcineidemarialva@gmail.com.

questioningly. It is concluded that both the Mobile Library as the educational activities provided access to information and encouraged to read; because they stimulate curiosity and imagination of the students in an interactive and dynamic way.

Keywords: Mobile Library. Reading. Field schools.

1 INTRODUÇÃO

Por meio da leitura se constrói a imaginação, a criatividade, facilita a aquisição dos conhecimentos e valores, pois é lendo que frequentemente se cria familiaridade com o mundo. A leitura provoca a necessidade de compreensão e da interação com mundo, enriquecendo as próprias ideias e experiências intelectuais, o indivíduo que lê contribui para o seu enriquecimento pessoal (ANTUNES, 2010).

Para Freire (1989) a leitura possibilita a descoberta de novos horizontes e oportunizá-la representa papel decisivo na tentativa de despertar interesses pela leitura. Dessa forma, as bibliotecas itinerantes têm sido uma possibilidade de levar a leitura a diversos lugares. Sua atuação engloba a formação de leitores por meio da circulação de fontes de informações e intenta valorizar essas fontes como propulsor de novos aprendizados.

Nessa perspectiva, propôs-se o projeto de incentivo à leitura através da Biblioteca Itinerante no estado de Roraima como instrumentos de incentivo ao hábito da leitura dos alunos de turmas multisseriadas.

Desta maneira, considera-se que as bibliotecas itinerantes desempenham um papel social relevante ao levar a leitura a lugares em que as pessoas têm pouco acesso, atuam como mecanismos de propagação e acesso à informação em razão das suas atividades que possibilitam o prazer da leitura e com isso conquistam novos leitores.

2 METODOLOGIA

Esta investigação ancora-se numa abordagem qualitativa, pois, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, levando o pesquisador a compreender e explicar os aspectos da realidade que não podem ser quantificáveis.

Com relação aos procedimentos, realizou-se pesquisa de campo, quando os pesquisadores vão no cenário de pesquisa para sua realização. Assim, permite-se a coleta de

dados no local onde acontecem os fenômenos, garantindo a aproximação com o fenômeno estudado, fundamentação da pesquisa qualitativa. A coleta de dados foi feita a partir da observação participante e aplicação de questionários. A observação participante consiste na participação ativa do pesquisador sobre o objeto observado para obter informações necessárias acerca do fenômeno em seus contextos (LAKATOS; MARCONI, 1998).

Foi elaborado um questionamento com sete questões abertas, a fim de verificar se a Biblioteca Itinerante e as atividades pedagógicas contribuem para desenvolver o hábito da leitura nos alunos de escolas do campo. A coleta de dados ocorreu durante as visitas junto às escolas do campo localizadas na vicinal do município de São João da Baliza em Roraima. Por tratar-se de projeto vinculado a secretaria municipal, houve autorização desta para a realização da coleta de dados com os alunos das turmas multisseriadas que participaram das atividades pedagógicas desenvolvidas in lócus.

Vale ressaltar que para a realização desta investigação foram organizadas uma Caixa estante circulante, um Baú de leitura e a disposição de livros infantis em um varal. Também foram desenvolvidas atividades pedagógicas, tais como: roda de leitura, contação de histórias, teatro, leitura e recriação de histórias em quadrinhos, leituras de números, apresentações temáticas em fantoches, vídeos educativos.

As informações coletadas foram analisadas e descritas de forma textual para que em seguida pudessem ser discutidas de acordo com sua relevância para a pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1. A Biblioteca Itinerante e suas características

A Biblioteca Itinerante é um termo utilizado principalmente por bibliotecários britânicos e australianos para descrever um veículo motorizado que transporta material bibliotecário. No Manual que trata sobre as Diretrizes para Bibliotecas Itinerantes, esse termo é ampliado para qualquer serviço de Biblioteca que não esteja fixo num lugar. Desse modo, esse tipo de biblioteca tem exercido um papel relevante por tornar acessível a leitura em vários espaços sociais. (TABOSA, H. R.; PEREIRA, F. 2012.)

Caracteriza-se por ser uma biblioteca que se desloca por diferentes lugares em um transporte móvel. Para Nascimento (2009), a itinerância de bibliotecas tem sido uma maneira de levar a leitura e o conhecimento à população e a lugares distantes, estimulando a formação de leitores através da circulação de livros e outras fontes de informação. Esse

tipo de biblioteca, além do empréstimo dos materiais de informação, desenvolve outras atividades culturais e pedagógicas que servem para aproximar e incentivar usuários. Entre as atividades elaboradas estão o teatro de fantoches, apresentações de filmes e vídeos, exposições de livros em varais, contação de histórias e rodas de leituras.

Nesse aspecto, as bibliotecas itinerantes democratizam a leitura e a informação, a medida que se aproximam das pessoas que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade para manusear a um livro, para assistir um filme, para observar uma peça de teatro, para prestigiar uma exposição de livros e para participar de uma roda de leitura. (REZENDE, 2017).

3.2 A Biblioteca Itinerante como mecanismo de incentivo à leitura

Os estudos de Silva e Silva (2005), revelam que a Biblioteca Itinerante se constitui como um espaço alternativo de aprendizagem e ação cultural por meio do incentivo a leitura. Considera-se que um dos atrativos da Biblioteca Itinerante é sua flexibilidade e seu aspecto móvel ao levar os materiais informacionais até o leitor e assim contribuir para a divulgação e circulação do conhecimento em espaços com pouco ou nenhum acesso a esse tipo de material. Para Jesus et al (2017), a Biblioteca Itinerante contribuiu para a formação de leitores, desperta um interesse maior pela leitura, democratiza a leitura de forma dinâmica e prazerosa, permitindo o enriquecimento cultural, social e cognitivos, seja a um público específico ou a qualquer sujeito social, que ao frequentarem este ambiente terão acesso aos recursos informacionais favorecendo assim o desenvolvimento de competências e atitudes, entre elas de leitura.

Além dessas experiências, têm-se as Caixas-Estantes Circulares que fazem parte do projeto Biblioteca Itinerante da cidade de Chapeco/SC, que tem por finalidade disponibilizar acervo em formato impresso e eletrônico e oferecer serviços que contribuam para o processo de formação de leitores. O acervo bibliográfico está composto de livros especializados, literatura nacional e estrangeira, dicionários, revistas, gibis e um acervo multimeio.

Desse modo, essas iniciativas são relevantes pela necessidade de levar a informação e incentivar o hábito da leitura, contribuem levando o livro e a leitura aqueles que não têm acesso e com isso conquistando novos leitores.

4 RESULTADOS

Desenvolveu-se caixa-estante circulante e baú de leitura, além de atividades pedagógicas que serviram de ponte para estimular a leitura dos alunos.

Os alunos foram incentivados a folhear, analisar e escolher os livros, bem como a realização de atividades de contação de histórias, teatro, leitura dos números, entre outras, que são desenvolvidas na parte externa da Biblioteca Itinerante. Após, foi aplicado um roteiro semiestruturado com o intuito apreender a sua contribuição para o incentivo da leitura junto a 40 alunos de quatro turmas multisseriadas do 1 ao 5 ano de alfabetização, com idade entre 7 e 10 anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados sinaliza que a Biblioteca Itinerante e as atividades pedagógicas constituíram como um espaço de leitura para os alunos de turmas multisseriadas das escolas do campo. Garante o incentivo ao hábito da leitura por meio das atividades pedagógicas que foram realizadas. A estrutura da Biblioteca Itinerante permite trabalhar com oficinas de textos, as rodas de leitura, contação de estórias, enfim, atividades que podem colaborar para a integração e participação de todos os alunos, no intuito de demonstrar a importância do hábito da leitura e ainda permitir desenvolver o olhar crítico, ampliar o vocabulário e contribuir para o acesso às informações. Os resultados reforçam que a Biblioteca Itinerante e as atividades pedagógicas contribuíram para ampliar o gosto pela leitura dos alunos das escolas do campo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. C. **Leitura como fator decisivo para realização da autonomia intelectual.** Revista de Educação do IDEAU, Rio Grande do Sul, v.5, n.10, junho- 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 49 p. (Polêmicas do Nosso Tempo; 4).

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JESUS, P.; SANTOS, I. R.; SOUSA, R. M. **A biblioteca móvel e o hábito da leitura: estudo de caso do BilbioSESC em Bairros de Salvador.** *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 2017. : Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14752558009>. Acesso em: 8 de jun. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1998.

BAKHTIN, M. **Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NASCIMENTO, M. E. S. Bibliotecas itinerantes: literatura como ferramenta para o desenvolvimento de leitores. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CIFEFIL, v. 12, n. 10, 2009.

REZENDE, M. E. Revivendo experiências: em foco a leitura em comunidades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p-31- 47, out/dez. 2017.

SILVA, D. H. da; SILVA, A. K. A. da. **Biblioteca Itinerante “Livro em Roda”: a leitura como um exercício da cidadania rumo à sociedade aprendente.** *Biblionline*. v. 1, n. 2, 2005.

TABOSA, H. R.; PEREIRA, F. O. **Biblioteca itinerante: quando o cidadão não vai à biblioteca, ela vai até o cidadão.** 2012

BIBLIOTECA ITINERANTE: NA MEDIAÇÃO DE NOVOS LEITORES.***ITINERANT LIBRARY: MEETING NEW READERS*****CASTRO, Rivanda da Silva Neves e¹**

Resumo: A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) através de um dos seus programas de extensão, o programa Carro-biblioteca: frente de leitura com mais de 40 anos de atuação, envia uma biblioteca itinerante as comunidades carentes e longe dos grandes centros urbanos semanalmente, com o objetivo de incentivar a leitura a toda a comunidade. É a partir das atividades dessa biblioteca itinerante que foi realizado um levantamento técnico do Carro Biblioteca para conhecer o perfil do seus usuários, seu nível de satisfação com os serviços prestados pelo programa Carro-Biblioteca no bairro de Nossa Senhora de Fátima na cidade de Sabará-MG, que em 2018 recebia a visita do Carro todas as terças-feiras pela manhã. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é realizar um estudo de campo onde a proposta é fazer um levantamento do perfil dos usuários do Carro-Biblioteca e identificar o nível de satisfação dos serviços prestados na comunidade. Para estes fins utiliza como metodologia visitas a comunidade atendida, e aplicação do questionário.

Palavras-chave: Biblioteca Itinerante. Carro Biblioteca. Leitura.

Abstract: Federal University of Minas Gerais (UFMG), through its extension programs, the Car-library program: reading front with more than 40 years of activity, sends a traveling library as poor and larger communities of the urban centers weekly, with the objective of do a reading throughout the community. It is a vacation of the itinerant management library, with its level of satisfaction with the services provided by the Car-Library in the neighborhood of Our Lady of Fatima in the city of Sabará- MG, which in 2018 is a function of the car every Tuesday, fairs in the morning. In this context, the objective of this work is to carry out a field study where the proposal is to make a profile survey of Carpool users and identify the level of satisfaction of the services provided in the community. For these purposes, use as a methodology visits to the community and the application of the questionnaire.

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: rivandaneves@gmail.com.

Keywords: Itinerant Library. Library Car. Reading.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, devido aos avanços tecnológicos e os diversos meios de comunicação que o mercado de tecnologias oferece em um curto prazo de tempo, o espaço para a leitura na vida das pessoas tem se tornado ainda menor. Por outro lado, muitas pessoas nem mesmo são apresentadas devidamente ao mundo da cultura escrita e da leitura. A importância da leitura na formação do indivíduo é fundamental para todo o processo de desenvolvimento do seu conhecimento. Portanto é necessário que a prática da leitura seja incentivada desde a infância no seio familiar e continuada na escola pelos seus professores e bibliotecários, mas infelizmente nem todo o indivíduo vem de uma família letrada e nem tem acesso a uma boa biblioteca escolar onde possa encontrar um adequado mediador para o mundo da cultura e da leitura: do que a humanidade acumulou em reflexão, ciência e literatura. As bibliotecas públicas também ainda são poucas e precárias, na maioria dos municípios brasileiros (PAIVA, 2008).

É na lacuna entre famílias não letradas e sem acesso a livros, bibliotecas escolares deficientes e bibliotecas públicas escassas que a biblioteca itinerante surge como uma solução, ainda que provisória. A International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), em 2010 definia biblioteca assim esse tipo de biblioteca:

O termo Biblioteca Itinerante é principalmente usado por bibliotecários britânicos e australianos, que o utilizam para descrever um veículo motorizado que transporta material bibliotecário. Noutros países são denominados Bookmobile, Bibliobús, Bucherbus, etc. Este documento utiliza o termo no seu sentido mais amplo. Qualquer serviço de Biblioteca, que não esteja fixo num lugar, é classificado como uma Biblioteca Itinerante (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2014, p. 8).

E ainda,

Quando se planificam serviços bibliotecários, para satisfazer as necessidades da comunidade, os serviços da biblioteca itinerante devem ser considerados, desde o início, como um meio viável e eficaz em termos de custos, ao serviço dos cidadãos com dificuldade de acesso a uma biblioteca fixa (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2014, p. 8).

Nascimento acrescenta que

A itinerância de bibliotecas tem sido uma das soluções encontradas pra levar leitura e conhecimento à população, em se tratando de frequência, cada dia atende um público e, em alguns casos, desenvolve projetos educacionais e sociais nas comunidades. Como um agente facilitador sua atuação engloba a formação de

leitores através da circulação de livros entre a comunidade, além disso, intenta valorizar o livro como propulsor de novos aprendizados (NASCIMENTO, 2009, p.66).

No contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por meio de um projeto de extensão de mais de quatro décadas, leva uma biblioteca itinerante a comunidades de baixo poder socioeconômico.

Diante do contexto e do interesse pelo tema que surgiu a partir da experiência na bolsa de extensão, realizada na UFMG, de fazer um levantamento com os usuários que são beneficiados pelo Programa Carro-Biblioteca: frente de leitura do bairro de Nossa Senhora de Fátima no município de Sabará – MG de como percebem o programa e averiguar sua contribuição junto a essa comunidade que no ano de 2018 recebeu visita semanalmente.

O objetivo deste trabalho é realizar um estudo de campo onde a proposta é fazer um levantamento com os usuários do Carro-Biblioteca e identificar as principais contribuições dos serviços prestados à comunidade. Para realizar o levantamento, utilizou-se instrumentos de coleta de dados que foi realizado através de visitas a comunidade atendida e a aplicação do questionário. O desenvolvimento do trabalho se deu na análise e discussão dos dados do questionário aplicado.

2 O CARRO BIBLIOTECA DA UFMG E O PROJETO CONTO E RECONTO

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolve desde 1973, por meio de um convênio com o então Instituto Nacional do Livro (INL), o programa de extensão universitária Carro-Biblioteca, segundo mais antigo da universidade, que tem por objetivo

Disponibilizar os serviços de biblioteca e telecentro móveis junto a comunidades carentes de Belo Horizonte e Região Metropolitana, realizando de forma articulada a interação entre os projetos, com vistas a promover o acesso e a democratização da informação. Objetiva também promover a articulação entre as comunidades; discutir a importância das ações de preservação de acervos; viabilizar, através de ações educativas, a construção e o desenvolvimento de uma cidadania informacional (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2019).

Começou suas atividades itinerantes em um veículo “Kombi” e hoje possui um ônibus urbano que abriga parte do seu acervo e um telecentro. Em 2009 recebeu a premiação “Menção honrosa do Prêmio Viva Leitura” promovida pelo Ministério da Educação. Em comemoração aos 38 anos de história do Programa Carro-Biblioteca foi produzido um livro que descreve sua história, experiências e atividades desenvolvidas durante esse período. Seu acervo é constituído por: literatura brasileira e estrangeira, obras

de não-ficção e generalidades (assuntos diversos: filosofia, religião, psicologia, ciências, esportes, história, artes, etc.), livros didáticos, revistas gerais e especializadas, histórias em quadrinhos, CD-ROM's e DVD's, audiolivros, dicionários, enciclopédias dentre outros. As comunidades atendidas em 2018 eram: Nossa Senhora de Fátima, em Sabará; Lagoa, em Belo Horizonte; e Jardim Encantado, em São José da Lapa.

O Carro- Biblioteca é um espaço aberto, disponível para todo aquele que desejar nele entrar e fazer uso do seu espaço e acervo, independentemente de sua origem, idade e condição social. O Carro-Biblioteca disponibiliza um acervo para leitura e empréstimo através de cadastro pessoal. Por meio de viagens semanais em até cinco comunidades, a partir da Escola de Ciência da informação (ECI), o Carro-Biblioteca para em um ponto, dia e horário fixo em cada comunidade, onde permanece por cerca de duas horas. Dentro da Universidade o Programa oferece projetos acadêmicos, de pesquisa e de extensão na ECI com bolsas de extensão para os alunos. Exerce, assim, um importante papel social ao proporcionar o contato, o acesso aos livros e todas as outras ações e projetos que se desenvolvem dentro do programa, e dentro da Universidade, compõe a tríade “ensino-pesquisa-extensão”. Atualmente a coordenação técnica é feita por um bibliotecário e três bolsistas de extensão ligados aos seus projetos.

Um desses projetos que acontece dentro do programa geral é o “Conto e Reconto” projeto de contação de história. Criado em 2010, o projeto tem por objetivo “Despertar nas usuários do Carro-Biblioteca, por meio de narrativas ou leituras em voz alta, um anseio mais profundo pela leitura e uma interação com a mesma, persuadindo-os a buscarem suas próprias leituras e criarem suas histórias” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2019), onde a autora foi bolsista de extensão durante o ano de 2018. Os outros projetos são: “Boletim Bairro a Bairro”; e “Cultura Informacional: Inclusão digital por metodologia WebQuest”.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Para atingir o objetivo proposto foram realizadas várias viagens no Carro Biblioteca, onde a autora era bolsista de extensão, que durante esse tempo passou a conhecer a história do programa, o acervo da biblioteca e a comunidade atendida.

O tipo de pesquisa escolhida é a descritiva e a natureza da abordagem é de caráter quantitativo. Delimitou-se como amostra dessa pesquisa os usuários do Programa Carro-Biblioteca da comunidade de Nossa Senhora de Fátima, em Sabará, que foi escolhida pelo

fato de ser o mesmo período em que a bolsista fazia parte do projeto, o que facilitou a realização do estudo.

Em viagens ocorridas nos meses de agosto e setembro de 2018 foi realizada a primeira etapa do levantamento que foi de conhecer a história do programa, o acervo da biblioteca e os usuários daquela comunidade. A segunda etapa consistiu na aplicação do questionário que ocorreu em duas visitas na mesma comunidade no mês de outubro. Sendo no total de respondentes 17 usuários, sendo 9 respondentes no primeiro dia da aplicação do questionário e 8 respondentes no segundo dia.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, aplicado como entrevista pessoal semiestruturada, constituído por 10 questões, sendo 3 abertas e 7 fechadas.

Esse questionário teve o objetivo de principalmente identificar: 1) O perfil dos usuários (leitores) quanto ao uso; 2) Os materiais consultados pelos usuários; 3) Frequência mensal do usuário(leitor)no Carro biblioteca.

4 RESULTADOS

Os resultados obtidos com a aplicação do questionário foi uma amostra no total de 17 participantes, dando início com o perfil do usuário do Carro-Biblioteca do bairro de Nossa Senhora De Fátima – Sabará-MG como um dos objetivos a ser alcançado, foi elaborado questões em torno das variáveis: idade, sexo, se o usuário gosta de ler e qual o tipo de informação que costuma buscar na biblioteca. Em relação a faixa etária, o estudo indica que a maioria tem idade igual ou menor a 16 anos. E na variável sexo foram 8(oito) respondentes do sexo masculino e 9 (nove) feminino. Todos os respondentes afirmaram que gostam de ler. Sobre “qual o tipo de literatura (informação) costuma buscar na biblioteca?”, todos buscam por livros sendo: 4 responderam Ação, 2 Suspense, 1 Terror, 1 Aventura, 2 Romance, 1 Ficção, 2 História e 4 não souberam dizer. Sobre a infraestrutura do Carro Biblioteca(acervo) 9 consideram excelente, 6 consideram ótimo, e apenas 2 consideram regular. Já sobre a qualidade dos serviços prestados (cordialidade no atendimento), 9 acharam excelentes, 7 classificaram como ótimo, apenas 1 regular e outro não utiliza. E quanto a frequência mensal 25%, duas vezes por semana 37%, quinzenalmente 13% e semanalmente 25%.

5 DISCUSSÃO

Os resultados encontrados nos mostram que os usuários do Carro-Biblioteca do bairro Nossa Senhora de Fátima do município de Sabará - MG é composta sobretudo por crianças e adolescentes, que buscam geralmente por livros, demonstram um gosto diversificado de gênero. Ação é o gênero mais preferido entre eles, embora nem sempre façam empréstimo. A grande maioria vai ao encontro do Carro-Biblioteca nos dias de sua visita, e 53% a classificam como excelente e 35 % como ótima em infraestrutura e serviços prestados e considerando a soma dos dois conceitos temos um nível de satisfação em 88% e 12% a classificam como regular. De um modo geral a maioria dos usuários estão satisfeitos com os serviços prestados pelo Carro-Biblioteca.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje aos seus 46 anos de criação o programa continua atendendo as comunidades da RMBH por meio de seus projetos de extensão. O resultado de todos esses anos serviu à formação de novos bibliotecários e ficou registrado em diversas publicações - revistas, periódicos científicos, apresentações e trabalhos publicados em seminários, congressos e eventos – incorporando assim a tríade “ensino-pesquisa-extensão” da universidade.

O estudo de usuários possibilitou o conhecimento dos usuários do Carro-Biblioteca do bairro de Nossa Senhora de Fátima do município de Sabará e também tornou possível compreender a visão desses usuários sobre o programa.

Em relação à experiência da autora como bolsista durante o ano de 2018, pode-se afirmar que a oportunidade se tornou ímpar para o desenvolvimento em sua formação como bibliotecária, reafirmando a certeza na escolha do curso.

E diante de tudo que foi exposto, sobre a biblioteca itinerante, o perfil de seus usuários (leitores) e seu nível de satisfação com o Carro-Biblioteca, pode-se afirmar o quanto é importante para essa comunidade receber a visita do Programa. E na bravura dos que um dia sonharam com o projeto e puderam concretizá-lo e todos que até o presente momento tem feito dele realidade endossam com clareza o grande sucesso que é o Carro Biblioteca e reafirmam a importância da sua atuação na sociedade na formação de novos leitores.

REFERÊNCIAS

DUARTE, A. B. S.; LOURENÇO, C. A. (Org.) **O Carro-biblioteca da ECI/UFMG: 38 anos/** organizado por Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e Cíntia de Azevedo Lourenço. Belo Horizonte; Rona Ed., 2012. 152p.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes para bibliotecas itinerantes.** (tradução de Alexandra Bota e Margarida Oleiro). Lisboa: Direção Geral do Livro, dos Arquivos e da Biblioteca, 2014.

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. Bibliotecas itinerantes: literatura como ferramenta para o desenvolvimento de leitores. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CEFEFIL, v.12, n.10, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/10/06.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Bibliotecas públicas:** políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006 (manuscrito). 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. PROEX. Sistema de informação de extensão. **Programa 500001:** Carro-Biblioteca, Frente de Leitura. 2018. Disponível em <<https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarPrograma.do?id=52434>>. Acesso em 19 abr. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. PROEX. Sistema de informação de extensão. **Projeto 400612:** Conto e reconto. 2019 Disponível em <<https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=55256>>. Acesso em 19 abr. 2019.

**VIVÊNCIAS NO PROJETO DESCOMPLICA TCC: ELUCIDANDO A
TAXONOMIA DE BLOOM**

***EXPERIENCES IN THE PROJECT DECOMPRESSES TCC: ELUCIDATING THE
BLOOM TAXONOMY***

**SILVA, Alzira Karla Araújo da¹
LIMA, Antônia Lucineide F. de²
ARAÚJO, Joana Ferreira de³**

Resumo: A assimilação de conteúdo é uma preocupação constante daqueles que atuam como educadores, quando se atentam para as práticas de ensino-aprendizagem e a adoção de metodologias eficazes. Na Teoria de Bloom, o processo de aprendizagem ocorre no domínio cognitivo por meio de uma progressão que compreende os estágios de memorização, compreensão, aplicação, análise, avaliação e criação. Propõe-se um estudo a partir da reflexão frente à teoria e estágios mencionados na Taxonomia de Bloom. Busca-se analisar os processos que envolvem as ações educacionais adotadas e desenvolvidas pelo projeto de extensão Descomplica TCC, vinculado à Universidade Federal da Paraíba, em suas oficinas ofertadas em cidades do estado da Paraíba, a luz desta Taxonomia. Associam-se os níveis da Teoria às práticas desenvolvidas nas oficinas e se estas colaboram para que o aluno atinja um bom nível de compreensão, além de destacar o papel do bibliotecário frente a ações pedagógicas, destacando, por sua vez, seu papel enquanto educador, além de seu papel de mediador da informação. Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de cunho bibliográfico, exploratório e descritivo, fazendo uso de abordagem qualitativa. Os resultados apontam para o estímulo dos estágios mencionados por Bloom nas atividades desenvolvidas no Projeto, colaborando para uma assimilação do conteúdo e o desenvolvimento de novos conhecimentos, perpassando por todos os estágios, possibilitando um ambiente propício à aquisição e construção de conhecimentos e desenvolvimento de competências.

Palavras-Chave: Taxonomia de Bloom. Aprendizagem. Ensino.

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: alzirakarlaufpb@gmail.com

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: professoraluhlma@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba. Email: joana.bibliotecaria@gmail.com

Abstract: The assimilation of content is a constant concern of those who act as educators, when attending to teaching-learning practices and the adoption of effective methodologies. In Bloom's theory, the learning process occurs in the cognitive domain through a progression that comprises the stages of memorization, comprehension, application, analysis, evaluation and creation. This paper proposes a study based on the theory and stages mentioned in Bloom Taxonomy. It seeks to analyze the processes that involve the educational actions adopted and developed by the Descomplica TCC extension project, linked to the Universidade Federal da Paraíba, in its workshops offered in cities of the state of Paraíba, in light of this Taxonomy. The levels of Theory are associated with the practices developed in the workshops and if these collaborate so that the student reaches a good level of understanding, besides highlighting the role of the librarian in front of pedagogical actions, highlighting, in turn, their role as educator, short of its role as mediator of information. It is characterized as a field research, of a bibliographic, exploratory and, as descriptive research, makes use of a qualitative approach. The results point to the stimulation of the stages mentioned by Bloom in the activities developed in the Project, collaborating to an assimilation of the content and the development of new knowledge, passing through all the stages and enabling an environment conducive to the acquisition and construction of knowledge and development of competences.

Keywords: Taxonomy of Bloom. Learning. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O bibliotecário é um profissional multifacetado que, para quem das atividades que tratam diretamente a informação – seleção, tratamento, organização e disseminação – também atua como agente pedagógico. Essa atividade fica mais evidente sob a ótica de sua atuação enquanto bibliotecário de referência. Cavalcante e Bolanumi (2014, p. 95) afirmam que "o bibliotecário além de ter a função de implementar e organizar as bibliotecas escolares possui também a função educativa e pedagógica e de mediador da informação".

É possível que desenvolva seu perfil educacional para fins de apresentações em treinamentos, palestras, aulas, entre outras ocasiões. Embora esta faceta do profissional bibliotecário venha sendo abordada em estudos anteriores como os de Campelo (2010), Dudziak (2001), Corrêa *et al.* (2002), Mata e Casarin (2012), ainda é pouco explorada pela

classe, o que pode contribuir para manter a imagem de que o bibliotecário atua apenas enquanto mero mediador, sendo poucas vezes visto enquanto educador.

Entretanto, faz-se imprescindível e urgente discutir o seu caráter pedagógico, em especial as práticas educacionais que podem ser desenvolvidas pelo bibliotecário em seu papel de agente educador. Pensando nisso, e visando refletir acerca das práticas adotadas pela equipe do projeto de extensão "Descomplica TCC: normas, estratégias e dicas para elaboração de trabalhos de Conclusão de Curso" propõe-se uma análise frente aos estágios mencionados na Taxonomia de Bloom, em que o conhecimento pode ser eficientemente adquirido a partir de estágios que, se desenvolvidos, podem facilitar o aprendizado.

O Descomplica TCC é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado por professora do Departamento de Ciência da Informação e com uma equipe de discentes e docentes dos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e outros da UFPB e de outras Instituições de Ensino. Encontra-se em 2019 em seu terceiro ano de desenvolvimento e objetiva orientar discentes e docentes quanto ao planejamento, estrutura, normalização, escrita e apresentação de trabalhos de conclusão de curso.

Diante do exposto, objetivou-se analisar os processos que envolvem as ações educacionais adotadas e desenvolvidas pelo Descomplica TCC em suas oficinas, a luz da Taxonomia de Bloom. Para tanto, identificou-se se os níveis da teoria e práticas desenvolvidas colaboram para que os participantes das oficinas atinjam um bom nível de compreensão, destacando o papel do bibliotecário frente às ações pedagógicas.

Busca, portanto, responder, por meio de técnicas de observação e análise, a seguinte pergunta: As práticas pedagógicas empenhadas pelo Descomplica TCC apresentam-se em conformidade aos estágios da Taxonomia de Bloom e garantem um aprendizado profícuo?

2 METODOLOGIA

A pesquisa de campo quanto se classifica como exploratória e descritiva e desenvolve abordagem qualitativa, pois parte da descrição e análise das práticas desenvolvidas na segunda edição do Descomplica TCC, realizada em 2018.

As pesquisas exploratórias objetivam proporcionar mais informações sobre o assunto, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos. As pesquisas descritivas procuram descobrir a frequência, natureza, características, causas e relações com outros fatos, possibilitando observar, registrar, analisar e ordenar dados, sem a

interferência do pesquisador e por meio de técnicas como entrevista, formulário, questionário e observação. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Corroborando com essas informações Flick (2009) destaca que os aspectos essenciais das pesquisas exploratórias e descritivas com abordagem qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, devendo ser levado em consideração o conhecimento e a experiência do pesquisador sobre a temática abordada, facilitando a análise por meio de diferentes perspectivas e experiências, se tornando parte do processo de produção do conhecimento e na variedade do campo no qual atua. Assim, partiu-se de um contato direto com o ambiente e objeto de estudo em questão, realizando uma análise qualitativa com base na análise das ações executadas nas oficinas, no questionário de satisfação realizado com os participantes das oficinas e nos depoimentos de avaliação na rede social do Descomplica TCC.

No tocante a coleta e a análise das ações do Descomplica TCC, baseou-se na Teoria de Bloom, especialmente no domínio cognitivo, que parte dos estágios de memorização, compreensão, aplicação, análise, avaliação e criação, considerando o processo que parte da memorização até a criação. Já para a coleta e análise do questionário, aplicado ao final de todas as oficinas, realizadas no ano de 2018, as questões versavam sobre desenvoltura, domínio de conteúdo, métodos aplicados e material utilizado. Sobre os depoimentos, foram coletados aqueles registrados espontaneamente na rede social Facebook do Descomplica TCC.

Ressalta-se que as oficinas foram realizadas nas cidades de João Pessoa, Santa Rita, Cabedelo, Guarabira e Campina Grande. As Instituições de Ensino Superior atendidas foram: UFPB Campus I - João Pessoa; Uninassau - Campus Campina Grande; Faculdade SENAI – João Pessoa; IESP - Cabedelo; e Instituições de Nível Médio e Técnico, a saber: Instituto Federal de Ciência e Tecnologia (IFPB) - Santa Rita e IFPB - Campus João Pessoa.

Os resultados foram organizados de modo a responder o processo da Taxonomia de Bloom, sempre buscando exemplificar com as práticas desenvolvidas nas oficinas e com o feedback dos participantes.

3 O BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR

Tem-se observado a dinamicidade constante do contexto sociocultural nos dias atuais, que vem exigindo dos profissionais um aperfeiçoamento e adaptação contínuos; a

exemplo do bibliotecário, responsável pelos processos que dizem respeito à seleção, tratamento, organização e disseminação da informação.

Em face ao seu papel enquanto agente educacional, o bibliotecário cumpre a função de mediador, facilitando o aprendizado, fornecendo informações necessárias à construção do conhecimento e desenvolvimento de programas de treinamento de modo a capacitar os usuários ao uso eficiente dos recursos da unidade de informação, dentre outros, conforme salientam Cavalcante e Bolanumi (2014, p. 94):

o bibliotecário é um educador com o papel de servir como mediador entre o universo informacional e o usuário, mesmo que os outros atores do sistema educacional não o vejam desta forma, pois é responsável por promover a utilização da biblioteca e do seu acervo, a promoção da leitura, à formação do leitor, o uso adequado das tecnologias de comunicação e informação (TIC) na educação voltada para a aprendizagem contínua e fomentar a prática da competência informacional tanto nos alunos quanto nos outros atores do sistema educacional.

O bibliotecário, em especial o de referência, desempenha esse papel de educador e mediador. Kuhlthau (1996) citado por Campelo (2010) amplia a visão desse processo de ensino-aprendizagem ao afirmar que o papel pedagógico desse profissional ocorre em diferentes níveis, iniciando-se por meio de uma ação organizadora, quando é feita a disponibilização de materiais de consulta em unidades de informação e nessa esfera a prática educativa compreende a orientação para uso desses materiais e/ou recursos. Em segundo nível, os autores apontam o desenvolvimento do papel de palestrante, quando apresenta os recursos, as regras da unidade, o *modus operandi*, ao tomar frente a apresentações em visitas guiadas, entre outros. No terceiro nível, o bibliotecário assume a função de instrutor, aos usuários, o uso de um recurso ou fonte específica de forma aprofundada, a exemplo de consulta em materiais de referências como índices remissivos e enciclopédias. Quando o bibliotecário auxilia o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos acadêmicos, sugerindo roteiros e práticas, passa a exercer a função de tutor, instância em que ocorre o quarto nível. Por fim, no quinto nível, os autores ressaltam que o bibliotecário desempenha a função de orientador, momento em que o profissional para além de ensinar o uso de recursos, e oferecer treinamentos, auxilia o usuário a compreender o conteúdo requisitado, levando ao entendimento e possível resolução da problemática apresentada em sua pesquisa.

Ressalta-se que as teorias vistas em sala de aula durante a graduação em Biblioteconomia, algumas vezes podem não instigar ao discente o desenvolvimento de um

cáriter pedagógico. Não diferente de outros cursos de formação acadêmica em nível de bacharelado, os cursos de Biblioteconomia apesar de possibilitarem o conhecimento para desempenho da profissão, podem não desenvolver a capacitação didática. (ROMEIRO; VIOLA; BRISOLA, 2018).

Vale ressaltar aqui a existência do curso de Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com vistas ao ensino da Biblioteconomia para o âmbito técnico profissional. Também se destaca que os Projetos Políticos Curriculares dos cursos de Biblioteconomia estão cada vez mais buscando acompanhar as necessidades da Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem, buscando uma formação do perfil cada vez mais competente em informação, em Tecnologias de Informação e Comunicação, em inovação e empreendedorismo, Gestão da Informação e do Conhecimento, entre outros conhecimentos necessários para o bibliotecário moderno.

A busca por uma educação continuada, o exercício da prática em contextos informacionais diversos, a participação em pesquisa e extensão, podem ampliar as múltiplas facetas do bibliotecário, inclusive o seu papel de educador, somando a educação universitária uma formação baseada em experiências.

[...] o bibliotecário desempenha algumas funções educativas [...] sua função educativa concentra-se no sentido de auxiliar a comunidade [...] na utilização correta das fontes de informação, dando um embasamento para que o educando saiba usufruir esses conhecimentos, também fora do ambiente escolar. Ele ensina a socialização, através do compartilhamento de informações, de utilização de materiais e ambientes coletivos, preparando assim o educando no desenvolvimento social e cultural (CORRÊA *et al.*, 2002, p. 121).

Nesta perspectiva, Dudziak (2001, p. 130) salienta que "a proposta pedagógica relaciona-se ao conjunto de condições metodológicas e organizativas que vão viabilizar as práticas educacionais, considerando as finalidades da educação numa determinada sociedade", ou seja, ao desempenhar o papel de educador, o bibliotecário precisa atentar-se aos aspectos que dizem respeito às metodologias adotadas, e não somente ao conteúdo proposto, uma vez que ambos compreendem igual importância.

A competência do bibliotecário educador perpassa, segundo Martins (2017, p. 75), por uma visão mais orgânica na qual se deve “[...] entender as dificuldades de aprendizagem, levando em consideração todos os ambientes em que os alunos participam (família, escola e a sociedade). Saber das necessidades, entender suas demandas

informativos e resolver conflitos.” É o bibliotecário atuando como mediador de aprendizagem e fazendo parte do processo educativo.

3.1 PROJETO DE EXTENSÃO DESCOMPLICA TCC E O PAPEL DE BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR: normalização de Trabalhos Acadêmicos

Entre as atividades que podem ser executadas pelo profissional bibliotecário está a orientação ao uso das Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), desempenhando, assim, o papel de bibliotecário educador. No contexto das Instituições de Ensino Superior (IES), a elaboração de trabalhos acadêmico-científicos tem sido uma exigência e uma atividade frequente, “[...] uma vez que essa produção é tida como um dos indicadores de competência dos departamentos no ambiente da instituição universitária.” (ANJOS; CALIXTO; MARTINS, 2012, p.12).

A aplicação das normas da ABNT também tem sido igualmente exigida para aferir qualidade e padronização aos documentos, uma vez que as normas que regem produções formais garantem a boa apresentação das publicações brasileiras, facilitando o acesso, a comunicação e disseminação, seja no âmbito nacional, seja no âmbito internacional. (ANJOS; CALIXTO; MARTINS, 2012).

A dificuldade de interação entre o bibliotecário com o professor, o desconhecimento do professor de que o bibliotecário também é um educador e o acesso aos trabalhos acadêmico-científicos apenas no final do curso, são barreiras destacadas pelos autores supracitados e enfrentadas pelo bibliotecário no exercício de seu papel de educador e no processo de orientação das normas acadêmicas.

Nesta perspectiva, e visando contribuir para o aumento da qualidade da produção científica no contexto acadêmico, surge o projeto de extensão "Descomplica TCC: normas, estratégias e dicas para elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso" coordenado pela Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva, vinculado a Universidade Federal da Paraíba.

O Descomplica TCC volta-se para a oferta de oficinas teórico-práticas a respeito dos processos que envolvem planejamento, organização, escrita e normalização de trabalhos acadêmicos, tendo como público alvo discentes, docentes e servidores técnicos de Instituições de Ensino que sintam interesse pela temática e queiram aprimorar seus conhecimentos.

Em 2019 está em sua terceira edição e conta com uma equipe multidisciplinar, sendo em sua maioria profissionais e discentes da área de Ciência da Informação (Biblioteconomia), mas também de Arquivologia, Pedagogia, entre outras.

A preocupação em fazer uso de métodos de ensino que tornem claro o conteúdo apresentado e facilitem o aprendizado é constante, uma vez que a temática abordada é vista por muitos como um assunto enfadonho e complicado. Para tanto, busca fazer uso de linguagem descomplicada, aplicar questionários de fixação, dinâmicas e práticas que desmistifiquem essas dificuldades e possam auxiliar na compreensão dos estágios que envolvem a elaboração de trabalhos acadêmicos.

3.2 A TAXONOMIA DE BLOOM: TECENDO O SABER

Para que o processo de aprendizagem ocorra de forma eficiente faz-se necessário estruturar as práticas desenvolvidas na educação, de modo que o aluno possa adquirir informações passíveis de se tornarem conhecimento, aplicáveis em seu cotidiano.

Galhardi e Azevedo (2013, p. 239) apontam para a classificação de metas e objetivos, voltados para as práticas educacionais que tem a "[...] intenção de desenvolver um sistema de classificação para três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor", sugeridos por Benjamin Samuel Bloom⁴, psicólogo educacional americano, em conjunto com outros educadores. A respeito do domínio cognitivo é criada a Taxonomia de Bloom.

Na Teoria de Bloom, o processo de aprendizagem ocorre no domínio cognitivo por meio de uma progressão linear que compreende os estágios de Conhecimento, Compreensão, Aplicação, Análise, Síntese e Avaliação (FERRAZ; BELHOT, 2010), conforme Figura 1.

Figura 1. Estágios da Taxonomia de Bloom.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019), baseado na Teoria de Bloom

⁴ LOOM, B. S. et al. Taxonomy of educational objectives. New York: David Mckay, 1956. 262 p. v. 1.

Além do domínio cognitivo, a Taxonomia de Bloom apresenta também o domínio afetivo relacionado a sentimentos e postura e o domínio psicomotor que se refere às habilidades físicas específicas. (FERRAZ; BELHOT, 2010).

O objetivo da aplicação de uma taxonomia é o de representar os resultados de aprendizagem esperados dos alunos/ouvintes. Dispondo-os em níveis, de forma linear, Ferraz e Belhot (2010), baseados em Bloom, relatam que o domínio cognitivo, foco deste estudo, parte de um processo mais simples (memorização), para um de maior complexidade (criação), característica que emprega uma relação de dependência entre os níveis, tendo em mente que, para que o aluno/ouvinte possa avançar seu nível de aprendizagem, é necessário que tenha dominado o nível anterior. De acordo com a Taxonomia, um indivíduo somente é capaz de compreender e aplicar um determinado conceito/ideia uma vez que o conhece.

A Taxonomia de Bloom de 1954 foi atualizada em 2001 por Anderson *et al.*, configurando-se na seguinte proposta:

Figura 2. Estágios revisitados da Taxonomia de Bloom.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019), baseado em Anderson *et al.* (2001)

De acordo com Ferraz e Belhot (2010), “Todo desenvolvimento cognitivo deve seguir uma estrutura hierárquica para que, no momento oportuno, os discentes sejam capazes de aplicar e transferir, de forma multidisciplinar, um conhecimento adquirido.”. A Taxonomia de Bloom é um instrumento de classificação de objetivos de aprendizagem de forma hierárquica.

Diante do exposto, o estudo se propôs a verificar as práticas educativas desenvolvidas no Descomplica TCC, a partir de reflexão dos estágios mencionados na Taxonomia de Bloom no tocante a dimensão cognitiva que, embora formulada em 1954, permanece como instrumento de grande valia entre pesquisadores e educadores para identificar o nível de aprendizado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados durante a pesquisa de campo com o desenvolvimento das oficinas apontam para o estímulo dos estágios mencionados por Bloom nas atividades desenvolvidas no Projeto. O primeiro deles, Lembrar/Conhecimento, compreende o momento em que o aluno consegue recuperar algumas informações, lembrando o conteúdo apresentado, utilizando a memória de curto prazo. A categoria Lembrar está relacionado

[...] a reconhecer e reproduzir ideias e conteúdos. Reconhecer requer distinguir e selecionar uma determinada informação e reproduzir ou recordar está mais relacionado à busca por uma informação relevante memorizada. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Reconhecendo e Reproduzindo. (FERRAZ; BELHOT, 2010, p. 429).

Figura 3. Interação durante e pós a oficina no Plantão de Dúvidas.



Fonte: Descomplica TCC (2018)

Esta etapa é possível por meio da interação nas oficinas, da orientação e elaboração de roteiro de planejamento de projeto por escrito e da realização do Quiz ao final da exposição, no qual os ouvintes respondem perguntas sobre a temática com vistas a memorizar pontos importantes do conteúdo.

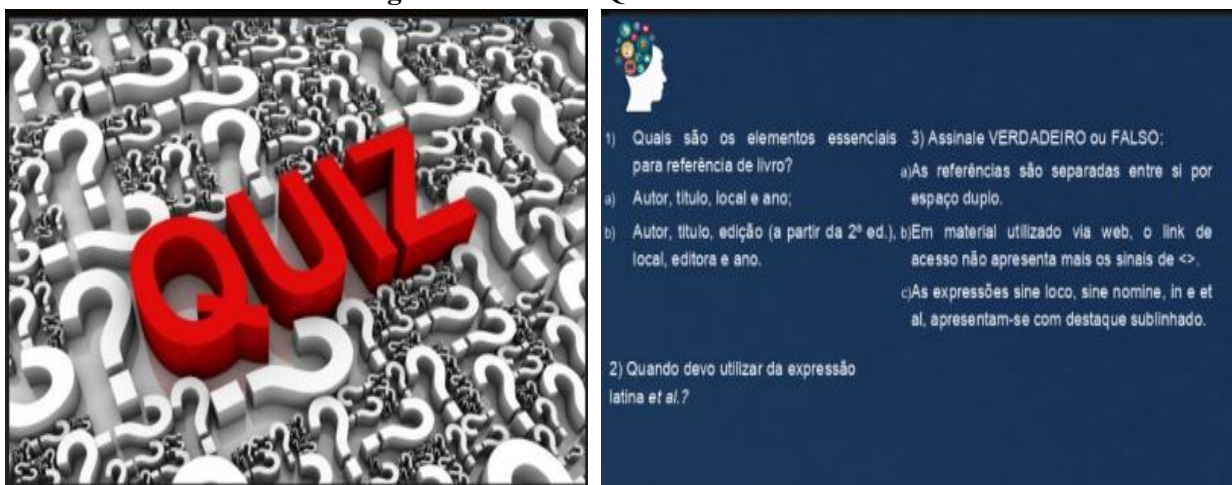
O segundo estágio, Entender/Compreensão, é aquele em que é atribuído significado às informações apresentadas. A categoria Entender está

Relacionado a estabelecer uma conexão entre o novo e o conhecimento previamente adquirido. A informação é entendida quando o aprendiz consegue reproduzi-la com suas “próprias palavras”. Representado pelos seguintes verbos

no gerúndio: Interpretando, Exemplificando, Classificando, Resumindo, Inferindo, Comparando e Explicando (FERRAZ; BELHOT, 2010, p. 429).

No Descomplica TCC, essa categoria pode ser observada também nas interlocuções durante as oficinas e no momento da aplicação do Quiz ao final da oficina. Na ocasião os ministrantes podem perceber os conhecimentos que foram mais entendidos, quando os participantes respondem e explicam as questões, bem como esclarecer dúvidas e, oportunamente, reforçar questões não compreendidas.

Figura 4. Momento Quiz.



Fonte: Descomplica TCC (2018)

Outro momento que a equipe do Descomplica TCC pode aferir a categoria Entender da Taxonomia de Bloom é nas dúvidas enviadas pelos participantes das oficinas e também pela comunidade interessada no projeto, pelas redes sociais e respondidas pela equipe, a exemplo da imagem a seguir

Figura 5. Plantão de Dúvida Online na rede social.

Descomplica TCC
Participou de uma de nossas oficinas e gostaria de tirar alguma dúvida pontual sobre as normas da ABNT usadas em trabalhos acadêmicos? É só perguntar aqui nos comentários que a equipe DESCOMPLICA TCC responderá o mais breve possível. Esse espaço será usado como um canal de comunicação entre nós pós oficina!
Comentários que não sejam dúvidas sobre as normas da ABNT e sobre o conteúdo ministrado nas oficinas serão apagados do post

Novas respostas automáticas disponíveis
Configure respostas para responder automaticamente a perguntas gerais e feedback sobre a sua empresa.

Boa tarde, conheci ontem o projeto de vocês e parabéns.

Gostaria de saber se vocês podiam me passar uma informação que estou com bastante dificuldade de encontrar.

Estou escrevendo meu trabalho e estou em dúvidas quanto a localização da legenda das fotos imagens etc... e a fonte da mesma.

Estou procurando as normas da abnt e nao encontro.

set 6, 10:47 PM

Boa noite!! Não é na norma da ABNT que se obtém está informação. É na norma do IBGE. Por isso você não

Estou procurando as normas da abnt e nao encontro.

set 6, 10:47 PM

Boa noite!! Não é na norma da ABNT que se obtém está informação. É na norma do IBGE. Por isso você não encontrou na norma da ABNT. Mas tirando sua dúvida, o titulo da figura se encontra na parte superior da figura com respectiva informação: Figura 1 - título da figura. Já a fonte é localizado abaixo da figura com uma fonte menor que 12 e com a respectiva informação: se for tirado de algum documento será: fonte: SOUZA, Maria, 2018, p.15. Mas se for elaborado pelo autor será:

Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Fonte: Descomplica TCC (2018)

Os estágios de Aplicar/Aplicação, Analisar/Análise, Sintetizar/Síntese e Criar/Avaliação consistem na capacidade do aluno participante da oficina em aplicar as informações em suas experiências anteriores, bem como analisá-las e avaliá-las, de acordo com diferentes contextos.

Aplicar: Relacionado a executar ou usar um procedimento numa situação específica e pode também abordar a aplicação de um conhecimento numa situação nova. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Executando e Implementando.

Analisar: Relacionado a dividir a informação em partes relevantes e irrelevantes, importantes e menos importantes e entender a inter-relação existente entre as partes. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Diferenciando, Organizando, Atribuindo e Concluindo.

Avaliar: Relacionado a realizar julgamentos baseados em critérios e padrões qualitativos e quantitativos ou de eficiência e eficácia. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Checando e Criticando.

Criar: Significa colocar elementos junto com o objetivo de criar uma nova visão, uma nova solução, estrutura ou modelo utilizando conhecimentos e habilidades previamente adquiridos. Envolve o desenvolvimento de ideias novas e originais, produtos e métodos por meio da percepção da interdisciplinaridade e da interdependência de conceitos. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Generalizando, Planejando e Produzindo (FERRAZ; BELHOT, 2010, p. 429).

Estas práticas são executadas durante todo o desenvolvimento das oficinas, uma vez que o ambiente é propício e estimula a troca de ideias, instigando o aluno participante a relacionar o conteúdo visto ao seu cotidiano acadêmico, estabelecendo relações, explicando os contextos em que se inserem e compartilhando suas experiências em produções ou pesquisas anteriores, conhecendo e relacionando as diversas fontes de informação, a fim de gerar um novo produto.

Figura 6. Ouvinte aplicando as técnicas apresentadas.



Fonte: Descomplica TCC (2019)

Este produto, por sua vez, consiste nos estágios 3, 4, 5 e 6 da Taxonomia de Bloom, Aplicar-Analisar-Avaliar-Criar. Nesta etapa o aluno torna-se apto a aplicar os conhecimentos adquiridos a fim de produzir algo, quer seja um projeto, artigo, relatório ou monografia e Analisar e Avaliar o conteúdo apresentado para aplicar em seu trabalho.

Durante a execução da oficina, é solicitado que os alunos elaborem determinada estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mais especificamente: o tema, a problemática, a justificativa, a(s) hipótese(s) e os objetivos (geral e específicos). Assim, podem iniciar a construção do TCC de forma mais clara e precisa, sendo norteados por essa produção.

Figura 7. Exercício de Fixação aplicado nas Oficinas.


EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO
 Definindo as primeiras etapas do Trabalho de Conclusão de Curso

01. Defina um tema:

02. Elabore uma problemática (pergunta problema):

03. Justifique a escolha do tema:

04. Defina o objetivo geral e os objetivos específicos:
 a) Objetivo Geral:

b) Objetivos específicos:
 1. _____
 2. _____
 3. _____


 @descomplicatcc1@gmail.com facebook.com/descomplicaTCC

Fonte: Descomplica TCC (2018)

Percebe-se, portanto, o desenvolvimento de práticas que perpassam por todos os estágios da Taxonomia de Bloom durante as oficinas do Descomplica TCC, o que pode contribuir de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem, no sentido de dinamizar e fixar com maior eficiência o conteúdo apresentado para criar seu TCC.

No que tange ao feedback recebido pelos alunos participantes em resposta ao questionário de satisfação realizado ao final das oficinas, os resultados se mostraram positivos, com alto grau de satisfação. A partir das respostas foi possível, de forma geral,

avaliar o desempenho da equipe, das práticas adotadas e receber sugestões, críticas e elogios, em busca da melhoria contínua das práticas desenvolvidas no Descomplica TCC.

Com a análise desses questionários aplicados na edição de 2018, foi possível obter as impressões dos participantes com relação à equipe, ao desenvolvimento e didática das oficinas, ao material utilizado, à dinâmica utilizada.

O público classificou como excelente e eficaz a atuação do “Descomplica TCC” em suas respectivas Instituições, além de terem considerado uma iniciativa capaz de influenciar positivamente numa melhora da qualidade normativa dos Trabalhos Acadêmicos, descomplicando, de fato, o desenvolvimento destes, por meio das dicas e estratégias apresentadas.

Por fim, observaram-se os depoimentos registrados em rede social do Descomplica TCC (Instagram @descomplicatcc_ufpb, e Facebook facebook.com/descomplicatccufpb), identificando-se resultados bastante positivos e animadores com relação ao domínio do conteúdo pela equipe, a resposta às dúvidas, a aplicação prática do que foi assistido e a atenção do público nas oficinas.

Figura 8. Feedback nas redes sociais sobre as oficinas.



Fonte: Descomplica TCC (2018)

Considerando que o Descomplica TCC se propõe a descomplicar as normas da ABNT e a escrita científica de trabalhos acadêmicos, percebeu-se com esse estudo, na análise da prática desenvolvida, das respostas dos questionários e dos depoimentos recebidos, a gratidão dos participantes a equipe do projeto que compartilha os conhecimentos sobre as normas da ABNT, sobre planejamento, estrutura, escrita e apresentação de trabalhos acadêmicos, buscando dialogar e entender as dúvidas, os medos,

as dificuldades, com uso de linguagem dinâmica para que os ouvintes possam, concretamente, planejar, desenvolver e normalizar trabalhos acadêmicos, compreendendo que: as normas são para serem consultadas; o trabalho pode ser realizado sem sofrimentos se houver planejamento, acompanhamento e dedicação; e as normas e os livros de metodologia são aliados para o bom desenvolvimento de um trabalho sólido.

Essa contribuição do projeto de extensão Descomplica TCC para a comunidade acadêmica pode ser visualizada com os depoimentos dos participantes das oficinas nas redes sociais do Descomplica TCC quando registram no espaço de avaliações da página a importância das oficinas e a colaboração dos membros da equipe para o desenvolvimento de seus trabalhos acadêmicos. Ressalta-se a importância do planejamento e das práticas desenvolvidas no projeto, focando no aspecto cognitivo e desencadeando ações que permeiam a Taxonomia de Bloom.

Percebe-se, assim, que o Descomplica TCC vem contribuindo para as etapas Lembrar-Entender-Aplicar-Analisar-Sintetizar-Criar propostas na Taxonomia de Bloom e que o resultado vem sendo percebido pelos participantes das oficinas. A compreensão das etapas de planejar, pesquisar, escrever, normalizar e apresentar trabalhos acadêmicos, bem como compreender esse processo e a aplicação das normas da ABNT, vem auxiliando discentes de diversos cursos e instituições de ensino da Paraíba a descomplicarem seus trabalhos e finalizarem seus cursos com a elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto agente educacional o profissional bibliotecário deve, além de possuir domínio de conteúdo, atentar-se para as práticas de ensino-aprendizagem e a adoção de metodologias eficazes. A assimilação de conteúdo e a produção de conhecimento dar-se-ão por meio de um processo singular, sendo ideal que seja acompanhado de dinâmicas e atividades de fixação que prendam a atenção do aluno e façam com que o aprendizado ocorra de forma efetiva.

Uma das ferramentas que facilitam observar e analisar essas práticas é a Taxonomia de Bloom que, por meio de um processo linear, permite compreender de que forma o aluno consegue desenvolver novos conhecimentos e aplicá-los no cotidiano, validando a eficácia em atividades de ensino-aprendizagem.

Conclui-se que as práticas pedagógicas empenhadas pela equipe do Descomplica TCC apresentam-se em conformidade aos estágios da Taxonomia de Bloom, colaborando para uma assimilação do conteúdo e, por conseguinte, o desenvolvimento de novos conhecimentos, perpassando pelos estágios de Lembrar-Entender-Aplicar-Analisar-Sintetizar-Criar.

O Descomplica TCC desenvolve estratégias diferenciadas que estimulam o desempenho dos que participam das oficinas e este estímulo também alcança a equipe do projeto que busca, de forma estruturada e consciente, possibilitar um ambiente propício a adquirirem conhecimentos e competências específicos para o planejamento, desenvolvimento e normalização de trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, L. W. *et. al.* **A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives.** Nova York: Addison Wesley Longman, 2001.

ANJOS, Cláudia Regina dos; CALIXTO, Ana Paula da Cruz; MARTINS, Robson Dias. Reflexões sobre o papel do bibliotecário de referência na transferência da comunicação científica. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 12-18, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/10570/7506>. Acesso em: 17 abr. 2019

CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; BONALUMI, Mayra Cervigne. Educação de usuários e o desenvolvimento da competência informacional em escolas públicas. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 3, n. 1/2, p. 93 – 114, jan./dez. 2014. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/21011. Acesso em: 17 abr. 2019.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p.184-208, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184>. Acesso em: 17 abr. 2019.

CORRÊA, E. C. D. *et al.* Bibliotecário escolar: um educador?. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em: <http://www.labtecgsc.udesc.br/tabd1/handle/123456789/19484>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas.** 2001. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 17 abr. 2019.

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALHARDI, A. C.; AZEVEDO, M. M. Avaliações de aprendizagem: o uso da taxonomia de Bloom. In: WORKSHOP DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DO CENTRO PAULA SOUZA, 8., São Paulo, 2013. **Anais [...]** São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.portal.cps.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/008-workshop.FINAL.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MARTINS, L. G. Bibliotecário como mediador de aprendizagem: uma proposta a partir do uso das TICS. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 31, n. 2, p. 73-98, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5602/5269>. . Acesso em: 06 jun. 2019.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. Inserção de conteúdo de competência informacional e de formação pedagógica nos currículos dos cursos de biblioteconomia do brasil: uma análise por meio dos sites institucionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Rio de Janeiro, 8., 2012. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MILANESI, L. O que é biblioteca. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROMEIRO, N.; VIOLA, C.; BRISOLA, A. C. Técnicos/as em biblioteconomia: quem são, onde se formam, quem os/as formam e por que são tão necessários/as?. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 403-417, ago./nov., 2018.

GT5 – DIVERSOS

ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO GESTOR NA BIBLIOTECA ESCOLAR

THE ROLE OF LIBRARIAN AS MANAGER IN THE SCHOOL LIBRARY

SILVA, Alzira Karla Araújo da¹
LIMA, Antônia Lucineide F. de²
ARAÚJO, Joana Ferreira de³

Resumo: As bibliotecas escolares são centros de transmissão e disseminação da informação e do conhecimento, que, a partir de fontes bibliográficas, eletrônicas e digitais, é intermediária no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa tem como foco descortinar a contribuição do bibliotecário para a gestão de pessoas na biblioteca escolar e o seu papel no processo de ensino e aprendizagem, bem como na formação de novos leitores. Em observância ao alcance dos objetivos, os procedimentos metodológicos seguiram a proposta da pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, numa abordagem qualitativa, tendo como principais fontes de pesquisa as bases de dados do Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Revista Ciência da Informação. Contudo os resultados da pesquisa direcionaram para uma visão positiva no que diz respeito ao tema abordado, no qual a maioria das pesquisas realizadas anteriormente tem o bibliotecário ciente quanto ao seu papel para a gestão de pessoas e a sua contribuição para melhoria no ambiente. No que diz respeito ao aumento de leitores e pesquisadores, em termos gerais no material abordado, os resultados demonstram que o bibliotecário atende em sua grande maioria as necessidades informacionais dos usuários. A pesquisa oportuniza a realização de novos estudos relacionados ao papel a ser desempenhado por tal profissional no ambiente escolar, tendo como foco a qualidade na prestação de serviços.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Usuário. Gestão de pessoas.

Abstract: School libraries are centers of transmission and dissemination of information and knowledge, which, from bibliographic, electronic and digital sources, is intermediate in the teaching-learning process. The screen survey focuses on the contribution of the librarian to the management of people in the school library and its role in the teaching and learning

¹Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Email: alzirakarlaufpb@gmail.com

²Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Email: professoraluhlma@gmail.com

³Universidade Federal da Paraíba, Email: joana.bibliotecaria@gmail.com

process, as well as the training of new readers. In compliance with the scope of the objectives, the methodological procedures will follow the exploratory research proposal, of a bibliographic character, in a qualitative approach, having as main sources of research the databases of Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO) and the Journal of Science of Information. However, the results of the research have led to a positive view on the topic addressed, where most of the research done previously has the librarian aware of its role for people management and their contribution to environmental. Improvement with respect to the increase of readers and researchers, in general terms in the material addressed, the results demonstrate that the librarian largely meets the informational needs of users. The research allows the realization of new studies related to the role to be played by such professional in the school environment, focusing on the quality of service delivery.

Keywords: School Library. User. People Management.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e a formação do educando, depende em especial da qualidade da formação do professor, da metodologia de educação aplicada, da estrutura física do ambiente e, particularmente, da existência de uma biblioteca ativa, dinâmica e colaborativa com o sistema de ensino da instituição.

Pode-se afirmar que uma escola sem biblioteca é uma instituição incompleta e uma biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se improdutivo.

Nas palavras de Kent (1972) os serviços não se difundem com eficiência quando se limitam informações a um usuário em potencial. Devem existir meios que proporcionem um intercâmbio ativo entre os que usam e os que proporcionam essas informações.

Tendo em vista a importância do bibliotecário escolar é essencial que sejam realizados estudos e avaliações quanto à sua contribuição na gestão de bibliotecas e no desenvolvimento informacional dos usuários, buscando por meio de pesquisas anteriores conhecer melhor o perfil desse importante profissional no contexto das instituições escolares.

A justificativa da pesquisa se orienta no fato de que a atuação deste profissional é de fundamental importância para o funcionamento positivo desse ambiente, uma vez que a procura por acervos e informações são constantes e a maneira como eles se colocam e atuam nas instituições de ensino pode ser um diferencial estratégico. Sendo assim, isso gera uma necessidade de adaptação dos profissionais à realidade na qual estão inseridos.

Segundo Sales (2004, p. 40) “O bibliotecário é um profissional da informação que produz e dissemina informações sobre documentos e seus conteúdos, atuando também como mediador dessas mesmas informações”.

É exatamente neste momento que o mesmo precisa colocar em prática seu perfil gestor, tornando o ambiente de trabalho atrativo e contribuindo para a aprendizagem dos usuários, incentivando estudos que promovam conexões entre os sistemas de informação e sujeitos na busca da informação.

Entre as responsabilidades da biblioteca no sistema educacional em nível internacional, nacional e regional a gestão em serviço de bibliotecas escolares deve priorizar a aprendizagem em todo o processo de desenvolvimento humano, além do acesso e uso da informação (BEHR, 2008).

Para desenvolver essa função a Ciência da Informação dialoga necessariamente com as áreas do conhecimento que visam estudos relativos à comunicação humana de modo geral, especificamente organização, representação e uso da informação.

De acordo com Douglas (1971), a biblioteca só poderá desempenhar plenamente seu papel quando o bibliotecário corresponder às expectativas de sua função. Portanto, o mesmo deve compreender os estudantes, saber conquistá-los e dirigi-los, ter espírito de curiosidade, animação, tato, energia e saber lidar tanto com adultos quanto com crianças.

Para atuar como bibliotecário escolar o profissional deve ter noções mínimas de seu papel como educador e gestor, deve saber que lhe compete oferecer oportunidades, materiais e atividades específicas visando despertar o interesse dos usuários pela biblioteca para a partir daí, poder trabalhar o desenvolvimento da leitura.

A realização desta pesquisa dá-se para que possamos aprofundar conhecimentos sobre a importância do bibliotecário como gestor escolar, com relação aos mecanismos da informação principalmente quando se diz respeito às funções do profissional e sua relação com o meio onde atua.

A pesquisa tem como objetivo enaltecer o papel do bibliotecário como gestor, visando a satisfação de seus usuários, dando continuidade a novas descobertas, propondo reflexões a respeito do tema abordado.

Neste sentido, esta pesquisa é relevante para a área da Biblioteconomia, pois abrange um tema que nos últimos anos vem tendo destaque devido a Lei nº 12.244/2010 que visa à universalização das bibliotecas escolares a partir da implantação de novos meios para que a realidade da biblioteca escolar alcance um nível melhor.

2 METODOLOGIA

A metodologia é entendida como o passo a passo seguido pelo pesquisador para obter os resultados esperados durante uma pesquisa. Segundo Pinto *et al.* (2010, p. 11), “Método é a ordem que se deve impor aos diversos processos necessários para atingir um resultado desejado, constituído de um conjunto de técnicas que formam os passos do caminho a percorrer na busca da verdade”.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa exploratória cujo método utilizado foi o bibliográfico e a abordagem adotada foi a qualitativa.

Com uma revisão de literatura utilizando trabalhos publicados no período 2002-2018, a busca bibliográfica foi realizada no primeiro semestre do ano de 2018, retomada e finalizada no primeiro semestre de 2019. Como critérios de inclusão foram selecionados trabalhos científicos em língua vernácula disponíveis nas bases de dados Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), cujo título e/ou resumo identificasse aspectos relativos ao bibliotecário como gestor escolar, disponibilizados na íntegra, gratuitamente e online.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), costuma ser realizada por pesquisadores que têm alguma ligação com o tema abordado, reforçando que tais pesquisas costumam ter uma forte ligação com pesquisas bibliográficas, já que a maioria delas também dispensam técnicas estatísticas elaboradas a partir de material já publicado constituídos principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Para tanto, os dados foram analisados por meio de discussão crítica e discursiva, baseada em análises dissertativas dos trabalhos disponíveis nas bases de dados onde foi realizada a busca. Outro fato levado em consideração na análise dos dados foi a experiência das pesquisadoras na temática abordada, visto que ambas atuam ou já atuaram como gestoras em bibliotecas universitárias, escolares e especializadas.

3 BIBLIOTECAS ESCOLARES: O CAMINHO PERCORRIDO NA HISTÓRIA

Segundo Pinho e Machado (2003), as mais antigas bibliotecas surgiram no Egito, formadas, respectivamente, por coleções de placas de argila e por conjuntos de documentos em papiro reservadas a um número muito restrito de utilizadores. A primeira biblioteca

privada aberta à consulta pública surgiu em Atenas, fundada por Pisístrato em 540 a.C, considerada por muitos como a mais importante antes da biblioteca de Alexandria. No Liceu, que fundou em Atenas, Aristóteles estabeleceu, pela primeira vez, uma íntima ligação entre a escola e esse espaço intelectual que é a biblioteca.

Aristóteles destacou-se como um dos grandes pensadores que marcou a história da escola. A ideia era agrupar os sábios e os estudantes ao redor de uma biblioteca e de coleções científicas, com vista a uma colaboração útil ao progresso da ciência. Anos depois Demétrio de Falero alargou este plano, ajudado pela magnificência de Ptolomeu, fundando o Museu e a Biblioteca de Alexandria, episódio maior da história da biblioteca e, por conseguinte, da história da biblioteca escolar. (SILVA, 2011).

Mesmo depois de séculos de existência, a biblioteca de Alexandria é uma das mais brilhantes bibliotecas, tanto na memória dos homens quanto no reconhecimento da sua importância como via de acesso à Antiguidade, dominando a Idade Média, o Renascimento e a Modernidade. (SANTOS, 2012).

Depois de 2.300 anos, foi inaugurada a Nova Biblioteca de Alexandria cuja reconstrução se deve à iniciativa do governo egípcio em colaboração com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (MILAN, 2005).

Em 965 é inaugurada a biblioteca de Córdoba a terceira maior do mundo Islâmico. Depois do século X, foram inauguradas outras bibliotecas em mosteiros e conventos, primeiro nas escolas catedrais e, a partir do século XII, se espalharam pelas inúmeras universidades em toda Europa; (VELHO *et al.*, 2003).

O período do Renascimento marcou o declínio das bibliotecas de tipo monástico: as primeiras coleções particulares dos humanistas consideradas como o ponto de partida das bibliotecas modernas, constituindo-se no século XVI com a difusão da imprensa. (LIMA, 2005).

Houve inúmeros avanços e a inauguração de grandes acervos no século XVIII. Surgem as grandes bibliotecas nacionais, entre elas a famosa Biblioteca Nacional Espanhola em Madrid, sendo inaugurada em 1712 por Filipe V, onde abriga magníficas coleções de manuscritos e ricas coleções de primeiras impressões.

Após este período se espalhou em inúmeros países os mais diversos tipos de bibliotecas, escolares, universitárias, especializadas, entre outras, em países como Portugal, Londres, França, Paris, Brasil e China, em crescimento constante até o século atual. Apesar das tecnologias de informação e comunicação, o livro impresso ainda é a melhor opção para diversos usuários. (MARQUES, 2014).

Com o avanço das tecnologias e da grande quantidade de informações inseridas na Internet e da explosão informacional do século XX o uso das bibliotecas escolares parece ter perdido espaço, tendo como tendência maior reforço e dinamização por parte dos gestores desses ambientes, em detrimento de se tornarem subutilizadas.

Paralelo a esse crescimento decorrente da explosão informacional e digital, é cada vez mais visível à necessidade de se realizar estudos para avaliar o desempenho das bibliotecas escolares que tem tentado manter e, muitas vezes, alcançar o seu espaço na sociedade. Com o intuito de demonstrar os aspectos evolutivos da biblioteca escolar na próxima seção serão abordados aspectos referente a biblioteca escolar na atualidade.

3.1 A biblioteca escolar na atualidade

Quando se fala em biblioteca escolar tem-se logo a ideia da leitura e do aprendizado, a permanência de alguns velhos paradigmas e a emergência de novas ideias, nos levando a ter a sensação de que o ritmo da história se alterou, e junto com ela a preocupação como essas informações antes passadas apenas por meio de consultas aos acervos.

Atualmente falamos em sociedade do conhecimento e da informação e nos questionamos como nos adaptar a essas mudanças, como essas informações estão chegando a crianças e adolescentes e nos damos conta de que o impacto entre estes dois mundos provoca um grande impulso sobre o trabalho dos educadores em geral, entre eles o bibliotecário.

Dirão os mais cépticos que teremos que “matar” a Internet para que os tradicionais templos da sabedoria voltem a ter frequentadores pela nossa parte, diremos apenas que a biblioteca escolar tem um novo papel, uma nova ordem, onde a principal preocupação deve ser a disseminação da informação unindo o mundo real ao virtual (DIAS, 2007, p.12).

Ainda de acordo com o autor citado anteriormente a escola deverá investir em novos estudos e pesquisas e com base em resultados, buscar proporcionar novas competências que o mundo da informação exige aos cidadãos de hoje e exigirá aos cidadãos do futuro.

Remetendo-nos a Lei 12.244 de 2010 pela qual as bibliotecas, que há muito tempo ficaram à mercê dos políticos e seus respectivos diretores, vê-se uma ótima oportunidade de aperfeiçoamento em “pesquisas, seleção, tratamento, produção e difusão da informação”. Transformando a biblioteca em um espaço onde os alunos têm acesso livre a diversos meios de informação. (BRASIL, 2010).

Segundo Dias (2007, p.73) “na sociedade do século XXI, em que a informação é a matéria-prima por excelência, é importante que a biblioteca sirva na escola para disponibilizar a informação, validá-la e ensinar aos alunos a escolher.” Para a autora citada, a evolução da sociedade nos faz sentir, também entre nós (Bibliotecários), a necessidade de “aprender e ensinar” apoiando os trabalhos dos professores em atividades escolares ou na formação contínua contribuindo para o desenvolvimento e formação de novos cidadãos. Assim, uma boa gestão contribui para que esses aspectos se concretizem de forma eficiente e eficaz, conforme abordado na próxima seção.

3.2 Gestão de Biblioteca

3.2.1 O Bibliotecário e seu ambiente profissional

O conceito de gestão e aprendizagem organizacional remete para uma dinâmica entre níveis, envolvendo processos de passagem da aprendizagem individual para o coletivo, que pode ser um grupo ou uma organização, colaborando para a transformação da aprendizagem coletiva, bem como para a formação de características organizacionais, influenciando a aprendizagem dos colaboradores. (REBELO; GOMES, 2011).

Quando as necessidades de informação estão claramente estabelecidas tudo o que se deve fazer é vender a competência, as acomodações e a eficiência do sistema. “E, neste caso, conveniência, facilidade de acesso e qualidade são, na maioria das vezes, os fatores motivadores que influenciam na aquisição do produto ou no uso dos sistemas” (FIGUEREDO, 1979, p. 127).

Partindo deste contexto, ressalta-se que estas e outras questões podem ser levantadas em estudos voltados a organizações escolares de sucesso, tais estudos devem estar relacionados a diversas vertentes de dimensões intelectuais, promovendo conexões entre os sistemas de informação e sujeitos na busca da informação em diversas áreas do conhecimento, visando descobertas relativas à comunicação e crescimento individual, organizacional e humano no ambiente escolar.

Carvalho (2003), destaca que algumas barreiras são complexas, pois a própria constituição da condição do processo comunicativo e informacional depende de estruturas humanas, sociais, econômicas, políticas, culturais, dentre outras que cercam a realidade humana.

A Biblioteca Escolar deve apresentar-se como extensão das salas de aula, objetivando principalmente auxiliar e facilitar no processo de ensino/aprendizagem,

entendendo que se trata de um espaço democrático de formação de cidadãos críticos, servindo de mediação para o conhecimento, em constante interação com toda equipe, facilitando e estimulando as atividades pedagógicas.

Sua função é indispensável nas situações de ensino, envolvendo nessa dinâmica a equipe pedagógica, o bibliotecário, os alunos, os pais e a comunidade. Outro ponto a ser considerado é que a aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras, a partir de canções de ninar ou de contação de histórias, quando as crianças são estimuladas a gostarem de ler.

Sendo assim, o interesse pelas letras, sílabas e palavras faz com que desperte a curiosidade delas, levando-as a desejarem desvendar o misterioso segredo da leitura e seu encantamento vai além das lindas e coloridas gravuras. Para que ocorra tal encantamento é necessário seguir alguns critérios, como: satisfazer os anseios e os interesses nas várias fases de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e ir adequando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais forem se modificando.

Nessa perspectiva o ato de ler deve ser motivado principalmente pelo bibliotecário escolar em seu ambiente de atuação como uma forma de lazer e descontração e não somente de cumprimento de obrigações.

Assim, a leitura deve ser apresentada e vista como uma prática agradável, de enriquecimento sociocultural e aprendizagem, sendo aprazível, um instrumento cultural de comunicação e expressão. Precisa trazer descobertas e ser uma fonte de obtenção de conhecimentos, para que os estudantes possam se inter-relacionar e, conseqüentemente, modificarem sua visão de mundo e sua posição como ser social contribuindo para desenvolver a cidadania.

Diante desse contexto, uma das principais funções do bibliotecário é a propagação da informação e o estímulo à frequência e utilização da biblioteca, cabendo a ele atender às demandas e necessidades de informações dos usuários desses espaços. Sendo assim, o bibliotecário deve incentivar e buscar leituras informativas e de lazer, procurando promover a formação de leitores e contribuir para o exercício da cidadania.

A atuação desse profissional é de fundamental importância para o funcionamento positivo do ambiente escolar, uma vez que a procura por ambientes de disseminação a informação é constante, e seu crescimento depende em especial da maneira como se colocam no mercado e pela forma que são vistos nas instituições de ensino, podendo ser um diferencial estratégico. Isso gera uma necessidade de adaptação dos profissionais a realidade na qual estão inseridos. Hillesheim e Fachin (2003, p.4) mencionam que:

Conquistando o leitor, as bibliotecas se transformam em um local onde a educação, o ensino e o lazer poderão encontrar-se, permitindo o acesso às informações a todos e contribuindo na formação de cidadãos. A biblioteca escolar justifica sua própria existência no desempenho das atividades de ensino, cultura e lazer desenvolvido dentro do ambiente escolar.

A formação do leitor inserido na realidade escolar deve ser iniciada no período de alfabetização. Com a colaboração de professores e de bibliotecários os alunos serão estimulados a adquirirem o gosto e o prazer pela leitura. Para que isso ocorra, tal prática não deve ser apontada com imposição, como um simples cumprimento de atividades escolares, mas deve fazer com que os mesmos se interessem e associem a leitura com a realidade, com o lazer e com o mundo real e o ficcional.

3.2.2 A contribuição do bibliotecário para tornar a biblioteca um ambiente atrativo

Tendo como tendência do Século XXI maior reforço e dinamização dos espaços informacionais como a biblioteca, o bibliotecário precisa estar atendo as mudanças que vem correndo, desenvolvendo espaços, práticas, produtos e serviços que a tornem atrativa.

A biblioteca está tendo que adaptar seus serviços a uma nova realidade que é composta por uma demanda muito grande de informação, por uma gama de usuários mais exigentes e também por um enorme grupo de usuários potenciais, isto é, aqueles que têm necessidades informacionais, mas não buscam solucioná-las nas bibliotecas por desconhecer que este é um espaço reservado à busca de informações e construção de conhecimento (SALES, 2004, p. 3).

Atuando como gestor escolar, o bibliotecário precisa ter como objetivo principal atender as expectativas dos usuários oferecendo um serviço de boa qualidade no atendimento e acervo, colocando à disposição dos mesmos um ambiente que favoreça o desenvolvimento da aprendizagem, leitura e, conseqüentemente, novas descobertas proporcionadas por meio dos livros e de outros meios de informações que possam existir dentro do acervo ou fora dele.

O bibliotecário, por se tratar de um profissional que trabalha com produção e gestão da informação, deve ter em mente que suas atividades têm uma potencialidade significativa de contribuir na melhoria da qualidade de vida social com base no acesso a estas informações pelos sujeitos da sociedade. (SALES 2004).

Outro fator importante é manter um espaço organizado e atualizado com material que possa suprir a necessidade informacional dos usuários que fazem uso dos serviços oferecidos pela biblioteca.

A temática *Necessidade de Informação* é fundamental neste processo de conhecimento dos usuários de uma biblioteca, pois segundo Miranda (2006) trata-se da falta/carência de informação por parte de um indivíduo com objetivo de suprir a lacuna informacional existente. Assim, é de suma importância manter um acervo que supra as necessidades informacionais dos usuários.

Esse espaço, que muitas vezes é visto como algo auxiliar, deve ser tratado como imprescindível no ambiente escolar, pois a melhoria na qualidade do ensino também ocorrerá com a formação de leitores críticos que impulsionem a sociedade a partir do conhecimento. Transformar estudantes em bons leitores acaba sendo um desafio para os profissionais da educação; Faz-se necessário mostrar o caminho para se chegar à leitura e isso também pode ser feito com êxito pelo bibliotecário.

No final do século, bem como na década de oitenta, percebe-se que houve uma mudança de mentalidade quanto ao papel e função do bibliotecário, que busca atender às demandas procedentes do mercado emergente. Nesse contexto, esse profissional tem buscado uma forma de capacitar-se profissionalmente para atender às novas demandas do mercado em que pretende atuar, sem deixar de lado sua principal função que é a de informar os usuários com clareza, para que possam fazer bom uso das informações recebidas, contribuindo para uma formação crítica e cidadã.

Para melhor atender a necessidade da sociedade, as bibliotecas foram segmentadas resultando em diversos tipos como: bibliotecas escolares, públicas, universitárias, especializadas, infantis entre outras, cada uma com objetivos e um público-alvo distinto. Isto ressalta a necessidade de um profissional que busque atender aos objetivos propostos.

O bibliotecário gestor de bibliotecas escolares deve ter a capacidade de pesquisar, liderar, planejar, organizar, orientar, explicar, enfim, possuir talento para criar alternativas surpreendentes com os recursos que possui. Tudo isso evidencia a necessidade do profissional agir crítica e criativamente diante do cenário em que está inserido.

4 DISCUSSÃO CRÍTICA

Ensinar não é apenas instruir, é oferecer oportunidades que possibilitem a formação de cidadãos críticos, autônomos e participativos por meio de experiências significativas que preparem para a vida, procurando fazer da escola um ambiente rico em práticas e atividades voltadas para cada indivíduo e fazendo com que as situações vividas possam refletir de forma positiva no meio em que estão inseridos, contribuindo para a formação de pessoas que façam a diferença.

Um trabalho bem desenvolvido por parte da biblioteca escolar é de fundamental importância no processo de conhecimento e desenvolvimento dos usuários, visto que cada aprendiz recebe, seleciona e transforma a informação, podendo construir hipóteses e tomar decisões baseado em sua própria estrutura cognitiva, Nesta visão de aprendizagem cada pessoa elege as informações mais relevantes às suas necessidades. (SCORSILINI-COMIN *et al.*, 2011).

A partir dessa pesquisa foi possível observar a necessidade de construir um novo fazer do bibliotecário escolar que administra o ambiente e capacita pessoas. Percebemos que com o passar do tempo esse profissional se atualizou e se especializou sendo o grande responsável pelo sucesso na utilização da biblioteca onde exerce a profissão com esmero e determinação. Conseqüentemente deve voltar seu olhar para as novas demandas e mudanças ocorridas atualmente, para que sua atividade atinja a qualidade almejada e resultados positivos.

O bibliotecário está inserido em um mundo onde houve um considerável avanço das tecnologias e um acelerado crescimento na quantidade de informações que circulam, fazendo com que passe a olhar o usuário com mais atenção, vendo-o como ser humano dotado de sentimentos diversos e necessidades ligadas diretamente a uma boa ou má prestação de serviços. Sendo assim, deve estar atento aos ambientes e as funções ligados a profissão bibliotecária, para que possa se capacitar evitando que se torne um profissional sem aptidões de liderança, organização e criatividade.

Segundo Scorsilini-Cominet *et al.* (2011, p. 228), “deve-se pensar na aprendizagem como fazendo parte da formação de um todo, não apenas individual, incluindo inclusive as organizações”. Fazendo dessa forma, vários fatores possam motivar o crescimento individual e coletivo de qualquer ambiente de aprendizagem.

A cada dia surgem novos olhares sobre a aprendizagem humana, destacando a importância de empresas que a partir de novas práticas e conhecimentos se inovam e expandem. O bibliotecário como gestor deve ser capaz de motivar o usuário, estando apto a lidar com tomada de decisões e conflitos que possam ocasionalmente ocorrer no seu ambiente de trabalho.

As instituições escolares, por sua vez, devem valorizar esse profissional e conduzir estudantes a esse novo universo que será de suma importância para o seu crescimento e desenvolvimento, no qual o bibliotecário não será somente gerente ou coordenador do local, mas agente transformador, um líder capaz de identificar as necessidades dos usuários,

se tornando assim um profissional colaborador do processo formativo para as práticas cidadãs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa procuramos enaltecer o papel do bibliotecário como gestor, visando a satisfação dos usuários, dando continuidade a novas descobertas, propondo reflexões a respeito do tema abordado, visto que, além de desenvolver atividades relacionadas à gestão informacional, deve desempenhar funções educativas.

Ao analisarmos o perfil do bibliotecário evidenciamos aspectos utilizados no cotidiano como: motivação e estímulo a pesquisa, atualização constante, mediação entre o conhecimento e o estudante/usuário, entre outros. O bibliotecário deve focar suas atividades no sentido de direcionar o usuário no uso correto das fontes de informação para que as aproveitem tanto dentro como fora do âmbito escolar, promovendo o desenvolvimento social e cultural e a formação cidadã.

Vale destacar a importância do trabalho em equipe e da troca de experiências entre os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, inseridos no contexto escolar para a consolidação do sistema educacional, para que de fato ocorra a construção de conhecimento coletivo.

A interação do bibliotecário com os demais profissionais da escola é de suma importância, pois nesse ambiente todos devem trabalhar em prol de uma educação de qualidade. Para que isso ocorra inteiramente é importante um trabalho coletivo, no qual cada um seja valorizado e se veja como parte integrante e essencial para o desempenho do outro e dos fins organizacionais e, neste caso, educacionais. É imprescindível escutar os membros que compõem o ambiente escolar, com isto, queremos mostrar a importância do bibliotecário inserido neste contexto de formação de novos leitores e estímulo aos já existentes. Suas contribuições são tão importantes como a de professores e outros agentes educacionais, colaborando para construção de um espaço interativo, de formação mútua e de formação e construção e compartilhamento de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI Nº 12.244 DE 24 DE MAIO DE 2010.** Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 24 de maio de 2010; 189º da Independência e 122º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 07 jun. 2019.

BEHR, Ariel. Gestão da biblioteca escolar: metodologias, enfoques e aplicação de ferramentas de gestão e serviços de biblioteca. **Revista Eletrônica Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 32-42, maio/ago. 2008.

CARVALHO, Ediane Toscano Galdino de. **Realidade ambiental em transformação: Geração de Informação no Projeto Águas da ONG Para'iwa**. João Pessoa 2003.

DIAS, Maria de Fátima Semedo. **Bibliotecas escolares: história e actualidade**. Lisboa, 2007.

DOUGLAS, Mary Peacock. **A biblioteca da escola primária e suas funções**. Publicado em acordo com a UNESCO. Trad. e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro\conselho federal de cultura, 1971. 15-121 p.

FIGUEREDO, Nice de Menezes. **Avaliação de coleções e estudo de usuários**. Brasília, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca Escolar e a leitura. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2003.

KENT, Allen. **Manual da recuperação mecânica da informação**. São Paulo: Polígono, 1972.

LIMA, Helena Viera da Silva. **A importância da biblioteca escolar como fator estratégico no processo ensino aprendizagem**. 2005. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

MARQUES, Ana Luísa dos Santos. **Arte, ciência e história no livro português do século XVIII**. 2014. 505 f. Tese (Doutorado em Belas-Artes, na especialidade de Ciências da Arte) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

MILAN, Betty. 2005. **Biblioteca de Alexandria renasce das cinzas**. p. 1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1105200213.htm>. Acesso em: 01 nov. 2017.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Revista Ciências da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set. /dez. 2006.

PINHO, Carlos Antônio; MACHADO, Ana Lucia, 2003. **História das Bibliotecas: História e Origem**. Disponível em: <http://www.slinestorsantos.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/2590/17/arquivos/File/Biblioteca/bibliotecaorigem.htm>. Acesso em: 17 out. 2016.

PINTO, Anna Carolina Martins *et al.* **Método e pesquisa científica**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REBELO, Tereza; GOMES, Duarte. 2011. **Aprendizagem organizacional e organizações aprendentes**. p. 108. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/31226>. Acesso em: 31 set. 2016.

SALES, Fernanda de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da Educação e o olhar da biblioteconomia. **Revista Eletrônica Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 40-55, 2004.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 175-189, 2012.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. Historical perspectives of school library in Brazil: analysis of 12.24410 Law. **Revista ACB**, v. 16, n. 2, p. 489-517, 2011.

SCORSILINI-COMIN, F. et. al. Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento: pautas para a gestão de pessoas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, n. 2, p. 227-239, jul./dez., 2011.

VELHO, Ângela et al. 2003. **Apontamentos para uma brevíssima história de biblioteca escolar**. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/nunogoncalves/apontamentos.ht>. Acesso em: 01 set. 2017.

ABORDAGENS NO MODELO DE DAVID ELLIS EM USUÁRIOS DO ENSINO SUPERIOR

APPROACHES IN THE DAVID ELLIS MODEL IN HIGHER EDUCATION USERS

SANTANA, Édla Barbosa de¹

Resumo: O presente artigo busca discutir o comportamento de busca e uso da informação dos usuários do Ensino Superior, a partir do modelo desenvolvido por David Ellis (1989). A pesquisa desenvolvida caracteriza-se quanto aos meios utilizados um estudo de caso, com fim exploratório, e abordagem quali-quantitativa. A pesquisa divide-se em dois momentos: No primeiro ocorre um levantamento bibliográfico recuperando documentos relevantes sobre o modelo de comportamento de busca de David Ellis e no segundo momento acontece um estudo de caso com os usuários do Ensino Superior, por meio de um questionário com perguntas preestabelecidas. Os resultados obtidos na referida pesquisa revelam que o comportamento informacional dos usuários se assemelhou às categorias estabelecidas no modelo de Ellis. As considerações finais levam-nos a compreender como estes usuários comportam-se desde o início da busca, encadeamento e navegação. Tendo a internet como fonte de informação, tornando-se uma ferramenta indispensável para busca de informação, percebe-se no decorrer da leitura que o uso da internet por esse público analisado é uma característica acentuada do comportamento informacional dos usuários do Ensino Superior discutidos no texto.

Palavras-chave: Comportamento de busca. David Ellis. Ensino Superior. Uso da Informação.

Abstract: The present article seeks to discuss the behavior of search and use of the information of users of Higher Education, based on the model developed by David Ellis (1989). The research developed is characterized as to the means used a case study, with exploratory purpose, and qualitative-quantitative approach. The research is divided in two moments: In the first one, a bibliographical survey retrieves relevant documents about the model of search behavior of David Ellis and in the second moment, a case study with the users of the Higher Education happens, through a questionnaire with pre-established questions. The results obtained in the mentioned research reveal that the informational

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: edlabarbosa2@gmail.com.

behavior of the users resembled the categories established in the Ellis model. The final considerations lead us to understand how these users behave from the beginning of the search, chaining and navigation. Having the Internet as a source of information, becoming an indispensable tool for searching for information, it is noticed in the course of reading that the use of the Internet by this analyzed public is a marked feature of the informational behavior of the users of Higher Education discussed in the text.

Keywords: Search behavior. David Ellis. Higher education. Use of Information.

1 INTRODUÇÃO

Estudar o comportamento informacional dos usuários é uma ação indispensável para as unidades de informação, por meio dele podemos desenvolver avanços no atendimento e serviços, com o intuito de suprir suas necessidades, de modo que, os profissionais das unidades informacionais estejam cientes de que tipo de prática e técnica precisam ser aperfeiçoadas, com o desígnio de oferecer ao usuário, produtos e serviços adequados. David Ellis estruturou um modelo de estudo de comportamento e uso da informação, inicialmente com seis categorias, que foram por ele expandidas, com a colaboração de Cox e Hall em 1993.

As nomenclaturas para os níveis de ensino na área educacional permitem uma confusão, algo que é inevitável. Contudo, o Ensino Superior é composto por níveis acadêmicos que vem logo após da Educação Básica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Básica é composta pelos seguintes níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Em outras palavras, o Ensino Superior é o estágio educacional que surge após o Ensino Médio. O Ensino Superior é composto por outros níveis, mas, se difere da Educação Básica dando a possibilidade do indivíduo realizar escolhas entre eles. Por exemplo, incorporado à graduação o sujeito tem autonomia de escolha entre: licenciatura ou bacharelado. Ao concluir a graduação, pode-se seguir caminho para uma pós-graduação, dentre outras possibilidades de realizar o mestrado e doutorado. No interior da Instituição de Ensino Superior (IES) é normal nos depararmos com um fluxo informacional diversificado, além do conhecimento acumulado no decorrer da vida pessoal e acadêmica, visando este contexto, a pesquisa teve por finalidade analisar o comportamento de busca e uso da informação dos usuários do Ensino Superior de quaisquer IES Públicas e Privadas, para tanto, foi disponibilizado nas redes sociais, em grupos universitários, o link do questionário

para à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em grupos de vestibulares, levando em consideração que o público da pesquisa poderiam estar fragmentados neles, e por fim, o questionário foi entregue para alguns estudantes de IES Privadas. Julgando por que estes usuários estão em constante produção de conhecimento e realizações de pesquisas de forma gerais relacionadas a academia. O questionário elaborado, teve como base o modelo desenvolvido por David Ellis, no intuito de compreender o comportamento de busca e uso da informação destes usuários no instante em que se deparam com uma necessidade de busca. O presente texto é o relato da referida pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: O MODELO DE COMPORTAMENTO DE BUSCA E USO DA INFORMAÇÃO POR DAVID ELLIS (1989)

Comportamento de busca e uso da informação é uma temática bastante pleiteada na Ciência da Informação e vem tendo um estudo com diversas variações relacionadas a este enfoque. O comportamento de busca e uso da informação está relacionado com o momento em que o indivíduo busca fontes e canais variados de informação.

O comportamento de busca de informação acontece nos mais diversos contextos das vidas dos indivíduos, e pode assumir diferentes características, de acordo com cada indivíduo. Ainda assim, existem características gerais em comum, entre as quais a autora coloca a utilização da comunicação informal, e o fato de que a busca é contínua e permeia todas as etapas do processo de construção do conhecimento (CRESPO, 2005, n.p.).

Sintetizando o pensamento do autor, o comportamento de busca e uso da informação ocorrerá dependendo de algumas características individuais dos usuários e a necessidade de busca de cada indivíduo. Atendendo a isso, podemos citar o modelo elaborado por David Ellis, onde o mesmo baseando-se em aspectos cognitivos do comportamento de busca por informação, desenvolveu um modelo caracterizado por seis categorias, originalmente, no qual demonstrava o caminho percorrido pelo usuário, contudo, o modelo estruturado por ele, é considerado independente, pois permite ao usuário processar a sua busca em quaisquer das categorias, sem seguir uma ordem estabelecida. Observa-se que a forma que o usuário agirá diante da sua busca, caracterizará seu comportamento, até o processo de finalização da busca. KRIKELAS (1983, p. 6-7, tradução do autor) Apud CRESPO (2005) esclarece que a “busca da informação começa quando alguém percebe que o conhecimento atual possuído é menor que o desejado para tratar de

algum assunto”, considerando isso, o comportamento de busca do usuário iniciará na indagação, isto quer dizer que, quando o conhecimento, o qual ele carrega em sua bagagem, tornar-se insuficiente para sua busca, conseqüentemente será iniciado por ele, um novo processo de busca para atualizar o conhecimento existente. Como discorrido anteriormente, o modelo de Ellis a princípio elaborado com seis categorias, apresenta algumas atividades que o usuário efetua ao processar sua busca, abaixo veremos as seguintes atividades:

a) Inicialização ou Iniciar: É o processo onde o usuário inicia a busca pela informação, neste momento ele já sentiu a necessidade por informação, ação que motiva sua busca. Nesta atividade o usuário passa a ter uma visão mais ampla sobre a temática que procura. Para Choo (2003, p. 103), este processo consiste em “[...] identificar as fontes de interesse que podem servir como pontos de partida [...].”

b) Encadeamento ou Encandear: Neste processo o usuário utiliza as primeiras fontes para aprofundamento da sua pesquisa, neste momento ele utilizará as fontes em suas mãos para estabelecer relações e ligações entre elas, ou seja, permitindo a localização de outras fontes. O encadeamento pode ser para frente, quando o usuário segue com as fontes relacionadas com sua pesquisa, ou encadeamento para trás quando o usuário segue as fontes originais a sua pesquisa. Segundo Crespo (2006) o encadeamento permite localizar material para leitura que cita o texto específico.

c) Navegação ou Navegar: Este processo é caracterizado como “momento de familiarização”, o usuário ao deparar-se neste estágio de busca, realiza uma compilação das informações gerais da sua busca. Podemos dizer que neste processo o usuário encontra-se em seu estado neófito de busca.

d) Diferenciação ou Diferenciar: No processo de diferenciação segundo Choo (2003) o usuário filtra e seleciona as fontes segundo a natureza e a qualidade da informação oferecida, ou seja, ele está apto para filtrar e selecionar as fontes que atende suas necessidades de busca, esta atividade permite ao usuário definir suas fontes para pesquisa, verificando a qualidade, autoria, ano de publicação, atualizações entre outros requisitos, sendo assim, mais rigoroso na sua busca.

e) Monitoramento ou Monitorar: Processo em que o usuário acompanha as atualizações referentes as fontes de seu interesse, tendo em vista que, o fluxo informacional é constante.

f) Extração ou Extrair: Este processo seria a etapa final elaborada por David Ellis, a extração acontece quando o usuário extrai toda informação recuperada e julgada relevante a sua pesquisa. Para Euclides (2007) a extração abrange atividades que identificam

seletivamente o material relevante em uma fonte de informação. Em 1993, o modelo inicialmente elaborado por Ellis foi ampliado em parceria com Cox e Hall. Sendo adicionado mais duas categorias que veremos a seguir:

g) Verificação ou Verificar: O processo de verificação exige do usuário uma atenção redobrada, aqui, será estabelecida a veracidade das informações, checando as fontes, atualizações e consistências das mesmas.

h) Finalização ou Finalizar: A segunda categoria ampliada, refere-se ao processo de refazer todo o trabalho, verificando o surgimento de novas atualizações que podem ser adicionadas na pesquisa ou não. Caso o monitoramento seja feito rigorosamente, podemos dizer que esta etapa final, talvez, seja desconsiderada. O modelo ampliado por Ellis, Cox e Hall tornou-se importante, devido suas características de comportamento atenderem várias áreas do conhecimento.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se quanto aos meios utilizados um estudo de caso, com fim exploratório, e abordagem quali-quantitativa. O estudo compreendeu duas fases: Um levantamento bibliográfico e um estudo de caso. O levantamento bibliográfico correspondeu a uma revisão de literatura acerca do modelo de David Ellis e do comportamento de busca e uso da informação, abrangendo uma grande diversidade de recursos informacionais, o estudo de campo foi realizado com os usuários do Ensino Superior e adotamos o questionário como instrumento para a coleta de dados. A população presente nesta pesquisa são estudantes que se enquadram no Ensino Superior de quaisquer IES sejam Públicas ou Privadas, e que fazem uso de qualquer mecanismo para suprir suas necessidades de busca. A escolha desse grupo deu-se por acreditarmos que os usuários do Ensino Superior possuem uma maior capacidade de falar sobre o assunto abordado. A amostra da pesquisa foi construída a partir da quantidade de usuários que colaboraram com a pesquisa ao responder o questionário online que foi disponibilizado nas plataformas digitais, como as redes sociais, por exemplo. Com o objetivo de atingir o público alvo, o link do questionário foi divulgado em grupos universitários da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e em grupos de vestibulares, considerando que alguns usuários do perfil estudado poderiam estar fragmentados neles, além de coletarmos presencialmente com alguns indivíduos de IES

Privadas. A pesquisa teve um período de 15 dias, dando início em 01 de junho até 16 de junho de 2018. No total 100 usuários responderam ao questionário aplicado na pesquisa.

A coleta de dados deu-se mediante a aplicação de um questionário composto por perguntas de múltiplas escolhas preestabelecidas e perguntas abertas, a primeira parte caracterizava-se em coletar dados de identificação visando compor o perfil dos usuários e a segunda parte continha perguntas relacionadas ao comportamento e busca da informação, seguindo os parâmetros do modelo de Ellis (1989). Segundo Gerhardt e Silveira (2009) um questionário é instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas sem a presença do pesquisador.

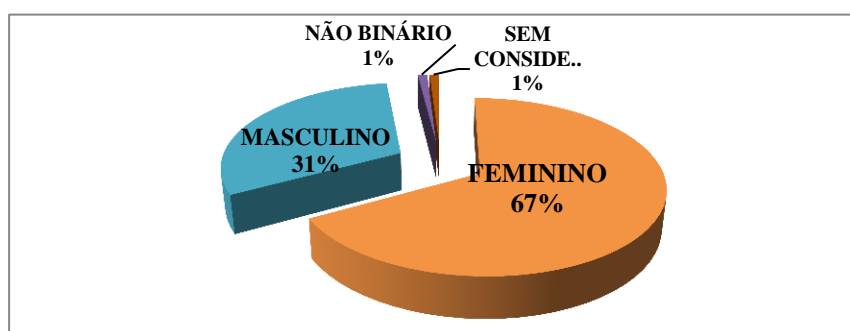
4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram organizados e tabulados com o auxílio da ferramenta disponibilizada pelo Microsoft Office – EXCEL, permitindo uma melhor compreensão e análise descritiva deste trabalho. Os dados analisados foram divididos em subseções. As subseções a seguir demonstram através de gráficos os resultados obtidos por meio da pesquisa realizada.

4.1 Gênero e idade

A primeira parte do questionário levantou dados sobre os usuários do Ensino Superior. A partir das variáveis: sexo, faixa etária e nível de ensino, construímos o perfil dos usuários que descrevemos a seguir. Abaixo a identificação do gênero dos usuários:

Gráfico 1- Gênero dos usuários do Ensino Superior- Jun./2018.

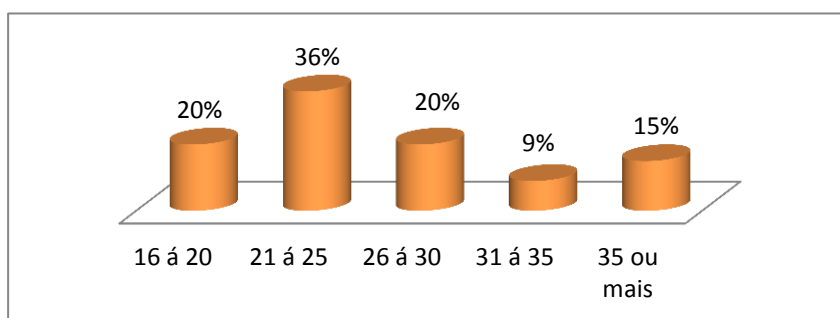


Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados obtidos em relação ao gênero mostram uma preponderância dos usuários do sexo feminino, como foi apresentado no gráfico 1. Os dados mostram que 67% dos usuários que responderam ao questionário são do sexo feminino, o que dá um total de 67 dos 100 entrevistados. Dos 100 entrevistados 31% são do sexo masculino, ou seja, 31 usuários. Além, de ser obtida uma porcentagem mínima de 1% dos usuários entrevistados, que não se identificaram com os gêneros estabelecidos e 1% de uma resposta que não foi considerada por não se enquadrar dentro do questionário.

Os resultados obtidos em relação ao gênero mostram uma preponderância dos usuários do sexo feminino, como foi apresentado no gráfico 1. Os dados mostram que 67% dos usuários que responderam ao questionário são do sexo feminino, o que dá um total de 67 dos 100 entrevistados. Dos 100 entrevistados 31% são do sexo masculino, ou seja, 31 usuários. Além, de ser obtida uma porcentagem mínima de 1% dos usuários entrevistados, que não se identificaram com os gêneros estabelecidos e 1% de uma resposta que não foi considerada por não se enquadrar dentro do questionário.

Gráfico 2 - Idade dos usuários do Ensino Superior- Jun./2018.

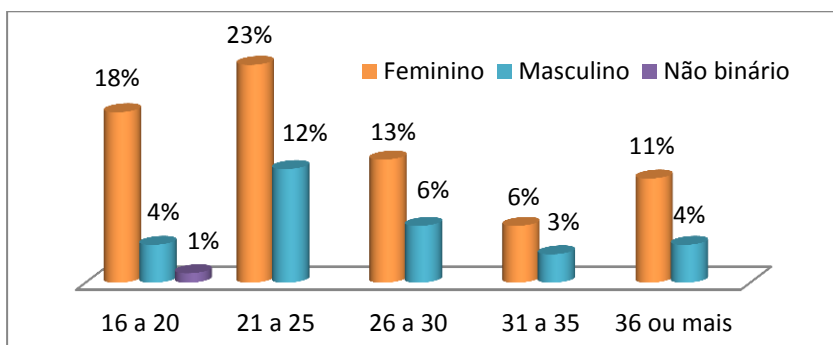


Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico acima podemos observar que 36% dos usuários que responderam o questionário, estão na faixa etária de 21 a 25 anos de idade, 20% apresentam idade entre 26 a 30 anos, 20% deste recorte possui idade entre 16 a 20 anos, 15% apresentam idade maior do que 35 anos e 9% dos entrevistados estão na faixa de 31 a 35 anos de idade. Tendo em vista que os usuários que melhor caracterizam esta pesquisa possuem idade entre 21 a 25 anos, essa melhor representação será explicada no gráfico 4, quando identificarmos o nível de ensino superior dos indivíduos entrevistados.

4.1.1 Relação da idade e gênero

O gráfico abaixo expõe a relação da idade dos entrevistados com o gênero:

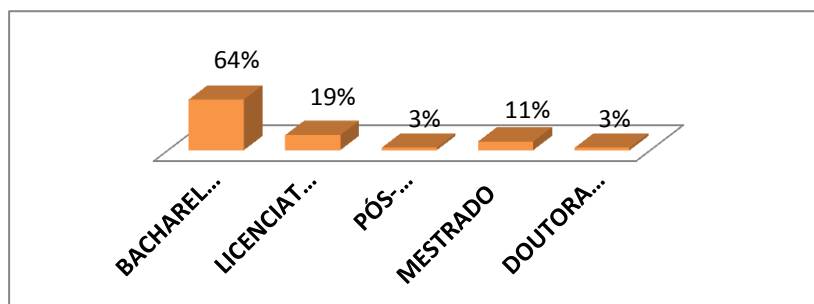
Gráfico 3 - Gênero X Idade. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O resultado obtido através desta convergência demonstra que a maioria dos usuários do sexo feminino estão na faixa etária de 21 a 25 anos e dentro desta faixa o sexo masculino vem em segundo lugar com 12%, contudo, percebe-se que os usuários do sexo feminino predominam em todas as divisões da faixa etária em relação aos demais.

4.2 Nível de ensino superior do usuário

O terceiro item analisado neste trabalho buscou descobrir o nível de ensino em que se enquadra os usuários entrevistados, pois conhecendo esta categoria é possível determinar algumas características dos seus comportamentos de busca, mediante seu processo de necessidade informacional.

Gráfico 4 – Nível de Ensino dos Usuários da Educação Superior. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor.

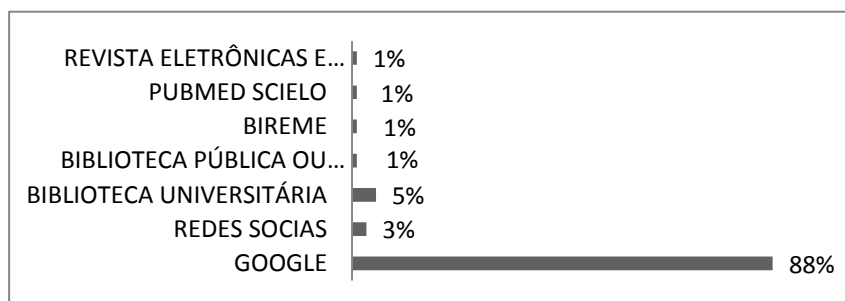
Por intermédio dos dados obtidos em relação a esta questão, podemos concluir que a maioria dos usuários desta pesquisa, categorizam-se em indivíduos de nível bacharelado, dos 100 usuários que responderam o questionário 64 possui o grau bacharel ou estão cursando o bacharelado, o que representa 64%. Os demais usuários estão divididos da

seguinte maneira: 19% estão cursando a Licenciatura ou já possui o grau, 3% se enquadra no nível denominado pós-graduação, ou seja, estão fazendo algum tipo de especialização, 11% representam o mestrado e 3% o doutorado. Como vimos no Gráfico 2 a idade que representava o perfil dos usuários nessa pesquisa, estavam entre os 21 a 25 anos, podemos dizer que, a maioria dos estudantes estão no período da graduação, fase essa que ocorre aproximadamente nesse intervalo.

4.3 Aplicação do modelo de Ellis

Traçado o perfil dos usuários desta pesquisa tivemos os seguintes resultados: A maioria são do sexo feminino, com idade entre os 21 a 25 anos, onde estão cursando a graduação de nível bacharelado. Daremos início a aplicação do modelo nos indivíduos entrevistados e análise dos resultados. No que se refere ao comportamento de busca dos usuários do Ensino Superior, tendo como base as categorias do modelo de David Ellis e contribuição de Cox e Hall, as respostas obtidas foram as seguintes: Na categoria “iniciar” o quarto item da pesquisa buscou saber qual método os usuários costumam adotar quando iniciam o processo de busca relacionada a uma necessidade informacional.

Gráfico 5 – Método utilizado pelos os usuários do Ensino Superior. Jun./2018.



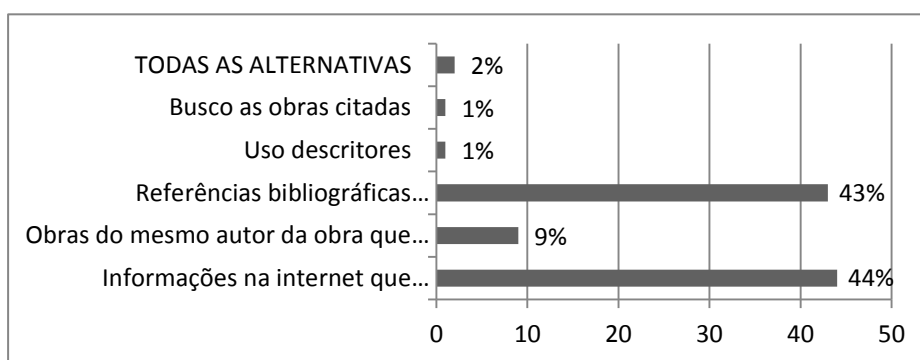
Fonte: Elaborado pelo autor.

O resultado indica que dos 100 usuários, um total de 88% utilizam a Google quando se deparam com algum tipo de necessidade de busca, percebe-se aqui, que o uso da ferramenta Google como mecanismo de pesquisa é bastante marcante entre os usuários, posteriormente, os resultados se dividem em: 5% fazem o uso das Bibliotecas Universitárias, 3% utilizam as redes sociais como mecanismo de pesquisa; restando 4% que dividem-se em: Biblioteca Públicas ou Comunitária (1%), Biblioteca virtual em Saúde (BIREME) - (1%), Revistas eletrônicas e Bibliotecas Digitais (1%) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO) - (1%).

Na categoria “encadeamento”, que refere-se as ligações que os usuários efetuam para conectar o que foi localizado com novas informações, localizando documentos e fontes por meio das citações, quando perguntado aos usuários se eles estabelecem alguma relação com as referências localizadas, obteve-se um resultado de 98% das respostas positiva, onde eles estabelecem algum tipo de relação com a informação que tem em mãos com novas informações, os demais 2% responderam que não fazem nenhum tipo de relação nas suas pesquisas.

Continuando ainda dentro desta categoria, perguntamos aos usuários de que forma eles estabelecem algum tipo de relação, e os entrevistados apontaram que:

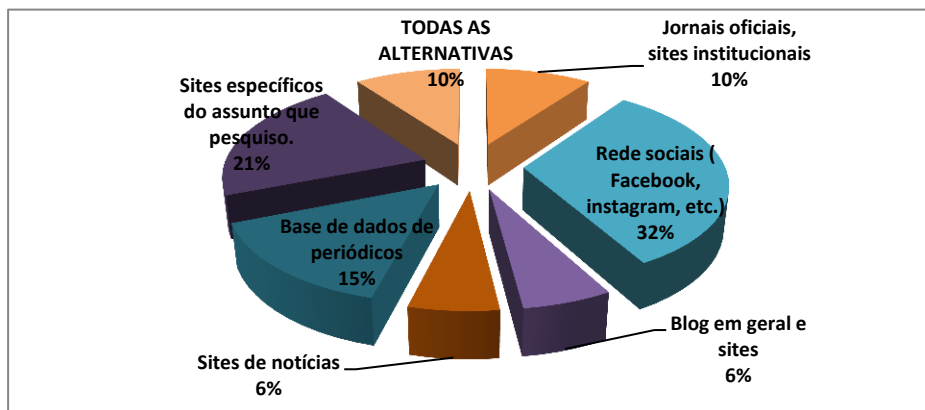
Gráfico 6 – Categoria Encadeamento: Qual tipo de relação. Jun./2018.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se que ao relacionarem suas informações grande parte dos usuários buscam outras informações na internet para completar sua pesquisa, onde em número representa um percentual de 44%, mantendo um equilíbrio com as referências bibliográficas que parecem interessantes, que vem logo em seguida com 43% dos usuários. As demais respostas se distribuem em 9% para obras do mesmo autor que tenham em mãos e 4% que dividem-se em resposta individuais dos usuários, onde 1% responde que relaciona as informações com o uso dos descritores, 1% busca obras citadas e o restante optaram por todas as alternativas que obteve 2% dos resultados.

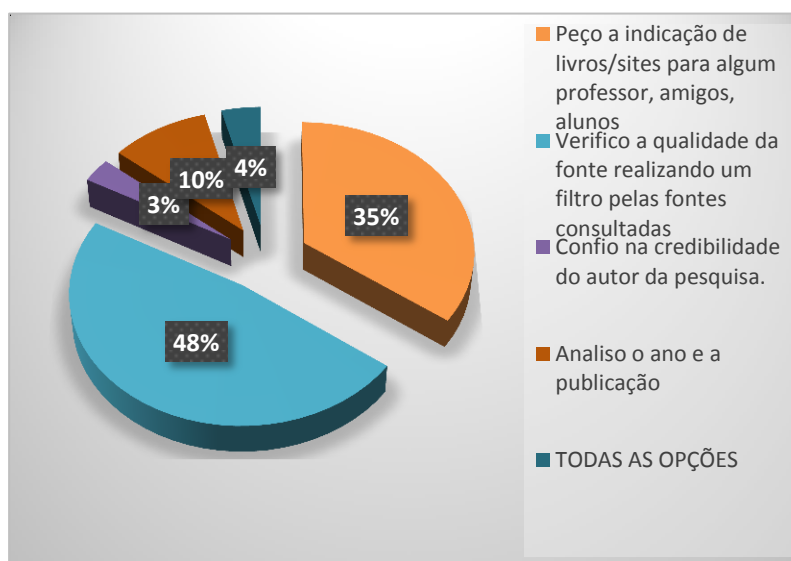
Na categoria “navegar”, houve uma totalidade e 100% dos usuários responderam que navegam, tendo em vista isto, foi questionado quais fontes eles navegam para adquirir uma familiarização com a pesquisa, dando algumas opções de resposta, além do livre arbítrio para darem uma resposta pessoal. Obtemos os seguintes resultados das respostas:

Gráfico 8 - Categoria Navegar. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste gráfico podemos observar que os usuários costumam navegar nas redes sociais, como Facebook e Instagram, para adquirir algum tipo de familiarização com informações referente a sua pesquisa, representando um resultado de 32% dos 100 entrevistados. Em seguida temos: 21% em sites específicos do assunto em que eles pesquisam, 15% base de dados de periódicos, 10% em jornais oficiais e sites institucionais, 10% optaram por todas as alternativas, 6% navegam em Blogs e sites em gerais e 6% utilizam como fonte de navegação sites de notícias.

Na categoria “diferenciar”, onde o usuário realiza uma análise profunda sobre o material em suas mãos, no intuito de obter a melhor fonte para necessidade da sua busca, perguntamos ao público alvo da nossa pesquisa, que ação eles adotam para obter as melhores fontes para pesquisa. Os entrevistados processaram as seguintes respostas:

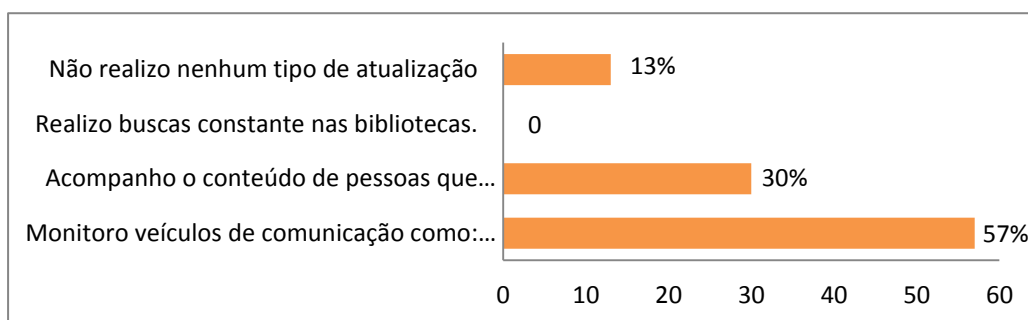
Gráfico 9 – Categoria Diferenciar. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor

A maioria dos usuários 48% relataram que verificam a qualidade da fonte, realizando um filtro pelas fontes consultadas, em segundo lugar 35% dos usuários informaram que pedem a indicação de livros/sites para algum professor, amigos ou alunos. E ocupando o terceiro lugar obteve-se um resultado de 10% dos entrevistados que analisam o ano e publicação. A confiança da credibilidade do autor da pesquisa obteve 4% e todas as opções de respostas 3%.

Na categoria “monitoramento”, o indivíduo ao realizar sua pesquisa deve levar em consideração que o ciclo informacional é constante, e a todo momento é processada novas informações, para isso foi questionado aos usuários do Ensino Superior, se eles realizam atualizações em suas pesquisas ou monitoram informações sobre o tema pesquisado.

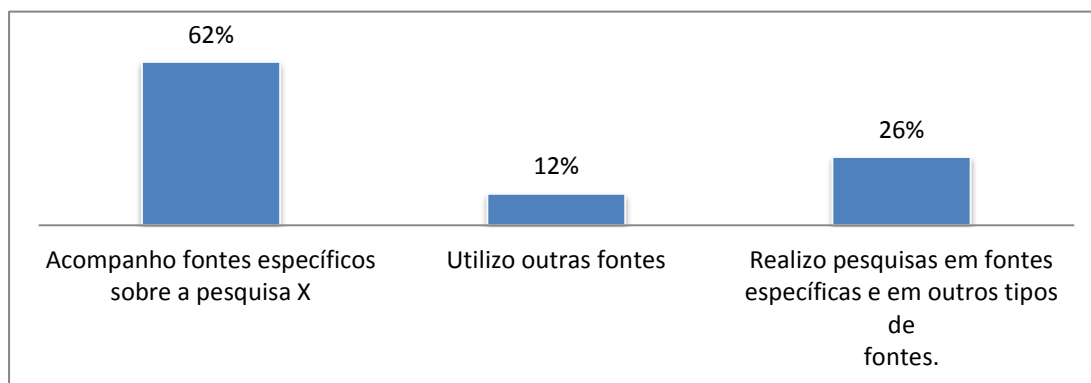
Gráfico 10 – Categoria Monitoramento. Jun./2018.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebeu-se que 57% dos usuários monitoram através de rádios, televisão, jornais, internet e revistas, atualizações sobre sua pesquisa. 30% optam monitorar suas informações por meio dos conteúdos de pessoas que possuam conhecimento sobre o assunto pesquisado, 13% ao realizar uma pesquisa não realizam nenhuma atualização e não monitoram suas informações e por último tivemos uma porcentagem de 0%, onde dos 100 entrevistados nenhum realiza busca de atualização em bibliotecas.

Na categoria “extrair”, onde é estabelecida uma exploração de fontes específicas, os resultados da pesquisa se distribuíram em:

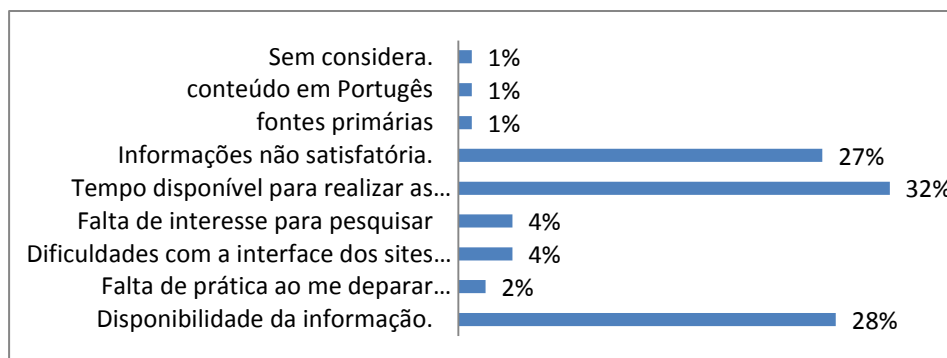
Gráfico 11 – Categoria Extrair. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A maior parte dos usuários - 62%, acompanham fontes específicas do assunto em que pesquisam; em segundo, lugar responderam que realizam pesquisas em fontes específicas e em outros tipos de fontes - 26% e; em terceiro lugar, alguns usuários vão em busca de outras fontes para o desenvolvimento de sua pesquisa - 12%.

Na categoria “verificar”, os usuários relataram ter confiança num material cujas informações sejam provenientes de fontes confiáveis, nesta etapa da pesquisa foi permitido uma resposta subjetiva, ao sintetizar as respostas, viu-se que as fontes de pesquisas são o foco principal para definir uma credibilidade a informação obtida.

No que respeita à última categoria que é a “finalizar” também foi permitido uma resposta subjetiva e após realizar a síntese das respostas, os usuários em geral responderam que identificam o momento final do processo de busca quando suas necessidades de busca são sanadas e atendem seus objetivos nas pesquisas, de modo que, a informação obtida satisfaça sua busca. E por fim, questionamos aos usuários quais são suas maiores dificuldades quando surgem uma necessidade de busca, segue os resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 12 – Desafios enfrentados pelos os usuários na busca de informação. Jun./2018.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar o resultado do Gráfico 12, percebeu-se algumas barreiras na comunicação. Segundo Chiavenato (2010), alguns fatores podem atrapalhar o processo de comunicação, são eles:

Ideias preconcebidas; Interpretações pessoais; Preconceitos pessoais; Inabilidade de comunicação; Dificuldade com o idioma; Pressa ou urgência; Desatenção ou negligência; Desinteresse; Outros interesses prioritários; Emoção ou conflito; Laconismo ou superficialidade; Motivação (CHIAVENATO, 2010, n.p.).

De acordo com Lopes e Silva (2007), o processo de busca da informação de forma online garante a rapidez na obtenção de resultados, elimina barreiras de espaço e tempo, diminui a dependência dos intermediários, sejam eles instituições ou pessoas. Dentre as barreiras encontradas pelos usuários ao processar uma busca online podemos destacar: as barreiras de tempo, quando o usuário relata que sua maior dificuldade está relacionada a disponibilidade de tempo para iniciar sua busca. Temos também a barreira de capacidade de leitura ou dificuldade com o idioma, onde existe relato de que um desafio enfrentado durante a busca está voltado para a não disponibilidade de conteúdos na Língua Portuguesa, dificultando a leitura das informações. Além de surgir a barreira de resistência ao uso de novas tecnologias, nesta barreira o usuário enfrenta dificuldades ao utilizar os recursos tecnológicos para realização de sua pesquisa, por não possuir uma familiarização com a mesma. Ou a barreira de desinteresse, onde o usuário não possui motivação e interesse para aprender manusear os aparatos tecnológicos, dificultando um pouco mais seu processo de familiarização e busca por informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre o comportamento informacional surge a partir do momento em que ocorre a identificação das necessidades informacionais dos usuários, do objetivo das suas buscas pelas fontes de informação e de como eles fazem uso da informação. Essa busca reflete o comportamento informacional dos usuários. Os resultados obtidos na pesquisa permitiram realizar um diagnóstico de como os usuários do Ensino Superior se comportam diante uma busca e uso da informação. Além disso, mostrou o perfil dos usuários, os métodos que utilizam para realizar suas buscas, como identificam a veracidade da informação e de que maneira entendem que sua busca encerrou. Os usuários do Ensino Superior, embora dotados de necessidades basicamente parecidas, em se tratando de obterem materiais informacionais para suas respectivas pesquisas, apresentam comportamentos distintos diante da busca e uso da informação. Isso deve levar o

profissional bibliotecário a compreender melhor a atual realidade deste universo, ressaltando que o mapeamento do comportamento de busca e uso da informação dos usuários que possui algum tipo de nível superior indicou que eles utilizam a Internet de maneira significativa, desde o início da busca, do encadeamento e navegação.

Na pesquisa ficou evidente que a busca por informação dos usuários em sua maioria, são realizadas de forma online – Internet. Com isso, os profissionais bibliotecários precisam desempenhar tarefas que aumentem a disponibilização de recursos online para pesquisa, como também investir em esforços na capacitação para tornar os usuários mais autônomos, pois, na atualidade, os usuários já são autônomos e vão em busca da informação, contudo, dependem dos serviços de acesso à informação, além de interfaces que facilitem a busca e tecnologias de fácil manuseio, a localização, a recuperação e materiais em linguagens disponíveis. Como vimos no texto algumas dificuldades citadas por eles. Quando falamos de busca por informação através da internet, temos que ter em mente, que naquele momento o usuário necessita muito mais dos trabalhos de organização, recuperação e acesso à informação do que os próprios recursos físicos disponibilizados nas unidades informacionais.

Deste modo, percebe-se que o uso da Internet é uma característica do comportamento informacional dos usuários do Ensino Superior. Além de possibilitar uma agilidade para localizar as informações, a Internet está ganhando a confiança dos indivíduos que fazem o seu uso, sobretudo pela ampla inserção de conteúdos científicos. Ademais, este relato de pesquisa, ao descrever o comportamento de busca dos usuários do Ensino Superior, também serve para validar, mais uma vez, o modelo proposto por David Ellis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**, Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm Acesso em: 8 jun. 2018.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos Novos Tempos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo – Um modelo de uso da informação. In: CHOO, Chun Wei.. **A organização do conhecimento**: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora SENAC, 2003. cap. 2. p.63-120.

CRESPO, Isabel Merlo. **Um estudo sobre o comportamento de busca e uso da informação de pesquisadores de áreas de biologia molecular e biotecnologia: impactos**

de periódicos científico eletrônico. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4387/000500810.pdf?sequence=1>. Acesso em: 31 mai. 2018.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Padrões de comportamento de busca e uso de informação por pesquisadores de biologia molecular e biotecnologia. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.35, n.3, p.30-38, set./dez. 2006.

EUCLIDES, Maria Luzinete. **Representação das necessidades de informação na organização da informação: uma análise dos modelos teóricos de busca.** 2007. 112f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

GERHARDT, T, E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

LOPES, M. I.; SILVA, E. L. A internet e a busca da informação em comunidades científicas: um estudo focado nos pesquisadores da UFSC. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.12, n.3, p.21-40, set./dez. 2007.

**POLÍTICA DE AQUISIÇÃO: DOAÇÃO, DIRETRIZES E DILEMAS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS**

*ACQUISITION POLICY: DONATIONS, GUIDELINES AND DILEMAS IN UNIVERSITY
LIBRARIES*

SILVA, Eddie Carlos Saraiva da¹
LUZ, Helen Roseany da Silva Souza²

Resumo: A doação como uma das opções de aquisição de uma biblioteca, tem suas vantagens e desvantagens e as bibliotecas universitárias, tem particularidades e diretrizes para serem realizadas. O objetivo principal deste trabalho será identificar como ocorre a aceitação de doações de materiais na biblioteca Prof. Marcelino Monteiro da Costa, pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). A metodologia utilizada é exploratória feita através de pesquisa bibliográfica disponível em variadas fontes e em diferentes formatos, sobre o assunto em questão, particularmente os desenvolvidos na área de desenvolvimento de coleções e política de aquisição, foi realizada coleta de dados e entrevista com os bibliotecários para conhecer melhor os critérios utilizados, como é feita a avaliação das coleções recebidas, o perfil dos doadores e coleções, dificuldades e finalizando com diretrizes presentes na literatura em questão.

Palavras-chave: Política de desenvolvimento de coleções. Doação. Biblioteca universitária.

Abstract: Donation as one of the options for acquiring a library, has its advantages and disadvantages and university libraries, has particularities and guidelines to be fulfilled. The main objective of this work will be to identify the acceptance of donations of materials in the Prof. Marcelino Monteiro da Costa, belonging to the Nucleus of High Amazonian Studies (NAEA), Federal University of Pará (UFPA). The methodology used is an exploratory one made through a bibliographical research available in various sources and in different formats, on the subject in question, particularly those developed in the area of collection development and acquisition policy, data collection and interview with librarians to to know better the

¹Universidade Federal do Pará (UFPA), Email: eddiesaraiva@gmail.com

²Universidade Federal do Pará (UFPA); Email: helenluz@yahoo.com.br

criteria used, as the evaluation of collections received, the profile of donors and collections, difficulties and finalizing with guidelines present in the literature in question.

Keywords: Collection development policy. Donation. University library.

1 INTRODUÇÃO

O papel das bibliotecas no período de seu surgimento, era apenas de depósito de conhecimento. Segundo Chartier (1998) elas tinham a missão de “proteger e preservar o patrimônio textual” de uma época, assim também era mais fácil manter o controle do que poderia ser lido. Mas esse paradigma mudou ao longo dos anos, de biblioteca-depósito para biblioteca-instituição social. Por conseguinte, o acervo passou a ser selecionado com critérios, o tamanho da coleção já não é o elemento mais significativo e os bibliotecários precisam suprir as necessidades informacionais de seus usuários. O objetivo principal deste trabalho será identificar como ocorre a aceitação de doações de materiais na biblioteca Prof. Marcelino Monteiro da Costa, assim como verificar quais diretrizes são utilizadas e comparar a teoria x pratica na biblioteca. Sobre esse processo, Vergueiro (1989) explica o desenvolvimento de coleções como um processo ininterrupto, heterogêneo e precisa ser incluído nas atividades rotineiras da biblioteca, com objetivos e planos pré-definidos. O autor também completa que é preciso ter uma política de desenvolvimento de coleções, um documento para orientar o bibliotecário quanto ao crescimento do acervo. Um desenvolvimento de coleções eficiente precisa ter o bibliotecário à frente de todas as atividades, com o auxílio de seus colaboradores, como explana Maciel (2006). Evans apud Vergueiro (1989) lista todo o processo em 6 etapas: Estudo de comunidade; Política de seleção; Seleção; Aquisição; Avaliação e; Desbaste. O presente trabalho irá deter-se em um dos meios de aquisição: a doação. Com enfoque em bibliotecas universitárias, que é a qual se enquadra a biblioteca Marcelino Monteiro da Costa, pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada, conforme o objetivo do estudo, é exploratória de caráter qualitativo. O instrumento de coleta de dados foi a realização de uma entrevista com a direção da biblioteca sobre o nosso objeto de estudo. Estudos sobre desenvolvimento de coleções e biblioteca universitária foram usados para a base teórica da pesquisa. Uma pesquisa

exploratória inclui também entrevistas com pessoas que já vivenciaram experiências com o problema em questão, desse modo foi realizada entrevista com bibliotecários para conhecer melhor o contexto na prática.

3 DESENVOLVIMENTO

No desenvolvimento de coleções a atividade executada após a elaboração da Política, é a Seleção, realizada por uma comissão, quando existente, ou pelo próprio bibliotecário, de acordo com as necessidades dos usuários da biblioteca. Segundo Figueiredo (1998), o processo de seleção deve ser feito a partir da análise do material por material. Ou seja, uma seleção em grande porte, por lotes, não é possível, pois as necessidades dos usuários devem ser atendidas e de nada adianta incluir no acervo um material que não contemple as pesquisas futuras. É importante ressaltar que o bibliotecário, de acordo com Vergueiro (2010), necessita conhecer o acervo que irá se responsabilizar e trabalhar, tendo a percepção dos pontos fracos, pontos fortes e do grau de desenvolvimento da coleção, além de conhecer o usuário cujas necessidades informacionais serão por obrigação atendidas. Conhecimento do acervo e dos usuários são argumentos suficientes para que os bibliotecários participem mais ativamente do processo de seleção, sendo eles os que podem tomar decisões mais eficientes a respeito do que pode ser excluído ou incluído.

Após as decisões tomadas no processo de Seleção, o bibliotecário passa para o estágio de Aquisição, que pode ser efetuado por meio de compra, permuta ou doação. A Aquisição deve ser analisada com precisão para que seja realizada com rapidez, em prol de atender as necessidades do usuário. Nesse processo, segundo Maciel e Mendonça (2006), é necessário que o bibliotecário assuma certas atividades: Conhecimento dos trâmites burocráticos institucional; Acompanhamento direto e constante dos processos; Conhecimento das dotações orçamentárias e outras fontes de investimentos; Cumprimentos de prazos; Supervisão e controle de gastos para futura prestação de contas; Gerenciamento do serviço de permuta e doações.

Um dos processos de aquisição é a compra, que requer uma política firme e complexa, pois depende dos recursos financeiros disponíveis da biblioteca; a permuta entre bibliotecas permite que seja criado laços com outras instituições, que permite também a prestação de outros serviços e; a doação que é uma atividade de iniciativa do doador, e não necessariamente do bibliotecário. Quando falamos de doação precisamos ter atenção em

relação ao espaço físico do acervo, pois se ocorre doações com certa frequência, a biblioteca pode não ter espaço suficiente para armazenamento do material.

De acordo com Vergueiro (2010), mesmo não sendo possível analisar e selecionar os materiais logo quando recebidos, não é sensato recusar as doações por causa da falta. Quando se recusa uma doação, você pode estar recusando uma obra valiosa e de grande importância para o acervo, além disso, tendo ciência de que as bibliotecas no nosso país possuem um orçamento tão baixo para aquisição de novas obras, elas acabam tendo que ampliar seus acervos por meio de permutas e, principalmente, por doações. Nesse caso, para que seja evitado um acúmulo de materiais, o que pode ser feito? Em casos de doações de bibliotecas particulares, quando ocorre o falecimento de um grande pesquisador e seus familiares decidem doar a coleção para uma biblioteca, como fazer essa seleção? Como mencionado, não é adequado recusar uma doação pelo fato de não poder avaliar individualmente no momento, mas se for verificado depois que parte dessa doação não vai ingressar no acervo, o que fazer com esse material? Em resposta a essa problemática, foi estudado o recebimento de dois lotes pela biblioteca do NAEA/UFGA, onde o primeiro lote, e com obras mais antigas e diversificadas, pertenciam a um dos ex-diretores do NAEA, já o segundo, que abordava a área de educação, foi doado por uma das professoras do Núcleo.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Em uma sucinta entrevista com a diretora da biblioteca, Ruthane Saraiva da Silva, foi abordado o uso de uma Política de Aquisição de Acervo e se ela envolvia a aquisição por Doação. De acordo com a diretora (informação verbal), “[...] há uma política de aquisição por doação. A Biblioteca recebe as doações, e comunica ao doador que as obras passaram por uma avaliação conforme as áreas do conhecimento da biblioteca, e que nem todos os itens recebidos serão incorporados ao acervo. Após a avaliação, as demais publicações são repassadas para outras unidades de informação”. Em um segundo momento, foi questionado se as duas doações foram avaliadas conforme a Política existente na biblioteca, e segundo Ruthane Saraiva da Silva (informação verbal)³, “Quanto ao acervo do professor Thomas Hurtienne (ex-diretor do NAEA), por tratar-se de biblioteca particular praticamente todas as obras foram incorporadas ao acervo da Biblioteca. O acervo dele é muito rico. Algumas obras só existem na biblioteca do NAEA. Temos bastante títulos em alemão, na área de economia e sociologia que apesar de não temos um significativo número de leitores para eles, uma vez

³SILVA, Ruthane Saraiva da. **Entrevista sobre Política de Seleção da Biblioteca Prof. Marcelino Monteiro da Costa**. 2019.

que tem a barreira linguística, mas o acervo é importante para áreas citadas acima. Quanto aos títulos doados pela prof. Mirleide Bahia, alguns foram inseridos no acervo, os demais títulos foram doados para uma biblioteca que possuía a temática de educação física (...).”

No processo de incorporação das doações após a avaliação, é preciso avaliar o espaço-físico que irá receber os novos documentos. Assim, foi questionado o espaço-físico do acervo, em resposta, foi realizado um desbastamento no acervo corrente, sendo retirados os títulos com quase nenhuma e nenhuma circulação, e no espaço criado foram alocadas as obras da doação do prof. Thomas. Como mencionado anteriormente, na política da biblioteca do NAEA é informado ao doador que as obras que não contemplarem as áreas de conhecimento da biblioteca podem ser encaminhados para outras instituições, seguindo esse critério, as obras do lote da prof. Mirleide, foram direcionadas para a biblioteca do Instituto de Ciências da Educação/UFPA, que aborda o tema de Educação. Podemos observar que a biblioteca do NAEA trabalha em parceria com as bibliotecas setoriais e bibliotecas comunitárias.

A Biblioteca possui e segue uma Política de Aquisição que pensa no desenvolvimento da coleção, nas necessidades dos usuários e na parceria com outras bibliotecas e sua política aborda as diretrizes principais para que o doador fique ciente dos destinos, pois “a doação é um contrato de confiança entre doador e biblioteca: ambos devem estar concordes a respeito do que se está efetuando” (VERGUEIRO, 2010, p. 76). Foi questionada a importância das doações destinadas às bibliotecas e sua atuação, em resposta da diretora (informação verbal), “As doações são sempre bem-vindas, entretanto, deve haver critérios de recebimento e avaliação, uma vez que, muitos doadores pensam que a biblioteca é um mero depósito de livros. O ideal é cada biblioteca tivesse um bibliotecário, e um setor específico para desempenhar essa função. Mas sabemos da realidade das bibliotecas, que as vezes possui apenas um profissional para exercer diversas funções, e acaba que muitos ‘preferem’ não receber doações por conta do tempo que não tem disponível para a avaliação das obras doadas. Há doações que são valiosas, que enriquecem o acervo de uma unidade de informação (...).”

Figueiredo (1993, p. 41) com relação à seleção de material faz quatro princípios aos bibliotecários na hora de selecionar as obras para o acervo: selecione livros que tenderem ao desenvolvimento e enriquecimento da vida; deixe que a base da seleção seja positiva, e não negativa; se o melhor que pode dizer de um livro é que não fará dano à ninguém, não há razão válida para a sua seleção; todo livro deve ser de serviço real de alguém. É importante ressaltar que mesmo os materiais doados requerem diretrizes para a avaliação, e que não devem ser simplificadas apenas na análise física e/ou tempo de vida da obra. As diretrizes podem variar

conforme o tipo de biblioteca, o tipo de material que o acervo comporta, o ambiente ou mesmo o idioma em que o livro foi publicado. (Quadro 1).

Quadro 1 – Diretrizes para a avaliação de doações recebidas.

Assunto	Conteúdo de acordo com as áreas de interesse da instituição a que a biblioteca pertence, é o fator mais importante.
Leitor	O público para quem a obra é direcionada, em temor de dificuldade, neófitos ou pesquisadores.
Língua	A apresentação de um resumo em língua estrangeira facilita a compreensão do usuário que é fluente em outras línguas.
Duplicatas	Caso exista um material similar no acervo, optar por não inserir.
Autoria	Relaciona o status do autor ou do editor, pois grandes autores engrandecem um acervo bibliográfico.
Publicação	Obsolescência varia nas diferentes áreas de conhecimento. Relação idade, demanda, custo de manter itens de valor apenas histórico.
Formato	Impressos ou eletrônicos, além de suas características físicas, qualidade.
Nível da coleção	Exaustiva, de pesquisa, de trabalho, ocasional (para atualização e criatividade).
Condições físicas	Material em más condições para uso deve ser descartado.

Fonte: adaptado de Figueiredo (1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, analisando as diretrizes tomadas pela biblioteca do NAEA e correlacionando com a literatura, observa-se que a doação tem grande importância e contribuição na expansão e desenvolvimento do acervo da biblioteca. É recorrente as desventuras que a Educação sofre em decorrência da má gestão governamental e cortes de verba são deferidos em todos os níveis da educação em nosso país. Esse tipo de situação apenas enfatiza ainda mais a escassez financeira que os serviços de informação e as bibliotecas enfrentam. A quantia varia de acordo com as condições individuais. A única certeza é que nunca é adequada para responder às necessidades e aos desejos.”. Assim, a doação é uma forma de aquisição que deve ser

incluída na rotina da biblioteca, pois esse compartilhamento da informação, não só intensifica o uso e a disseminação, como também melhora a relação custo/benefício.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

FIGUEIREDO, N. M. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organização**. 1. ed. rev. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro de C. S. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis; APB, 1989. (Coleção Palavra-chave, 1).

VERGUEIRO, Waldomiro de C. S. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

**ARQUIVO DA MICRORREGIÃO VALE DO JAVARI: RESGUARDO E MEMÓRIA
DA HISTÓRIA SOCIAL DOS SEUS POVOS E LÍNGUAS**

**ARCHIVE OF MICRORREGIÃO VALE DO JAVARI: RESTRICT AND MEMORY OF
THE SOCIAL HISTORY OF ITS PEOPLE AND LANGUAGES**

SOUSA, Rodrigo Sousa¹

Resumo: A presente proposta apresenta um projeto de pesquisa sobre a criação de um arquivo da mesorregião do Alto Solimões, assim como a sistematização dos documentos presentes nele. Com os objetivos de criar um arquivo regional (com foco em questões indígenas) com o acervo já obtido pelo *Projeto Vale do Javari* e com os que ainda serão incorporados, e a sistematização da informação através do tratamento técnico, o projeto visa ser o resguardo de memória dos povos da região assim como ser uma base de informações para pesquisadores com o intuito de auxiliar novas pesquisas e a comunidade em geral. Conta com uma metodologia própria, os documentos adquiridos são analisados, identificado, indexado e catalogados, a identificação e a indexação são tratadas de acordo com a metodologia própria estabelecida pelo Grupo de Trabalho do *Projeto Vale do Javari*, a catalogação e a criação do catálogo de acordo com a biblioteconomia. Como Resultados iniciais se tem a adição de quatro novos acervos no arquivo com distintos tipo de documentos (livros, manuscritos, ilustrações etc.), seus documentos já receberam o tratamento técnico. Com a finalização do projeto espera-se criar um arquivo de resguardo de memória que dê base para pesquisadores e novas pesquisas.

Palavras-chave: Arquivo. Mesorregião Alto Solimões. Resguardo e memória.

Abstract: The present proposal has a research project on the creation of an archive of the upper Solimões mesoregion, as well as the systematization of the documents present in it. With the objectives of creating a regional archive (focused on indigenous issues) with the collection already obtained by the Vale do Javari Project and with those still to be incorporated, and the systematization of information through technical treatment, the project aims to be the safeguard of memory of the peoples of the region as well as being an information base for researchers with the purpose of helping new research and the community

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Email: rodrigo.sousa0294@gmail.com.

in general. It has its own methodology, the documents acquired are analyzed, identified, indexed and cataloged, the identification and indexing are treated according to the own methodology established by the Working Group of the Vale do Javari Project, the cataloging and creation of the catalog of according to librarianship. As initial results we have the addition of four new collections in the archive with different types of documents (books, manuscripts, illustrations and etc.), your documents have already received the technical treatment. With the completion of the project it is expected to create a memory backup file that will provide the basis for researchers and new research.

Keywords: Archive. Upper Solimões Meso-region. Security and memory

1 INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, apresento o resultado de um projeto de iniciação científica pela Universidade Federal do Amazonas, a pesquisa tem como título *Arquivo da Microrregião Vale do Javari: resguardo e memória da história social dos seus povos e línguas*, baseia-se na ideia da criação de arquivo de memórias sobre os grupos humanos. Surge do desenvolvimento do projeto *História Social dos Povos e das Línguas do Vale do Javari* (Processo: 443931/2015-1, Chamada CNPq/MCTI No 25/2015) e do projeto *História Social dos Povos e das Línguas da Mesorregião do Alto Solimões*. Possui como objetivo geral a criação de um arquivo sobre a Microrregião Alto Solimões e como objetivos específicos o tratamento técnico (identificação, indexação e catalogação) dos documentos já adquiridos, levantamento de novos acervos, criação de política de indexação e catalogação específica para o arquivo e a criação de catálogos. Com o intuito de salvaguardar a memória das regiões e servir como uma base de referência.

Para uma melhor compreensão do projeto deve-se ter em mente o recorte geográfico de sua abrangência. De forma a delimitar seu escopo, o arquivo objetiva as áreas etnográfica 3 (Solimões), 4 (Javari e Alto Juruá) e 5 (Juruá-Purus) propostas por Melatti (2007). Essa unidade é também reconhecida na divisão administrativa promovida pelo estado em mesorregiões e microrregiões geográficas do Amazonas (BULHÕES, 1991). Nesse caso, conformam a Mesorregião Sudoeste Amazonense e, mais especificamente, a Microrregião Alto Solimões.

Este arquivo deve compor a memória das regiões acima mencionadas. Portanto, trata-se não de um acervo sobre Amazônia ou sobre um tema específico, mas intimamente

relacionado pelas áreas etnográficas e pela microrregião de interesse do projeto maior. Ademais, o projeto deve resultar em arquivo público de livre acesso pela comunidade e que possa auxiliar pesquisadores e novas pesquisas.

2 METODOLOGIA

Visando a criação de um arquivo sobre a região e assuntos específicos com os acervos já adquiridos, em processo de aquisição e os que ainda serão adquiridos, tem a intenção de resguardo da memória, assim como ser uma base de referência. Para alcançar os objetivos do projeto, foi realizada a análise dos documentos, a sistematização das informações que é feita através da identificação, a indexação, a catalogação e a elaboração de catálogos para melhorar o uso do arquivo pelos futuros usuários.

Ao receber o acervo, este é analisado documento por documento para se ter uma noção real dos materiais obtidos e, após a análise do acervo, é realizada uma sistematização para uma melhor organização. No caso do Arquivo em desenvolvimento, após a análise inicial, os documentos digitais (sobre os quais se priorizou a primeira etapa do projeto) passavam a ser identificados segundo o que se denominou de “política de identificação”. Segundo essa política:

O Arquivo Vale do Javari é composto de acervos com origens diversas que devem ser diferenciadas em diversas etapas do projeto. Estes acervos abrigam tipos muito diferentes de documentos [...]. Dessa forma, considerando-se estes aspectos, sugere-se a seguinte estrutura para a identificação dos documentos no Arquivo Vale do Javari:

Identificação do acervo_tipo de documento_sobrenome do autor_ano_ sequência
Dessa forma, nesse exemplo, o documento seria identificado da seguinte forma:
AMBVJ_TF_Barroso_1970_a

A indexação, a catalogação e a criação dos catálogos foram feitas com base nas bibliografias da área de biblioteconomia e arquivologia. Com base no livro de Lancaster (2004) está sendo elaborada uma política de indexação; a catalogação dos documentos bibliográficos como livros, mapas e outros documentos não arquivístico é realizada de acordo com as normas da biblioteconomia (como fonte principal de referência os livros sobre catalogação da Mey e no livro Catalogação de recursos bibliográficos), e os catálogos serão criados com a visão biblioteconômica, priorizando sempre a necessidade do usuário. Os documentos arquivísticos têm a sua forma específica de catalogação, porém a forma a forma que será feita ainda está em discussão com o grupo de pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

A partir do momento que o homem passou a se expressar graficamente ele evoluiu o suporte usado para registrar a informação, de pintura em cavernas, escrita em placas de barro a documentos digitais o homem foi evoluindo a sua forma de registrar uma informação e o seu suporte. Assim que o homem começou a fazer o registro de suas histórias e atividades foi surgindo a necessidade de criar uma forma de armazenar, o que dá origem aos arquivos (MERLO; KONRAD, 2015).

Um arquivo, segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística, pode ter mais de uma definição sendo apenas uma delas trabalhadas no projeto. Portanto, para fins da proposta aqui apresentada, tomamos a seguinte definição: “Arquivo é o conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p.5 apud MARTINS, 2005, p.13).

3.1 Arquivo público regional – base de referência

Não se pode iniciar a discussão sobre a importância do projeto sem falar sobre a carência de arquivos na nossa região, principalmente quando é algo referente a temática indígena. Após um levantamento sobre o assunto conseguimos perceber a falta de estudos e pesquisas que falem sobre a criação e sobre manutenção de arquivos já existentes. A criação e manutenção de um arquivo sobre a região é de grande importância em termo de resguardo da memória, preservação de documentação e fonte de informação para pesquisadores e para novas pesquisas.

Como já dito anteriormente o arquivo possui como principal função o resguardo de informação de uma instituição, mas em alguns casos ele possui a função de referência, função essa feita de forma ampla atendendo as necessidades informacionais não apenas da sua organização como da comunidade e/ou grupo de pessoas. Para enfatizar a importância de um arquivo (arquivo público) como disseminador de informações para pesquisadores podemos citar Jardim (1987 apud RODRIGUES, 2006, p.103) “[...] as instituições arquivísticas públicas caracterizavam-se pela sua função de órgão estritamente de apoio à pesquisa, comprometidos com a conservação e acesso aos documentos considerados de valor histórico”.

3.2 A sistematização da informação e o processamento técnico

A criação de um arquivo por si só não resolveria a problemática abordada pelo projeto, pois apenas isso não é suficiente para se alcançar os seus objetivos. Ao se analisar a criação do arquivo infere-se que reunir os arquivos em um lugar (físico ou virtual) sem uma sistematização para uma melhor organização e um método de recuperação não é algo que beneficiaria o pesquisador, pois ele não teria como recuperar aquilo que está procurando, podemos dizer que a informação pode ser perdida mesmo estando em um arquivo.

Mey (1995) esclarece que o objetivo do usuário ao ir e/ou acessar o arquivo é ter o acesso à informação, registrada em qualquer suporte, ou seja, o pesquisador não vai ao arquivo sem um objetivo, cabe ao responsável facilitar esse acesso à informação, por meio da sistematização e organização. Ainda falando sobre o acesso da informação pelo usuário, a mesma autora ainda comenta a impossibilidade:

Como se tornaria impossível aos usuários das bibliotecas [arquivo], para a escolha do mais conveniente, folhear todos os livros, ouvir todos os discos, manusear ou acessar todas as outras formas de registro disponíveis nos acervos reais ou ciberespaciais, mesmo que os materiais estivessem ampla e corretamente ‘arrumados’ (MEY; SILVEIRA, 2009, p.2).

4 RESULTADOS

Na comunicação, serão enfatizados os resultados iniciais do projeto, obtidos até o presente momento. O arquivo possui os acervos do *projeto Vale do Javari* e outros de recente aquisição, todos os documentos estão sendo analisados e organizados, considerando a sua pertinência a um acervo específico, cada um deles é identificado e catalogado para a criação do catálogo geral.

O primeiro resultado a ser enfatizado é a análise do acervo obtido pelo *Projeto Vale do Javari*, o acervo contém cerca de 300 documentos arquivísticos históricos que foram analisados para serem identificados segundo a política de identificação e indexados de acordo com política de indexação (versão prévia da política) faltando apenas a catalogação final, embora haja um esboço de catálogo prévio. Um segundo resultado de interesse foi a aquisição de quatro novos acervos para o arquivo, o acervo do *Museu Paraense Emílio Goeldi* que foi incorporado com o mesmo nome, obtido a partir de levantamento *in loco* de documentos, o acervo possui cinco livros referentes a temática indígena e regional que já foram analisados, identificados, indexados e catalogados; e o acervo da paróquia de Atalaia do Norte, constituído por três livros de registro de batizados e casamentos do Revmo. Pe. Fr. Miguel

Arcanjo Gama da paróquia São Sebastião da cidade de Atalaia do Norte referente aos anos de 1971 a 1980, os documentos desse acervo foram analisados, identificados, indexados e catalogados (Todos os documentos catalogados até o presente momento foram catalogados de acordo com o livro *Catálogo de recursos bibliográficos*); o acervo Jornal CIMI Norte que foi constituído de recortes de jornais retirados do site público do Jornal CIMI Norte, possui recortes de notícias referentes a Terra Vale do Javari (1977 a 1990), todas as fotos desse acervo foram analisadas e identificadas; o acervo Korubos que é constituído de fotografias do Ricardo Beliel, todas as fotografias foram escaneadas para serem incorporadas em formato digital e identificadas, além disso, foi feita a revisão da identificação de todos os documentos dos acervos originais do projeto e está em fase de revisão a estrutura macro do arquivo. Todos os acervos e documentos do arquivo estão armazenados em um computador do projeto, mas estuda-se a possibilidade de se disponibilizar em uma plataforma virtual (on-line), com a finalização do projeto espera-se incorporar novos acervos e documentos sem estimativa de número.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta surge da carência de estudos sobre arquivos e a necessidade de arquivos públicos regionais, analisando o levantamento sobre arquivos na região amazônica pode-se notar a escassez deles, a criação de um arquivo sobre a mesorregião amazonense que servirá como uma base de dados para pesquisadores (e comunidade) dando auxílio para suas pesquisas. O arquivo contará com um processamento técnico nos seus documentos para cumprir um dos seus principais objetivos que é a disseminação da informação.

Com a finalização do projeto, espera-se constituir um arquivo de resguardo e memória de uma região, com documentos em formato digital que devem evitar tragédias como a do museu nacional, que resultam em perda permanente de arquivos históricos insubstituíveis.

REFERÊNCIAS

BULHÕES, Miguel Guimarães de. Mesorregiões e Microrregiões Geográficas Amazonas. In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.

MARTINS, Neire do Rossio. **Manual técnico organização de arquivos correntes e intermediários**. Campinas: [s. n.], 2005. 44 p. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https%3A%2F%2Fwww.siarq.unicamp.br%2Fsiarq%2Fimagens%2Fsiarq%2Fpesquisa%2Ftextos_tecnicos%2Forgizacao_arquivos_correntes_inermediarios.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. DOCUMENTO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL PARA O ACESSO À INFORMAÇÃO. **Inf. Inf.**, Londrina, 2015.

Disponível em:

http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/18705/pdf_43. Acesso em: 2 fev. 2019.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à Catalogação**. Brasília: Binquet de Lemos/Livros, 1995. 123p.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no Plural**. Brasília: Binquet de Lemos/Livros, 2009.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pci/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2018.